

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Cassiane Josefina de Freitas

**A ZOOTOPONÍMIA EM MINAS GERAIS**



Belo Horizonte  
2018

CASSIANE JOSEFINA DE FREITAS

A ZOOTOPONÍMIA EM MINAS GERAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos da Variação e Mudança Linguística.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C862z

Freitas, Cassiane Josefina de.

A Zootoponímia em Minas Gerais [manuscrito] / Cassiane Josefina de Freitas. – 2018.  
504 f., enc. : il., color.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 471-478.

Anexos: 479-504.

1. Língua portuguesa – Regionalismo – Minas Gerais – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Toponímia – Minas Gerais – Teses. 4. Linguagem e cultura – Teses. 4. Zoologia – Nomenclatura popular – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



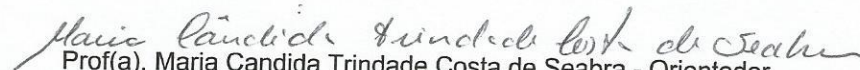
## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A zootoponímia em Minas Gerais**

**CASSIANE JOSEFINA DE FREITAS**

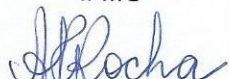
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 31 de julho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Márcia Maria Duarte dos Santos  
UFMG

  
Prof(a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho  
IFMG

  
Prof(a). Ana Paula Antunes Rocha  
Universidade Federal Fluminense

  
Prof(a). Márcia Verônica Ramos de Macêdo  
Universidade Federal do Acre

Belo Horizonte, 31 de julho de 2018.

À minha mãe

À minha irmã

Ao meu pai (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela dedicação como orientadora desta pesquisa.

Às professoras Márcia Maria Duarte dos Santos e Ana Paula Mendes Alves de Carvalho e ao professor Vander Lucio de Souza, pelas valiosas observações realizadas durante o exame de qualificação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, que permitiu a realização deste trabalho, por acreditar na proposta da pesquisa.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que viabilizou a realização deste estudo.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação.

À Emanoela Cristina Lima Cotta, minha amiga e afilhada querida, pela amizade e apoio constantes desde 2005, quando ainda éramos calouras do curso de Letras.

À Patrícia de Cássia Gomes Pimentel, pela amizade e por sempre ter palavras de conforto e sabedoria nos meus momentos de insegurança.

Aos meus três amores:

minha irmã, Naide, pelo carinho e por me mostrar que os problemas nem sempre são tão grandes quanto acredito que sejam;

minha mãe, Maria da Cruz, meu porto seguro, minha melhor amiga, melhor ouvinte e maior conselheira;

meu amado pai, Vicente (*in memoriam*), de quem sempre sentirei saudade.

A Deus, pelas graças e bondade infinitas.

— Mas será mesmo que os animais desta terra são falantes, ou faz de conta que falam? — perguntou Narizinho.

— Falam pelos cotovelos! — respondeu Peninha. — Falam para que possa haver fábulas. Vamos andando por este rio acima que logo encontraremos algum.

*Monteiro Lobato*  
(*Reinações de Narizinho*)

## RESUMO

O processo de nomeação é um ato designativo constituído a partir da relação homem/sociedade, representada pela linguagem. Dessa forma, os estudos toponímicos oferecem um valioso conjunto de indícios para o estudo da paisagem e dos costumes de determinada região. Este trabalho teve como objetivo realizar o estudo descritivo – linguístico e cultural – dos topônimos (nomes próprios de lugar) de índole animal, os denominados zootopônimos, presentes no estado de Minas Gerais. A pesquisa está alicerçada no conceito de cultura de Duranti (2000), nos pressupostos teórico-metodológicos da ciência onomástica de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b, 2004 e 2006) e na teoria de variação e mudança linguística de Labov (1974). O *corpus* da pesquisa é proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico de Minas Gerais – desenvolvido, desde 2005, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Os dados do ATEMIG foram construídos a partir do levantamento e classificação toponímica de todos os acidentes físicos e humanos dos 853 municípios de Minas Gerais, documentados em cartas topográficas do IBGE, perfazendo, até o presente momento, um total 85.391 topônimos. Pertencem à categoria dos zootopônimos, 5.304 dados, que foram analisados quantitativa e qualitativamente. Além da análise dos dados contemporâneos, a pesquisa também apresenta o estudo de dados históricos, levantados a partir de consultas a mapas dos séculos XVIII e XIX. Para análise linguística das bases léxicas, foram utilizados dicionários gerais, etimológicos e vocabulários diversos. Nossa pesquisa demonstrou que a diversidade da fauna mineira é revelada pelo expressivo número de topônimos de origem animal verificados em nossos *corpora*. Esses topônimos são, em sua maioria, de origem indígena, o que corrobora com a assertiva de que era o índio o verdadeiro conhecedor da natureza e coube a ele apresentá-la ao colonizador. Nossas análises também comprovaram que os nomes de lugar se fixam ao território de tal maneira que, em muitos casos, se sucedem às culturas, haja vista o número elevado de topônimos relativos a animais que outrora foram abundantes no estado, mas que agora figuram nas listas de espécies ameaçadas de extinção.

Palavras-chave: Léxico. Cultura. Fauna. Minas Gerais. Zootoponímia.



## ABSTRACT

The naming process is a designation action constructed through the combination resulting from the relationship men and society, represented by language. Based on that, the toponymics researches present an important group of evidence for the study of the landscape and the traditions of a certain region. This paper focuses on descriptive, linguistic and cultural studies of the toponymics (proper names of places) of animal nature the denominated animal toponymics in the Minas Gerais State. This research is based on the cultural definition of Duranti (2000), in the theoretical and methodological suppositions of the Onomastics Science of Dauzat(1926) and Dick (1990a, 1990b, 2004 e 2006) and in the teory of variation and linguistics shift of Labov (1974). The research *corpus* comes from the data bank of the ATEMIG Project (Toponimic Atlas of Minas Gerais – in developement since 2005, in the Arts and Letters College of the Federal University of Minas Gerais, under the coordinaton of Professor Maria Candida Trindade Costa de Seabra). The data from ATEMIG were constructed from the collection and toponimic classification of all phisical and human accidents of the 853 districts of Minas Gerais, documented in topographic registers of IBGE, summing until now, a total of 85.391 toponims. There are a total of 5.304 toponims belonging to the animal toponimics category that were analysed qualitatively and quantitatively. In addition to the conteporary data analyses, the research also presents the historical data studies collected from maps of the XVIII and XIX centuries. For the linguistics analyses of lexical basis several dictionaries, etymological and varied lexicon, were studied. This research has proven that the diversity of the Minas Gerais State fauna is reveled by the great number of toponims of animal origin verified in the Corpora. These toponims are, in majority, of indigenous origin, demonstrating that the indian people were the true expert on *Nature*, being the indians the responsible people to show Nature to the colonizers. The analyses present here, also prove that the names of places attach itselfs to the territory in such manner that in many cases befall the culture, and regarding the high number of toponims relating to animals which once were plentiful in the Minas Gerais State but now are part of the extinction list.

Key words; Lexicon. Culture. Fauna. Minas Gerais. Animal toponimics.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Exemplos nomes de animais com sentido metafórico .....	48
QUADRO 2– Mapas históricos consultados – Século XVIII – 1ª Metade.....	84
QUADRO 3– Mapas históricos consultados – Século XVIII – 2ª Metade.....	86
QUADRO 4– Mapas históricos consultados – Século XIX – 1ª Metade .....	89
QUADRO 5– Mapas históricos consultados – Século XIX – 2ª Metade .....	91
QUADRO 6– Animais Domésticos .....	92
QUADRO 7– Animais Não Domésticos.....	92
QUADRO 8– Grupos.....	92
QUADRO 9– Distribuição dos topônimos e suas variações nas mesorregiões mineiras .....	93
QUADRO 10– Distribuição dos topônimos por período histórico .....	93
QUADRO 11– Modelo de Ficha Lexicográfica.....	94
QUADRO 12– Zootopônimos Contemporâneos.....	99
QUADRO 13– Zootopônimos Históricos .....	119

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1– Triângulo de Baldinger I .....	30
FIGURA 2– Triângulo de Baldinger II.....	30
FIGURA 3– Onomástica .....	33
FIGURA 4– Conceito e Imagem Acústica Saussure .....	39
FIGURA 5– A Taxe de Natureza Física e suas Subdivisões .....	82
FIGURA 6– Carta Toponímica I .....	419
FIGURA 7– Carta Toponímica II.....	423
FIGURA 8– Carta Toponímica III.....	426
FIGURA 9– Carta Toponímica IV .....	429
FIGURA 10– Carta Toponímica V.....	432
FIGURA 11– Carta Toponímica VI .....	436
FIGURA 12– Carta Toponímica VII .....	438
FIGURA 13– Carta Toponímica VIII.....	440

FIGURA 14– Carta Toponímica IX .....	443
FIGURA 15– Carta Toponímica X.....	446

### **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1– Relação Animais Domésticos .....	340
TABELA 2– Relação Animais Não Domésticos.....	402
TABELA 3– Grupos .....	408
TABELA 4– Animais Domésticos/Não Domésticos.....	409
TABELA 5– Distribuição Catogorias Domésticos e Não Domésticos nas doze mesorregiões .....	410
TABELA 6– Zootopônimos relativos à classe dos mamíferos .....	420
TABELA 7– Zootopônimos relativos à classe das aves .....	427
TABELA 8– Zootopônimos relativos à classe dos insetos .....	433
TABELA 9– Zootopônimos relativos à classe dos peixes .....	439
TABELA 10– Zootopônimos relativos à classe dos répteis .....	444
TABELA 11– Zootopônimos relativos a espécies ameaçadas de extinção .....	452
TABELA 12– Animais Domésticos por período histórico .....	462
TABELA 13– Animais Não Domésticos por período histórico .....	462
TABELA 14– Grupos por período histórico .....	463

### **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 – Percentual de zootopônimos em relação ao total de topônimos que integram o banco de dados do ATEMIG.....	397
GRÁFICO 2 – Ocorrência de zootopônimos por mesorregião .....	399
GRÁFICO 3 – Distribuição dos zootopônimos em Domésticos e Não Domésticos / Grupos Domésticos e Grupos Não Domésticos.....	400
GRÁFICO 4 – Relação categorias onomásticas por mesorregião.....	410
GRÁFICO 5 – Classificação dos zootopônimos quanto à natureza do acidente geográfico .	411
GRÁFICO 6 – Classificação dos zootopônimos quanto à natureza do acidente geográfico de acordo com as categorias onomásticas Analisadas.....	412
GRÁFICO 7 – Origem dos topônimos .....	413

GRÁFICO 8 – Origem dos topônimos em números percentuais .....	414
GRÁFICO 9 – Classes animais dos zootopônimos .....	415
GRÁFICO 10 – Grupos – Classes animais .....	416
GRÁFICO 11– Classe dos mamíferos .....	417
GRÁFICO 12– Mamíferos por mesorregião .....	418
GRÁFICO 13 – Classe das aves .....	424
GRÁFICO 14 – Aves por mesorregião .....	425
GRÁFICO 15 – Classe dos insetos .....	430
GRÁFICO 16 – Insetos por mesorregião .....	431
GRÁFICO 17 – Classe dos peixes .....	436
GRÁFICO 18 – Peixes por mesorregião .....	437
GRÁFICO 19 – Classe dos répteis .....	441
GRÁFICO 20 – Répteis por mesorregião .....	442
GRÁFICO 21– Classificação animais Domésticos .....	447
GRÁFICO 22 – Distribuição de bovinos por mesorregiões .....	448
GRÁFICO 23 – Zootopônimos relativos a espécies ameaçadas de extinção .....	451
GRÁFICO 24 – Percentual dados históricos em relação aos contemporâneos .....	461
GRÁFICO 25 – Distribuição dos zootopônimos históricos por categorias onomásticas .....	462
GRÁFICO 26 – Origem dos zootopônimos históricos .....	464
GRÁFICO 27 – Classes animais dos zootopônimos históricos .....	465

#### **LISTA DE MAPAS**

MAPA 1 –Mesorregiões de Minas Gerais .....	56
MAPA 2 – As comarcas e suas sedes no início do século XIX .....	60
MAPA 3 – Mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	62
MAPA 4 – Mesorregião Zona da Mata .....	62
MAPA 5 – Mesorregião Norte de Minas .....	63
MAPA 6 – Mesorregião Noroeste de Minas .....	64
MAPA 7 – Mesorregião Central Mineira .....	64
MAPA 8 – Mesorregião Jequitinhona .....	65
MAPA 9 – Mesorregião Vale do Mucuri .....	66

MAPA 10 – Mesorregião Vale do Rio Doce .....	66
MAPA 11 – Mesorregião Oeste de Minas .....	67
MAPA 12 – Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte .....	67
MAPA 13 – Mesorregião Sul/Sudoeste .....	68
MAPA 14 – Mesorregião Campo das Vertentes .....	68
MAPA 15 – Biomas Mineiros .....	71
MAPA 16 – Distribuição dos zootopônimos por mesorregião .....	398
MAPA 17 –Mapa físico de Minas Gerais .....	445
MAPA 18 –Mapa entradas, caminhos e bandeiras .....	449

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

∩ - Intersecção

AC - Acre

Adj – Adjetivo

Adv – Advérbio

AF – Acidente Físico

AH – Acidente Humano

AHEx – Arquivo Histórico do Exército

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

AM – Amazonas

AN –Arquivo Nacional

Antr. – Antropônimo

ATB – Atlas Toponímico do Brasil

ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ATEMIS – Atlas do Estado do Mato Grosso do Sul

ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Pará

ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo

ATIT – Atlas Toponímico do Estado do Tocantins

ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins

BA – Bahia

BMP – Biblioteca Municipal do Porto

BN – Biblioteca Nacional

Cf. – Confira

Contrv. – Controversa

CRCH – Centro de Referência em Cartografia Histórica

Duv. – Duvidosa

ES – Espírito Santo

GEAEM – Gabinete de Estudos Geológicos de Engenharia Militar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Loc. Adv. – Locução Adverbial

Loc. Pron. – Locução Pronominal

MG – Minas Gerais

MT – Mato Grosso

N/E – Não encontrado

NCf – Nome composto feminino

NCm – Nome composto masculino

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

Obsc. - Obscura

Onom. – Onomatopaico

p. – página

PA – Pará

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PR – Paraná

Pren. - Prenome

Prep. – Preposição

Pron – Pronome

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

RS- Rio Grande do Sul

S.f. – Substantivo feminino

S.m. – Substantivo masculino

S2g. – Substantivo de dois gêneros

SP – São Paulo

Splural – Substantivo plural

Ssing – Substantivo singular

T – Toponímia

Top. – Toponímico

V – Verbo



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	25
1.1 Língua e Cultura .....	25
1.2 Léxico .....	27
1.2.1 Disciplinas tradicionais: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia .....	29
1.2.2 Onomástica .....	33
1.3 Processo de Nomeação .....	34
1.4 Topônimo.....	35
1.5 Signo Linguístico e Signo Toponímico .....	38
1.6 Motivação Toponímica.....	41
1.7 Nomes de Animais com Sentido Metafórico.....	47
1.8 Toponímia.....	49
1.8.1 Breve histórico dos estudos toponímicos .....	51
1.8.2 Projeto ATEMIG.....	54
<b>CAPÍTULO 2 – REGIÕES ESTUDADAS</b> .....	59
2.1 Breve descrição do processo de ocupação do estado.....	59
2.2 Mesorregiões.....	61
2.2.1 Características das mesorregiões mineiras .....	62
2.2.1.1 Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	62
2.2.1.2 Zona da Mata.....	62
2.2.1.3 Norte de Minas .....	63
2.2.1.4 Noroeste de Minas .....	64
2.2.1.5 Central Mineira .....	64
2.2.1.6 Jequitinhonha .....	65
2.2.1.7 Vale do Mucuri.....	66
2.2.1.8 Vale do Rio Doce .....	66
2.2.1.9 Oeste de Minas .....	67

2.2.1.10 Metropolitana de Belo Horizonte .....	67
2.2.1.11 Sul/Sudoeste .....	68
2.2.1.12 Campo das Vertentes .....	68
2.2.2 Divisão regional do Brasil em Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas .....	69
2.2.2.1 Regiões Geográficas Intermediárias e Imediatas .....	70
2.3 Biomas .....	70
2.3.1 Cerrado .....	71
2.3.2 Mata Atlântica .....	72
2.3.3 Caatinga .....	73
2.4 Animais ameaçados de extinção .....	74
2.4.1 Zootopônimos relativos a animais ameaçados .....	77
<b>CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>79</b>
3.1 Construção dos <i>corpora</i> .....	81
3.1.1 <i>Corpus</i> de dados contemporâneos .....	81
3.1.1.1 Categorias taxonômicas da zoologia .....	83
3.1.2 <i>Corpus</i> de dados históricos .....	83
3.2 Tratamento e análise de dados .....	92
3.2.1 Análise descritiva .....	93
3.2.2 Elaboração da ficha lexicográfica .....	93
<b>CAPÍTULO 4 – FICHAS LEXICOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>
4.1 <i>Corpus</i> I – Dados Contemporâneos .....	98
4.2 <i>Corpus</i> II – Dados Históricos .....	118
4.3 Apresentação das fichas lexicográficas .....	120
<b>CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>397</b>
5.1 Dados contemporâneos .....	397
5.1.2 Animais Domésticos e Não Domésticos .....	399
5.1.3 Classificação do Acidente Geográfico .....	411

5.1.4 Origem dos Topônimos .....	412
5.1.5 Classes Animais .....	415
5.1.5.1 Mamíferos .....	416
5.1.5.2 Aves .....	424
5.1.5.3 Insetos .....	430
5.1.5.4 Peixes .....	436
5.1.5.5 Répteis .....	441
5.1.6 A cultura do gado .....	447
5.1.7 Espécies ameaçadas de extinção .....	450
5.2 Dados históricos .....	459
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>467</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>471</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>479</b>
<b>ANEXO II .....</b>	<b>500</b>



*Vamos, Marília, observar  
Outras muitas produções  
Daqueles vastos sertões,  
Por onde em soldado andei.*

*Se eu contigo for feliz,  
E ambos nos formos embora,  
Quanto aqui te pinto agora  
No Brasil te mostrarei.*

*Tu verás naqueles campos  
Grande número de emas,  
Verás cantar seriemas,  
Verás negros urubus.*

*Verás os pombos astutos,  
E verás outra perdiz,  
Diferente codorniz,  
E verás roxos nhambus<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> LISBOA, 2002, p. 36-37.

## INTRODUÇÃO

O ato de nomear é uma necessidade humana, cujo objetivo principal é o de organizar os ambientes físico e social, uma vez que “o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”.<sup>2</sup> Palavras, que originalmente integram esse acervo lexical da língua, podem adquirir um papel específico, o de nome próprio, quando passam à categoria de topônimos e de antropônimos, individualizando lugares e pessoas.

O estudo do nome próprio, em especial o de nomes de lugar, é uma importante área de investigação, cujo principal fundamento se baseia na noção de que o ato denominativo de determinado espaço não é realizado de modo aleatório ou despropositado e que, ao ser investigado, pode apontar informações relevantes referentes à língua, aos costumes e aos valores de um povo. O topônimo é, portanto, parte da história do lugar, pois não somente reflete os elementos predominantes de determinado ambiente, como também os que perderam sua referência original. São “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação”.<sup>3</sup> Infere-se, desse modo, que a prática toponímica não é alheia à realidade de determinada comunidade, ela é motivada pela realidade circundante que é valorizada no momento da nomeação.

Esta pesquisa investiga nomes próprios de lugar – topônimos – referentes a animais – zootopônimos – que integram, segundo classificação proposta por Dick (1990b), os topônimos de natureza física presentes nas doze mesorregiões do estado de Minas Gerais.

A presença de animais entre as fontes motivadoras da toponímia mineira reflete a riqueza natural do estado e sua múltipla variedade de espécies. Para Dick (1990a, p. 256), o registro de zootopônimos está vinculado a dados existenciais das próprias populações, assim também à presença física do animal lembrado. Muitas vezes, o zootopônimo nos reporta a nomes referentes a animais hoje inexistentes em determinadas regiões.

Não é recente o costume de dar aos lugares nomes de animais em Minas Gerais. Em consultas a obras cartográficas do século XVIII já é possível verificar um índice significativo desses topônimos. A forte influência exercida pelos animais na organização do território mineiro, assim como a variedade da fauna do estado e a íntima relação das

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, A. P.P.; ISQUERDO, A.N. (2001, p. 11)

<sup>3</sup> DICK, 1990a, p. 22.

populações autóctones com tais espécies, pode ser observada em diversos relatos de viagem, como os do missionário francês Jean de Léry no século XVI, dos naturalistas Augusto Saint-Hilaire e Langsdorff no século XIX. A presença de animais domésticos, sejam eles de tração (cavalos, mulas, etc.) ou abate (bois, vacas, etc.) também é destacada nesses relatos. A tradição da prática de manejo desses animais é revelada por registros toponímicos relativos a tais espécies.

Vinculada ao Projeto Atlas Toponímico de Minas Gerais – ATEMIG -, desenvolvido desde 2005, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, esta pesquisa constituiu-se de uma investigação toponímica norteada pela perspectiva de que língua e cultura são elementos indissociáveis. Foram assumidas as orientações teóricas de Sapir (1961) e Matoré (1953). O primeiro, por enfatizar o papel relevante dessa correlação para os estudos da linguagem, destacando o léxico como nível linguístico que melhor revela o ambiente físico e social dos falantes; e o segundo teórico por definir a palavra não como um objeto isolado, mas como parte de uma estrutura social, já que o léxico se torna testemunha de uma época ao refletir as distintas fases que marcam a história de uma sociedade.

As análises relativas à variação e à mudança linguística, linha a qual esta pesquisa está vinculada, foram realizadas sob a orientação teórica de Labov (1974). O teórico americano foi “quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 2007, p.7). Labov propôs um modelo teórico metodológico que, levando em conta a relação existente entre língua e sociedade, era capaz de sistematizar a variação natural da língua ao longo de diferentes períodos da história. Assim, observamos os dados toponímicos em mapas contemporâneos e históricos (séculos XVIII e XIX), a fim de realizar a comparação dos dados.

Para realização da investigação toponímica, apoiamos-nos nas teorias de Dauzat (1926) e Dick (1990a; 1990b; 2004; 2006), que propõem modelo teórico-metodológico toponímico de origem indutivo-dedutiva, segundo os procedimentos onomasiológico-semasiológicos característicos da pesquisa lexical.

Segundo Dick, o modelo construído para a investigação toponímica propriamente dita não difere do método científico de análise em geral e dos princípios de metodologia aceitos. Para a autora, tal modelo envolve, sistematicamente, quatro pontos: a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida é verificar

as possibilidades de realização do tema escolhido, já enunciando as etapas admissíveis para esse exame; b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou do objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador; c) tratamento dos dados ou do *corpus*; d) conclusão e bibliografia utilizada e suporte.<sup>4</sup>

Como a nossa pesquisa se constituiu a partir de uma investigação toponímica, e partindo a hipótese de que, em Minas Gerais, o emprego dos nomes de animais na toponímia relaciona-se diretamente com o processo de povoamento do estado, elegemos como objetivos:

1) realizar o levantamento de todos os topônimos de natureza animal presentes no estado de Minas Gerais por meio de consulta ao banco de dados do Projeto ATEMIG;

2) verificar o registro de zootopônimos em mapas de Minas Gerais dos Séculos XVIII e XIX;

3) descrever e analisar linguisticamente os dados, contemporâneos e históricos, sistematizando as informações em fichas lexicográficas;

4) confeccionar cartas toponímicas, segundo a quantificação dos zootopônimos presentes na toponímia mineira atual.

Observando os objetivos da pesquisa, apontamos elucidações a seguir sobre a organização desta pesquisa.

No Capítulo 1, é apresentada a **Fundamentação teórica** que norteou a pesquisa. São tratados os aspectos referentes à língua, à cultura e também ao léxico, além das disciplinas que integram o conjunto das ciências e das tecnologias da linguagem: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Ainda são apresentados aspectos relacionados à Onomástica e suas subáreas: a Antroponímia e a Toponímia.

Os aspectos físicos e da fauna do estado de Minas Gerais são tratados no Capítulo 2, intitulado **Regiões estudadas**. São apresentadas características relacionadas à geografia e à vida natural no Estado, o que corrobora para a compreensão da organização e da distribuição dos animais no território mineiro. Foi constatado em nossa pesquisa um número significativo de zootopônimos relativos a espécies ameaçadas de extinção. Dessa forma, fez-se necessário que realizássemos observações pertinentes a tais espécies.

No Capítulo 3 são expostos os **Procedimentos teóricos e metodológicos** adotados na pesquisa. São apresentados os critérios utilizados para formação e análise do

---

<sup>4</sup> DICK, 2006, p.100-101.

nosso *corpus*. A base de dados que integra este estudo advém do banco de dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, o qual segue os procedimentos teóricos e metodológicos propostos por DAUZAT (1926) e por DICK (1990). Formam esse capítulo, ainda, as fichas lexicográficas, parte fundamental do trabalho, em que os dados são descritos de maneira detalhada.

As **Fichas lexicográficas**, apresentadas no Capítulo 4, são baseadas no modelo de DICK (1990) e CARVALHO (2014), no intento de apresentar, contextualizar e descrever os dados toponímicos. Esse material constitui a primeira parte da análise de dados que será detalhada no capítulo seguinte.

A **Apresentação e análise de dados** é exposta no Capítulo 5, no qual são realizadas análise e descrição quantitativa e qualitativa dos dados, por meio de gráficos e tabelas, bem como a discussão sobre a presença dos zootopônimos em Minas Gerais. Dentre os aspectos apresentados neste capítulo, evidenciam-se a origem dos topônimos, sua natureza, categoria onomástica e, ainda, a classe animal à qual o zootopônimo se refere, seja no *corpus* contemporâneo ou histórico.

As **Considerações finais** é o espaço em que são abordados os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores, assim como os resultados obtidos por meio das análises realizadas nessa pesquisa.

Em **Referências**, por fim, enumeramos as obras que deram suporte a nossa pesquisa.



## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Língua e Cultura

A língua é um fato social, que evidencia as particularidades com que cada comunidade vê e representa o mundo. Coseriu (1983, p. 29) define que a língua é, ao mesmo tempo, manifestação primária do social, do “ser com o outro” do homem, e não é “obrigatória” como imposição externa, mas como obrigação livremente assumida. Esse caráter social da língua faz com que a veiculação de ideias e de experiências seja favorecida e reforce a interação entre os membros de uma sociedade. Segundo Oliveira (1999, p. 27), a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. A língua e o comportamento linguístico dos falantes estão, assim, ligados à cultura e às relações sociais. Essa característica transcendente da língua foi descrita por Duranti (2000) da seguinte maneira:

Dizer que existem palavras que estão relacionadas deiticamente com algum “objeto” ou aspecto do mundo significa reconhecer que as palavras levam consigo um poder que vai além da descrição e identificação de um povo, dos objetos, das propriedades e dos acontecimentos, significa tratar de identificar os modos como a língua se transforma em uma ferramenta pela qual nosso mundo social e cultural é descrito, evolui e se reproduz constantemente. (DURANTI, 2000, p.43. Tradução nossa)<sup>5</sup>

Ferdinand Saussure, grande representante da linguística moderna, foi um dos precursores do reconhecimento da língua como fato social, ainda que não tenha se ocupado de fenômenos de natureza extralinguística. Como destaca Oliveira (1999, p. 11),

Mesmo estando o aspecto social da língua na base do pensamento saussuriano e constituindo-se no ponto de partida de todo o conceito de linguagem, a linguística de Saussure não se ocupa desta dimensão social da linguagem, dedicando-se, quase que exclusivamente, ao estudo do funcionamento interno do sistema linguístico.

Para Labov (1972), ao se tentar definir o que é língua, deve-se considerar o contexto social. Isso implica atribuir à língua uma função comunicativa, ou seja, ela não deve ser analisada fora do contexto social de dada comunidade de fala. De acordo com esse teórico, o objeto da linguística deve ser o instrumento de comunicação utilizado pela comunidade de fala, considerando-se que pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua.

---

<sup>5</sup> “Decir que hay palabras que están relacionadas deiticamente con algún <objeto> o aspecto del mundo significa reconocer que las palabras llevan consigo un poder que va más allá de la descripción e identificación de la gente, los objetos, las propiedades o los acontecimientos. Significa tratar de identificar los modos con los que la lengua se convierte en una herramienta a través de la cual nuestro mundo social y cultural se describe, evalúa y reproduce constantemente.”

Língua, cultura e sociedade são elementos indissociáveis. Ward Goodenough (1957) já afirmava que a cultura, entendida como aquilo que diferencia o que aprendemos como nossa herança cultural, deve consistir no produto final do aprendizado, que é o conhecimento em um sentido mais geral e relativo. Partilhando dessa mesma opinião, citamos o antropólogo linguista Alessandro Duranti (2000). Segundo esse estudioso, para que seja possível a compreensão do papel da língua na vida das pessoas, é necessário ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, pois é lá que as palavras são relacionadas às atividades culturais e sociais. Para o autor, conhecer uma cultura é reconhecer uma linguagem, pois ambas são realidades mentais; descrever uma cultura é como descrever uma linguagem: “cultura não é um fenômeno material; não trata das coisas, das pessoas, da conduta ou das emoções, mas de uma organização de todas elas.”<sup>6</sup>

Corroborando com os dizeres dos teóricos apontados, citamos Marconi e Presotto (1989, p. 194), para os quais “as sociedades são formadas de seres humanos que adotam uma forma de viver normativa”, isto é, tornam-se portadores de culturas, em geral adaptadas à ambiência local.

A noção totalizadora de cultura é criticada por Duranti (2000), que acredita que tal definição não demonstra claramente as complexidades sócio-históricas, escondendo toda a riqueza das sociedades. Duranti (*op. cit.*), ao tratar do tema, expõe seis teorias da cultura em que a linguagem desempenha um papel particularmente decisivo. Seguem elas:

- 1) *Cultura como algo distinto da natureza* – nesse tópico o autor afirma que cultura é aprendida e adquirida, por meio da comunicação linguística. Quer dizer que a cultura do indivíduo não é uma característica inata, mas obtida durante sua vida. Se a cultura é aprendida, pode-se afirmar que grande parte dela se refere ao conhecimento do mundo.
- 2) *Cultura como conhecimento* – conhecer uma cultura é como conhecer uma linguagem, já que ambas são realidades mentais.
- 3) *Cultura como comunicação* – refere-se à cultura como um sistema de signos, capaz de interligar e correlacionar indivíduos, grupos e situações.
- 4) *Cultura como sistema de mediação* – como o nome já propõe, é como uma ponte que realiza as interações. Tais mediadores, de acordo com Duranti (2000, p. 68), “[...] estão sempre =entre=. Estão entre as pessoas e seus alimentos (ex. um

---

<sup>6</sup>“cultura no es un fenómeno material; no trata de las cosas, la gene, la conducta o las emociones, sino de una organización de todas ellas.” (Tradução nossa) p. 47.

garfo), entre as pessoas e o tempo (ex. um guarda-chuva), entre as pessoas e um objeto físico (ex. um machado), entre as pessoas entre si (gestos, enunciados) e entre as pessoas e seus próprios pensamentos (fala privada, representação mental).<sup>7</sup> A cultura tem, portanto, o papel de sistema mediador entre o homem e o seu entorno.

5) *Cultura como um sistema de práticas* – refere-se à cultura não como algo puramente interno do ser humano (como nas representações mentais), nem como uma característica exclusivamente externa (como símbolos, costumes, rituais etc.). São nas práticas rotineiras nas quais estão incluídas as condições materiais e as experiências de como a cultura é concebida.

6) *Cultura como um sistema de participação* – essa teoria remete às práticas sociais: a comunicação verbal é de natureza social, coletiva e participativa, ou seja, a língua é um *fato social*.

Essas variadas acepções de cultura propostas por Duranti comprovam que se trata de uma noção bastante complexa e a linguagem desempenha um papel importante em cada uma delas. Todas as teorias apresentadas, segundo o autor, revelam um aspecto específico dos sistemas linguísticos, neste sentido, cada uma delas contribui para nossa compreensão da cultura como um fenômeno complexo e nos aponta para o estudo de um conjunto distinto de propriedades.

## 1.2 Léxico

Como o léxico é a parte da gramática que mais se encontra perto do mundo extralinguístico, ele é dotado de uma carga cultural importante para os estudos de uma sociedade. O léxico de determinada língua representa, comumente, de maneira clara, o ambiente tanto físico como social dos falantes. Segundo Sapir (1961, p. 45), “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Desse modo, podemos dizer que as palavras não só nomeiam, mas também traduzem e registram o conhecimento de mundo dos indivíduos de uma dada comunidade, uma vez que, ao nomear os seres e os objetos, o homem também realiza uma classificação deles. De acordo com

---

<sup>7</sup> [...] están siempre =entre=. Están entre las personas y sus alimentos (i.e. um tenedor), entre las personas y el tiempo (i.e. um paraguas), entre las personas y el objeto físico (i.e. um hacha), entre las personas entre sí (gestos, enunciados) y entre las personas y sus propios pensamientos íntimos (habla privada, representación mental).

Biderman (2001, p. 13), “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.” O léxico constitui-se, portanto, como um patrimônio histórico, social e cultural das sociedades.

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias. (BIDERMAN, 1981, p. 132).

Apresenta-se como ‘testemunha de uma sociedade’, já que o léxico é o resultado de todas as experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através dos tempos. Como os membros dessas sociedades vão se ‘recriando’, mudando ao longo dos tempos, o léxico também assimila essa condição de ser variável e é esse constante movimento de recriação que expande o inventário vocabular de uma língua. Nesse sentido, Sapir defende

que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural. (SAPIR, 1961, p. 51).

Contemporaneamente, várias são as teorias adotadas para o estudo do léxico. De acordo com Krieger (2006, p. 159), dependendo da teoria utilizada, o conceito de léxico pode variar. Isso porque quando se trata do estudo das palavras, sendo esse o foco da pesquisa, tem-se nas mãos um objeto múltiplo de estudo, ou seja, um tema que não apresenta, segundo a autora, uma “homogeneidade investigativa”.

As várias possibilidades de abordagens relacionadas, seja à feição multifacetada da palavra, seja a seu papel na articulação do discurso, seja ainda à interligação com o mundo exterior, justificam a diversidade de campos gramaticais, linguísticos e discursivos que a ele se voltam ou com ele se interconectam. (KRIEGER *apud* SEABRA, 2006, p. 160).

Como o léxico reflete a cultura de um povo, por meio de sua análise é possível verificar os conceitos e eventos da vida dos falantes. Para Oliveira (1999, p. 41), “língua e cultura configuram-se como um bloco indissociável que, no caso da língua materna, passa a ser adquirido, paulatinamente.” E é esse léxico adquirido que identifica os elementos que circundam determinada comunidade e possibilita o convívio social.

### 1.2.1 Disciplinas tradicionais: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia

Nas palavras de Barbosa (1991, p. 182), a ciência, enquanto processo de busca da verdade e da construção do conhecimento, é una e suas questões básicas são idênticas, nas diversas áreas do saber, uma vez postas de lado diferenças superficiais. As disciplinas que integram o conjunto das ciências e das tecnologias da linguagem não fogem a esse princípio e mantêm entre si processos de intensa cooperação. Dessa forma, no vasto universo dos estudos lexicais, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia enfocam seu objeto de estudo – a palavra – de maneiras distintas, porém, com finalidades comuns: descrever o léxico.

A *Lexicologia* tem como objetivo básico estudar a palavra, categorizar e analisar sua estrutura dentro do universo lexical. Cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que se encontra inserida numa cadeia paradigmática, articulada em combinatórias sintagmáticas, o que nos leva a inúmeras significações linguísticas.

A ciência da Lexicologia, conforme Biderman (1981), tem uma longa tradição na Linguística Românica.

No final do século XIV e primeira metade do século XX algumas províncias dessa ciência tiveram muitos cultores que produziram trabalhos de grande prestígio, particularmente em três áreas: a) a semântica evolutiva, ou história das palavras; b) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”; c) a geografia linguística. Embora privilegiando diversos tipos de enfoques, essas três áreas sempre relacionaram o léxico à cultura. (BIDERMAN, 1981, p. 131).

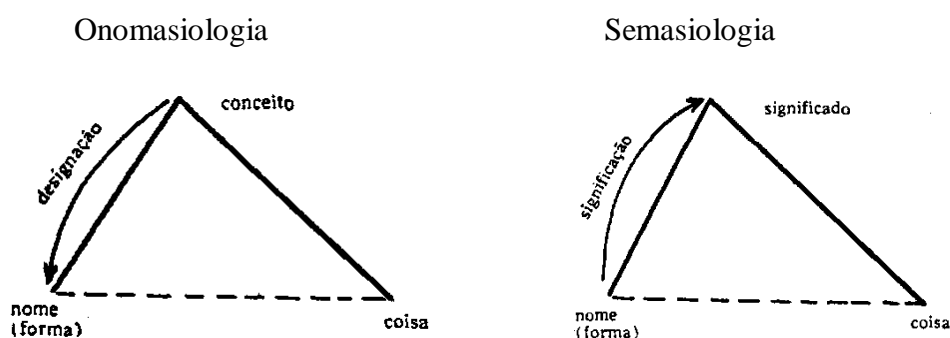
Em meados do século XX, com o surgimento e amadurecimento da Teoria da Informação, os estudos quantitativos e probabilísticos sobre o léxico foram incorporados à Lexicologia, aumentando o número de pesquisas realizadas nesse campo. Ambiente no qual surgiram, ainda, trabalhos que correlacionaram léxico e sociedade.

Matoré depois de escrever sua tese de doutorado *Le vocabulaire et la société sous Louis-Philippe*, publicou, em 1953, *La méthode en lexicologie*. Nesse livro, Matoré classifica a lexicologia como disciplina sociológica (p.13). [...] Além disso, Matoré incluiu a semântica na Linguística Histórica; certamente referia-se apenas à semântica evolutiva. [...] Matoré tem razão quando afirma que a palavra tem uma existência psicológica em valor coletivo. Também está certo ao afirmar que é pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes. [...] O que gostaria de frisar é que os lexicólogos mais ilustres dificilmente conseguiram isolar a sua ciência das várias ciências afins e realidades próximas em que o léxico de uma língua vai necessariamente desaguar. (BIDERMAN, 1981, p. 132-133)

No que se refere à análise da estruturação do significado, ainda nas palavras de Biderman (1978, p.199), entre os modelos propostos, um dos mais profícuos é a teoria dos

campos semasiológico e onomasiológico, sobretudo o modelo sugerido por Kurt Baldinger, que define tais noções, aplicando-as ao estudo de campos semasiológicos e onomasiológicos do provençal arcaico. Para Baldinger (1996, p.8), a semasiologia considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, ou seja, “um campo onomasiológico compreende todos os significantes (designações, nomes) de um dado significado. Inversamente, um campo semasiológico compreende todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (nome).<sup>8</sup>

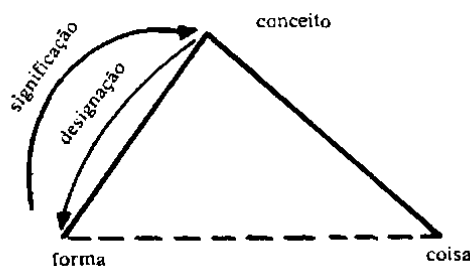
Figura 1 – Triângulo de Baldinger I



Fonte: BALDINGER, 1996, p. 28

Dessa forma, a Onomasiologia e a Semasiologia constituem dois tipos de enfoque do fenômeno léxico-semântico, os quais se opoem e complementam:

Figura 2 – Triângulo de Baldinger II



Fonte: BALDINGER, 1996, p. 28.

A *Lexicografia*, por sua vez, é uma atividade antiga que pode ser definida como a ciência que se dedica à prática dicionarística. O início da Lexicografia ocorreu, efetivamente,

<sup>8</sup>BIDERMAN, 1978, p. 199

nos séculos XVI e XVII, com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna).<sup>9</sup> Antes disso, o que havia eram obras que se resumiam a listas de palavras explicativas, que cooperavam para a interpretação de textos da antiguidade clássica e da Bíblia.

As obras lexicográficas podem ter diversos modos de organização e também registrar diferentes tipos de lexias, tudo depende de seu objetivo. Podem ser descritivas (quando se contempla o registro das lexias tal como elas são utilizadas em determinadas comunidades de fala) ou prescritivas (cujo objetivo é determinar a maneira como as palavras e as expressões devem ser empregadas). Além disso, elas também podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues. Essas obras podem restringir-se em registrar temas específicos ou limitarem-se a determinadas regiões.

Os *dicionários*, *glossários* e *vocabulários* são produtos dos estudos lexicográficos. De acordo com Barbosa (1995), o dicionário objetiva reunir o maior número possível dos lexemas de uma língua e defini-los; o vocabulário, por sua vez procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso, seja ele político, geográfico ou religioso, como é o caso dos vocabulários técnico-científicos e especializados. Já o glossário, tem o intuito de esclarecer o contexto lexical de um único texto ou obra manifestado, sendo comumente encontrado no final de livros.

A *Terminologia* tem o “termo” como seu objeto de estudo, cuja principal característica é a denominação de conceitos de áreas de especialidade. Segundo Krieger e Finatto (2004), ao constituir a expressão lexical dos saberes científicos, técnicos e tecnológicos, a terminologia é um elemento inerente às chamadas comunicações especializadas, sejam elas relacionadas à produção de textos científicos ou referentes ao padrão oral, já que são desenvolvidos intercâmbios comunicativos entre especialistas de um mesmo campo de atuação e de interesse.

Eugen Wüster foi o expoente da Teoria Geral da Terminologia – TGT na década de 1930. Defendeu em 1931, na Universidade de Stuttgart, tese intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik*, trabalho que já apresentava sua preocupação com a padronização do léxico especializado. Em seguida publicou livro que inaugurou as bases metodológicas da TGT.

A TGT surgiu com um caráter normativo, tendo como objetivo a padronização da comunicação profissional entre especialistas. As proposições de ordem

---

<sup>9</sup> BIDERMAN, 2001, p. 17.

metodológica apresentadas na teoria wüsteriana forneceram as primeiras disposições sobre o trabalho terminológico enquanto campo aplicado. Pretendia-se, com isso, favorecer a eficácia da comunicação técnico-científica no plano internacional, na tentativa de desfazer a ambiguidade do léxico especializado. Dessa forma, a TGT acaba priorizando o registro escrito de termos considerados aprovados para determinada área de domínio do conhecimento e, portanto, recomendados para serem usados nos vários setores técnicos e científicos. Isso demonstra uma visão bastante redutora da terminologia, pois apresenta uma linha de descrição bastante positivista da linguagem, desconsiderando outras bases que poderiam trazer à tona uma melhor compreensão do fenômeno.<sup>10</sup>

Wüster, no intuito de favorecer a criação de uma linguagem técnica ideal, apresenta determinadas características sobre as línguas de especialidade, que se diferem dos processos constituintes da linguagem geral. Segundo Rodrigues (2010, p. 29), tais princípios estabelecem que:

- a) A metodologia do trabalho terminológico deve seguir o padrão onomasiológico. Isso significa dizer que, no processo de denominação, deve-se partir do conceito para o termo;
- b) Os termos científicos e técnicos, sendo objeto de estudo, devem ser entendidos como unidades específicas de uma determinada área;
- c) O valor de um termo depende do lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma determinada matéria;
- d) A finalidade básica da Terminologia é garantir a precisão e a univocidade da comunicação profissional no plano internacional.

Contudo, o modelo de análise tradicional apresentado pela TGT, segundo Cabré *et al* (1998, p.36), são insuficientes dadas as mudanças operadas na sociedade, em face aos novos paradigmas tecnológicos e sociais. No intuito de solucionar tais questões, surgiu a TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia. A TCT, de acordo com Braga (2008, p. 8), coloca que conceitos de uma mesma área de conhecimento se relacionam por tipos diferentes, e juntos constituem a estrutura conceitual da área. Cada campo e objeto temático podem estruturar-se sob perspectivas e concepções diversas e um conceito pode estar em mais de uma estrutura com significação similar ou não. Essas análises são feitas com o termo já estabelecido, o que configura um percurso semasiológico. Nessas condições, a Terminologia pode caracterizar-se por uma análise que parte do estudo dos conceitos para a denominação ou vice-versa, possibilitando, inclusive, mesclar os dois métodos – semasiológico e onomasiológico. Utilizando-se, também, desses métodos, encontra-se a Onomástica.

---

<sup>10</sup> RODRIGUES, 2010, p.28



## 1.2.2 Onomástica

Onomástica é a disciplina linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios. Está integrada à lexicologia, que, como já apresentado nesta pesquisa, objetiva estudar, categorizar e estruturar as palavras dentro do universo lexical.

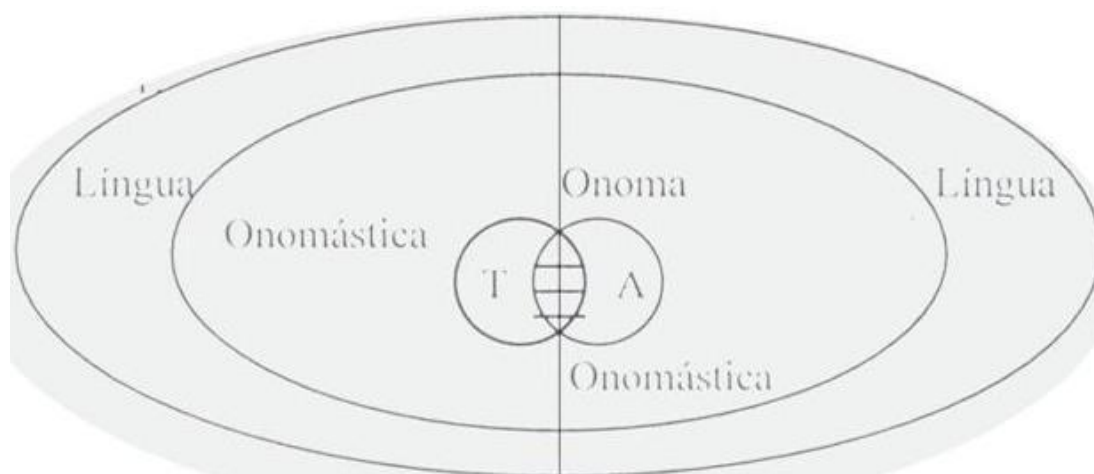
A Onomástica divide-se em duas áreas: a Antroponímia e a Toponímia. A Antroponímia – do gr. *antropos*, ‘homem’ – ocupa-se do estudo dos nomes próprios individuais, os nomes parentais ou os sobrenomes, as alcunhas e os apelidos. A Toponímia – do gr. *topos*, ‘lugar’ – investiga, por sua vez, o léxico toponímico, por meio do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Segundo Seabra (2006, p.1953), ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos.

De acordo com Dick (2006, p.96), Toponímia e Antroponímia são duas faces de um mesmo rosto maior ou corpo maior: a Onomástica, cujo objeto de trabalho é o nome próprio genericamente considerado, a partir da definição do *onoma*. Está justamente no *onoma* o ponto de encontro da Antroponímia com a Toponímia. A palavra, ao deixar seu uso pleno na língua, transmitindo para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referenciada como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas, mas que se complementam (DICK, 1999, p.145).

Figura 3 – Onomástica

$T \cap A$

T= Toponímia A= Antroponímia  $T \cap A$ = Intersecção



Fonte: DICK, 1999, p.145

Carvalho (2014, p. 49) assinala que, sob esse enfoque, na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o *nome*,

possibilitando, assim, a sua transmissão às gerações seguintes. O topônimo e o antropônimo são, pois, entidades que vão além da expressão linguística dos nomes próprios e envolvem, obrigatoriamente, os referentes que destacam, o que justifica a importância dos estudos onomásticos para a recuperação de aspectos da história da língua (formas arcaizantes, empréstimos, contatos de línguas) e, conseqüentemente, da história social de grupos de falantes.<sup>11</sup>

### 1.3 Processo de nomeação

O processo de nomeação é um ato designativo constituído por meio da relação homem/sociedade, representado pela linguagem. Segundo Carvalinhos e Antunes (2007), a questão do nome sempre foi foco de inúmeras análises, como a da relação semântica entre um objeto, o conceito e a forma da palavra. Na antiguidade, o gramático Dionísio já formulara tais questões na Grécia do século II a.C., ao descrever o *onoma* quando ainda não havia conceito de nome próprio como concebemos hoje, que se opõe ao nome comum.

Os filósofos gregos do tempo de Sócrates, e, em seguida, Platão, propuseram a questão nos termos em que ela geralmente se propõe até hoje. Para eles a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de “denominar”; e a questão que daí decorre é a de saber se os “nomes” dados às “coisas” eram de origem “natural” ou “convencional”. No curso do desenvolvimento da gramática tradicional, tornou-se hábito distinguir entre os significados da palavra e a “coisa” ou as “coisas” por ela “denominadas”. (LYONS, 1979, p.429).

Para Biderman (1998, p.88), a atividade de nomear é específica da espécie humana. A nomeação é o resultado do processo de categorização, que é, ainda segundo a autora, a classificação de objetos feita por um sujeito humano, “resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estilos do meio ambiente”.

A designação é, pois, uma possibilidade da linguagem que se fundamenta na linguagem como significação. E a designação é o que nos conduz ao mundo das coisas que, em consequência, como mundo “estruturado” (diferenciado de tais ou tais “classes de coisas”), só pode ser alcançado mediante a linguagem. A linguagem possibilita, portanto, o acesso ao extralinguístico, às próprias coisas. Pode por isso ser também instrumento da vida prática, que é precisamente, a convivência no mundo extralinguístico. Mas ainda mais importante e essencial é o fato de a linguagem tornar acessíveis as coisas à investigação objetiva, razão pela qual pode ser ela considerada como princípio e base primeira da ciência. Dito de outra maneira, o mundo das coisas (ou “objetos” está dado ao homem, mas só através do mundo dos significados: através da configuração linguística. E é a linguagem que proporciona “objetos” às ciências: às ciências do geral, objetos como “árvore”, “peixe”; à história dos objetos como “Pedro”, “Roma”; à filosofia, objetos como “verdade”, “virtude”. (COSERIU, 1982, p.27)

---

<sup>11</sup>ISQUERDO e CASTIGLIONI, 2010, p. 294

Sapir (1961, p.44-45) observa que o ambiente físico só se reflete na língua, na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais. Para o autor, a mera existência, por exemplo, de uma espécie animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo linguístico correspondente. É preciso que essa espécie animal seja conhecida pelos membros do grupo em geral e que eles tenham algum interesse por ela, por mínimo que seja, antes da língua da comunidade ser levada a se reportar a esse elemento particular físico. Em outras palavras, no que concerne à língua, toda a influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social do ambiente.

Sendo o vocabulário aquele que melhor reflete o ambiente físico e social dos que falam, pode-se afirmar que as palavras são como “etiquetas” para o processo de categorização. Os estudos de natureza lexical ocupam-se em estabelecer, organizar e veicular os signos na relação entre o homem e o mundo que o rodeia. Proporcionam um “maior conhecimento da língua falada, ao mesmo tempo em que nos proporcionam o reconhecimento das diferenças culturais que compõem a realidade de um país.”<sup>12</sup>

#### **1.4 Topônimo**

Os topônimos são resultados da ação do nomeador ao realizar um recorte no plano das significações, representações, ou seja, praticar um papel de registro no momento vivido pela comunidade (ANDRADE, 2010, p. 106). Eles são testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população e encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação. Os nomes de lugar se fixam ao território de tal maneira que, em muitos casos, sucedem-se às culturas, uma vez que surgem novos povos a povoar aqueles territórios e mudam as línguas, mas os topônimos permanecem com os nomes originais que lhes foram dados pelos primeiros habitantes.

Se a Toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além do seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p. 22)

Os topônimos não são unicamente referentes de localização no espaço, sua oficialização não determina somente as divisões políticas nacionais e internacionais de uma região ou país. A importância do estudo toponímico é múltipla: sua análise nos dará

---

<sup>12</sup>ENCARNAÇÃO; CRISTIANINI, 2008, p. 7.

evidências das ocupações dos grupos humanos que habitaram e que dominaram um território, nos permitirá rastrear os limites territoriais que uma cultura considera como reais e que, muitas vezes, não obedecem ao que está imposto em um mapa ou na cartografia, fronteiras étnicas podem ser determinadas por meio desse estudo. Trapero (1995, p. 352-353) destaca o fato de que nem todos os topônimos têm a mesma idade e nunca acaba o processo criador da toponímia, que, diacronicamente considerado, é o resultado de uma sucessão de estratos linguísticos diversos: quanto mais velho seja o lugar e mais estratos tenham sido sucedidos nele, mais complexo será o estudo de sua toponímia. O topônimo pode ser visto como um objeto científico, cuja investigação revela concepções culturais e processos cognitivos dos seres humanos, e também é objeto cultural, pois é parte da identidade de um povo, que os caracteriza na história.

Vistos, pois, pelo viés de uma perspectiva mais ampla, todos os sistemas toponímicos documentam não só traços linguísticos, como também deixam sobressair imbricações entre o nome e a identidade histórico-cultural do grupo a que pertence o denominador, enfim, de diferentes sistemas etnolinguísticos historicamente situados no tempo e no espaço. (ISQUERDO, 2012, p. 118)

Zalazar-Quijada (*apud* CARVALHO 2014, p.71-73), aponta a relevância do estudo do topônimo em diversos segmentos da vida humana, quais sejam:

- I. *Importância linguística*: um dos principais fundamentos da toponímia está ligado à explicação etimológica dos topônimos e, nesse sentido, está intimamente ligada à Linguística. De fato, a Toponímia é um fenômeno linguístico aplicado a fenômenos geográficos. O homem, pela sua fala, designa e diferencia cada um dos fenômenos geográficos e culturais ao seu redor. O linguista, ao estudar os nomes geográficos antigos e históricos, pode chegar a conclusões importantes, ao obter nomes geográficos aborígenes, e com sua consequente análise etimológica, proporcionar à História valiosos dados de reconstrução do passado.
- II. *Importância geográfica*: por meio dos topônimos, identificam-se acidentes naturais e culturais, pois os geógrafos necessitam conhecer em detalhes a geografia física, a geografia humana, a geografia regional e urbana. Os topônimos são vitais para a área espacial por relacionarem o homem ao ambiente. Assim, para a geografia, eles constituem pontes de partida para numerosas investigações.
- III. *Importância folclórica*: várias são as influências toponímicas feitas pelos povos em suas manifestações folclóricas. Os topônimos aparecem em inúmeras

produções literárias e expressões culturais como os nomes de acidentes geográficos, estados e cidades que se fazem presentes em músicas e poemas.

IV. *Importância político-administrativa*: a toponímia é também de suma importância para as atividades político-administrativas, uma vez que, por meio dela é possível fixar as referências dos limites de um município, distrito, estado e até limites internacionais. A política cadastral de arrecadação de impostos fundamenta-se em referências toponímicas, já que os topônimos permitem situar as propriedades públicas e privadas, diferenciá-las e demarcá-las com precisão.

V. *Importância patrimonial*: por refletir o acervo cultural de um país, a Toponímia deve ser considerada patrimônio nacional. Todo país anseia ressaltar seus valores pátrios: sente-se orgulho do nome do país, do estado e do município. Esses topônimos, produto histórico de conquistas e colonização, particularizam seus moradores do resto do mundo.

VI. *Importância cartográfica*: os mapas, frutos da atividade cartográfica, possuem, como os homens, um corpo e um espírito. O corpo corresponde à representação do território e o espírito, à da sua nomenclatura geográfica, isto é, os topônimos. É por isso que, em uma equipe de cartografia, é fundamental a presença de um toponimista com formação sólida, pois um erro na nomenclatura de um mapa pode trazer graves consequências para seus usuários.

VII. *Importância jurídica*: ressalta-se que a imprecisão de nomes geográficos em propriedades públicas e privadas pode levar a sérios problemas de ordem legal. Se os limites de uma propriedade não estiverem sustentados por uma base toponímica clara e firme, ela se encontra em situação de problema de difícil solução.

VIII. *Importância viária*: nas estradas é por meio da Toponímia nos mapas, além de placas, que os viajantes se orientam determinando a origem e o destino de sua viagem.

IX. *Importância social*: os topônimos podem ter um significado afetivo essencial para os habitantes de uma comunidade e assim uma pessoa estranha não pode entendê-lo inteiramente. Para os habitantes de uma determinada localidade não é cabível alterar nomes usados em honra a pessoas proeminentes da história local, em memória de fatos históricos e do cotidiano. Erros em ortografia e pronúncia do nome da localidade podem ocasionar situações constrangedoras, pois há um sentimento social de orgulho pela associação do topônimo com o lugar que

designa. Da mesma forma, é arbitrário que se altere um topônimo sem que seus habitantes permitam. O topônimo é para o lugar o que o nome próprio é para a pessoa, não se muda sem o consentimento.

X. *Importância histórica*: um topônimo é um dado histórico por meio do qual o historiador pode reconstruir a cultura de um povo: sua economia, seus movimentos migratórios, seus aspectos linguísticos e seus aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma região. A toponímia indígena, numa zona onde esses grupos já desapareceram, permite, conjuntamente com os restos arqueológicos, abordar estudos para o conhecimento histórico de antigos habitantes de uma área geográfica.

Apresentados tais pontos fica evidente a importância do estudo toponímico sob diversos aspectos, pois nos permite perceber características diversas de povos que habitam ou habitaram dada região.

### 1.5 Signo linguístico e signo toponímico

A atividade linguística, como afirma Fiorin (2005, p.56), é uma atividade simbólica, ou seja, as palavras criam conceitos e os conceitos ordenam a realidade, que pode ser categorizada de modo diferente em cada língua.

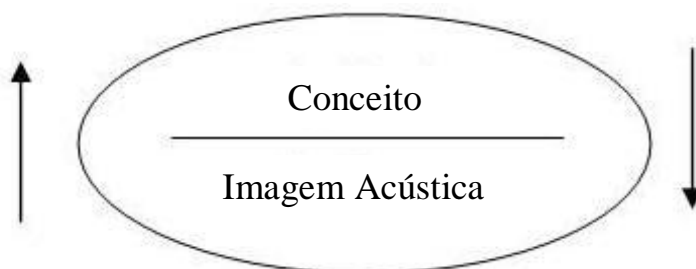
Em inglês tem duas palavras, *sheep* e *mutton*, para expressar o que exprimimos com a palavra “carneiro”. O primeiro significa o animal, o segundo uma porção de carne do animal preparada e servida à mesa. Em português, dizemos *O carneiro é gordo* e *O carneiro está delicioso*. Em inglês, no primeiro caso, emprega-se *sheep* e, no segundo, *mutton*. A mesma realidade é categorizada de modo diferente em português e inglês. Neste, o animal e o alimento feito com o animal são vistos com duas realidades complementares diferentes, sem qualquer relação entre si. Isso significa que a realidade é recortada diferentemente nas duas línguas e que um signo delimita o outro. O *valor* do signo é dado por outro signo. (FIORIN, 2005, p. 56)

Saussure postulou, em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (1969), a teoria de que a língua é um sistema estruturado em uma cadeia de signos linguísticos, ou seja, a língua se organiza e se forma a partir do encontro entre significante e significado (signo linguístico) na articulação e encadeamento entre esses signos. Para o autor,

Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. [...] O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...]. O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]. Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (SAUSSURE, 1989, p. 80)

Ao definir que o signo é uma entidade linguística de duas faces, Saussure afirma que ele configura na interação do sentido com a imagem acústica.

Figura 4 – Conceito e Imagem Acústica Saussure



Fonte: SAUSSURE, 1989, p. 80.

Tal distinção é fundamental à concepção saussuriana da língua como sistema autossuficiente. Para o mestre genebrino, o signo linguístico tem duas características principais: a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante. Fiorin (2005, p. 60) aponta que ao se afirmar que o signo é arbitrário, quer dizer que ele é o contrário de motivado, ou seja, não há nenhuma relação necessária entre o som e o sentido, não há nada no significante que lembre o significado e que não há qualquer necessidade natural que determine a união de um significante e de um significado.

O laço que une o significante do significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. [...] A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 1989, p.81-83)

Biderman (1998, p.106), ao citar Saussure, afirma que o signo linguístico resiste a qualquer substituição arbitrária, porque a língua é uma instituição social. A primeira razão para justificar a imutabilidade do signo é exatamente o fato de ele ser arbitrário. Se o signo fosse fundamentado em uma norma racional, poderia ser contestado; mas como isso não ocorre, o caráter arbitrário da sua cunhagem o protege contra substituições. Ainda nos apoiando em Biderman (*op.cit.*, p.109), podemos dizer que o que está implícito na definição saussuriana de signo linguístico é que a nomeação de um referente com este ou aquele nome é

arbitrária, ou seja, o nomeador poderia atribuir qualquer nome (significante) a qualquer objeto da realidade.

Ullmann (1977, p.168-171), embora reconheça o caráter imotivado e arbitrário do signo em muitas situações, afirma que, pelo menos em certo grau, algumas palavras são motivadas e transparentes. Essa motivação pode ocorrer de várias maneiras: “ela pode residir que nos próprios sons, quer na estrutura morfológica da palavra, quer no seu fundo semântico”. Desse modo, ao questionar a noção saussuriana de arbitrariedade do signo linguístico, Ullmann toma para sua defesa o fato de ocorrer motivação semântica do signo dentro de uma relação metafórica ou metonímica.

A Toponímia, por sua vez, dedica-se ao estudo do signo toponímico, que nada mais é do que o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico, como observado por Zamariano (2006, p.352). Apesar de o signo toponímico se inserir entre os demais signos do sistema linguístico, há aspectos distintos à teoria do signo proposta por Saussure. De acordo com Dick (1990a, p. 34), ainda que não se deva desconsiderar a relação saussuriana significante/significado, não há, na Toponímia, a possibilidade de existência de signos imotivados. De maneira geral, a adoção do signo linguístico em função toponímica é motivada pela realidade circundante, que é valorizada pelo denominador no momento da nomeação, o que contraria, em parte, a tese da arbitrariedade do signo linguístico.

O elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada. (DICK, 1990a, p.34)

Ainda de acordo com a toponimista, embora o topônimo em sua estrutura seja uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990b, p.18).

Outro aspecto importante a se mencionar, ainda sobre o signo toponímico, é sua cristalização ou fossilização. Uma vez estabelecido um topônimo como tal, pelo grupo, e não sendo substituído por outro, ele mantém íntegros todos seus elementos constitutivos enquanto signo de língua, inclusive seu significado (ainda que este se possa esvaziar), ao longo da história, seu sentido original pode tornar-se gradualmente opaco devido ao distanciamento do



motivo de sua adoção. Segundo Trapero (1995, p.352), a toponímia – como testemunha de uma história e de uma cultura que é – sobrevive, muitas vezes, a alguns acidentes geográficos e a muitos acontecimentos históricos, aos quais o topônimo se referiu ao nascer. Existem inúmeros lugares cujos nomes foram dados em correspondência à sua vegetação, hidrografia ou fauna predominante que, com o passar do tempo, foram perdendo suas características físicas originais. Contudo, os nomes próprios que os referenciavam permaneceram, como testemunhas mudas de uma história perdida e ignorada pela maioria das novas gerações. Dessa maneira, esse topônimo que em seu nascimento foi uma palavra semanticamente motivada, converte-se em um termo de significação arbitrária, sem nenhuma relação com a realidade designada.

## **1.6 Motivação toponímica**

Como observamos na seção anterior, o signo linguístico em função toponímica é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem com parte de sua relação com seu ambiente geográfico<sup>13</sup>, o que nos permite dizer, dessa forma, que há motivações que relacionam o nome e seu significado ao lugar, ou seja, os topônimos têm motivações e não são puramente arbitrários. Podemos afirmar que essa é uma das principais características do topônimo.

O duplo aspecto da motivação toponímica transparece, segundo Dick (1990b, p. 18), em dois momentos: primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o leva a eleger, em um verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas. Ainda de acordo com a toponimista, a compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador é o que remeterá a toponímia taxonômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica. Dessa forma, os fatores ambientais, em sua dicotomia física e antropocultural, constituem o cenário propício ao jogo dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos nomes, dessa maneira, o mecanismo da nomeação, causado por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências.

---

<sup>13</sup>SOLIS FONSECA, *apud* Melo, 2013, p. 162.

Dessa forma, a partir dos estudos toponímicos é possível recuperar fatos históricos, etnológicos, geográficos e sociais de uma região.

O “batismo de lugares” é profundamente influenciado pela cultura do povo, da sociedade, por meio de eventos ocorridos sincrônica e diacronicamente, como reforça Aguilera (1999, p. 125) ao afirmar que

O topônimo [...] relaciona-se diretamente com os conceitos de homem e ambiente: é o homem quem denomina os acidentes geográficos que o rodeiam e certamente não o faz aleatoriamente, mas movido por alguma impressão sensorial e/ou sentimental que o acometa no momento da denominação. Pode-lhe chamar a atenção alguma particularidade intrínseca do terreno ou do acidente geográfico (altura, clima, cor, movimento) ou pode ser uma motivação externa ao ambiente, como a religião, a ideologia, até o estado de espírito ou a expectativa de um único indivíduo ou de seu grupo com relação àquele lugar, naquele momento.

Desse modo, pistas semânticas de diferentes procedências transparecem no ato de nomeação, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador.<sup>14</sup> Trapero (1995, p. 354) ressalta que o processo que faz com que um nome comum, proveniente de uma língua comum, torne-se um nome próprio, aplicado à geografia, e, portanto, limitado a um setor particular do léxico – a toponímia – é mais transparente se o processo histórico que o contempla for mais recente. Dessa forma, os topônimos mais antigos são os menos transparentes, os mais opacos, os que oferecem maior dificuldade de interpretação.

Os nomes de lugar, segundo Riesco Chueca (2010, p. 8), compõem uma enciclopédia seletiva e uma cartografia mental, de elaboração mental, onde é evidenciado o modo como os nativos percebem seu entorno. Nomear um território é adquirir laços de afeto com uma terra e manifestar o caráter histórico-natural de dado ambiente. O autor ainda aponta para a importância de se manter a conexão entre o lugar e o topônimo.

Se os nomes passam a ser meros termos de uma lista arquivada, ou se se esquece o exato lugar ao qual pertencem, perdem grande parte do seu valor como índices geográficos e como inspiradores culturais. (RIESCO CHUECA, 2010, p.8. Tradução nossa)<sup>15</sup>

A toponímia oferece um valioso conjunto de indícios para o estudo da paisagem. Joan Tort (2003, p.5) detecta três atributos principais no mapa toponímico de determinada área: a transparência, a excepcionalidade e a significância territorial. A primeira característica indica que, na toponímia viva de um território, a maior parte dos nomes de lugar é

---

<sup>14</sup>SOUSA, 2008, p. 34.

<sup>15</sup> “Si los nombres pasan a ser meros términos de una lista archivada, o si se olvida El exacto parje al que pertenecen, pierden gran parte de su valor com índices geográficos u com inspiradores culturales”

transparente – pode ser interpretada com relativa rapidez, desde que se tenha certa familiaridade com a fala local e o meio físico. A excepcionalidade dos topônimos remete ao fato de que, para o êxito de sua fixação, tem que ter havido inicialmente algum fato sobressalente, direcionador e chamativo, presente no meio físico ou nas circunstâncias do ato da posse e exploração do terreno. O princípio da significância territorial faz alusão ao fato de que o conteúdo semântico que decide o nome imposto a um dado local está inserido em uma ponderação da sua relevância territorial, a critério dos conhecedores desse meio, ou seja, geralmente dos próprios habitantes.

Um topônimo fixa-se em um determinado local, depois de uma grande tramitação pragmática. Se, inicialmente, o nome decorre de uma admiração do primeiro morador ou de uma constatação, geralmente de índole prática, sua permanência posterior depende de uma função de uso: a diferenciação em relação a outros lugares. O mapa dos nomes de lugar corresponde a um mapa da sensibilidade prática, que os moradores demonstravam em relação a dado território. O mapa toponímico oferece a base para uma geografia popular.

Em um estudo toponímico para o qual se coleta um elevado número de nomes, geralmente a intenção não é recuperar em detalhes o que teria motivado o denominador no ato da escolha do nome, a menos que o objetivo do trabalho seja, por exemplo, um glossário histórico. Normalmente o que se pretende é um exame do conjunto dos nomes para, a partir do qual, se obterem pistas a respeito dos grupos humanos que habitam ou habitaram a área pesquisada. Por isso, para que seja possível a realização de análises acerca da motivação dos signos em função toponímica, consideramos, nesse trabalho, o modelo taxionômico proposto por Dick (1992), composto por 27 categorias, sendo dezesseis de natureza física e onze de natureza antropocultural. A escolha do referido modelo de classificação se justifica por nossa pesquisa estar inserida em um Projeto maior – o ATEMIG – o qual adota esse modelo de criado por Dick e é considerado mais adequado à realidade da toponímia brasileira. Dick (1990b, p. 131-134) apresenta as taxes para a realidade toponímica, como será apresentado a seguir:

**a) Taxonomias de natureza física:**

1. **Astrotopônimos:** topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex: Estrela (AH BA); rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES).

2. **Cardinotopônimos:** topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex: praia do Leste (PR); serra do Norte (MT); Entre-Rios (AH AM); ribeirão do Norte (MG); lagoa do Sul (SC).

3. **Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática. Ex: rio Branco (AM); rio Negro (AM); rio Pardo (SP); serra Azul (SP).

4. **Dimensiotopônimos:** topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, grossura, largura, espessura, altura, profundidade. Ex. Ilha Comprida (AM); serra Curta (BA); Larga (AH GO); riacho Grosso (CE); morro Alto (GO); córrego Fundo (MT); igarapé Profundo (RO).

5. **Fitotopônimos:** topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade. (Arroio Pinheiro, RS), em conjuntos da mesma espécie (Pinheiral, AH RJ), ou de espécies diferentes (Morro da Mata, MT; Caatinga, AH BA; Serra da Caatinga (RN), além de formações não espontâneas individuais (Ribeirão Café, ES) e em conjunto (Cafezal, AH PA);

6. **Geomorfotopônimos:** topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha: Montanhas, AH RN; monte: Monte Alto, AH SP; morro: Morro Azul, AH RS; colina: Colinas, AH GO; coxilha: Coxilha, AH RS) e depressões do terreno (vale: Vale Fundo; AH MG; baixada: Baixadão AH MT) e às formações litorâneas (costa: Costa Rica, AH MT; cabo: Cabo Frio, AH RJ; angra: Angra dos Reis, AH RJ; ilha: Ilhabela, AH SP; porto: Porto Velho, AH RO).

7. **Hidrotopônimos:** topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex:água: serra das águas, (GO), Água Boa (AH MG);rio: Riozinho (AH PI); Rio Preto (AH SP); córrego: Córrego Novo (AH MG); ribeirão: Ribeirão Preto (AH SP); braço: Braço do Norte (AH BA); foz: Foz do Riozinho (AH AM).

8. **Litotopônimos:** topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos (barro: Lagoa do Barro (BA); barreiro : Córrego do Barreiro (AM); tijuco: Tijuco Preto (AH SP); ouro: arroio do Outro (RS), conjunto da mesma espécie (córrego Tijucal (SP), ou de espécies diferentes (Minas Gerais (AH MG); Cristália (AH MG), Pedreiras (AH MG).

9. **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex: vento: serra do Vento (PB); Ventania (AH SP); Botucatu (AH SP); neve: riacho das Neves (BA); chuva: cachoeira da Chuva (RO); cachoeira do Chuvisco (MT); Chuva (AH MG); trovão: Trovão (AH AM); cachoeira Trovoada (PA).

10. **Morfotopônimos:** topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex: Curva Grande (AH AM); ilha Quadrada (RS); lagoa Redonda (BA); Triângulo (AH MT).

11. **Zootopônimos:** topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos (boi: rio do Boi (MG) e não domésticos (onça: lagoa da Onça (RJ) e da mesma espécie em grupos (boiada: ribeirão da Boiada (SP); Vacaria (AH RS); Tapiratiba (AH SP).

#### **b) Taxonomias de natureza antropocultural**

1. **Animotopônimos ou Nootopônimos:** topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex: vitória: Vitória (AH CE); trunfo: Triunfo (AH AC); saudade: cachoeira da Saudade (MT); belo: Belo Campo (AH BA); feio: rio Feio (SP).

2. **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex: prenome: Abel (AH MG); Benedito (igarapé, MT); Fátima (AH MT); hipocorístico: Bentinho (AH MG); Chiquita (ilha MT); Nico (igarapé, AC); prenome + alcunha: Fernão Velho (AH AL); Joaquim Preto (igarapé do, PA); Jorge Pequeno (ribeirão MG); Maria Magra (serra da, MG); Pedro Ligeiro (AH GO); apelidos de família: Abreu (AH RS); Barbosa (arroio RS); Silva (AH PA); Tavares (rio SP); prenome + apelido de família: Antonio Amaral (AH MG); Francisco Dantas (AH RN); Manuel Alves (rio GO).

3. **Axiotopônimos:** topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Prudente (AH SP); Doutor Pedrinho (AH SC); Duque de Caxias (AH RJ).

4. **Corotopônimos:** topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Brasil (AH AM); Europa (AH AC), Amazonas (AH BA); Uruguai (AH MG).

5. **Cronotopônimos:** topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Velha Boipeba (AH BA); rio Novo Mundo (GO); Nova Viçosa (AH BA); Velha e Nova Emas (AH SP).

6. **Ecotopônimos:** topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa da Telha (AH BA); Ocaçu (AH SP); Sobrado (AH BA).

7. **Ergotopônimos:** topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: flecha: córrego da Flecha (MT); jangada: Jangada (AH MT); relógio: Relógio (AH PR) (13).

8. **Etnotopônimos:** topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Guarani (AH PE); ilha do Francês (RJ); rio Xavante (MT); Chavantes (AH SP); Árabe (arroio, RS).

9. **Dirrematotopônimos:** topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Há Mais Tempo (AH MA); Valha-me Deus (AH MA); Vai Quem Quer (igarapé, AM); Deus me Livre (AH BA).

10. **Hierotopônimos:** topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex.: Cristo Rei (AH PR); Jesus (rio GO); Alá (lago AM); Nossa Senhora da Glória (AH AM); às efemérides religiosas: Natividade (AH GO); Natal (AH AC); às associações religiosas: Cruz de Malta (AH SC); aos locais de culto: *igreja* – serra da Igreja (PR) - ; *capela* – Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG).

Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a) hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiologio romano: São Paulo (AH SP); Santa Tereza (AH GO); Santana da Boa Vista (AH RS); b) mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: saci: ribeirão do Saci (ES); curupira: lago Curupira (AM); jurupari: Jurupari (AH AM); anhanga: Anhangá (AH BA).

11. **Historiotopônimos:** topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: Independência (AH AC); rio 7 de Setembro (MT); Inconfidência (AH RJ); Inconfidentes (AH MG); rua Vinte e Um de Abril (SP).

12. **Hodotopônimos (ou Odotopônimos):** topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex: Estradas (AH AM); Avenida (AH BA); córrego do Atalho (GO); Travessa (AH BA); Rua de Palha (AH BA); Ladeira (AH MA).

13. **Numerotopônimos:** topônimos relativos aos adjetivos numerais: Ex.: Duas Barras (AH BA); Duas Pontes (AH RO); Três Coroas (AH RS).

14. **Poliotopônimos:** topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: rio da Cidade (RJ); serra da Aldeia (PB); Arraial (AH BA); Vila dos Anjos (AH MG); Povoação (AH PI); Tabapuã (AH SP).

15. **Sociotopônimos:** topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Ex.: Sapateiro (serra do, SP); Pescador (AH MG); Tropeiros (serra dos, MG); Engenho Novo (córrego, MG); Oficina (AH MG); Pracinha (AH SP). (14).

16. **Somatotopônimos:** topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal. Ex.: Cotovelo (AH MG); Pé de Boi (AH SE); Pé de Galinha (AH BA); Mão Esquerda (rio da, AL); Mão Quebrada (lagoa da, PI); Dedo (igarapé do, RR); Dedo Cortado (córrego do, GO); Dedo Grosso (AH SC).

### 1.7 Nomes de animais com sentido metafórico

O léxico é um acervo de signos linguísticos por meio do qual o homem não só se comunica, mas também cria e armazena conhecimentos, refletindo o universo cultural de uma sociedade<sup>16</sup>. Segundo Cançado (2005, p.59), os significados de uma determinada palavra podem ser estabelecidos a partir de um determinado contexto. O mesmo ocorre com os topônimos, cuja motivação é baseada no conhecimento de mundo e na intenção do nomeador.

---

<sup>16</sup> FONSECA; CANO, 2011, p. 2.

Dessa forma, o topônimo de natureza física, categoria na qual os zootopônimos se inserem, podem descrever algo característico do ambiente nomeado ou ter seu sentido ampliado.

A respeito dos nomes de animais, tal ampliação de sentido é muito recorrente, principalmente por meio de uso metafórico. Segundo a teoria de Roth (2006, p. 11), a metáfora baseia-se na semelhança de dois conceitos e tem seu fundamento, justamente, na semelhança dos referentes. Sendo assim, muitos nomes de animais podem ser utilizados para nomear objetos ou comportamento humano.

Muitas vezes, no cotidiano da linguagem, é exigido que o usuário da língua expresse ou represente ideias de forma concisa e sucinta, quando não de coisas abstratas, que fogem à realidade sensível. Para tal representação, as metáforas surgem como as portadoras de conceitos e significados. Dessa forma as projeções metafóricas estão intimamente ligadas às faculdades dos acontecimentos, objetos e animais, ou seja, o mundo que está em nosso entorno e, portanto, nos fornece ligações lógicas e convenções sociais que são também travadas no interior da língua. (FONSECA; CANO, 2011, p. 2)

Na nossa pesquisa contabilizou 364 topônimos de índole animal, dentre os quais podemos observar em alguns a possibilidade do uso do topônimo com sentido metafórico. A seguir, exemplificaremos determinados casos de zootopônimos, em que, segundo definição constante no dicionário Aurélio do Século XXI, podem ser observados usos metafóricos:

Exemplos:

Quadro 1 – Exemplos nomes de animais com sentido metafórico

<b>Nome</b>	<b>Uso metafórico</b>
Jacaré	Peça fixa para desvio dos trilhos ferroviários.
Mosquito	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em regiões diamantíferas, o diamante miúdo.</li> </ul>
Onça	<ul style="list-style-type: none"> <li>Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 28,691g./ Medida de peso inglesa, equivalente a 28,349g / 6. Bras. S. antiga moeda de ouro. /</li> <li>Valentão</li> </ul>
Macaco	<ul style="list-style-type: none"> <li>Maquinismo, provido de manivela, para levantar grandes pesos; bugio, carlequim.</li> </ul>
Marimbondo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alcunha que os portugueses davam aos brasileiros na época da independência.</li> </ul>



Enfatizamos que os nomes acima elencados foram citados para fim de exemplificação, não representam todos os casos de animais cujos nomes assumem sentido metafórico

A identificação e comprovação da motivação do uso desses topônimos de forma metafórica só podem ser feitas por meio de análise minuciosa e individual de cada localidade, o que não é a proposta do nosso trabalho. Ademais, enfatizamos a premissa de Dick (1990a, p. 39) de que “o signo linguístico, em função toponímica, representaria uma projeção aproximada do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado”. Desse modo, cabe-nos discorrer sobre tais elementos metafóricos, ainda que de maneira breve, sem aprofundar nas questões teóricas do tema, dado o caráter do nosso estudo.

## 1.8 Toponímia

A Toponímia é um ramo da Onomástica que se ocupa em estudar a expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente, além de propor o resgate da atitude do homem diante do meio, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Leite de Vasconcelos (1931, p.3) define Toponímia como o estudo dos nomes de sítios, de povoações, de nações, de rios, de montes, de vales etc. – isto é, os nomes geográficos. Já Salazar-Quijada (1985, p.18) a define como ramo da Onomástica que se ocupa do “estudo integral no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos, antropolinguísticos, que permitiram e permitem que em um nome de lugar se origine e subsista”.<sup>17</sup>

Dick, por sua vez, contempla as duas definições supracitadas, evidenciando seu caráter inerentemente interdisciplinar

O conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do gr. *topos*, “lugar” e *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades etc.) (DICK, 1990b, p.119)

Dick afirma, ainda, que a Toponímia é, antes de tudo, um imenso complexo linguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. Devendo ser considerada, em sua função intrínseca, um fato do sistema das

---

<sup>17</sup>“Estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socioeconómicos y antropolinguísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista.” (Tradução nossa).

línguas humanas, já que nos permite conhecer aspectos sócio-históricos e culturais presentes e pretéritos da comunidade.

A nomenclatura de uma região encerra, na tipicidade de suas designações, amplas possibilidades de estudo. A tessitura toponímica, com efeito, longe está de ser monótona no significado que recobre ou destituída de interesse prático ou científico. Através das camadas onomásticas, revelam-se, numa perspectiva globalizante, as feições características do local, sejam as de ordem física quanto socioculturais. De tal modo esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito. (DICK, 1990b, p.35)

A toponímia é o índice da relação entre o homem e o solo, pela toponímia é possível perceber quais traços do território eram ou são considerados significativos para a população local. Essa relação também é abordada por Riesco Chueca (2010) da seguinte forma:

A toponímia reflete, pois, uma relação estreita e prolongada dos habitantes entre eles e com o território. Analisar os nomes de um município e transitar por uma mnemotecnica da paisagem, onde se abreviam chaves de representação. O mapa toponímico oferece a base para uma geografia popular. Seu conhecimento e vigência oferecem vias para que o recém chegado se adentre em uma relação íntima que os habitantes da região mantém entre eles e com o território.<sup>18</sup>(RIESCO CHUECA, 2010, p. 15. Tradução nossa.)

Os topônimos, que são originalmente extraídos de uma língua viva, são enunciados linguísticos que passam pelo crivo do denominador que os seleciona e interpreta, segundo seus conceitos, valores, intenções, códigos e usos que representam também seu grupo. Para Dick (1998, p.1), o topônimo, funcionalmente, apresenta-se com uma dupla marca linguística, exercendo não apenas um papel sógnico no universo do discurso, mas também o de suporte de identificação: sugere pistas, indica caminhos interpretativos, torna-se evidência de comportamentos extintos, resgate de memórias vivenciadas. Uma área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir, através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas, como a história, a geografia humana e a antropologia.

---

<sup>18</sup>“La toponímia refleja pues una relación estrecha y prolongada de los habitantes entre ellos y con ele territorio. Repasar los nombres de un término municipal es transitar por una mnemotécnica del paisaje, en la que se abrevian claves de representación. El mapa toponímico ofrece la base para una geografía popular. Su conocimiento y vigencia ofrece vías para que el recién llegado se adentre en un trato íntimo que los habitantes de la zona mantienen, el de su convivencia mutua y con el terreno.”

### 1.8.1 Breve Histórico dos Estudos Toponímicos

A sistematização dos estudos toponímicos se insere no que Benveniste (1976) denomina de segundo momento da Linguística Histórica. O primeiro momento, até o século XVIII, é definido pelo autor como um movimento de cunho filosófico; o segundo momento, quando da observância da existência da relação de parentesco entre as línguas indo-europeias, é o momento no qual se insere a sistematização da toponímia com disciplina científica<sup>19</sup>

Todos sabem que a linguística ocidental nasce na filosofia grega [...]. Mas o interesse que os pensadores gregos tiveram muito cedo pela língua era exclusivamente filosófico. Racionavam sobre a sua condição original – a linguagem é natural ou convencional? – Muito mais do que lhe estudavam o funcionamento. As categorias que instauraram (nome, verbo, gênero gramatical, etc.) repousam sempre sobre bases lógicas ou filosóficas. Durante séculos [...] a língua permaneceu objeto de especulação, não de observação. Ninguém se preocupou, então, de estudar e descrever uma língua por ela mesma [...]. Essa atitude não mudou absolutamente nada até o século XVIII. Uma fase nova abre-se no início do século XIX com a descoberta do sânscrito. Descobre-se ao mesmo tempo que existe uma relação de parentesco entre as línguas a partir daí chamadas indo-europeias. Elabora-se a linguística dentro dos quadros da gramática comparada, com métodos cada vez mais rigorosos. (BENVENISTE, 1976, p. 21-22)

Tais estudos, calcados no método da gramática comparativa, privilegiavam a reconstituição etimológica e a toponímia, então, pelas características intrínsecas de seu objeto de estudo, demonstra ser uma importante ferramenta nessa reconstituição.<sup>20</sup>

Dessa forma, na França, por volta de 1878, no ambiente positivista de recuperação das línguas indo-europeias, a toponímia se firma como um corpo disciplinar sistematizado, com a introdução regular dos estudos de Auguste Longnon na *École Pratique des Hautes Études* e no Colégio da França. A obra referente ao curso ministrado foi publicada, postumamente, após 1912, por seus alunos e intitulou-se *Les noms de lieu de la France*, que foi referência para outros estudiosos como Albert Dauzat, que em 1922 deu sequência aos estudos onomásticos com a publicação de uma *Chronique de Toponymie*, trabalho caracterizado por apresentar uma bibliografia crítica, região por região, das fontes e dos trabalhos publicados até então, desde que historiadores, geógrafos e linguistas europeus incluíam, em seus ensaios, pesquisas sobre nomes antigos de lugares. Em 1938, Dauzat organiza o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, que contou com a participação de vinte e um países e cujas resoluções práticas, resumidas por Dick (1987, p.94), foram as seguintes:

---

<sup>19</sup>CARVALHINHOS, 2008, p.4

<sup>20</sup>CAVALHINHOS, 2004, p.3.

- a) Realização periódica de Congressos Internacionais de Toponímia e Antroponímia;
- b) Organização de uma Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia;
- c) Criação, os países que não o possuíssem, de departamentos oficiais para a elaboração de glossários de nomenclatura geográfica;
- d) Sistematização dos processos de pesquisa.

Dick (1987, p.94) assinala, ainda, que este último item talvez se constitua na parte mais importante a se ressaltar no conjunto, pois traça normas a serem seguidas pelos pesquisadores, não só no trabalho de superfície como naqueles que já objetivam sínteses baseadas em dados mais sólidos da história, da geografia e da língua regionais. O II Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia realizou-se em 1947, em Paris, contudo, a sua data inicial de seu acontecimento seria 1941, em Munique, entretanto teve que ser adiado devido à 2ª Guerra Mundial. Em 1949 ocorreu o III Congresso, em Bruxelas, e a partir desse evento ‘foi organizado um secretariado internacional permanente em Lovaina, conhecido mais tarde como Comitê Internacional de Ciências Onomásticas’ (ALBINO, 2004, p.37), que assumiu, dentre outras tarefas, a publicação da revista *Onoma*, desde 1950. Tais eventos vêm sendo realizados com regularidade em distintas regiões e são variados os temas tratados, conforme observa Albino

Relativamente à África foram analisados problemas referentes à forma de registro dos topônimos nativos em razão da heterogeneidade linguística e da romanização da toponímia; apanhado geral sobre toponímia sul-africana; toponímia berbere no Saara Ocidental; toponímia marroquina e grafia; formação dos nomes tribais dos berberêfones do Marrocos. Em relação à Turquia, discute-se a influência dos topônimos da Ásia Média sobre a Ásia Menor (em razão da imigração) e a relação entre Toponímia e vida social, em Istambul. (ALBINO, 2004, p. 37-38)

Um consistente histórico de análises toponímicas pode ser observado na Espanha, caminho que foi aberto por estudiosos como Ramón Menéndez Pidal (1869-1968), fundador da Escuela Filologica Española, cuja colaboração com os estudos toponímicos se deu, principalmente, pela publicação da obra *Toponímia prerrománica hispana* (1953). Outros trabalhos também se destacam

Francisco Rodriguez Adrados contribui com os seus trabalhos *La toponímia y el problema de las Ursprachen* (1969), *Topônimos griegos em Ibéria y Tartessos* (2000). Outro estudioso dessa ciência foi o lexicógrafo Joan Coromines Vigneaux (1905-1997) que publicou *Onomasticon Cataloniae* (1994), uma recompilação etimológica de topônimos do âmbito do falante catalão, construída a partir de entrevistas orais, projeto único na Europa e se divide em oito volumes, sendo que o oitavo foi publicado após sua morte. Há várias obras que relatam a toponímia das

províncias espanholas, tais como as de Antonio Llorente: *Los topônimos españoles y su significado*, publicado em Salamanca em 1990; José Ramón Morala: *Objetivos y métodos en el estudio de la toponímia*, em Burgos, 1994; Maximiano Trapero: com *Para una teoría lingüística de la toponímia (estudio de toponímia canária)*, em Las Palmas de Gran Canária, 1995 e Javier Terrano com *Metodología de la investigación en toponímia*, em Lérida, 1999. (MENDES, 2010, p.36-37)

O filólogo José Leite de Vasconcelos contribuiu com os estudos toponímicos em Portugal, sobretudo, através da publicação do 3º volume de sua obra *Opúsculos*, denominada *Onomatologia* (1931). Outro estudioso português de grande relevância é Xavier Fernandes, autor de *Topônimos e Gentílicos* (1941).

Também pontificam como expoentes de estudos toponímicos atuais, a América Setentrional, Estados Unidos e Canadá. É possível citar a revista *Names*, fundada em Detroit em 1951, que tem como um de seus objetivos o estudo da etimologia, origem, significado e aplicação de todas as categorias de nome. Já o Canadá conta, desde 1966, como Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, associado ao Departamento de Geografia da Universidade de Laval, em Québec.

Os estudos sobre os nomes geográficos são recomendados, desde a década de 1960, pela Organização das Nações Unidas, que necessita de uma cartografia precisa, com a normalização da ortografia dos topônimos. Em 1970, é fundado no Peru, o Instituto de Investigações Toponímicas; em 1972, o Panamá publica uma parte do Dicionário Geográfico, compreendendo topônimos das quatro primeiras letras do alfabeto. Na Venezuela, destacam-se os estudos do antropólogo e toponimista Salazar-Quijada

O referido pesquisador propõe uma taxionomia dos topônimos que é a base para um estudo mais sistemático dos nomes de lugares. Tal classificação considera cinco aspectos dos topônimos: seus elementos; sua extensão; sua localização; sua aplicação; seus motivos. Estes últimos fornecerão a informação mais importante para a devida sistematização. Assim, o nome de uma cidade ou de um acidente geográfico é estudado sob diferentes enfoques (e não apenas a origem da palavra). (ALBINO, 2004, p. 39)

No Chile, Lillo (1990) analisa os topônimos de origem pré-hispânica (mapuche), hispânica e germânica da província de Valdivia. Para esse autor estudar a toponímia de determinada região significa enfrentar inúmeros riscos e dificuldades relacionadas à geografia, à história e à cultura de dado território, o que exige um maior conhecimento do pesquisador dessas características.

No Brasil, os estudos aprofundados sobre toponímia foram iniciados por Levy Cardoso, especialista em topônimos brasílicos da Amazônia. Sua pesquisa apoia-se na leitura da obra de Theodoro Sampaio, *O Tupi e a Geografia Nacional*, de 1901. Cardoso evidenciara

que no Brasil, até então, não se havia tentado um plano sistematizado que abrangesse as diversas zonas do território brasileiro. Entretanto foi Carlos Drumond, professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), quem sistematizou esse estudo, tendo como foco a língua tupi, por meio de suas pesquisas.

Carlos Drumond, por sua vez, dá destaque, na *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica*, à posição da Toponímia no Brasil, tradicionalmente incorporando realizações assistemáticas, mais a título de curiosidade, sem métodos apropriados, visando, em sua grande maioria, pôr em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi, para concluir que, em face dessas evidências, “na realidade, não possuímos, ainda, toponimistas”. (DICK, 1987, p.96.)

Os estudos toponímicos no Brasil avançam mais a partir das pesquisas da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Desde 1980, ao defender trabalho intitulado *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos*, sob orientação do professor Carlos Drumond, Dick se dedicou, ainda na Universidade de São Paulo, aos estudos onomásticos, focalizados à sistematização da teoria toponímica. Seu trabalho foi um norteador e propulsor dos estudos toponímicos no Brasil.

Seguindo metodologia proposta por Dick, bem como o modelo do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), diversos pesquisadores têm-se dedicado aos estudos toponímicos em universidades brasileiras. Sobre esses atlas, muitos deles com vínculos diversos, podemos destacar: no Mato Grosso do Sul, o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul (ATEMS, UFMS); no Paraná o Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR, UEL); no Mato Grosso o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso (ATEMT, UFMT); em Tocantins o Atlas Toponímico do Estado do Tocantins (ATIT, UFT) e o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO, UFT). Vinculados à UFAC – Universidade Federal do Acre – estão o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB) e o Atlas Toponímico do Estado do Ceará (ATEC). Em Minas Gerais, por sua vez, o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG, UFMG), projeto ao qual esta pesquisa está vinculada.

### **1.8.2 Projeto ATEMIG**

O ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – é um projeto que teve início em 2005 vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. O projeto segue, com variações, os pressupostos teórico-metodológicos propostos pelo francês

Dauzat (1926), adaptados à realidade brasileira por Dick (1990a e b) e detalha a realidade toponímica de todo o território mineiro.

Partilhando de metodologia comum, adotada pelas demais equipes de pesquisadores que seguem o modelo do ATB em outros estados, o projeto mineiro segue: i) o “método das áreas” utilizado por Dauzat, que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão; ii) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990a e b).

São objetivos básicos do Projeto ATEMIG:

1. Construir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes a 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praças, becos etc.) presentes em cidades mineiras.<sup>21</sup>

Já foram defendidos no âmbito do projeto ATEMIG vários trabalhos, os quais podemos listar: Mendes (2009), *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto a Sumidouro*; Menezes (2009), *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*; Mendes (2010), *O léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*; Carvalho (2010), *Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*; Filgueiras (2011), *A presença italiana em nomes de ruas em Belo Horizonte*; Lima

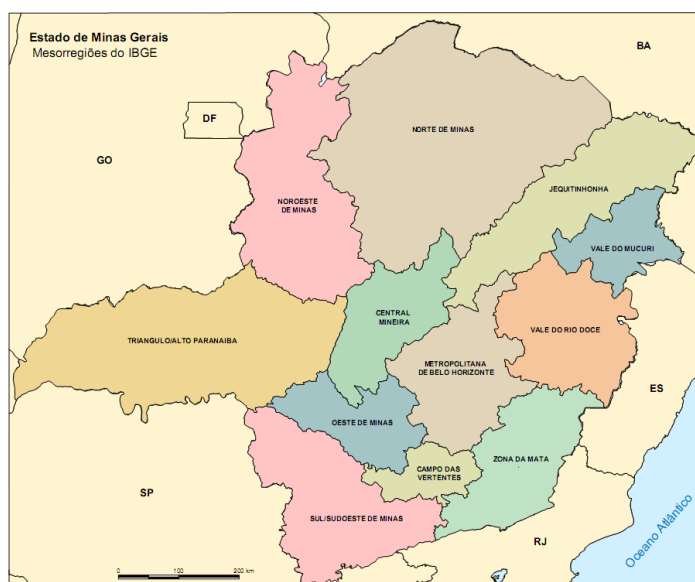
---

<sup>21</sup> SEABRA, 2012, p.73-74.

(2012), *A toponímia africana em Minas Gerais*; Anjos (2012), *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*; Carvalho (2014), *Hagiotoponímia em Minas Gerais* e Pimentel (2015), *A Toponímia da região Central de Minas Gerais*.

A coleta de dados dos 853 municípios mineiros foi feita seguindo divisão proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no período de 2005 a 2013, quando se fazia o mapeamento do estado em doze mesorregiões. Esse sistema de divisão, elaborado em 1990, é fundamental à elaboração de políticas públicas e de subsídio ao sistema de decisões referentes à localização de atividades econômicas, sociais e tributárias no estado. Contribui, ainda, para as atividades de planejamento, estudos e identificação das estruturas espaciais de regiões metropolitanas e outras formas de aglomeração urbanas e rurais.

Mapa 1 – Mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: <http://www.ibge.gov.br>

Em 2017, um novo quadro de divisão regional foi proposto pelo IBGE, vinculado aos processos sociais, políticos e econômicos sucedidos em território nacional desde a última versão. Tal proposta será tratada de maneira mais detalhada no Capítulo 2, contudo, cabe observar que, quando o novo modelo de divisão territorial foi elaborado, nossa pesquisa, que se iniciou em 2014, já estava em uma etapa avançada. Além disso, considerando que o banco de dados do Projeto ATEMIG está organizado, respeitando a divisão de mesorregiões, optou-se por manter a divisão regional anterior a 2017.

Em cada mesorregião de Minas, o Projeto ATEMIG apontou todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, morros, serras, dentre outros



acidentes geográficos – físicos e humanos – dos 853 municípios de Minas Gerais, documentados em cartas topográficas – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:250.000, perfazendo, até o presente momento, um total de 85.391 topônimos. Após a coleta e catalogação desses dados, os topônimos foram registrados em fichas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), para serem analisados e classificados. Essas fichas constituem uma análise – linguística e cultural – detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura.

No próximo item discorreremos de maneira mais detalhada sobre a organização e os aspectos físicos do estado de Minas Gerais.



*Verás um pássaro lindo,  
Todo de peito amarelo,  
Cujo canto é muito belo,  
Porque explica: bem-te-vi*

*Grande tucano verás,  
Que tem palmo ou mais de bico,  
Verás ave que diz: tico;  
E verás o araçari.*

*Gordo, cinzento macuco,  
O jacutinga, o jacu,  
O noturno curiangu,  
O diferente pavão.*

*Verás encarnada arara,  
Outra azul, mexeriqueiras,  
Que são assaz chocalheiras  
Em todo o nosso sertão.<sup>22</sup>*

---

<sup>22</sup> LISBOA, 2002, p. 38

## **CAPÍTULO 2 – REGIÕES ESTUDADAS**

### **2.1 Breve descrição do processo de ocupação do estado**

A maior parte das povoações fundadas pelos portugueses no território brasileiro nos séculos XVI e XVII se concentrava na costa Atlântica. No interior das terras, quase tudo era sertão, que é descrito por FONSECA (2011, p. 25) como

(...) matas e campos onde viviam grupos esparsos de povos indígenas, e nos quais os brancos raramente se aventuravam. De fato, essas vastidões selvagens continham apenas núcleos de colonização isolados, com ocupação rarefeita: latifúndios pecuaristas (currais), fazendas de monocultura canavieira (não muito afastadas da costa) além de pequenos povoados dispersos, onde vivam populações ligadas principalmente a atividades agropecuárias.

A descoberta de depósitos auríferos no chamado “Sertão dos Cataguases”, no século XVIII, impulsionou, então, o surgimento de concentrações humanas maiores no interior da colônia, criando uma verdadeira rede urbana.

Esta região montanhosa, de difícil acesso e pouco conhecida, não demorou a tomar o nome de “Minas Gerais” (expressão que na época, significava minas “contínuas” ou “justapostas”) e a se construir como capitania – unidade político-territorial dirigida por um “governador e capitão geral”. (FONSECA, 2011, p. 26)

A partir de então, o centro econômico da colônia se deslocaria para o centro-sul, deixando as zonas açucareiras do Nordeste. O advento da mineração impulsionou outras atividades econômicas no território mineiro, como a agricultura e a pecuária. O comércio também se intensificou e permitiu o desenvolvimento de vários núcleos de povoamento.

A crise da produção aurífera, que teve início no final do século XVIII, fez com que as áreas ainda pouco conhecidas ou ocupadas pelos brancos começassem a receber maior atenção do então governador Luiz Diogo Lobo da Silva. Iniciou-se, então, um processo de controle ampliação do território da capitania.

A fim de organizar e aperfeiçoar a prática de cobrança de impostos no “imenso território das minas do ouro”<sup>23</sup>, sem que fosse necessário fragmentá-lo, desenvolveu-se um dos primeiros projetos metropolitanos de Minas Gerais: as comarcas. As três primeiras regiões a adquirirem o estatuto de comarca foram os principais distritos do ouro: Ouro Preto, Rio das Velhas e Rio das Mortes.

---

<sup>23</sup> FONSECA, 2011, p. 142)

Os limites das três primeiras comarcas foram estabelecidos em abril de 1714 por uma junta nomeada pelo governador Dom Brás Baltazar, sucessor de Albuquerque. Dentre seus principais membros, estavam Pedro Gomes Chaves – um dos raros engenheiros militares designados para a capitania de Minas Gerais – e o capitão-mor Pedro Frazão de Brito, um dos primeiros habitantes das minas e grande conhecedor da região.<sup>24</sup>

No mapa a seguir é possível observar a localização das primeiras comarcas, assim como suas sedes no início do século XIX.

Mapa 2 – As comarcas e suas sedes no início do século XIX



Fonte: FONSECA (2011, p. 253)

Os anos que se seguiram foram marcados por disputas de poder que resultaram na concessão de títulos urbanos e a atribuição de funções administrativas diversas às povoações mineiras, multiplicando-se assim o número de sedes de circunscrições civis criadas em Minas – vilas, cidades e cabeças de comarcas.

A delimitação do território que atualmente corresponde ao estado de Minas Gerais foi desenhada, como apresentado, paulatinamente, como resultado de processos de expansão

<sup>24</sup> FONSECA (2011, p.142)

e também de disputas por poder. Os eventos históricos que se sucederam resultaram na divisão geopolítica que conhecemos hoje e que será apresentada a seguir.

## 2.2 Mesorregiões

O estado de Minas Gerais, como citado no capítulo anterior, é dividido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em doze mesorregiões, subdivididas em 66 microrregiões, as quais serão caracterizadas nas seções seguintes.

O estudo das regiões faz parte de uma longa tradição geográfica, tendo o conceito de região evoluído e se transformado juntamente com a disciplina ao longo de sua história. O termo região está associado à ideia de diferenciação de áreas, ou seja, à aceitação de que elas apresentam caracterizações diferentes entre si.

A noção de região contém, ainda, a ideia de parte de um todo, sendo que esse todo pode ser considerado o mundo conhecido que, por ser um conhecimento socialmente produzido, varia de limites, segundo as civilizações (LENCIONI, 2003, p. 78). Assim, haverá tantas regiões quantos forem os critérios adotados e o objetivo da regionalização.

No presente trabalho adotaremos a proposta de divisão do estado de Minas Gerais em Mesorregiões, elaborada pelo IBGE em 1990. O Instituto conceitua a mesorregião como

uma área individualizada, e uma Unidade da Federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante e, a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial. (IBGE, 1990, p. 8)

Esses três aspectos fornecem ao espaço delimitado como mesorregião uma identidade regional, construída ao longo do tempo pela sociedade que ali habita. Para identificação desses espaços, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre a história social, povoamento e estudos geográficos; análises cartográficas e análise de outras fontes de documentação específicas.<sup>25</sup>

O tópico a seguir segmenta-se em breves descrições relativas à quantidade de municípios, aspectos históricos e naturais de cada uma das 12 mesorregiões mineiras. Tais informações foram retiradas da base de dados do IBGE<sup>26</sup> e do Governo do Estado<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> DINIZ; BATELLA, 2005, p.70

<sup>26</sup> [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br) (acesso em 26 de maio de 2017)

<sup>27</sup> [mg.gov.br](http://mg.gov.br) (acesso em 14 de junho de 2017)

## 2.2.1 Características das mesorregiões mineiras

### 2.2.1.1 Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

Mapa 3 – Mesorregião Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

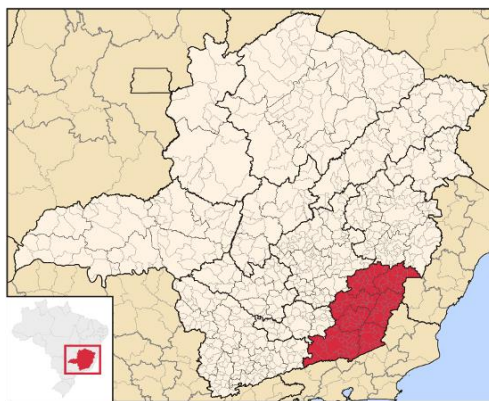


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

A região formada pela união de 66 municípios, agrupados em sete microrregiões, localizados na região oeste de Minas Gerais. A mesorregião é circundada pelos rios Grande e Paranaíba. Sete de seus municípios estão entre os mais populosos do estado: Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Araguari, Ituiutaba, Araxá e Patrocínio, sendo que Uberlândia é o maior município do interior mineiro. A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba destaca-se no estado de Minas Gerais por sua importância econômica, tendo em vista a existência de um complexo agroindustrial processador de grãos e carnes e pela modernização da pecuária extensiva existente. Tais atividades resultam em uma densidade populacional expressiva, concentrando-se nas cidades, uma média de 86,8%, ao passo que na zona rural habitam apenas 13,2% da população total. O bioma característico da região é o cerrado, cujas características serão tratadas no tópico 2.2.1.

### 2.2.1.2 Zona da Mata

Mapa 4 – Mesorregião Zona da Mata

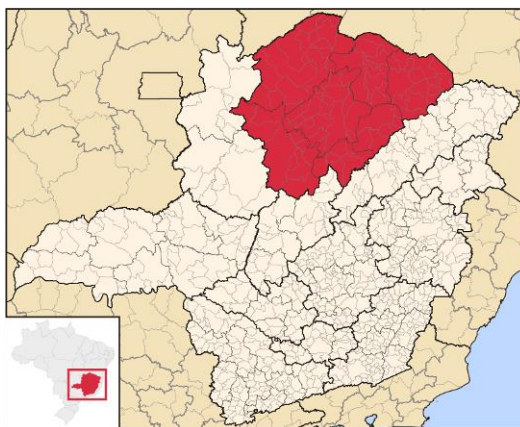


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

A Zona da Mata de Minas Gerais ocupa área correspondente a 6,09% da superfície do estado. O relevo da região é rugoso com altos morros. Na Serra de Caparaó, divisa com o Espírito Santo, situam-se o Pico da Bandeira e o Pico do Cristal. Pelos vales da Serra da Mantiqueira correm os principais afluentes da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, como o Rio Paraíbuna, o Rio Pomba e o Rio Muriaé, e, ainda, o Rio Carangola, subafluente do Rio Paraíba do Sul. A porção norte da região é banhada por alguns dos principais formadores e afluentes do Rio Doce, como os rios Piranga, Xopotó, Casca e Manhuaçu. A Mata Atlântica é o bioma original da região, rica com presença de diversas espécies de mamíferos, anfíbios, aves, insetos, peixes e répteis.

### 2.2.1.3 Norte de Minas

Mapa 5 – Mesorregião Norte de Minas

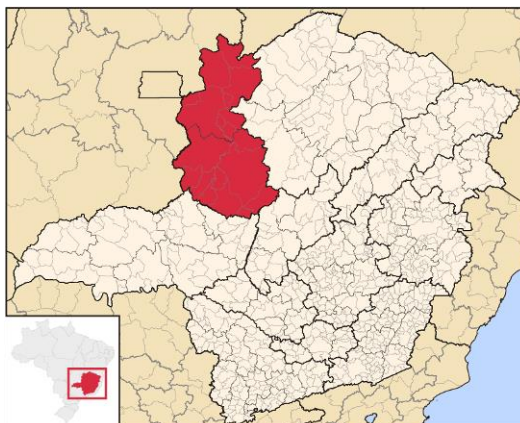


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

O Norte de Minas é a maior mesorregião do estado em extensão territorial (128.602 km<sup>2</sup>), composta por 89 municípios. Com relação ao quadro ambiental, caracteriza-se pela transição do domínio do ecossistema cerrado para a caatinga. As bacias hidrográficas mais importantes, que drenam a região, são a do São Francisco e a do Jequitinhonha, além da bacia do Rio Pardo.

#### 2.2.1.4 Noroeste de Minas

Mapa 6 – Mesorregião Noroeste de Minas

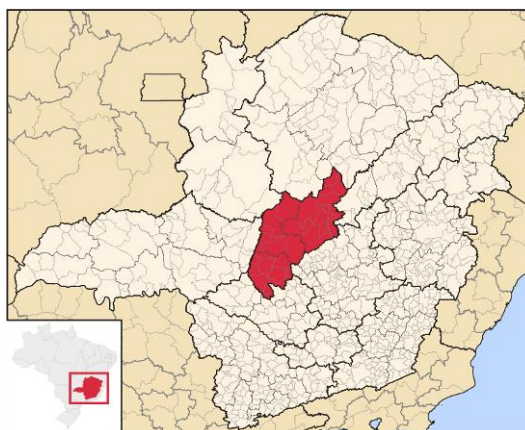


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

O Território Noroeste de Minas é formado pela união de 22 municípios agrupados em duas microrregiões. Em relação aos seus recursos naturais, possui duas importantes bacias hidrográficas, a do Rio Paracatu e do Rio Urucuaia, bacias que diferenciam duas regiões dentro do território, além de contribuir com águas para mais três bacias. O Cerrado é característico na região.

#### 2.2.1.5 Central Mineira

Mapa 7 – Mesorregião Central Mineira



Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

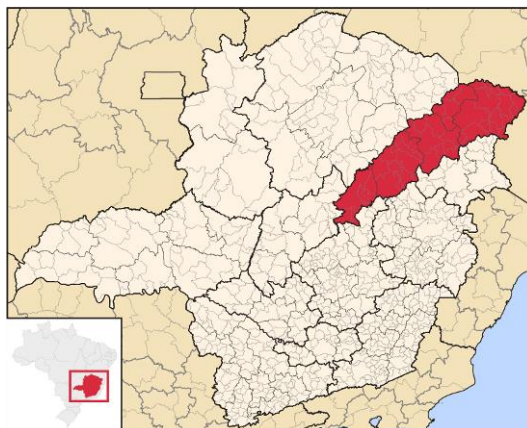
Mesorregião conhecida como Central Mineira é formada pela junção de trinta municípios, os quais se encontram divididos em três microrregiões – Três Marias, Curvelo e Bom Despacho. Definida como uma área de transição, abrange terras drenadas pelo Rio São Francisco e por um de seus afluentes – o Rio das Velhas, tendo ainda como características



naturais o relevo de topografia suave e a vegetação predominantemente marcada pelo cerrado. As condições favoráveis de relevo e de vegetação favoreceram, em meados do século XVII, a expansão das fazendas de gado, que da Bahia alcançaram o São Francisco.

### 2.2.1.6 Jequitinhonha

Mapa 8 – Mesorregião Jequitinhonha

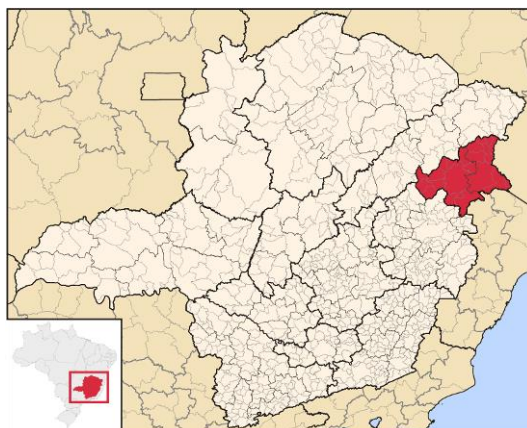


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

A mesorregião do Jequitinhonha, localizada na porção nordeste do estado de Minas Gerais, é composta por 51 municípios. De acordo com Nascimento (2009), o Vale do Jequitinhonha ocupa 14,5% do território de Minas Gerais, com extensão territorial de, aproximadamente, 85 mil km<sup>2</sup>. Os municípios da região estão divididos em três sub-regiões: Alto Jequitinhonha (cujo principal município é Diamantina); Médio Jequitinhonha (na região das cidades de Araçuaí, Itaobim, Itinga e Medina); Baixo Jequitinhonha (composta por municípios da microrregião de Almenara). A sub-região do Alto Jequitinhonha está localizada próxima à nascente do Rio Jequitinhonha – que dá nome ao Vale – enquanto o Baixo Jequitinhonha se localiza próximo ao sul do Estado da Bahia. A região possui um quadro natural bastante diversificado. É banhada pelo rio Jequitinhonha que nasce no município do Serro (MG), e percorre, aproximadamente, 920 km, até chegar à sua foz na cidade de Belmonte (BA).

### 2.2.1.7 Vale do Mucuri

Mapa 9 – Mesorregião Vale do Mucuri



Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

Situado na porção nordeste do estado de Minas Gerais, o Vale do Mucuri é formado pela união de 23 municípios agrupados em duas microrregiões. Seu nome é dado ao fato de o vale ser percorrido pelo Rio Mucuri. Provavelmente a região foi uma das primeiras a ser exploradas no atual estado de Minas Gerais, tendo sido devassada ainda no século XVI. Certa diversidade regional é a tônica na bacia do Mucuri, cuja superfície de 14 mil Km<sup>2</sup>, outrora foi domínio de matas densas com árvores de até 30, 40 metros de altura.

### 2.2.1.8 Vale do Rio Doce

Mapa 10 – Mesorregião Vale do Rio Doce



Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

Região formada pela união de 102 municípios agrupados em sete microrregiões, e tem como cidades principais Aimorés, Caratinga, Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Guanhães, Ipatinga, Mantena, e Timóteo. A região do Vale do Rio Doce, atualmente, é uma

das regiões mais degradadas pela erosão hídrica no estado de Minas Gerais. Essa região foi submetida a um impactante efeito antrópico nos últimos 50 – 60 anos.

### 2.2.1.9 Oeste de Minas

Mapa 11 – Mesorregião Oeste de Minas

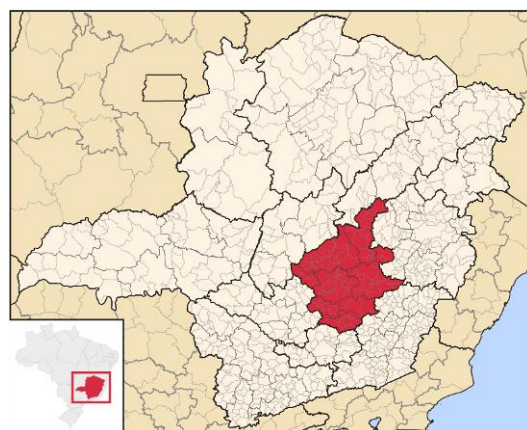


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

É formada pela união de 44 municípios agrupados em cinco microrregiões. Situa-se em uma área de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, o que resulta em uma alta variedade de espécies animais na região.

### 2.2.1.10 Metropolitana de Belo Horizonte

Mapa 12 – Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte



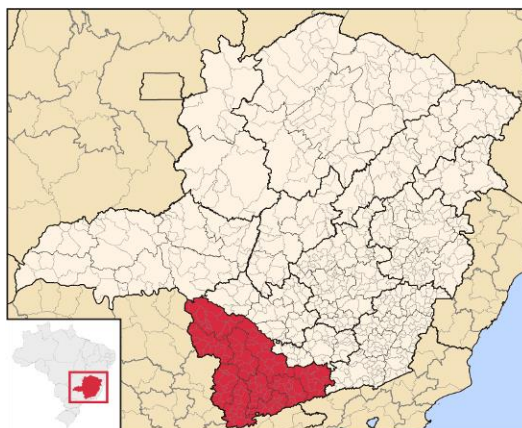
Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

É formada pela união de 105 municípios agrupados em oito microrregiões. De acordo com a estimativa populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a mesorregião conta com treze municípios com mais de 70 mil habitantes - Belo Horizonte, Contagem, Betim, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas, Santa Luzia, Ibirité, Sabará, Conselheiro

Lafaiete, Itabira, Vespasiano, Pará de Minas e João Monlevade – o que faz com que a densidade demográfica seja de aproximadamente 159,6 habitantes por Km<sup>2</sup>. Tendo um índice populacional elevado, é uma das regiões com maior degradação ambiental do estado, o que afeta diretamente na ocorrência de espécimes animais silvestres.

#### 2.2.1.11 Sul/Sudoeste

Mapa 13 – Mesorregião Sul/Sudoeste

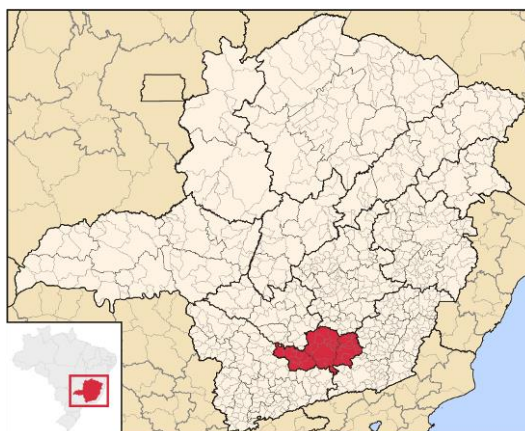


Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

É formada pela união de 146 municípios agrupados em dez microrregiões. Apresenta grandes altitudes e um clima ameno, fortemente influenciado pela serra da Mantiqueira. A economia é altamente agrícola, com destaque para as plantações de café, apesar de estar se tornando um importante polo nacional de desenvolvimento tecnológico e industrial. A Mata Atlântica é o bioma predominante na região.

#### 2.2.1.12 Campo das Vertentes

Mapa 14 – Mesorregião Campo das Vertentes



Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>

É formada pela união de 36 municípios agrupados em três microrregiões: Lavras, Barbacena e São João Del Rei. Esta região tem o nome de Campo das Vertentes por fazer parte da Serra da Mantiqueira, surgindo como um descampado no município de Barbacena. Por isso é também chamada de *Campos da Mantiqueira*. É um importante divisor de águas do planalto brasileiro. Devido ao relevo formado por mares de morros, há muitas nascentes de rios e pequenos cursos de água, contribuindo para a formação de três grandes e importantes bacias hidrográficas do Brasil. Duas de âmbito nacional: as bacias do Paraíba do Sul e do São Francisco e uma internacional, a bacia do Paraná. Os afluentes do Paraíba do Sul são o Rio Pomba, que nasce nas proximidades de Barbacena e o Rio Paraibuna, que nasce na Serra do Ibitipoca. Na Serra do Ouro Branco, contravertente do Rio Piranga, nascem afluentes do Rio Grande. Esse rio, por sua vez, um dos mais importantes tributários do Rio Paraná, tem várias nascentes nesta região, destacando-se as dos famosos Rio das Mortes e Rio Elvas correndo no sentido leste-oeste do centro da região. Já no sentido sul-norte nascem os rios que vertem para o Rio São Francisco; entre Conselheiro Lafaiete e Carandaí, na Serra da Noruega nasce o Rio Paraopeba; em Pedra do Indaiá, serra do Tamanduá nasce o Rio Lambari e o Rio Pará nasce em Desterro.

### **2.2.2 Divisão regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias.**

Em 2017, foi apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) um novo quadro regional vinculado aos processos sociais, políticos e econômicos sucedidos em território nacional, desde a última versão da Divisão Regional do Brasil publicada na década de 1990. Segundo o IBGE, a revisão das unidades mesorregionais e microrregionais, que passaram a se denominar Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas, seguiu uma metodologia comum para todo o território nacional e integrou análises e expectativas de órgãos de planejamento estaduais por meio de uma parceria mediada pela Associação Nacional das Instituições de Planejamento, Pesquisa e Estatística (ANIPES). Tendo em vista o estágio avançado de nosso trabalho, que se iniciou em 2014, e também considerando que o banco de dados do Projeto ATEMIG está organizado respeitando a divisão de mesorregiões, optou-se por manter a divisão regional anterior a 2017.

### **2.2.2.1 Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias de Minas Gerais**

As Regiões Geográficas Imediatas, segundo o IBGE, têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos. As Regiões Geográficas Intermediárias, por sua vez, correspondem a uma escala intermediária entre as Unidades da Federação e as Regiões Geográficas Imediatas. As Regiões Geográficas Intermediárias organizam o território, articulando as Regiões Geográficas Imediatas por meio de um polo de hierarquia superior diferenciado, a partir dos fluxos de gestão privado e público e da existência de funções urbanas de maior complexidade. O quadro com a representação da nova divisão estadual está apresentado no Anexo I da nossa pesquisa.

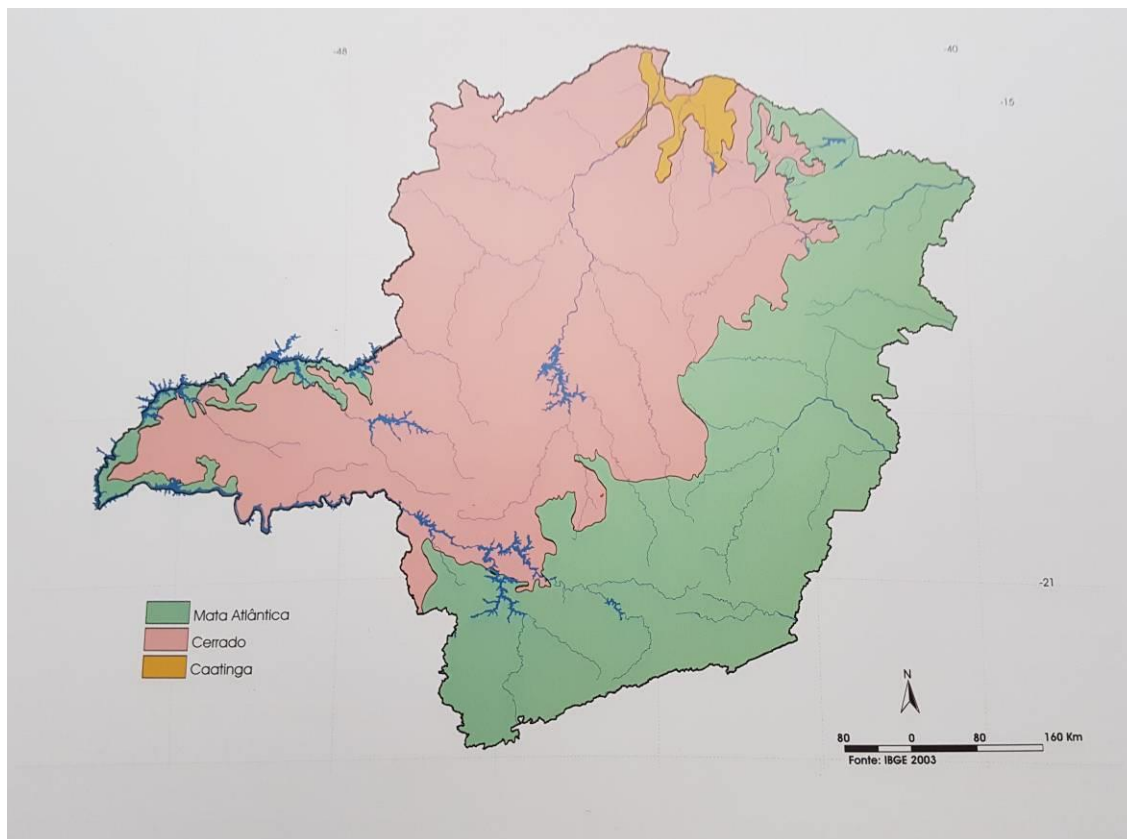
### **2.3 Biomas**

A vasta superfície, o clima, o relevo e os recursos hídricos propiciam o aparecimento de uma cobertura vegetal extremamente rica e diversa em Minas Gerais, agrupada em três grandes biomas: o Cerrado, ocupando 57% da área total do estado, a Mata Atlântica, com cerca de 41%, e a Caatinga, com 2% e as zonas de transição entre eles, com suas inúmeras formações fitoecológicas, responsáveis por uma grande diversidade de paisagens.

Ainda faltam registros científicos sobre a fauna do estado de Minas Gerais, sendo que para cada 5 mil quilômetros de território mineiro existe apenas uma localidade amostrada, de acordo com a Fundação Biodiversitas, um centro de referência no levantamento e na aplicação do conhecimento científico para a conservação da diversidade biológica. Alguns números, entretanto, apontam para a riqueza endêmica e a variedade de espécies para isso, de modo a contribuir para a ocorrência dos três biomas nesse território e a fartura de rios, lagos, lagoas que determinam a vasta diversidade de peixes: das 3 mil espécies brasileiras, 380 ocorrem em Minas (12,5%). Sabe-se, por exemplo, que das 1.678 espécies de aves brasileiras, 46,5% (780 delas) foram verificadas no estado, várias endêmicas. Há em Minas Gerais 190 espécies de mamíferos não aquáticos, o que representa 40% dos catalogados no Brasil; 180 espécies de répteis entre serpentes, lagartos e jacarés, com destaque para as 120 de serpentes quase metade das catalogadas no país; 200 espécies de anfíbios 1/3 das que ocorrem no país sendo vários os gêneros endêmicos de anuros (sapos, rãs e pererecas) da Floresta Atlântica e

das serras do Cipó e da Canastra. Os maiores registros da fauna de Minas Gerais dizem respeito ao Bioma de Floresta Atlântica, sendo pouco conhecidas as indicações de fauna sobre o Cerrado.

Mapa 15 – Biomas Mineiros



Fonte: <http://www.mg.gov.br>

### 2.3.1 Cerrado

Considerado a savana mais rica do mundo, o Cerrado abriga cerca de 5% da biodiversidade do planeta. É o maior bioma de Minas e aparece especialmente nas bacias dos rios São Francisco e Jequitinhonha. É considerado unidade ecológica típica da zona tropical, abrigando vegetação de fisionomia e flora bem característica, constituindo rico patrimônio de diversidade adaptado às condições climáticas, edáficas e púricas.

O termo “Cerrado” origina-se do espanhol e significa fechado, vedado, denso e provavelmente foi empregado na designação de formação vegetal de difícil travessia (RIBEIRO; WALTER, 1998, p. 87).

Fatores temporais (tempo geológico e ecológico) e espaciais (variações locais) são responsáveis pela ocorrência de formações florestais desse bioma. Na escala temporal, grandes alterações climáticas e geomorfológicas teriam causado expansões e retrações das

florestas úmidas e secas da América do Sul originando-o (SALGADO-LABORIAU, 1994, p. 17). Paralelamente, na escala espacial, essas formações seriam influenciadas por variações locais em parâmetros como hidrografia, topografia, profundidade do lençol freático e fertilidade e profundidade dos solos.

Os solos que constituem o Cerrado são antigos, profundos e bem drenados. O teor de matéria orgânica na maioria desses solos é pequeno, além disso, são ácidos e de baixa fertilidade, com níveis altos de ferro, manganês e alumínio. Seu clima é estacional, caracterizado por invernos secos e verões chuvosos.

No Cerrado brasileiro, descrevem-se cinco fitofisionomias: o Cerradão, o Cerrado *Sensu strictu*, Campos Rupestres, Campos Sujos e Campos Limpos, sendo que em cada fitofisionomia podem ser encontradas algumas espécies características.

A fauna de vertebrados é rica, apesar do baixo endemismo das espécies. São conhecidas mais de 400 espécies de aves, 67 gêneros de mamíferos não voadores e 30 espécies de morcegos.

Há algumas ocorrências que podem ser apontadas como típicas nesse bioma. É o caso da jiboia, da cascavel, de várias espécies de jararaca, do lagarto teiú, da ema, da seriema, do joão-de-barro, do anu-preto, da curicaca, do urubu comum, do urubu caçador, do urubu-rei, de arras, tucanos, papagaios e gaviões, do tatu-peba, do tatu-galinha, do tatu-canastra, do tatu-de-rabo-mole, do tamanduá-bandeira, e do tamanduá mirim, do veado campeiro, do cateto, da anta, do cachorro-do-mato, do cachorro-vinagre, do logo-guará, da jaritaca, do gato-mourisco, e muito raramente da onça-parda e da onça-pintada.<sup>28</sup>

A riqueza de invertebrados ainda é desconhecida, mas, a julgar pelo conhecimento pré-existente, deve ser alta. Por exemplo, sabe-se que o cerrado possui grande riqueza de borboletas, mariposas, abelhas e cupins.

Mittermeyer *et al* (1999) estimaram que 67% dessas áreas são consideradas “altamente modificadas” e apenas 20% se encontra em estado original. Assim, esse bioma brasileiro está entre os mais ameaçados do planeta.

### **2.3.2 Mata Atlântica**

A Mata Atlântica é uma das regiões de maior diversidade biológica no mundo, com elevados índices de endemismo, tanto da fauna como da flora. No bioma, ocorrem 27% do total de espécies de plantas do planeta, sendo 8 mil endêmicas (Myers *et al.*, 2000). A diversidade e o número de endemismos entre os vertebrados também são superlativos: no

---

<sup>28</sup> WHATELY, 2003, p. 32



bioma, ocorrem 261 espécies de mamíferos com 160 endêmicas; 620 espécies de aves com 73 endêmicas; 200 répteis com 60 endêmicos e 280 anfíbios, dos quais 253 são endêmicos (MITTERMEIER *et al.*, 1999). De acordo com esses números, 2,1% do total mundial de espécies desses quatro grupos de vertebrados só ocorrem na Mata Atlântica brasileira, tendo ainda como endêmicas 60% das espécies de primatas presentes nessa área.

Em Minas Gerais, a Mata Atlântica é o segundo maior bioma, com uma vegetação densa e permanentemente verde, que ocupa uma área total de cerca de 272.235 km<sup>2</sup> (Fundação SOS Mata Atlântica & INPE, 2011), recobrando todo o leste mineiro com maiores extensões na direção sul/sudeste, além dos vales dos rios Paranaíba, Grande e afluentes, e dos enclaves de araucária no sul do estado. No bioma, ocorrem, ainda, alguns enclaves de cerrado, campos rupestres e campos de altitude. No alto das serras sobre quartzito ou sobre os afloramentos ferruginosos ocorrem os campos rupestres, formações mais típicas da Serra do Espinhaço que podem sofrer influência do Cerrado e da Mata Atlântica (HERRMANN, 2011). Os campos de altitude que sofrem maior influência de elementos da Mata Atlântica são mais característicos da Serra da Mantiqueira, ocorrendo nas serras mais altas sobre solo granito-gnaiss. Por causa das características específicas de solo, clima, e umidade, esses ambientes campestres apresentam uma vegetação altamente especializada com alto grau de endemismo (JOLY, 1970). Os altos graus de riqueza e de diversidade de espécies encontrados nas montanhas tropicais são atribuídos ao efeito da história climática e geológica sobre a evolução biótica; aos vários impactos ambientais sobre os mecanismos de adaptação biótica e; à contínua dispersão da fauna e da flora no tempo (MARTINELLI, 2007). Nessa localidade, encontramos uma imensa variedade de mamíferos (macacos, preguiças, capivaras, onças), de aves (araras, papagaios, beija-flores), de répteis, de anfíbios e diversos invertebrados. As espécies com distribuição restrita têm muito mais possibilidades de serem extintas por um evento catastrófico qualquer, ou simplesmente pela ocupação humana desordenada, do que espécies amplamente distribuídas (GIULIETTI *et al.*, 2009).

Atualmente todas as tipologias vegetais da Mata Atlântica em Minas Gerais encontram-se altamente fragmentadas.

### **2.3.3 Caatinga**

A caatinga, o único bioma exclusivamente brasileiro, possui uma área aproximada de 830.000 km<sup>2</sup>, estendendo-se pela região semiárida dos estados do Ceará, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e em menores proporções nos

estados de Minas Gerais e Maranhão. O nome “caatinga” é de origem Tupi-Guarani e significa floresta branca, que certamente caracteriza bem o aspecto da vegetação na estação seca, quando as folhas caem (PRADO, 2003, p.27). O bioma é um mosaico de florestas secas e savanas, com enclaves de florestas úmidas nas maiores altitudes e de cerrados. A classificação das fitofisionomias da caatinga é uma tarefa complexa, principalmente nas regiões de contato com outros biomas.

Segundo Herrmann (2012, p. 44-46), de uma maneira geral, a diversificação de paisagens e tipos vegetacionais da Caatinga está relacionada às variações geomorfológicas, climáticas e topográficas, o que influencia a distribuição, riqueza e diversidade de suas espécies vegetais. Atualmente a paisagem é dominada por uma vegetação arbustiva, ramificada e espinhosa, muitas bromeliáceas, euforbiáceas e cactáceas, sendo que a caatinga arbórea é rara, restrita aos solos mais ricos em nutrientes, encontrando-se fragmentada. É um dos biomas menos conhecidos da América do Sul, sendo que em cerca de 40% de sua área nunca foi realizado estudos botânicos. Apesar do conhecimento sobre a biodiversidade do bioma ser incompleto, já foram registradas mais de 2.000 espécies de plantas vasculares, peixes, répteis, anfíbios, aves e mamíferos, sendo que o nível de endemismo encontrado para as espécies vegetais é bastante alto.

A fauna da Caatinga é bastante rica e possui espécies variadas como o veado-catingueiro, preá, gambá, arara azul, cutia, entre outras como cachorro do mato, insetos, aracnídeos e roedores diversos.

#### **2.4 Animais ameaçados de extinção**

Conforme o homem evolui, os territórios naturais são reduzidos e a vida animal, antes existente naquele território, afasta-se. A toponímia revela o passado para o presente, dessa forma é possível identificar traços desses antigos habitantes.

O processo de extinção de espécies, assim como o seu surgimento, é um evento natural. Contudo, tal processo, que deveria ser lento, vem sendo drasticamente acelerado pela ação do homem. O desmatamento provocado pela pecuária, a poluição e a expansão urbana, fazem com que espécies silvestres diminuam ou desapareçam.

Segundo dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), o Brasil possui 627 espécies animais ameaçadas de extinção. Tais espécies foram classificadas, segundo seu nível de ameaça. Ainda, de acordo com o Instituto, na avaliação

regional, uma espécie pode ser enquadrada em onze categorias distintas, conforme o grau do risco de extinção em que se encontra. Sendo assim, uma espécie pode ser considerada:

- Extinta (EX) – Extinct
- Extinta na Natureza (EW) – Extinct in the Wild
- Regionalmente Extinta (RE) – Regionally Extinct
- Criticamente em Perigo (CR) – Critically Endangered
- Em Perigo (EN) – Endangered
- Vulnerável (VU) – Vulnerable
- Quase Ameaçada (NT) – Near Threatened
- Menos Preocupante (LC) – Least Concern
- Dados Insuficientes (DD) – Data Deficient
- Não Aplicável (NA) – Not Applicable
- Não Avaliada (NE) – Not Evaluated

A referida classificação foi elaborada seguindo os parâmetros metodológicos da *Lista Vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza*, publicada em 1963. Há, ainda, cinco critérios quantitativos, que são utilizados para determinar se uma espécie está ameaçada de extinção e qual categoria de risco de extinção em que se encontra (criticamente em perigo, em perigo ou vulnerável). A maioria deles inclui subcritérios que são usados para justificar mais especificamente a classificação de uma espécie em determinada categoria. Os cinco critérios são: 1. Redução da população; 2. Distribuição geográfica restrita e apresentando fragmentação, declínio ou flutuações; 3. População pequena e com fragmentação, declínio ou flutuações; 4. População muito pequena ou distribuição muito restrita; 5. Análise quantitativa de risco de extinção.

A seguir descreveremos, brevemente, cada categoria:

**a) Extinta**

Uma espécie é considerada *extinta* quando não restam quaisquer dúvidas de que o último indivíduo tenha morrido e presumivelmente extinta quando exaustivos levantamentos no *habitat* conhecido e potencial, em períodos apropriados (do dia, estação e ano), realizados em toda a sua área de distribuição histórica, falharam em registrar a espécie.

**b) Extinta na natureza**

Uma espécie está *extinta na natureza* quando sua sobrevivência é conhecida apenas em cultivo, cativeiro ou como uma população (ou populações) naturalizada fora da sua área de distribuição natural.

**c) Regionalmente extinta**

Categoria para uma espécie quando não há dúvida razoável de que o último indivíduo potencialmente capaz de se reproduzir na região tenha morrido ou desaparecido da natureza, ou no caso de ser uma espécie visitante, o último indivíduo tenha morrido ou desaparecido da natureza, na região.

**d) Criticamente em perigo**

Uma espécie é considerada *criticamente em perigo* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios 1 a 5 para *criticamente em perigo*, e por isso se considera que está enfrentando um risco extremamente alto de extinção na natureza.

**e) Em perigo**

Uma espécie é considerada *em perigo* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios 1 a 5 para *em perigo*, e por isso se considera que está enfrentando um risco muito alto de extinção na natureza.

**f) Vulnerável**

Uma espécie está *vulnerável* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios 1 a 5 para *vulnerável*, e por isso se considera que está enfrentando um risco alto de extinção na natureza.

**g) Quase ameaçada**

Uma espécie é considerada quase ameaçada quando, ao ser avaliada pelos critérios, não se qualifica atualmente como *criticamente em perigo*, *em perigo* ou *vulnerável*, mas está perto da qualificação ou é provável que venha a se enquadrar em uma categoria de ameaça num futuro próximo.

**h) Menos preocupante**

Uma espécie é considerada *menos preocupante* quando é avaliada pelos critérios e não se qualifica como *criticamente em perigo*, *em perigo*, *vulnerável* ou *quase ameaçada*. Espécies de distribuição ampla e espécies abundantes são incluídas nesta categoria.

**i) Dados insuficientes**

Uma espécie é considerada com *dados insuficientes* quando não há informação adequada para fazer uma avaliação direta ou indireta do seu risco de extinção, com base na sua distribuição e/ou estado da população.

**j) Não aplicável**

Categoria de uma espécie considerada *inelegível* para ser avaliada em nível regional.

**k) Não avaliada**

Uma espécie é dita *não avaliada* quando ainda não foi avaliada sob os critérios UICN (União Internacional para Conservação da Natureza).

#### **2.4.1 Zootopônimos Relativos a Animais Ameaçados**

Das 364 bases léxicas coletadas em nossa pesquisa, verificamos que 68 se referem a animais com algum tipo de ameaça de extinção, o que equivale a 18.7% dos dados. Animais como o veado, o jacaré, a onça e o mítico lobo, cujas populações são escassas no território mineiro, figuram na lista dos zootopônimos mais recorrentes no estado, o que reforça a máxima de que o topônimo nos remete a informações passadas, apontando para a existência pretérita de animais hoje inexistentes em determinadas regiões

A relação detalhada dos zootopônimos mineiros que se tratam de animais com algum nível de ameaça de extinção será apresentada no capítulo 5.

Descritos os aspectos das regiões mineiras que serão relevantes para o desenvolvimento da nossa pesquisa, passaremos, no capítulo 3, à apresentação dos pressupostos teóricos e metodológicos seguidos para a realização deste estudo.



*Temos dois tamanduás,  
Um bandeira, outro mirim,  
Temos o mono, o saugüim,  
O gambá e a capivara.*

*Há outra onça pequena,  
Que é do tamanho dum cão,  
E há também pelo sertão  
A grande suçupara.*

*Há mocós, há percás,  
Há quatis e há cutia,  
Há paca, que foge ao dia,  
Jeriticaca e tiiü.*

*Temos menor que o sagüim,  
Um tal caxinganguelê,  
Que raras vezes se vê,  
Camaleão e tatu.<sup>29</sup>*

<sup>29</sup> LISBOA, 2002, p. 43.

### **CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa está alicerçada, como apresentado nos capítulos anteriores, nos pressupostos teóricos dos estudos lexicais, da variação e mudança linguística e da investigação toponímica. Neste capítulo apresentaremos tais pressupostos e sua aplicação em nossa pesquisa.

O estudo lexical representa, normalmente, os ambientes físico e social dos falantes de dada língua. Nosso referencial teórico, relativo a essa área de estudo, seguirá os pressupostos de Sapir (1961), que afirma que: “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade”<sup>30</sup>. As palavras não só nomeiam, mas também traduzem e registram o conhecimento de mundo dos indivíduos de uma comunidade e essa relação é também observada no léxico toponímico:

À medida que concebemos o topônimo como um signo que materializa a solidificação dessa relação entre léxico e ambiente e, nesse contexto, a perspectiva do denominador é fator determinante na dinâmica da nomeação de um espaço geográfico. Consequentemente, o traço ambiental regional de maior interesse no ato de enunciação do novo nome é perpetuado no signo toponímico.<sup>31</sup>

Serão observadas, ainda, as orientações teóricas de Matoré (1953), preconizador da ideia de que o léxico é “testemunha da sociedade” e reflete as diferentes fases que determinam e compõem a história da sociedade. A palavra, para o teórico, é, por excelência, o fato social mais relevante e deve estar sempre ancorada por um contexto.

Os pressupostos teóricos relacionados à mudança linguística, por sua vez, são orientados pelos estudos de Labov (1974). De acordo com Tarallo (2007, p. 7), Labov foi “[...] quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. Labov propôs um modelo teórico metodológico que, levando em conta a relação existente entre língua e sociedade, era capaz de sistematizar a ‘variação natural’ da língua falada. O método proposto por Labov leva em conta a dimensão histórica; uma vez que seus estudos consideram que o processo de investigação “se inicia no presente, volta-se ao passado para se fazer o encaixamento histórico das variantes e retorna-se para o presente para o enceramento do ciclo de análise”. Assumimos tal método no trabalho em questão, a fim de observarmos como se dá o processo de variação e mudança linguística dos topônimos ao longo dos anos.

---

<sup>30</sup> SAPIR, 1961, p.45

<sup>31</sup> ISQUERDO, 2012, p. 132.

Dessa forma, a pesquisa observou os zootopônimos em mapas históricos dos séculos XVIII e XIX, a fim de fazer uma comparação entre os dados.

A investigação toponímica será a base norteadora da nossa pesquisa. Para realizá-la nos apoiaremos nas teorias de Dauzat (1926) e Dick (1990a; 1990b; 2004; 2006), que propõem modelo teórico-metodológico toponímico de origem indutivo-dedutiva, segundo os procedimentos onomasiológico-semasiológicos característicos da pesquisa lexical.

Segundo Dick, o modelo construído para a investigação toponímica propriamente dita não difere do método científico de análise em geral e dos princípios de metodologia aceitos. Para a autora, tal modelo envolve, sistematicamente, quatro pontos: a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida é verificar as possibilidades de realização do tema escolhido, já enunciando as etapas admissíveis para esse exame; b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou do objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador; c) tratamento dos dados ou do *corpus*; d) conclusão e bibliografia utilizada e suporte.<sup>32</sup>

Características da própria construção do texto onomástico estão envolvidos na metodologia adotada em uma pesquisa toponímica, contudo, com diferentes proporções relativas ao seu alcance. Ainda de acordo com Dick

enquanto um tem por concepção uma visão mais teórica, ampla e abrangente do conhecimento científico advindo dos [...], que representam outra maneira de se estudar a língua e suas variações; o outro [...] busca o conhecimento prático das parcialidades locais/regionais, segundo os modelos teóricos propostos, visando a (re)construção de uma tipologia onomástica de aplicação mais ampla, a partir de novas formas recolhidas.(DICK, 2006, p.101)

Como a presente pesquisa se constitui a partir de uma investigação toponímica, adotaremos o seguinte roteiro, proposto pela autora, e adaptado por Carvalho (2014) em sua pesquisa intitulada *Hagiotoponímia em Minas Gerais*:

- a) partimos, inicialmente, da hipótese de que, em Minas Gerais, o emprego dos nomes de animais na toponímia relaciona-se diretamente com o processo de povoamento do estado.
- b) de maneira vinculada ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – verificou-se como se dá a distribuição geográfica dos zootopônimos nas

---

<sup>32</sup> DICK, 2006, p.100-101



doze mesorregiões mineiras, a partir da coleta e organização de topônimos que constam do banco de dados do Projeto, constituindo, assim, um *corpus* de dados contemporâneos. Realizamos, ainda, uma análise diacrônica, onde foram consultados mapas dos séculos XVIII e XIX, cujos zootopônimos coletados compõem um *corpus* de dados históricos.

- c) a fase de tratamento e de análise dos dados se dará sob três enfoques: i) análise descritiva, na qual as ocorrências zootoponímicas dos dois *corpora* foram sistematizadas em fichas lexicográficas; ii) análise quantitativa, em que foi explicitado o conteúdo das fichas em gráficos e tabelas, além de análises referentes à estrutura e ao processo de formação morfológica, ao gênero e à variação dos topônimos; iii) análise geotoponímica, na qual os topônimos do *corpus* de dados contemporâneos foram organizados segundo sua distribuição geográfica em cartas toponímicas.

### **3.1 Construção dos *corpora***

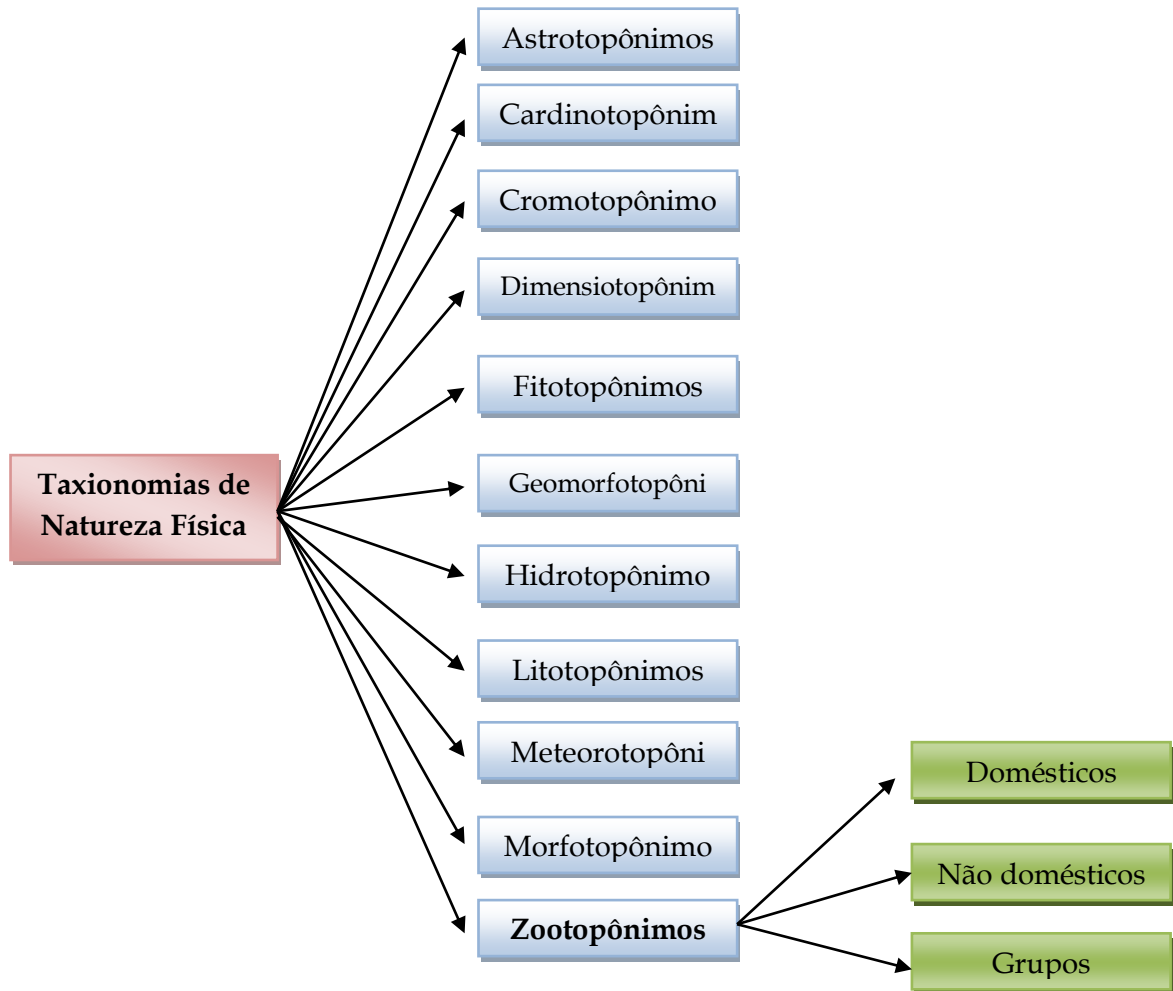
#### **3.1.1 *Corpus* de dados contemporâneos**

O projeto ATEMIG (FALE/UFMG) realiza o detalhamento e a análise da realidade toponímica de todo território mineiro, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos de Dauzat (1926) e Dick (1990a e 1990b). Para esse fim, foram coletados todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, cachoeiras, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios mineiros, somando, até o momento, 85.391 topônimos.

Os dados levantados foram registrados em tabelas, que especificam o tipo de acidente geográfico, a origem etimológica do nome e distribuição toponímica em categorias taxonômicas. Parte desses itens já foi catalogada em fichas lexicográficas toponímicas, de acordo com modelo proposto por Dick (2004).

Os topônimos que constituem o *corpus* da nossa pesquisa são provenientes do banco de dados do Projeto ATEMIG, do qual foram extraídos todos os nomes de índole animal, ou zootopônimos, segundo a taxionomia proposta por Dick (1990). Segundo apresentação anterior, os zootopônimos compõem os topônimos de natureza física, conforme podemos observar no esquema a seguir:

Figura 5 – A Taxe de Natureza Física e suas Subdivisões



Fonte: Elaboração própria

Os zootopônimos subdividem-se em três grupos: os domésticos<sup>33</sup> – topônimos referentes a animais criados pelo homem para uma certa finalidade, o que implica em um manejo dessas espécies. Exemplo: Fazenda Cachorro, Córrego do Boi, Córrego da Novilha Brava; os não domésticos – topônimos referentes a animais que habitam seus ecossistemas de origem, constituindo populações sujeitas à seleção natural, cuja reprodução e genética não foram controladas pelo homem. Exemplo: Ribeirão do Guará, Lagoa Jacaré, Córrego do

<sup>33</sup> A fim de determinar com maior precisão se os zootopônimos são referentes espécies animais domésticas ou não domésticas, nos baseamos no Artigo 2º da Portaria IBAMA nº 93, de 07 de Julho de 1998 (Anexo II)

Onça; os grupos – topônimos referentes a grupos de animais da mesma espécie. Exemplo: Ribeirão da Boiada; Vacaria.

### **3.1.1.1 Categorias taxonômicas da Zoologia**

O naturalista, médico e professor sueco Carlos Lineu propôs, em 1735, um sistema de classificação e de nomenclatura das espécies que vigora, com poucas alterações, até os dias de hoje. Tais estudos taxonômicos possibilitaram o reconhecimento de espécies semelhantes e seu agrupamento em gêneros. Segundo Uzunian e Birner (2004, p.62), os gêneros são reunidos, se tiverem algumas características comuns, formam uma família. Famílias, por sua vez, são agrupadas em uma ordem. Ordens são reunidas em uma classe. Classes de seres vivos são reunidas em filos. E os filos são, finalmente, componentes de algum dos cinco reinos.

Em nossa pesquisa, utilizaremos a categorização relativa às classes animais, pois, além de se tratar do sistema taxonômico mais utilizado na biologia moderna, possui nomenclatura comum e de fácil assimilação. Foram verificados, neste estudo, zootopônimos relativos à classe dos mamíferos, das aves, dos insetos, dos peixes, dos répteis, dos moluscos, dos crustáceos, dos anfíbios, dos anelídeos e das esponjas.

### **3.1.2 Corpus de dados históricos**

Uma das fontes consultadas para construção do *corpus* de dados histórico da pesquisa trata-se de mapas dos séculos XVIII e XIX que integram o trabalho *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, organizado por Costa *et al* (2002). O trabalho é uma obra sobre a cartografia brasileira do Período Colonial e Imperial composta por 31 pranchas cartográficas de Minas Gerais, sendo 25 do Período Colonial, das quais seis referem-se a mapas regionais, sete referem-se especificamente à área da Demarcação Diamantina, nove tratam de Divisões Administrativas e quatro sobre as Capitânicas, mas de modo amplo. As demais pranchas referem-se à Província.

Também foram consultados dados do Repositório *Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino* –Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas, organizado por Santos *et al* (2017). O Repositório “reúne informações sobre os topônimos formados no processo de ocupação e de definição do território de Minas Gerais,

registrados em mapas, elaborados da segunda metade do Setecentos ao Oitocentos Joanino”<sup>34</sup>. As informações, apresentadas no banco, resultam de análises geográficas e linguísticas realizadas, diatópica e diacronicamente, e ressaltam variáveis, como a situação político-administrativa, a natureza, a origem e a motivação dos nomes dos lugares estudados.

Nossa terceira fonte de consulta foi atlas digital *Patrimônio Toponímico da Cartografia Histórica de Minas Gerais*. O trabalho, que conta com a coordenação de Santos e Seabra (2016), apresenta os resultados de estudo realizados em 15 mapas do período Colonial (1720-1808) e Joanino (1808) do território mineiro, escolhidos segundo os critérios: data de realização; escala geográfica, natureza das representações; conhecimento e propriedade cartográficas.

A seguir a relação das cartas que compõem as obras citadas, organizadas segundo período histórico:

Quadro 2 – Mapas Históricos Consultados– Século XVIII/ 1ª Metade

<b>Autor</b>	<b>Mapa</b>	<b>Ano</b>
Anônimo	<b>MAPA DAS MINAS DO OURO E S. PAULO E COSTA DO MAR QUE HTE PRETENCE.</b> CA. 51,1 x61,8 cm. Aquarela colorida;  <i>BN (CEH 2788) – Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1720
Anônimo	<b>Borrao para fazer um mapa da comarca do Serro Frio).</b> 30 x 42 cm, rascunho a pena;  <i>BN (CEH 3192) . Fato: Vicente Mello- CRCH</i>	1724
Anônimo	<b>Mapa da demarcação da terra que produz diamantes.</b> 26 x 33 cm, aquarela colorida;  <i>AHU (n. 247/1153)- Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra- Projeto Resgate</i>	1729
OLIVEYRA, Jozeph Rodrigues de.	<b>CARTA TOPOGRAPHICA das Terras entremeyas do sertão e destrito do SERRO DO FRIO com as novas minas dos</b>	1731

<sup>34</sup>SANTOS, 2017 (repositoriotoponomia.com.br/, acesso em 20/06/2018)

	<p><b>diamantes. oferecida ao Eminentíssimo Senhor CARDEAL DA MOTA. Por Jozeph Rodrigues de Oliveyra, capitão mandante dos dragões daquelle Estado.</b> 48,1 x 59,5 cm, aquarela;  <i>AHEx (n. 06.01.1135; CEH 3193) - Foto: Vicente Mella· CRCH</i></p>	
SOARES, Diogo.	<p><b>MAPA da região entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí.</b> (Região de Minas Novas, 16° 30' - 18° S) Diogo Soares. 19,9 x 31,4 cm, aquarela colorida;  <i>AHU (n. 265/7174). Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra. Projeto Resgate</i></p>	1734/5
SOARES, Diogo	<p><b>MAPA da região entre os rios Araçuaí, Jequitinhonha e Rio das Velhas</b> (Distrito dos diamantes do Serro Frio, 17° 45' - 19° 15' S) 19,8 x 32,4 em, aquarela colorida;  <i>AHU (n. 265/1112). Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra - Projeto Resgate</i></p>	1734/5
SOARES, Diogo.	<p><b>MAPA da região do alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba].</b> (Região das minas de ouro, 19° - 20° 30' S) 19,7 x 32,4 cm, aquarela colorida;  <i>AHU (n. 265/11 73). Foto: Laura Castro Caldos e Paulo Cintra . Projeto Resgate.</i></p>	1734/5
SOARES, Diogo	<p><b>MAPA abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Ribeirão do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba e o Rio São Francisco).</b> (Região da Zona da Mata, 200 - 21030' S). 19,7 x 32,4 cm, aquarela colorida;  <i>AHU (n. 265/1175). Foto: Laura Castro Coldas e Paulo Cintra . Projeto Resgate.</i></p>	1734/5

Fonte: Dados da Pesquisa

Quadro 3 - Mapas Históricos Consultados– Século XVIII/ 2ª Metade

Autor	Mapa	Ano
Anônimo	<b>MAPA da freguesia da Manga.</b> 84 x 61 em, aquarela colorida; <i>AHU (n. 252//158). Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra. Projeto Resgate.</i>	1764
Anônimo	<b>CARTA GEOGRAFICA do Termo de Villa Rica, em q' se mostra que os Arrayaes das Catas Altas da Noroega, Itaberava, e Carijos Ihe ficção mais perto, q' ao da Villa de S. Jose a q'perteneem, e igualmente o de S. Antonio do Rio das Pedras, q' toca ao do Sabará, o q' se mostra, pela Escala, ou Petipe de leguas.</b> 51,4 x 41,5 cm, aquarela colorida; <i>AHU (n. 253/1160) . Foto: Lauro Castro Caldos e Paulo Cintra . Projeto Resgate</i>	1766
Anônimo	<b>CARTA Geográfica da Capitania de Minas Geraes, e partes Confinantes.</b> <i>AHEX, Rio de Janeiro, Brasil).</i>	1767
ROCHA, José Joaquim da.	<b>MAPPA da Capitania de Minas Geraes: que mandou faze o Ill. mo, e Ex.mo Senhor D. Anto. De Noronha, Governador e Capitão Gen.al da mesma Capitania.</b> <i>BN, Rio de Janeiro Brasil</i>	1777
ROCHA, José Joaquim da.	<b>Mappa da Capitania de Minas Geraes Com a Devisa de Suas Comarcas.</b> AEX, Rio de Janeiro	1778
Anônimo	<b>MAPA Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes.</b> <i>BN, Rio de Janeiro, Brasil.</i>	1791
Anônimo	<b>Mappa da Conquista do Mestre de Campo Ignacio Correya Pamplona, Regente Chefe da Legião.</b> 32 x 40 cm <i>AHU (n. 258/1165). Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra .</i>	1784

	<i>Projeto Resgate.</i>	
Anônimo	<b>CARTA TOPOGRAFICA DAS TERRAS DIAMANTINAS em que se descrevem todos os Rios corgos e lugares mais notáveis que nellas se contem. Para ver o III<sup>mo</sup>. Exmo. SENHOR MARQUEZ DE POMBAL DO CONSELHO DE ESTADO.</b> 48,1 x 64,7 cm, aquarela colorida; <i>AHEX (n. 06.01.1132, CEH 3789) . Foto: Vicente Mello· CRCH</i>	1770
Anônimo	<b>MAPA DA DEMARCAÇÃO DIAMANTINA.</b> 49,1 x 65,1 cm, aquarela colorida; <i>AHEX (n. 05.05.1109, CEH 3190) . Foto: Vicente Mello· CRCH</i>	1776
ROCHA, José Joaquim da.	<b>MAPPA da Comarca do Ro. das Mortes, pertencente a capitania de Minas geraes.</b>  <i>BN, Rio de Janeiro, Brasil</i>	1777
ROCHA, Joaquim José da	<b>Mappa da comarca do Sabara pertencente a capitania de Minas Geraes.</b>  <i>BN, Rio de Janeiro, Brasil</i>	1777
ROCHA, Joaquim José da.	<b>MAPPA da Comarca do R.o das Mortes.</b>  <i>AHEX, Rio de Janeiro, Brasil</i>	1778
ROCHA, Joaquim José da.	<b>MAPPA da Comarca do Serro Frio.</b>  <i>AHEX. Rio de Janeiro, Brasil</i>	1778
ROCHA, Joaquim José da.	<b>MAPPA da Comarca de Villa Rica.</b>  <i>AHEX. Rio de Janeiro, Brasil</i>	1778

ROCHA, Joaquim José da.	<b>MAPPA da Comarca de Villa Rica.</b> BN. Rio de Janeiro, Brasil	1779
Anônimo	<b>Pequena planta do Arraial do Tejuco.</b> 17 x 21,7 cm, aquarela colorida; <i>AHU (n. 255/1162) . Foto: Lauro Castro Caldas e Paulo Cintro . Projeto Resgate</i>	1774
ROCHA, José Joaquim da.	<b>MOSTRACE NESTE MAPA O JULGADO DAS CABECEIRAS DO RIO DAS VELHAS E PARTE DA CAPITANIA DE MINAS GERAES CON A DEVIZA DE AMBAS AS CAPITANIAS.</b> 48 x 41 cm, aquarela colorida (fragmento); <i>MI (Inv. n. 1590)· Foto: Vicente Mello· CRCH</i>	1780
Anônimo	<b>PLANTA DO ARRAIAL DO TEJUCO.</b> 38,9 x 52,0 cm, aquarela colorida; <i>AHEX (n. 06.01.1131, CEH 3207) . Foto: Vicente Mello· CRCH.</i>	1784
MIRANDA, Antônio Pinto de.	<b>MAPA DA DEMARCAÇÃO DIAMANTINA ACRESCENTADO [A]THE O RIO PARDO.</b> 72,0 x 97,5 em (falta a parte direita ou norte), aquarela colorida; <i>AHEX (n. 06.01. 1134, CEH 3191) . Foto: Vicente Mello· CRCH.</i>	1784
Anônimo	<b>Demarcação Diamantina. Com 18 Legoas de comprimento, que fazem huma circunferencia de 51 Legoas.</b> 57,7 x 44,7 em aquarela colorida; <i>AHU (n. 260/1167) • Foto: Lauro Castro Caldas e Paulo Cintro . Projeto Resgate.</i>	1787
Anônimo	<b>Mappa Do Termo da Real Villa de Queluz segundo as observaçoens de Capaci e, Demos Correctas, e emendadas as Alturas Variantes para conhecimentos da verdade.</b> 43,2 x 42,1 cm;	1790



	<i>AHU (n. 262/1169) . Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra . Projeto Resgate.</i>	
ROCHA, José Joaquim da.	<b>MAPPA da Capitania de Minas Geraes.</b> BMP, Porto, Portugal	1793
SALES, Francisco	<b>MAPPA DE TODA A EXTENÇÃO DA CAMPANHA da PRINCEZA, feixada pelo Rio Grande, e pelos registos, que limitão a Capitania de Minas.</b> 35 x 41 cm, gravura manuscrita a traco: <i>AHU (n. 263/1170) - Foto: Laura Castro Caldas e Paulo Cintra - Projeto Resgate.</i>	1799
SHILICHT, Manheim	<b>PLANTA GERAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAES.</b> 47,0 x 39,4 cm, litografia <i>BN (CEH 3162) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1800

Fonte: Dados da Pesquisa

Quadro 4 - Mapas Históricos Consultados– Século XIX/ 1ª Metade

<b>Autor</b>	<b>Mapa</b>	<b>Ano</b>
VILLAS BOAS	<b>CARTA da Nova Lorena Diamantina.</b> 45,0 x 35,6 cm, litografia; <i>AHU (n. 269/1179) . Foto: Lauro Castro Caldas e Paulo Cintra . Projeto Resgate.</i>	1802
MIRANDA, Caetano Luís.	<b>Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes.</b> 75,0 x 68,2 cm, aquarela; <i>AHEX (n. 24.01.1121) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1804
TAVARES, Antônio Vilella de Castro.	<b>MAPPA da Capitania de Minas Geraes. Copiado pelo Cap. Antônio Vilella de Castro Tavares em 1870.</b> <i>AHEX, Rio de Janeiro, Brasil</i>	1808
Anônimo	<b>Novo Mappa Topografico orientado, e geograficamente exposto para o</b>	1809

	<p>mais verdadeiro e exato conhecimento do terreno que formava o Termo da Villa de S. Joao del Rey antes da criação da de Campanha, com os julgados nelle eomprehendidos dos quais a Camera daquela Villa de S. Joao percebia, e administrava as respectivas rendas. 61 x 54 cm, aquarela colorida;</p> <p><i>AN (F2/Map.1 . 4/5) . Foto: Vicente Mello· CRCH.</i></p>	
MIRANDA, C.L.	<p><b>Mappa da Freguezia da Villa do Principe que contem á Nordeste a Applicação do Rio Preto: no Centro a Demarcação Diamantina, encravada nesta, e em parte da Freguezia do Rio Vermelho ao Oriente; e a Ssueste o Território da Villa do Principe, Itambé, Rio do Peixe e Guanhês.</b> 32,3 x 29,2 cm, aquarela;</p> <p><i>AHEX (n. 06.01.1127, CEH 3208) . Foto: Vicente Mello· CRCH</i></p>	1820
ESCHWEGE, Barão	<p><b>Novo Mappa da Capitania de Minas Geraes levantado por Guilherme Barão D'Eschewege. Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros.</b></p> <p><i>GEAEM. Lisboa. Portugal</i></p>	1821
ESCWEGE, Barão.	<p><b>Theil der neuen Karte der Capitania von Minas Geraes. Aufgenommen von W. von ESCHWEGE.</b> 55,0 x 45,S cm, litografia/prancha;</p> <p><i>BN (CEH 11945) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i></p>	1821
Anônimo	<p><b>CARTA TOPOGRAPHICA E ADMINISTRATIVA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES Erigida sobre os documentos mais modernos pelo VCDE. DE VILLIERS DE L'ILE ADAM.</b> 44,S x 57,4 em, litografia;</p> <p><i>BN (CEH 3167) - Foto: Vicente Mello – CRCH.</i></p>	1849

Fonte: Dados da Pesquisa

Quadro 5 - Mapas Históricos Consultados– Século XIX/ 2ª Metade

Autor	Mapa	Ano
WAGNER, Frederico	<b>CARTA CHOROGRAPHICA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das observações mais recentes de varios Engenheiros, por Ordem do ILLMO. E EXMO. SR. DOUTOR FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELOS, Presidente desta Província. Por FREDERICO WAGNER. Ouro Preto. 67,6 x 76,S cm, litografia;</b> <i>BN (CEH 3169) - Foto; Vicente Mello – CRCH</i>	1855
GERBER, Henrique	<b>CARTA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES coordenado POR ORDEM DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSE BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO PRESIDENTE DA PROVINCIA segundo os dados officaes existentes e muitas próprias observações por Henrique Gerber ENGENHEIRO DA MESMA PROVINCIA. litografia;</b> <i>BN (CEH 3170) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1862
SILVARES, José Ribeiro da Fonseca	<b>PROVINCIA DE MINAS GERAES segundo oprojecto de nova divisão do Império pelo Deputado CRUZ MACHADO e mandada lithographar pelo IIImo.Exmo.Sñr. Conselheiro JOAO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, MINISTRO DO IMPERIO-e desenhada por Jose Ribeiro da Fonseca Silvares. 56 x 55 cm, litografia;</b> <i>AHEx (n. 06.01.1141 CEH 1140) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1873
Anônimo	<b>- PLANTA GERAL DA ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II E DAS OUTRAS ESTRADAS DE FERRO DAS PROVINCIAS DO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E MINAS GERAES DO IMPÉRIO DO BRASIL organizada pela administração da mesma ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II. 2 folhas de 59x 62 cm e 59 x 61 cm, litografia;</b> <i>AN (4Q/MAP.642-29/7) - Foto: Vicente Mello – CRCH</i>	1879

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com os objetivos propostos, os mapas foram organizados, por período histórico, em quatro grupos. Já os topônimos coletados foram sistematizados em quadros de acordo com a categoria toponímica estudada, conforme é apresentado a seguir:

Quadro 6 – Animais domésticos

<b>Ocorrências dos Topônimos</b> <b>Período</b>	<b>Animais Domésticos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade	
Séc.XVIII – 2ª metade	
Séc.XIX – 1ª metade	
Séc.XIX – 2ª metade	

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptado.

Quadro 7 – Animais não domésticos

<b>Ocorrências dos Topônimos</b> <b>Período</b>	<b>Animais Não Domésticos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade	
Séc.XVIII – 2ª metade	
Séc.XIX – 1ª metade	
Séc.XIX – 2ª metade	

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptado.

Quadro 8 – Grupos

<b>Ocorrências dos Topônimos</b> <b>Período</b>	<b>Grupos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade	
Séc.XVIII – 2ª metade	
Séc.XIX – 1ª metade	
Séc.XIX – 2ª metade	

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptado.

### 3.2 Tratamento e análise de dados

O tratamento e a análise de dados se dão sob três focos elucidativos: análise descritiva, análise quantitativa e análise geotoponímica.

### 3.2.1 Análise descritiva

A quantificação dos topônimos que integram os *corpora* foi realizada de maneira separada e distinta. Os dados contemporâneos foram observados diatopicamente, ou seja, as ocorrências das categorias toponímicas foram quantificadas em cada uma das doze mesorregiões mineiras.

Quadro 9 – Distribuição dos topônimos e suas variações nas mesorregiões mineiras.

TOPÔNIMO	MESORREGIÕES MINEIRAS												
	CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDESTE	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA	TOTAL

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 144.

Os topônimos coletados nos mapas históricos consultados foram considerados por período cronológico, conforme explicitado na seção anterior. Assim, registrou-se, em quadros, a quantificação de cada topônimo de acordo com o período cronológico.

Quadro 10 – Distribuição dos topônimos e suas variações por período histórico

Topônimo \ Período	Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 144.

### 3.2.2 Elaboração da ficha lexicográfica

A ficha lexicográfica é um conjunto estruturado de informações referentes a um topônimo, que tem como objetivo explicitá-lo e classificá-lo<sup>35</sup>. Portanto, o *corpus* de uma pesquisa toponímica pode ser sistematizado por meio das fichas, de modo a proporcionar a análise dos dados. Conforme Dick (1990b, p. 20),

<sup>35</sup> SEABRA, 2004, p.48.

A anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas [...] constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subsequentes (quantificação dos topônimos e das taxionomias; estudo linguístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais.

Seguindo o padrão metodológico proposto pelo Projeto ATEMIG e o modelo de ficha lexicográfico-toponímica de Dick (1190b) e Carvalho (2014), para sistematização e análise do *corpus*, os dados levantados foram organizados, a partir de entradas léxicas<sup>36</sup>, em fichas lexicográficas adaptadas aos objetivos da pesquisa, conforme modelo a seguir.

Quadro 11 – Modelo de Ficha Lexicográfica

<b>(1) ENTRADA LÉXICA</b>	<i>Classe</i>										
<b>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</b>											
Total de topônimos no Estado:											
Variantes											
Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:											
CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
<i>Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]</i>											
<b>DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX</b>											
Total de topônimos no Estado:											
Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:											
Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade								
<i>Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]</i>											
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b>											

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 145. Adaptado.

<sup>36</sup> Baseado em Seabra (2004), O termo ‘entrada léxica’ será usado para referir ao nome que aparece no topo da ficha lexicográfica.

A seguir, segue o detalhamento dos itens que compõem as fichas desta pesquisa.

- **ENTRADA LÉXICA:** corresponde não ao topônimo, mas ao nome de índole animal – animal doméstico, não doméstico ou grupo – que nomeou os acidentes geográficos – físicos e humanos – em território mineiro.
- **Classe:** indica a qual categoria taxonômica da zoologia pertence no nome coletado.
- **DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS PROJETO ATEMIG:** nesse campo, apresenta-se a quantificação dos topônimos que integram o *corpus* de dados contemporâneo.
  - ✓ Total de topônimos no estado: indica, em todo território mineiro, o número total de ocorrências de topônimos que se constituem a partir da entrada léxica que situa no topo da ficha.
  - ✓ Variantes: indica as formas distintas que o mesmo nome aparece.
  - ✓ Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões: nesse campo, apresenta-se a distribuição total de ocorrências nas doze mesorregiões do Estado.
  - ✓ Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]: tanto para os dados contemporâneos quanto para os dados históricos, apresentam-se, nesse espaço, três informações:
    - I. O topônimo da forma que aparece nos mapas consultados
    - II. O número de ocorrência de cada topônimo apresentado
    - III. A estrutura morfológica, isto é, a indicação da classe gramatical, do gênero e do número de cada um dos topônimos. Baseado em Seabra (2004), essa indicação foi feita por meio de esquemas classificatórios em que as unidades mínimas de significação com os morfemas lexicais foram apresentadas.

▪ **DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX:** nessa parte da ficha, apresenta-se quantificação dos zootopônimos coletados nos mapas antigos.

- ✓ Distribuição dos topônimos nos períodos históricos: indica-se aqui a distribuição dos topônimos sob análise nos quatro períodos históricos considerados.

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

- ✓ Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]: assim como nos dados contemporâneos, nesse espaço, será apresentado, além do topônimo tal qual aparece nos mapas consultados, o número de ocorrências e sua estrutura morfológica.

▪ **INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** destaca-se como o topônimo em questão é descrito em cada obra lexicográfica. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos “n/e”.

No próximo capítulo daremos início à apresentação prática da aplicação das ferramentas metodológicas abordadas. Nossos *corpus* contemporâneo foi organizado em 362 fichas lexicográficas com informações sobre cada topônimo.





*Os papagaios verás,  
E de muitas qualidades,  
E outras variedades  
D'aves e feras também.*

*Tu verás o João-de-Barro  
A sua casa arranjar,  
Onde ele deve morar  
Coa família e mais ninguém.*

*Verás negra caraúna,  
Curicaca e sabiá,  
Que imita ao melro de cá.  
Só no canto, não na cor.*

*Verás catinguento guache,  
Abrir um leque amarelo,  
Verás o canário belo,  
E o pequeno beija-flor.<sup>37</sup>*

<sup>37</sup> LISBOA, 2002, p. 39

## **CAPÍTULO 4 – FICHAS LEXICOGRÁFICAS**

Neste capítulo iniciaremos a apresentação e análise do nosso *corpus* estudado. Foram registrados 5.304 zootopônimos contemporâneos na base de dados do ATEMIG, que correspondem a 362 bases léxicas distintas. Já o levantamento de zootopônimos em mapas históricos, contabilizou 61 bases léxicas distintas.

Tanto os dados contemporâneos quanto os históricos foram analisados quantitativa e qualitativamente. Parte dos resultados obtidos foram organizados em fichas lexicográficas, elaboradas segundo modelo de Dick (1990b) e Carvalho (2014), que foram adaptadas aos aspectos da nossa pesquisa.

### **4.1 *Corpus* I – Dados Contemporâneos**

O quadro a seguir apresenta a relação das 362 bases léxicas contemporâneas estudadas. Constam desse quadro, ainda, a distribuição e o número total de ocorrências por mesorregião e também a quantificação de acidentes físicos e humanos referentes a cada topônimo.

Quadro 12 – Zootopônimos contemporâneos

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DEBH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
1	Abelha	-	-	2	3	-	-	-	1	9	-	-	-	15	9	6
2	Acari	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-	4	3	1
3	Acauã	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	1
4	Alazão	-	2	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	5	2	3
5	Amario	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3	2	1
6	Andorinha	-	9	1	4	-	1	2	2	11	-	4	6	40	20	20
7	Angola	-	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	5	3	2
8	Anhuma	-	-	1	-	1	3	3	18	10	-	-	-	36	23	13
9	Anta	-	3	19	3	3	6	1	20	29	2	4	8	97	79	18
10	Anu	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
11	Araguari	-	-	-	-	-	-	-	-	20	-	-	-	20	16	4
12	Aramã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	6	4	2
13	Aranha	-	-	-	4	-	-	2	1	-	-	-	8	15	9	6
14	Araponga	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	4	2	10	4	6
15	Arapuã	-	-	-	-	1	2	-	-	3	-	-	1	7	3	4
16	Arara	3	2	2	-	3	8	13	5	24	2	5	5	72	45	27
17	Aratu	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
18	Ariranha	-	-	-	-	2	-	-	-	4	3	4	1	14	8	6

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH.	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
19	Aruanã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1
20	Avoadeira	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
21	Axupé	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
22	Bacalhau	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	5	6	5	1
23	Bagre	-	5	-	1	-	1	1	2	1	1	-	6	18	12	6
24	Baguari	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3	-	3
25	Baleia	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2	2	-
26	Barata	-	-	-	4	-	-	2	1	-	-	2	4	13	6	7
27	Beija-Flor	-	-	3	-	-	4	-	2	4	9	20	3	45	20	25
28	Bem-te-vi	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	3	1	2
29	Bengo	-	-	3	-	-	-	-	2	-	1	-	-	6	5	1
30	Besta	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
31	Bezerra	-	-	-	-	5	-	-	1	2	-	-	-	8	7	1
32	Bezerro	-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-	3	2	1
33	Bicudo	-	5	-	-	-	1	4	4	-	-	-	1	15	10	5
34	Biguá	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	1	1
35	Biguatinga	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	1	1
36	Biribiri	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
37	Bode	-	-	1	-	-	2	1	1	-	-	-	-	5	4	1

Nº	Nome	Mesorregiões												TOTAL	Tipo de Acidente	
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA		Ac. Físico	Ac. Humano
38	Boi	1	4	3	3	3	21	5	1	20	1	2	-	64	56	8
39	Boiada	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-
40	Boiadeiro	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
41	Borá	-	-	1	-	2	-	-	2	10	-	-	-	15	8	7
42	Borrachudo	-	1	-	1	2	3	2	-	12	-	6	-	27	18	9
43	Borro	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	1
44	Boto	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1
45	Bugio	-	-	-	-	-	-	3	5	5	-	-	-	13	8	5
46	Burgau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
47	Burra	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
48	Burro	-	1	-	1	-	2	-	-	2	1	3	2	12	8	4
49	Cabra	-	-	1	3	-	1	-	-	3	-	-	2	10	8	2
50	Cabrito	2	-	-	2	-	1	-	3	2	-	-	1	11	8	3
51	Caçarema	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	1
52	Cachorra	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	3	2	1
53	Cachorro	-	1	3	-	3	6	-	-	-	-	-	7	20	16	4
54	Cágado	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	2	14	20	18	2
55	Caí	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	6	4	2
56	Caiana	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	1	1

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
57	Caititu	1	3	7	4	1	9	-	3	10	-	-	1	39	25	14
58	Calango	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	2	-
59	Camarão	-	-	1	3	-	1	1	-	-	-	-	-	6	3	3
60	Camelo	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2	-	4	3	1
61	Campolina	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
62	Camundongo	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
63	Canário	1	-	-	-	-	3	-	1	-	1	-	-	6	1	5
64	Cancã	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	10	7	3
65	Canguçu	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	3	1	2
66	Caninana	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2	2	-
67	Capivara	3	6	3	9	2	30	6	9	17	-	7	18	110	70	40
68	Caracol	1	-	3	7	-	3	2	5	1	-	7	9	38	24	14
69	Caraí	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
70	Caramujo	-	-	-	-	-	3	-	3	-	-	1	-	7	2	5
71	Carangejo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6	3	3
72	Carapina	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	10	13	7	6
73	Caraúna	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
74	Carneira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
75	Carneiro	2	2	7	5	1	2	2	14	11	1	3	13	63	37	26

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
76	Carpa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-
77	Carrapato	1	7	8	12	5	13	-	2	4	1	1	8	62	43	19
78	Carumbé	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
79	Cascavel	5	1	3	-	1	8	4	12	12	-	-	-	46	35	11
80	Cascudo	-	-	-	1	1	2	-	-	4	-	1	4	13	8	5
81	Catete	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	6	2	4
82	Catingueiro	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
83	Catito	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
84	Catuá	1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	2
85	Cauí	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
86	Cavahada	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	-
87	Cavalo	4	1	2	1	8	7	9	1	4	2	-	2	41	33	8
88	Cervo	9	2	1	2	-	-	6	17	14	-	-	-	51	33	18
89	Cobra	-	2	3	10	3	3	1	2	11	-	1	-	36	25	11
90	Codorna	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-
91	Coelho	4	3	4	14	-	3	-	9	7	1	4	26	75	42	33
92	Coió	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
93	Coral	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
94	Corama	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-

Nº	Nome	Mesorregiões												TOTAL	Tipo de Acidente	
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA		Ac. Físico	Ac. Humano
95	Cordeiro	-	-	-	10	-	2	1	2	-	-	1	2	18	8	10
96	Coruja	1	1	5	3	-	6	1	2	3	6	7	1	36	21	15
97	Corvina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
98	Corvo	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2	2	-
99	Cupim	-	1	-	2	3	4	1	-	5	-	-	-	16	9	7
100	Curiango	-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	-	5	1	4
101	Curimba	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
102	Curraleiro	-	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	4	2	2
103	Cururu	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	2
104	Cutia	2	-	2	5	-	1	-	2	9	-	7	4	32	19	13
105	Dourado	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
106	Égua	-	-	2	1	2	2	3	1	10	-	-	-	21	17	4
107	Ema	-	-	-	-	1	4	2	1	5	-	-	-	13	9	4
108	Esquilo	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
109	Falcão	-	3	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	7	5	2
110	Fincudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
111	Foca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-
112	Formiga	-	4	1	6	1	-	3	6	15	-	1	9	46	25	21
113	Formigueiro	-	-	1	-	-	1	-	1	3	-	-	-	6	3	3



Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
114	Frango	-	-	-	1	-	-	-	-	3	-	-	1	5	3	2
115	Furão	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
116	Gado	-	-	1	1	7	22	-	-	1	-	-	-	32	16	16
117	Gafanhoto	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3	-	3
118	Gaivota	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	-	2
119	Galga	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
120	Galheiro	-	7	5	-	3	-	-	1	7	-	-	-	23	15	8
121	Galinha	-	1	-	2	2	-	1	5	3	-	-	2	16	16	-
122	Galo	-	-	-	2	-	-	-	4	-	1	1	3	11	5	6
123	Gambá	6	1	-	8	-	-	3	6	2	-	2	7	35	26	9
124	Gandu	-	-	-	2	-	1	-	1	-	-	-	-	4	3	1
125	Garça	3	7	-	1	-	6	1	4	6	-	-	-	28	17	11
126	Garrincha	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2	-	2
127	Garrote	-	-	1	-	2	1	-	-	2	-	-	-	6	5	1
128	Gata	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
129	Gato	-	-	1	1	1	-	-	-	2	4	-	3	12	5	7
130	Gaturama	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	1
131	Gavião	-	3	5	12	-	4	3	-	1	2	7	11	48	33	15
132	Ginete	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
133	Gonçalo	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
134	Gongo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	2
135	Gralha	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
136	Graúna	-	-	3	-	-	2	-	1	-	-	-	-	6	2	4
137	Grilo	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	1	4	3	1
138	Grou	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
139	Guará	-	5	1	5	2	14	-	-	-	-	-	-	27	18	9
140	Guarabú	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-
141	Guaramirim	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
142	Guarapu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	6	4	2
143	Guariba	-	5	9	2	6	3	6	2	9	1	-	-	43	24	19
144	Guatapar	-	-	-	-	-	-	-	2	4	-	-	-	6	2	4
145	Guaxe	-	-	1	2	-	-	1	-	1	-	2	-	7	5	2
146	Guaxupé	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3	5	4	1
147	Humaitá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	7	11	3	8
148	Ia	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
149	Inhambú	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3	2	1
150	Inhapim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1
151	Irara	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	1	11	6	5

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
152	Ituí	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
153	Jaburú	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	5	3	2
154	Jabutí	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	4	-	8	5	3
155	Jacaré	8	15	8	9	11	17	16	6	8	2	3	26	129	70	59
153	Jacu	2	5	7	9	5	16	-	12	15	-	9	5	85	59	26
157	Jacurutu	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
158	Jacutinga	2	-	7	-	-	-	6	10	-	5	16	24	70	39	31
159	Jaguar	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-	4	2	2
160	Jaguara	8	-	-	13	-	-	-	1	-	-	-	1	23	15	8
161	Jandaia	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	4	1	3
162	Jaó	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	2	6	3	3
163	Japu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	1
164	Jararaca	-	-	-	1	-	-	-	3	2	-	-	-	6	4	2
165	Jararacuçu	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
166	Jataí	-	-	-	1	-	8	-	-	3	-	1	-	13	5	8
167	Jaú	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	1	-	4	3	1
168	Javali	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
169	Jerupoca	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	1	1
170	Jiboia	-	-	2	-	8	1	-	-	4	-	-	-	15	10	5

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
171	Jiriba	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
172	Joaninha	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
173	João-de-Barro	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
174	Julião	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
175	Jundiá	-	-	1	-	-	4	-	-	-	-	-	-	5	2	3
176	Juriti	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
177	Jurumim	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	2	-
178	Lacraia	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3	3	-
179	Lagarta	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
180	Lagartixa	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	1	-	4	4	-
181	Lagarto	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	-	2	6	6	-
182	Lambari	-	4	8	10	-	6	15	23	15	1	11	27	120	79	41
183	Laranjo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
184	Lava-pé	-	-	-	2	-	3	-	-	-	-	-	-	5	2	3
185	Leão	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	1	4	3	1
186	Lebre	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
187	Leitão	-	6	2	1	5	-	-	2	1	-	1	-	18	9	9
188	Loba	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
189	Lobo	10	-	2	12	1	-	3	7	10	-	2	1	48	35	13

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
190	Lontra	-	-	-	7	4	6	2	3	2	-	3	5	32	17	15
191	Macaca	1	-	-	2	-	2	-	1	-	-	2	-	8	5	3
192	Macaco	8	5	24	32	4	19	4	26	19	5	30	13	189	137	52
193	Macuco	13	1	13	11	-	16	5	19	1	-	17	32	128	72	56
194	Maguari	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
195	Maitaca	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	-
196	Mandaçaia	-	10	7	2	4	14	4	2	2	-	1	1	47	30	17
197	Mandaguari	-	-	-	-	-	-	-	3	5	-	-	-	8	7	1
198	Mandi	-	3	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	6	4	2
199	Mandu	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	1	1
200	Manga-Larga	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	3	1	2
201	Mangangá	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2	2	-
202	Manjuba	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
203	Maquiné	4	5	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	24	15	9
204	Maracanã	1	-	-	1	-	-	2	-	1	1	-	-	6	2	4
205	Marimbá	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
206	Marimbondo	3	5	4	2	-	3	7	13	23	-	4	11	75	46	29
207	Maringá	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	4	-	4
208	Mariquita	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	2	1

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
209	Marisco	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
210	Maritaca	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3	3	-
211	Marmota	-	3	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	5	1	4
212	Marreca	-	-	-	-	1	1	-	3	1	-	-	1	7	4	3
213	Marreco	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	2	14	21	10	11
214	Marruá	-	2	1	-	-	3	1	-	-	-	-	-	7	4	3
215	Matilha	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
216	Melro	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
217	Mico	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
218	Minhoca	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	3	3	-
219	Miragaia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	2	2
220	Mocó	-	1	5	-	-	7	-	-	-	1	-	-	14	11	3
221	Mombuca	-	10	14	7	1	18	7	8	9	5	1	-	80	42	38
222	Mondengo	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
223	Mono	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	4	6	12	9	3
224	Morcego	2	-	1	1	4	3	1	3	1	-	-	-	16	13	3
225	Mosquito	6	-	2	5	2	10	3	3	6	1	-	1	39	29	10
226	Mula	-	-	-	-	2	1	-	-	1	1	-	-	5	4	1
227	Munduri	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	1	1

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
228	Muquirana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3	1	2
229	Muriaé	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	2	-
230	Muriçoca	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	1	1
231	Murzelo	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
231	Mutuca	11	1	4	15	2	14	3	10	14	4	1	21	100	60	40
233	Mutum	-	-	4	-	-	-	-	1	7	3	23	1	39	26	13
234	Nelore	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
235	Novilha	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	2
236	Onça	12	21	22	20	7	48	8	37	39	2	34	44	294	219	75
237	Paca	-	-	1	1	-	-	2	9	1	-	-	4	18	12	6
238	Pacu	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	1	1
239	Panamá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
240	Papagaio	6	6	2	7	1	7	3	6	7	3	1	8	57	36	21
241	Papa-mel	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
242	Paracatu	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
243	Paraguá	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
244	Paraguai	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
245	Pari	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	3	8
246	Passarinho	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	3	2	1

Nº	Nome	Mesorregiões												TOTAL	Tipo de Acidente	
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA		Ac. Físico	Ac. Humano
247	Pato	-	13	6	1	2	11	6	1	20	-	4	1	65	38	27
248	Pavão	-	-	-	1	-	-	6	3	3	2	3	3	21	11	10
249	Peixe	15	4	2	25	1	12	3	14	4	7	11	13	111	94	17
250	Percevejo	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
251	Perdigão	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	4	3	1
252	Perdiz	-	-	-	-	-	3	1	1	16	-	-	-	21	10	11
253	Perereca	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	1	1
254	Periquito	-	1	5	4	1	-	-	2	1	-	2	-	16	9	7
255	Peru	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
256	Piaba	-	-	-	5	2	1	-	-	-	-	1	-	9	6	3
257	Piabanha	-	-	8	-	-	7	-	-	-	4	-	-	19	11	8
258	Piau	-	2	-	-	1	-	-	1	1	-	3	4	12	9	3
259	Pica-Pau	-	2	-	3	-	-	-	3	3	-	2	5	18	7	11
260	Pintada	-	-	-	2	-	3	-	-	-	-	-	2	7	3	4
261	Pintado	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	4	2	2
262	Pintassilgo	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
263	Pinto	5	-	1	10	-	-	1	1	1	-	-	-	19	12	7
264	Piolho	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7	5	2
265	Piquira	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	3	2	1



Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
266	Piracanjuba	-	-	-	-	-	-	-	4	11	-	-	-	15	10	5
267	Piracema	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
268	Pirai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	1
269	Pirajuba	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
270	Piranha	-	2	-	1	-	6	1	-	4	-	-	-	14	8	6
271	Pirapema	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
272	Pirapitinga	2	-	-	1	4	-	3	8	26	-	11	29	84	53	31
273	Piratinga	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	-	5	2	3
274	Pirau	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	1	1
275	Pitu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
276	Poldro	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
277	Pomba	4	-	2	1	1	-	1	2	2	-	-	12	25	22	3
278	Pombo	-	-	-	-	-	-	3	-	2	-	-	3	8	4	4
279	Porca	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
280	Porco	-	11	2	5	3	14	1	7	-	-	-	2	45	42	3
281	Poté	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	1	1
282	Poti	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	2	-
283	Preguiça	-	-	-	3	-	-	1	-	3	-	-	-	7	5	2
284	Quati	2	9	12	3	-	7	1	7	11	2	12	1	67	46	21

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
285	Queixada	-	3	4	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8	5	3
286	Quenquém	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	1	1
287	Quiara	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	1	1
288	Raposa	3	-	-	3	-	1	-	-	-	-	1	5	13	5	8
289	Raposo	1	8	-	2	-	-	-	-	2	-	-	1	14	5	9
290	Rato	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	1	6	9	4	5
291	Rebibiu	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
292	Rela	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	2	-
293	Rena	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1
294	Roedor	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
295	Rola	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	3	2	1
296	Roncador	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
297	Sabaru	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
298	Sabiá	1	1	-	-	-	-	-	1	3	1	2	11	20	8	12
299	Sabogá	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	1
300	Sagui	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	2	1
301	Sangrador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
302	Sanguessuga	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-
303	Sanharó	-	-	-	-	-	7	-	1	2	-	-	-	10	7	3

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
304	Sapo	-	-	-	-	-	4	1	4	3	-	1	5	18	17	1
305	Saracura	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	4	-	7	4	3
306	Saracutinga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	1
307	Saranha	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	2	-
308	Sardinha	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-
309	Seriema	-	1	-	2	-	2	-	2	5	-	-	-	12	8	4
310	Simão	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1
311	Sinimbu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
312	Siriritinga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	1
313	Siritinga	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	5	6	4	2
314	Soca	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-
315	Socó	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	9	4	5
316	Suaçuapara	-	1	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-	7	6	1
317	Suçarana	-	3	3	1	4	17	-	-	-	-	-	-	28	17	11
318	Sucuri	-	1	1	-	2	-	-	1	29	-	-	-	34	22	12
319	Sucuriú	-	10	5	1	5	9	-	-	-	-	-	-	30	23	7
320	Surubim	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	5	1	7	2	5
321	Surucucu	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	2	-	5	3	2
322	Tamanduá	3	4	15	17	7	16	7	25	18	2	4	1	119	71	48

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
323	Tangará	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	4	2	2
324	Tanguá	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
325	Tapira	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1
326	Tartaruga	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	2
327	Tataíra	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
328	Tatu	4	8	3	10	-	13	3	1	4	6	2	6	60	40	20
329	Teiú	-	-	-	-	-	4	-	1	1	-	-	-	6	1	5
330	Tibuna	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	4	1	3
331	Tico-Tico	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	1	2
332	Tigre	3	7	2	-	-	3	4	-	-	-	2	-	21	14	7
333	Tilápia	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-
334	Timbucu	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
335	Timburé	-	2	-	-	-	3	1	-	-	-	-	-	6	3	3
336	Tiriba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1
337	Tocandira	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	1	1
338	Tocoió	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	-
339	Tourada	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
340	Touro	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3	1	2
341	Traíra	-	2	-	5	3	10	1	-	1	6	3	-	31	16	15

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
342	Tucano	-	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	4	3	1
343	Tuim	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	6	3	3
344	Tuiúva	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	4	2	2
345	Tuvira	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	1	1
346	Ubari	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	2	
347	Ubeba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	4	1	
348	Ursa	-	-	-	2	-	4	-	-	-	-	-	6	5	1	
349	Urso	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	
350	Urubu	2	4	2	7	-	5	4	2	4	-	-	1	31	20	11
351	Urubutinga	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	
352	Uruçú	-	-	7	-	2	1	-	-	-	1	-	11	7	4	
353	Urutau	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	
354	Urutu	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-	
355	Vaca	-	1	2	3	5	24	1	4	2	1	-	3	46	39	7
356	Vacaria	-	-	5	-	-	14	-	-	-	-	-	19	11	8	
357	Vaquejada	-	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	4	3	1	
358	Veada	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	3	1	2	
359	Veadeiro	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
360	Veado	2	14	12	7	7	13	9	6	26	1	10	7	114	74	40

Nº	Nome	Mesorregiões											TOTAL	Tipo de Acidente		
		CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONA DA MATA	Ac. Físico	Ac. Humano
361	Xenxém	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
362	Zabelê	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	2	-	7	5	2
<b>TOTAL</b>		205	352	401	526	217	723	281	576	834	122	411	656	<b>5304</b>	3404	1900

Fonte: Dados da Pesquisa

#### 4.2 *Corpus II* – Dados Históricos

Também foi realizado o levantamento dos zootopônimos mineiros em mapas históricos dos séculos XVIII e XIX. Daremos contituidade à apresentação dos nossos *corpora* relacionando os itens históricos contabilizados no quadro a seguir:

Quadro 13 – Zootopônimos Históricos

<b>Período</b> <b>Nome</b>	<b>Século XVIII</b> <b>1ª Metade</b>	<b>Século XVIII</b> <b>2ª Metade</b>	<b>Século XIX</b> <b>1ª Metade</b>	<b>Século XIX</b> <b>2ª Metade</b>
	Anta Bacalhau Cavalo Jaguara Macaco Macuco Onça Peixe Pirapitinga Raposo	Anta Araponga Araras Bacalhau Bezerro Borrachudo Capivara Carapina Carneiro Carrapato Égua Formiga Galheiro Garça Gralha Jaguara Lambari Lobo Macacos Manda Saia Mandú Mutuca Onça Papagaio Paracatu Pari Peixe Perdiz Paracatu Pirapitnga Pomba Porco Raposo Sucuriú Tamanduá Traíras Urubu Vacaria Zabelê	Aranha Arara Bacalhau Bagres Bicudo Bois Borrachudo Burra Capivara Carapina Dourado Égua Falcão Formiga Gado Galheiro Gambá Garça Gavião Jacaré Jacu Jaguara Lambari Macacos Mosquito Onça Papagaio Pari Peixe Perdiz Paracatú Piracema Pirapitinga Pomba Porco Raposa Raposo Sucurí Sucuriú Tamanduá Tigre Vacaria Veado Zabelê	Aranha Arara Capivara Dourado Égua Formiga Lambari Macaco Mutuca Onça Papagaio Peixe Pomba Surubim Tamanduá Veada Veado

Fonte: Dados da Pesquisa

### 4.3 Apresentação das Fichas Lexicográficas

As 362 fichas lexicográficas que se seguem contemplam todos os 5.304 zootopônimos do nosso *corpus* contemporâneo e também as 61 bases léxicas referentes aos dados históricos. Elas foram organizadas em ordem alfabética e apresentam informações sobre a classe do animal referente a esse topônimo, o total de ocorrências registradas, as variantes (quando houver), a distribuição do topônimo nas doze mesorregiões do estado e as informações gramaticais e enciclopédicas. Além desses aspectos, também é mostrado se há o registro do topônimo em questão nos mapas históricos, assinalando o período (ou períodos) em que ocorre. Passemos à apresentação das fichas.

(1) <b>ABELHA</b>											Inseto
<b>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</b>											
Total de topônimos no Estado: 15 ocorrências											
<b>Variantes:</b>											
Abelha Brava [Ssing+Adj]											
Abelhas [Splur]											
<b>Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:</b>											
CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	3	-	-	-	1	9	-	-	-
<b>Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]</b>											
Abelha (3) – Nf											
Abelha Brava (2) – Nf+Adj											
Abelhas (10) – Nf											
<b>DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX</b>											
N/E											
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b>											
<u>Abelha</u> (ê). [Do lat. <i>apicula</i> , por via popular.] S.f. Zool. Designação comum às numerosas espécies de insetos himenópteros, apídeos e/ou meliponídeos; são abelhas sociais, ou parasitas, ou solitárias. As sociais como, p. ex., a abelha-européia, são as únicas que produzem mel em abundância; as solitárias, que constituem a maioria, só produzem o mel necessário para formar a bola de pólen que servirá de alimento às larvas. (Aurélio Eletrônico, 2010)											
<u>Abelha</u> S.f. ‘inseto himenóptero da fam. dos apídeos ( <i>Apis mellifica</i> L)’   XIII, <i>abella</i> XIII, <i>avella</i> XIII   Do lat. <i>apĭčŭla</i> , dim. de <i>apis</i> ‘abelha’. (Cunha, 2010, p. 2)											
Origem: Português<Latim											



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Acari (4) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Acari [De or. tupi.] S. m. Bras. Zool. V. cascudo 2. || Cascudo [De casca + -udo.] S.m. Bras. Zool. Designação comum aos peixes teleósteos, siluriformes, loricariídeos, da qual há muitos gêneros e espécies no Brasil. Caracterizam-se pelo corpo delgado, revestido de placas ósseas, e pela cabeça grande; vivem nos fundos dos rios, de ordinário em lugares rochosos, e alimentam-se de lodo, vegetais e restos orgânicos em geral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Acari<sup>1</sup> S.m. ‘peixe da fam. dos loricariídeos, também chamado de cascudo’ | 1817, *oaquari* 1587, *aguari* c 1594, *vacari* c 1777, *goacari* 1792 etc. | Do tupi *üaka’ri*. (Cunha, 2010, p. 6)

Acari S. Um peixe de água doce (*Loricaria plecostomus*). *Alt. Cari*. (Sampaio, 1987, p.190)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências**Variante:**

Acoã [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Acauã (2) – Nm e f*

*Acoã (1) – Nm e f*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Acauã [Do tupi.] S.m. e f. Bras. Zool. Ave falconiforme, falconídea (*Herpetotheres cachinnans*), distribuída do Panamá à Argentina, de coloração pardacenta mais escura no dorso e na cauda, esta com faixas claras transversais; tem o lado inferior branco, uma mancha clara circundando o pescoço, uma faixa negra em torno dos olhos, prolongando-se até a nuca, e o alto da cabeça branco; acaná, acanã, cauã, macaã, macaguã, macauã, nacauã, uacauã. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Acauã S.m. e f. ‘ave de rapina da fam. dos falconídeos’ | *oacaoam* 1587, *macauhan* 1817, *acauán* 1833 etc. | Do tupi *ua'kauã*. (Cunha, 2010, p. 7)

Acauã s. Voz onomatopaica com que se designa a ave *Herpetotheres cachinnans*, que ataca as cobras e que os índios tinham como protetora. Entre os guaranis é chamada **Macaguá**. É lenda amazônica que a **Acauã** se apodera do espírito das mulheres e as obriga a cantar com elas as três sílabas do seu nome. (R. Ihering). (Sampaio, 1987, p. 191)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (4) ALAZÃO

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

#### Variantes:

Alazão, de João Romualdo [Ssing+Prep+Antropônimo]

Lazão [Ssing]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Alazão* (3) – Nm

*Alazão, de João Romualdo* (1) – Nm+Antropônimo

*Lazão* (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Alazão S.m. e Adj. Que ou o que tem o pêlo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada (diz-se de cavalo). (Houaiss Eletrônico, 2007)

Alazão S.m. e Adj. ‘diz-se de, ou cavalo que tem o pelo cor de canela’ | XVI, *alaxam* XIII | Do ar. *al-‘az’ar*, através do ar. hisp. *al-‘azá’ár*.(Cunha, 2010, p.21)

*Origem: Português<Árabe*

**(5) AMARIO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Amario* (3) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Amario Adj. Bras. SP. Diz-se do cavalo baio com crina e cauda brancas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Amario Adj. Regionalismo: São Paulo. Que tem crina e cauda brancas. Orig. obsc. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 40 ocorrências**Variantes:**

Andorinha, de Antônio Ferreira [Ssing+Antropônimo]

Andorinhas [Splural]

Andorinhas, de Geraldo Farias [Splural+ Antropônimo]

Andorinhas, de Norberto F. Alves [Splural+ Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	9	1	4	-	1	2	2	11	-	4	6

**Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]***Andorinha* (28) – Nf*Andorina, de Antônio Ferreira* (1) – Nf+Antropônimo*Andorinhas* (9) – Nf*Andorinhas, de Geraldo Farias* (1) – Nf+Antropônimo*Andorinhas, de Norberto F. Alves* (1) – Nf+Antropônimo**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Andorinha S.f. Rubrica: ornitologia.design. comum às aves passeriformes, insetívoras, da fam. dos hirundídeos, encontradas em todo o mundo, de pequeno porte, asas longas e pontiagudas, bico curto, largo e chato, e pés pequenos [Muitas são migratórias.] || 1.2. Rubrica: ornitologia. ave migratória (*Notiochelidon cyanoleuca*) da fam. dos hirundídeos, encontrada da Costa Rica à Bolívia e Argentina, com cerca de 12 cm de comprimento, partes superiores azuis e inferiores brancas; andorinha-azul-e-branca, andorinha-de-bando, andorinha-pequena, andorinha-pequena-de-casa [Espécie comum dentro de cidades.] || 1.3. Rubrica: ornitologia. ave (*Hirundo rustica erythrogaster*) da fam. dos hirundídeos, encontrada periodicamente em grande parte da América do Sul (para o sul até a Terra do Fogo) como migrante da América do Norte, com cerca de 15 cm de comprimento, garganta e peito avermelhados e cauda longa, profundamente entalhada; andorinha-da-chaminé, andorinha-de-bando, andorinha-de-pescoço-vermelho. || 1.4. Rubrica: ornitologia. ave (*Stelgidopteryx ruficollis*) da fam. dos hirundídeos, encontrada da América Central à Argentina, sendo migratória no Sul do Brasil, com cerca de 14 cm de comprimento, garganta canela-avermelhada, dorso e peito cor de fuligem; andorinha-da-serra, andorinha-serradora, uiriri (Houaiss Eletrônico, 2007)

Andorinha S.f. ‘designação comum a várias espécies de aves passeriformes da fa. Dos hirundídeos’ | XIV, *andorinha* XIII, *handorinhos* pl. XVI | Do lat. \**harundina*, de *harundo*, por *hirundo* –*inis* ‘andorinha’, com influência de ANDAR. (Cunha, 2010, p.38)

(7) ANGOLA

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

**Variantes:**

Angolinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Angola (2) – Nf

Angolinha (3) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Angola S.f. Zool. V. galinha-d'angola. || Galinha-d'angola S.f. Zool. Ave originária da África, galiforme (*Numida meleagris*), dotada, no alto da cabeça, dum capacete ósseo mais ou menos destacado sobre a pele desnuda, e de penas pretas com pintas brancas. [*Perfeitamente aclimada no mundo inteiro, conserva, entretanto, resquícios da vida selvagem: o natural espantadiço e o hábito de nidificar longe do convívio com os outros galináceos de capoeira. F. red.: angola. Sin.: galinha-da-índia, galinha-da-numídia, galinha-da-guiné, angolinha, angolista, angulista, galinhola, capote, cocar, estou-fraca, guiné, picota, pintada, tô-fraca, tô fraco.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Angola: S.f. quimb. *Ngola* 'nome da região', segundo Cacciatore (Houaiss Eletrônico, 2007)

Origem: Africana/Quimbundo

(8) ANHUMA

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 37 ocorrências

**Variantes:**

Anhumas [Splural]

Inhaúma [Ssing]

Inhaúmas [Splural]

Inhuma [Ssing]

Inhuma de S. Francisco [Ssing+ Ssing]

Inhumas [Splural]

Inhumas dos Três Irmãos [Ssing+Num+Splur]  
Inhuminhas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	1	3	3	18	10	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Anhumas* (7) – Nf  
*Inhaúma* (7) – Nf  
*Inhaúmas* (3) – Nf  
*Inhuma* (1) – Nf  
*Inhuma de S. Francisco* (1) – Nf+Nm  
*Inhumas* (15) – Nf  
*Inhumas dos Três Irmãos* (1) – Nf+Núm+Nm  
*Inhuminhas* (1) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*Não consta dos dados históricos*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Anhuma S.f. Bras. Zool. V. anhima (2) || Anhima [Do tax. *Anhima*.] A única espécie do gênero, *Anhima cornuta*, preta no dorso e no peito, com barriga e coberteiras superiores menores das asas, brancas; tem as penas da cabeça pintadas de branco, e as do pescoço cinzento, um espinho na testa, esporão no punho das asas e dedos longuíssimos. [Há crença generalizada de que o espinho da testa e os esporões das asas protegem contra veneno e mau-olhado, o que explica o extermínio que sofre a ave.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Anhuma S.f. ‘ave da fam. dos anhimídeos’ | 1716, *anhigma* c 1584, *anime* c 1590, *anima* c 1594, *agnima* 1600, *anhume* 1716, *inhuma* 1716, *anhyma* 1800, *nháuma* 1956 | Do tupi *a’ñïma*. (Cunha, 2010, pág. 41)

Anhuma *inhuma*, *anhyma*, *Inhaúma*: nomes de ave pernalta, chamada ainda caetaú, camixi, xaiá, xajá, da família dos Palamedeídeos. (Gregório, 1980, p. 410)

*Origem: Indígena/Tupi*

(9) ANTA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 110 ocorrências

**Variantes:**

Anta Gorda [Ssing+Adj]

Anta Luísa [Ssing+Ssing]

Anta Podre [Ssing+Adj]

Anta Podre Grande [Ssing+Adj]  
 Anta Podre Pequeno [Ssing+Adj]  
 Antão [Ssing]  
 Antas [Splural]  
 Antas, de Altivo Pinto Fiúza [Splural+Antropônimo]  
 Antinha [Ssing]  
 D'anta [Prep+Ssing]  
 D'Anta da Floresta [Prep+Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	18	3	3	6	1	39	22	2	4	8

**Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]**

*Anta* (25) – Nf  
*Anta Gorda* (2) – Nf+Adj  
*Anta Luísa* (1) – Nf+Antropônimo  
*Anta Podre* (5) – Nf+Adj  
*Anta Podre Grande* (2) – Nf+Adj  
*Anta Podre Pequeno* (2) – Nf+Adj  
*Antão* (1) – Nf  
*Antas* (41) – Nf  
*Antas, de Altivo Pinto Fiúza* (1) – Nf+Antropônimo  
*Antinhas* (21) – Nf  
*D'anta* (5) – Prep+Nf  
*D'anta da Floresta* (1) – Prep+Nf+Adv  
*D'antas* (1) – Prep+Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Antas [Splural]  
 D'Anta [Prep+Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Anta S.f. mamífero perissodáctilo, florestal, da fam. dos tapirídeos (*Tapirus terrestris*), que ocorre da Colômbia ao Sul do Brasil; de corpo robusto e de grande porte, chegando a atingir 2 m de comprimento e a pesar 250 kg, pêlos lisos, curtos e de coloração marrom-escura, nariz e lábio superior prolongados formando uma tromba; acuré, antacuré, anta-gameleira, anta-sapateira, antaxuré, batuvira, pororoca, sapateira, tapiira, tapir, tapira, tapiretê [Vivem ger. perto de rios ou lagos e se alimentam de frutos e folhas.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

Anta S.f 'mamífero da fa. Dos tapirídeos' XVI. Do ar.hisp. e afric. *lamt.* (Cunha, 2010, p. 43)

Origem: Português < Árabe

(10) ANU

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Anu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Anum. || Anum [Var. de anu.] S. m. Bras. Zool. Ave cuculiforme cuculídea, gêneros *Crotophaga* e *Guira*, de bico forte, comprimido lateralmente, cauda longa e mole, dois dedos para a frente e dois para trás. Nidificam coletivamente e são vorazes destruidores de insetos, sobretudo ortópteros; anu. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Anu S.m. ‘ave da fam. dos cuculídeos’ | 1587, *anū* c 1594, *anu* 1618 etc. | Do tupi *a’nu*. (Cunha, 2010, pag. 46)

Anum S.c. **a-n-um**, o vulto preto, o indivíduo negro. Nome da ave conhecida (*Crotophaga* L.)  
Alt. **Anũ**. (Sampaio, 1987, 195)

Origem: Indígena/Tupi

(11) ARAGUARI

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 20

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	20	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Araguari (20) - Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Total de topônimos no Estado:**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

N/E

*Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Araguari [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. V. maracanã<sup>1</sup> | Maracanã<sup>1</sup> [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Designação comum às seguintes aves psitacíformes, psitacídeas: a) *Propyrrhura maracana*, distribuída por quase todo o Brasil, verde, com vértice verde-azulado, fronte escarlate, dorso inferior e meio do abdome escarlate-claros, parte basal da cauda vermelho-escura, e parte terminal e rêmiges azuis; b) *Diopsittaca nobilis*, da Amaz.; c) *Psittacara leucophthalmus*, comum em todo o Brasil, verde, com o encontro e coberteiras inferiores menores da asa encarnados. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Araguai ‘ave da fam. dos psitacídeos, espécie de maracanã’ 1783. Do tupi *araüa’i*. (Cunha, 2010, pág. 52)

Araguari, araguaí, arauarai: papagaio pequeno; espécie de periquito, psitacídeo (R. Von Ihering-31d); é nome de uma espécie de arara pequena de cor verde de cauda longa ou jandaia, e também de um tipo de arraia. “não se ouviam as baitacas, **araguaris** e e outros da barulhenta família dos pstacídeos...” (Francisco de Barros Jr. -186, pág. 193). É portanto desnecessária a interpretação de T. Sampaio (1a e 1b): (ará+gua+r’y) = água ou rio da baixada dos papagaios. (Gregório, 1980, p. 452)

*Origem: Indígena/Tupi*

(12) ARAMÃ

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Aramã (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Aramã S.f. Bras. Zool. V. aramá<sup>1</sup> || Aramá [Do tupi.] S. f. Bras. Amaz. Zool. Inseto himenóptero, meliponídeo (*Trigona heideri*), abelha agressiva, de coloração que vai de preta a ferrugínea, asas amareladas, mais escuras no ápice, cujo ninho, largo e, às vezes, muito comprido, feito em ocos de árvores, tem a entrada construída com resina escura. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Aramá S.f. abelha social (*Trigona heideri*) da fam. dos apídeos, de ampla distribuição amazônica, com 10 mm de comprimento, coloração negra com tons de ferrugem, asas amareladas, mais escuras no ápice; borá-boi, borá-cavalo, vorá-boi, vorá-cavalo [Nidificam em ocos de grandes árvores; são agressivas e exalam forte odor resinoso.] | tupi *ara'mã*, com perda da nasalidade. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (13) ARANHA

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 15 ocorrências

**Variantes:**

Aranhas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	4	-	-	2	1	-	-	-	8

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Aranha (10) – Nf*

*Aranhas (5) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Aranha [Do lat. *aranea*.] S.f. Designação comum a diversos insetos aracnídeos araneídeos, de cefalotórax e abdome não segmentados, unidos por pedúnculo estreito, quelíceras terminadas em ponta para inoculação de peçonha, abdome com glândulas ou fiandeiras que segregam seda, com a qual fazem as teias. A maioria das espécies são terrestres e predadoras de outros artrópodes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Aranha S.f. ‘animal artrópode aracnídeo, da ordem dos araneídeos’ | XIV, *aranna* XIII | Do lat. *arānĕa* (Cunha, 2010, pág. 52)

Origem: Português < Latim

**(14) ARAPONGA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 11 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	2	-	-	1	2	4	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Araponga (11) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Araponga S.f. Ave passeriforme procnatiídea (*Procnias nudicollis*), do Brasil médio-oriental e este-meridional. O macho é branco, sendo verde a zona nua da cabeça; a fêmea é verde-azeitona na parte superior, amarelada com manchas escuras do lado ventral, o vértice e a garganta pretos. Alimenta-se exclusivamente de frutos, e o seu canto lembra os sons metálicos produzidos pelo bater de ferro em bigorna. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Araponga S.f. ‘pássaro da fam. dos cotingídeos’ | *a. guiraponga* c 1584, *guiraponga* c 1594 etc.; *β guaraponga* 1783; *γ hiraponga* 1730, *uiraponga* 1865; *δ. araponga* 1728 | Do tupi *üira’poña* (<üi’ra ‘ave’ + ‘poña ‘sonante’); as vars. Dos grupos *a* e *γ* procuram reproduzir com fidelidade a pronúncia do voc. Tupi; na var. *β* houve provável interferência de GUARÁ<sup>1</sup>; na forma moderna (var. *δ*) houve redução de *üi’ra* para *a’ra*. (Cunha, 2010, pág. 52)

Araponga S.c. **Ara-ponga**, alteração de **guirá-ponga**, o pássaro martelante, cujo canto soa como a pancada de um martelo; o ferrador. (*Chasmarhynchus cochlearia*, Vieill). (Sampaio, 1987, pág. 199)

*Origem: Indígena/Tupi*

(15) **ARAPUÃ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 8 ocorrências

**Variantes:**

Arapuá [Ssing]

Arapuazinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	2	-	-	4	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Arapuã (1) – Nf*

*Arapuá (6) – Nf*

*Arapuazinha (1) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Arapuá S.f. V. Irapuá || Irapuá S.m. Bras. Zool. Abelha melipônida, meliponídea (*Trigona ruficus*), preta reluzente com pernas ocre-escuras, asas escuras com reflexos violáceos na base e mais claras nas pontas. É agressiva, produz mel de sabor desagradável, e constrói o ninho dependurado nas árvores. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Arapuã S.f. ‘abelha da fam. dos meliponídeos’ | *arapuá* 1865, *arapua* 1876 | Do tupi *eirapu’a* (<*e’ira* ‘mel’ + *apu’a* ‘redondo’) (Cunha, 2010, pág. 52)

Irapuá, arapuá, arapuã (“+apuá”) = mel redondo; abelha da família dos Meliponídeos; o ninho desta abelha, em forma de bola ou cupim, fica geralmente no alto das árvores; nome de diversas localidades brasileiras. (Gregório, 1980, pág. 678)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 71 ocorrências**Variantes:**

Arara, de João Alcino [Ssing+Antropônimo]

Arara, de Sebastião Régis [Ssing+Antropônimo]

Arara de Cima [Ssing+Adv]

Arara Mirim [Ssing+Adj]

Araras [Splural]

Araras, de Antônio Braga [Splural+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	2	2	-	3	7	13	5	24	2	5	5

**Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]**

Arara (13) – Nf

Arara de Cima (2) – Nf+Adv

Arara, de João Alcino (1) – Nf+Antropônimo

Arara, de Sebastião Régis (1) – Nf+Antropônimo

Arara Mirim (1) – Nf+Adj

Araras (52) – Nf

Araras, de Antônio Braga (1) – Nf+Antropônimo

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Variantes:**

Araras [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Arara. [Do tupi] S.f. Bras. Zool. Designação comum às aves psitacíformes psitacídeas, gênero *Anodorhynchus*, *Ara*, *Cyanopsitta*, todas de grande porte, cauda longa e bico muito forte, e que se alimentam de frutas e sementes em geral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Arara S.f. ‘nome comum a diversas aves de grande porte da fam. dos psitacídeos’ 1556. Do tupi *a’rara* || **arara**ÚNA | 1872, **ARAR**ÚNA C 1584, *araúna* c 1594 *araruna* c 1631.(Cunha, 2010, pág.52)

Arara S. Voz onomatopáica com que se designam os grandes papagaios. (*Psittacus macrocereus*). (Sampaio, 1987, pág. 199)

Origem: Indígena/Tupi

(17) ARATU

Crustáceo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Aratu (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Aratu [Do tupi; tax. *Aratus*.] S.m. Bras. Zool. 1. Gênero de artrópodes, crustáceos, malacostráceos, decápodes, braquiúros, grapsídeos. | 2. Qualquer espécie desse gênero como, p. ex., a *Aratus pisoni* de carapaça trapezoidal e coloração acinzentada. Ocorre nos mangues, porém não mora em buracos, preferindo viver em arbustos. Tem os nomes populares de aratu-marinho, aratu-da-pedra, aratupinima, aratupeba, carapinha e marinho. | 3. P. ext. Denominação de outras espécies dos gêneros *Goniopsis* e *Sesarma*, de hábitos semelhantes. | 4. Qualquer espécime desses gêneros. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Aratu S.m ‘variedade de caranguejo’ | 1587, *aratu c* 1584, *aratu* 1789 | Do tupi *ara'tû*. (Cunha, 2010, pág. 53)

Aratú S.c. **Ara-tú**, o tombo o quedade cima; nome de um pequeno crustáceo, pardo, com laivos amarelos, que sobe nas árvores de mangue e que, ao menor rumor de ameaça, se deixa *cair do alto*, sumindo-se na água (*Grapsus*). Bahia. (Sampaio, 1987, pág. 200)

Origem: Indígena/Tupi

(18) ARIRANHA

mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 14 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	-	-	-	4	3	4	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Ariranha (14) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ariranha [Do tupi.] S.f. Mamífero carnívoro, mustelídeo (*Pteronura brasiliensis*), outrora comum na região cisandina da América do Sul, e atualmente só encontrado em regiões pouco desbravadas da Amaz. e do Brasil Central. Cauda achatada em forma de remo. Tem hábitos diurnos, e associa-se em bandos; a pele, ainda que inferior à da lontra, é muito procurada pelos caçadores; alimenta-se de peixes, que geralmente vai devorar em terra. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Ariranha S.f. ‘mamífero carnívoro da fam. dos mustelídeos’ | 1847, *arerã* 1587, *areranha* 1792 | Do tupi *are’rãia*. (Cunha, 2010, pág.56)

Ariranha S.corr. **Irarana (irar-ana)**, a falsa irara; a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. V. **Irara**. São Paulo, Minas, Goiás, Mato Grosso. (Sampaio, 1987, pág. 201)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (19) ARUANÃ

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Aruanã (1) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Aruanã S.m. V. aruaná || Aruaná [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, da ordem dos isospôndilos ou clupeídeos, da família dos osteoglossídeos (*Osteoglossum bicirrhosum*), da bacia amazônica, de até 1m de comprimento, coloração cinzento-prateada no dorso, amarelada no abdome, boca com fenda oblíqua, mento com dois barbilhões curtos, escamas muito grandes, prateadas, e nadadeiras dorsal e anal situadas na parte posterior do corpo; amaná, aruanã, arauaná. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Aruaná S.m. ‘peixe de rio da fam. dos osteoglossídeos’ | 1886, *aruana c* 1631, *araoná* 1763, *araúna c* 1777 etc. | Do tupi \**arua* 'na. (Cunha, 2010, pág. 61)

Aruanã (aru+anã, anama) = aparentado com o sapo, PIS a cabeça lembra a forma deste; nome de grande peixe de escama, de água doce, da família dos Osteoglossídeos: pode ultrapassar um metro de comprimento, de carne saborosa, chegando a rivalizar com o pirarucu. No folclore, é peixe sagrado do Rio Araguaia que favorece a pesca quando invocado por dança especial, festa da alegria; nome de ilha do Rio Branco, no Território de Roroima; nome de cidade de Goiás, à margem direita do Rio Araguaia, Zona do Mato Grosso de Goiás. (Gregório, 1980, pág. 462)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (20) AVOADEIRA

Peixe

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Avoadeira (1) - Nf*

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Avoadeira [De avoar + -deira.] S.f. Bras. GO Zool. Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo, gênero *Leporinus*, capaz de dar grandes saltos, o que lhe valeu o nome popular, ainda mal correlacionado ao científico. (Aurélio Eletrônico, 2010)



Voar vb. ‘sustentar-se ou mover-se no ar por meio de asas (aves) ou de aeronaves (gente)’ XIII. Do lat. *vōlāre* || Avoar vb. ‘voar’ XVI. (Cunha, 2010, pág. 681)

*Origem: Português<Latim*

(21) **AXUPÉ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Axupé (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Axupé S.m. Irapuã (*Trigona spinipes*) || Irapuã substantivo feminino abelha social brasileira (*Trigona spinipes*), da subfam. dos meliponíneos, de coloração negra reluzente, de 6,5 mm a 7 mm de comprimento, com pernas ocreadas e asas quase negras na metade basal e mais claras na metade apical; abelha-cachorro, abelha-de-cachorro, abelha-irapuá, abelha-irapuã, arapica, arapu, arapuá, arapuã, axupé, caapuã, cabapuã, enrola-cabelo, guaxupé, irapuá, mel-de-cachorro, torce-cabelo, urapuca [O ninho globoso, com meio metro de diâmetro e coloração marrom, é construído entre os galhos das árvores.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

Axupé S. A casta de abelhas que se aninha no chão. Amazonas. V. **Guaxupé**. (Sampaio, 1987, pág. 202)

*Origem: Indígena/Tupi*

(22) **BACALHAU**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Bacalhau (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Variantes:

Bacalhao [Ssing]

##### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Bacalhau [De or. controvertida.] S.m. Peixe teleósteo, anacantino, gadídeo (*Gadus morrhua*), dos mares frios, cuja carne, seca e salgada, é muito utilizada na cozinha mundial. | Mangangá-liso. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bacalhau S.m. ‘peixe teleósteo da fam. dos gadídeos, cuja carne, seca e salgada, é muito utilizada na cozinha mundial’ | *-lhão* XVI | De origem controvertida. (Cunha, 2010, pág. 74)

*Origem: Controvertida*

#### (23) BAGRE

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 18 ocorrências

##### Variantes:

Bagres [Splural]

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	5	-	1	-	1	1	2	1	1	-	6

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Bagre (14) – Nm*

*Bagres (4) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Variantes:

Bagres [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Bagre S.m. design. Comum aos peixes do gên. *Bagre*, que se caracterizam por apresentar a maxila inferior com um par de barbilhões em forma de fita; no Brasil ocorrem duas spp. Que diferem pelo número de raios da nadadeira anal. || 2. Design. Comum a vários peixes teleósteos siluriformes, das fam. dos ariídeos e pimelodídeos, que possuem corpo revestido por placas dérmicas formando uma couraça e barbilhões bem desenvolvidos; encontrados no fundo de ambientes marinhos ou de água doce; jandiá, jundiá, nhandiá. || 3. Regionalismo: Piauí. m.q. *mandi-bicudo* (*Hassar affinis*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bagre S.m. 'designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, das fam. dos taquisurídeos e dos pimelodídeos' XVI. De origem controvertida. (Cunha, 2010, pág. 76)

*Origem: Controvertida*

**(24) BAGUARI**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Baguari (3) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Baguari [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. V. maguari. || Maguari S. m. [Var. de baguari.] Bras. Zool. Ave ciconiiforme, ardeídea (*Ardea cocoi*), das costas marítimas e, principalmente, das águas interiores da América do Sul. Dorso cinzento-escuro; cabeça, crista, estria no meio da garganta, meio do peito e da barriga, e rêmiges, pretos, o restante do abdome branco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Baguari corr. **Mbaguari**, espécie de garça (*Ciconia Maguari*). (Sampaio, 1987, pág. 203)

Origem: Indígena/Tupi

(25) **BALEIA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Baleia (2) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Baleia [Do lat. *balaena*.] S.f. Designação comum às espécies de mamíferos cetáceos, marinhos, balenopterídeos, gêneros *Sibbaldus*, *Balaenoptera*, *Megaptera*, e dos balenídeos, gênero *Eubalaena*; e *Neobalaena*. Não possuem extremidades posteriores externas, e as anteriores apresentam-se transformadas em nadadeiras. Têm boca imensa onde numerosas barbatanas (mais de 600 no maxilar superior) substituem os dentes; olhos pequenos, situados nas comissuras labiais, e narina no vértice da cabeça. São os maiores animais hoje existentes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Baleia S.f. ‘designação comum às espécies de mamíferos cetáceos, marinhos, da fam. dos balenopterídeos’ | *baleia* XIII | Do lat. *bālaena* ou *ballēna*. (Cunha, 2010, pág. 77)

Origem: Português < Latim

(26) **BARATA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 12 ocorrências

**Variantes:**

Baratinha [Ssing]

Baratas [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	4	-	-	2	1	-	-	2	4

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Barata (5) – Nf*

*Baratas (3) – Nf*

*Baratinha (5) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barata [Do lat. *blatta*, com *suarabácti*.] S.f. Ortóptero onívoro, de corpo achatado e oval, que põe ovos em ootecas. Pode ser silvestre ou doméstico, e tem hábitos noturnos. [V. blatários.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Barata<sup>1</sup> S.f.. ‘inseto ortóptero onívoro, da ordem dos blatários’ XVI. Do lat. *blatta*. (Cunha, 2010, pág.80)

*Origem: Português < Latim*

#### (27) BEIJA-FLOR

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 45 ocorrências

#### Variantes:

Beija-flor de Baixo [Ssing+Adv]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	4	-	2	4	9	20	3

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Beija-Flor (44) – Nm*

*Beija-flor de Baixo (1) – Nm+Adv*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

**Beija-Flor** [De beijar + flor.] S.m. Designação comum às aves apodiformes, troquilídeas, de vôo muito veloz, e que se alimentam de néctar das flores e de insetos minúsculos [Sin.: binga, chupa-flor, chupa-mel, colibri, cuitelo (m. us. em Portugal), guainumbi, guanambi, guanumbi, guinumbi, pica-flor ] . (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Beijar** vb. ‘tocar com os lábios em alguém ou alguma coisa’ XIII. Do lat. *basiāre*. (Cunha, 2010, p. 85) || **Flor** sf. ‘órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas’ | XIII, *frol* XIII | Do lat. *flōs-ōris*. (Cunha, 2010, pág. 296)

*Origem: Português < Latim*

**(28) BEM-TE-VI**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Bem-te-vi (3) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Bem-te-vi** S. m. Bras. Zool. Ave passeriforme tiranídea (*Pitangus sulphuratus*), largamente distribuída no Brasil, e com pelo menos quatro subespécies. Coloração pardo-olivácea, asas e cauda marginadas de vermelho, cabeça preta com uma mancha amarela no vértice, sobranceiras prolongadas numa fita nugal, garganta branca, peito e abdome amarelos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Bem-te-vi** S. m. ‘ave passeriforme da fam. dos tiranídeos’ XIX’. De origem onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 86)

*Origem: Onomatopaica*

**(29) BENGÓ**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	-	-	2	-	1	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Bengo (3) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Bengo<sup>2</sup> S. m. Bras. SE Zool. Preá (1 e 2). || Preá [De apereá, com aférese e síncope.] S. m. e f. Bras. Zool. 1. Designação comum às espécies de mamíferos roedores caviídeos, gênero *Cavia*, esp. a *Cavia aperea*, que ocorre de PE para o S. Bras. Zool. | 2. Designação comum a três espécies do gênero *Galea*, comuns no N. e no N. E., de dorso manchado de amarelo-sujo e preto, variando com as espécies, e superfície ventral branca, tendente ao amarelo-sujo. Vivem nos capinzais à beira de córregos, lagoas e rios, saindo ao anoitecer, e se alimentam de gramíneas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bengo<sup>2</sup> **preá** (*Cavia aperea*) | Segundo Nei Lopes, quimb. *dibengu* 'rato'. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Africana/Quimbundo***(30) BESTA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Variantes:**

Bestas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Bestas (1) - Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

**Besta** (ê). [Do lat. *bestia* (lat. tard. *besta*).] S.f. 1. Quadrúpede, principalmente de grande porte. | 2. Animal de carga. | 3. Zool. V. mulo. | 5. Bras. N. Zool. V. égua. || **Mulo** [Do lat. *mulu*.] S.m. Zool. Animal mamífero, perissodáctilo, resultante do cruzamento de jumento com égua, ou de cavalo com jumenta. É, pois, animal híbrido, estéril, do mesmo gênero de *Equus*, i. e., do cavalo (*Equus caballus*) e do jumento (*Equus asinus*). || **Égua** [Do lat. *equa*.] S.f. A fêmea do cavalo. [No N.E. do Brasil, entre os sertanejos e a gente inculta, em geral, é palavra considerada mais ou menos obscena. Cf. égua (2). Sin. (bras., na maioria): banguina, beroba, besta (ê), biscaia, brivana, guincha, munã, pichorra, piguancha.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Besta** S.f. ‘animal de carga’ XIII. Do lat. *bēstīa* (Cunha, 2010, pág. 88)

Origem: Português<Latim

## (31) BEZERRA

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 8 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	5	-	-	1	2	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Bezerra (8) - Nf

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

**Bezerra** (ê). [Fem. de bezerro.] S.f. Vitela, novilha. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Bezerra** S.m. ‘vitelo, novilho’ XIII. Tal como o cast. *becerro*, o voc. port. deve provir de um lat. hisp. *\*ibicerra*, *\*ibicĭrra*, deriv. de *ibex –ĭcis* ‘camurça, cabra montês’ em razão do caráter indômito e arisco de ambos os animais || **bezerra** 1813. (Cunha, 2010, pág. 88)

Origem: Português<Latim



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Bezerro (3) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Bezerro (ê). [Do lat.-hispan. *ibice*, 'camurça (1)', poss.] S.m. 1. Vitelo, novilho. | 3. Bras. Amaz. Filhote de peixe-boi. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bezerro S.m. 'vitelo, novilho' XIII. Tal como o cast. *becerro*, o voc. port. deve provir de um lat. hisp. *\*ibicerra*, *\*ibic̃rra*, deriv. de *ibex – ĩcis* 'camurça, cabra montês' em razão do caráter indômito e arisco de ambos os animais. (Cunha, 2010, pág. 88)

*Origem: Português < Latim***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 15 ocorrências

Variantes:

Bicudinho [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	5	-	-	-	1	4	4	-	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Bicudinho* (3) – Nm

*Bicudo* (12) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Bicudo [De bico<sup>1</sup> + *-udo*.] S.m. 7. Zool. Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo, do gênero *Boulengerella*, das bacias do Amazonas e do Paraná, cuja boca se prolonga em forma de rostro, e que se alimenta de outros peixes. | 8. Bras. Zool. V. agulhão-bandeira. | 9. Bras. N.E. Zool. V. barbeiro (6). | 10. Bras. Zool. Ave passeriforme fringílídea (*Oryzoborus crassirostris*), largamente distribuída no País. O macho é preto, com um espelho branco na asa; a fêmea, parda, com a parte inferior pardo-avermelhada e o pescoço mais claro. Alimenta-se de sementes de capim, e é muito apreciada como ave de gaiola. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bico S.m. ‘proeminência córnea da boca das aves e de outros animais’ XIII. Do lat. *beccus*. || **bicUDO** 1813. (Cunha, 2010, pág. 89)

*Origem: Português < Latim*

**(34) BIGUÁ**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Biguá* (2) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Biguá [Do tupi = 'pé redondo'.] S.m. Bras. Zool. 1. Ave passeriforme, falacrocoracídea (*Phalacrocorax olivaceus*) que ocorre nos grandes rios e costas marítimas da América central e

meridional, de coloração preta, dorso alto e parte das rêmiges do braço cinzento-escuros, penas marginadas de preto. Na época da incubação tem dois penachos na cabeça e algumas penas brancas na sobranalha e na nuca. | 2. Ave passeriforme, falacrocorácea (*Phalacrocorax b. brasilianus*) de coloração marrom ou preta. Chega a 1m de comprimento. Tem o pescoço longo e, sob o bico, mancha amarela que se alonga até os olhos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Biguá S.m. ‘ave palicaniforme, também chamada corvo-marinho’ | 1783, *migua* 1618, *bígaz* 1751 etc. Do tupi *mi'üa*. (Cunha, 2010, pág. 90)

Biguá corr. **Mbí-guá**, o pé redondo o palmípede. (*Carbo brasilianus*). Alt. **Imbiguá, piguá**. (Sampaio, 1987, pág. 205)

*Origem: Indígena/Tupi*

### (35) BIGUATINGA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Biguatinga (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Biguatinga [De biguá + *-tinga*.] S.f. Bras. Zool. V. carará<sup>1</sup> | Carará<sup>1</sup> [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Ave pelicaniforme anhingídea (*Anhinga anhinga*), dos rios e lagoas do S. dos E.U.A. até ao N. do Chile e da Argentina. O macho é preto; a fêmea tem a cabeça, o pescoço e o peito cinza-amarelados, as rêmiges do braço e as coberteiras superiores das asas marginadas de cinzento, ou dessa cor, e a ponta da cauda branca. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Biguatinga Substantivo Feminino. Rubrica: ornitologia. Regionalismo. Brasil. Ave pelicaniforme, aquática, da fam. Dos anhingídeos (*anhinga anhinga*), que ocorre nas regiões tropicais das Américas, África, Ásia e Austrália, até 88 cm de comprimento, pescoço fino, longo e anguloso, bico pontiagudo e serrilhado, macho de coloração negra com desenho branco sobre a asa, e fêmea com pescoço e peito pardacento-claros. *Biguá* + *-tinga*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Biguá (py+guá) pé arredondado: ave da família dos Carbonídeos; anhinga, corvo-marinho: pata-d'água; persegue os cardumes de peixes. || Tinga, TIM, ty (guarani) = branco; enjoativo,

fastidioso: “Usada junto a certas palavras como pai, mãe, nos tratamentos que os fâmulos dão aos amos de **pai-tinga, mãe-tinga** e cuia, cuia-tinga, cuia-branca que não foi pintada, e ainda em outras, principalmente nomes de animais, como **jacaré-tinga, urubu-tinga**, etc.” (José Veríssimo-26c, pág. 340). (Gregório, 1980, pág. 1165)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(36) BIRIBIRI**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Biribiri (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Biribiri [De or. tupi, poss.] S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo (*Leporinus nigrutaeniatus*), da Amaz. e Guianas, de coloração cinza-prateada com faixas escuras. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Biribiri S.m. Peixe teleósteo caraciforme da fam. dos anostomídeos (*Leporinus nigrutaeniatus*), encontrado na Amazônia e Guianas, de coloração cinza-prateada com faixas escuras pelo corpo. | prov. orig. tupi, com repetição onomatopáica. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(37) BODE**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	3	1	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Bode (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Bode [De or. incerta.] S.m. O macho da cabra; cabrão. [Sin., poét.: capro.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bode S.m. ‘o macho da cabra’ ‘caprino em geral’ XVI. De origem incerta. (Cunha, 2010, pág. 94)

*Origem: Incerta*

**(38) BOI**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 61 ocorrências

#### Variantes:

Boi de Carro [Ssing+Adv]

Boi Gordo [Ssing+Adj]

Boi Malhado [Ssing+Adj]

Boi Morto [Ssing+Adj]

Boi Pintado [Ssing+Adj]

Boi Preto [Ssing+Adj]

Boi Velhaco [Ssing+Adj]

Bois [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	4	3	3	3	21	5	1	15	1	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Boi (21) – Nm*

*Boi de Carro (1) - Nm*

*Boi Gordo* (2) - Nm+Adj  
*Boi Malhado* (1) – Nm+Adj  
*Boi Morto* (6) - Nm+Adj  
*Boi Pintado* (1) - Nm+Adj  
*Boi Preto* (3) - Nm+Adj  
*Boi Velhaco* (2) - Nm+Adj  
*Bois* (22) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Bois [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Boi [Do Lat. *bove*.] S.m. Zool. Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bovídeo, pertencente ao gênero *Bos*. Os chifres são em par, ocos, não ramificados, permanentes. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem. [Cf. touro (1) e vaca (1).] || 2. O touro castrado usado no trabalho de carga e na alimentação. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Boi S.m. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam dos bovídeos’ XIII. Do lat. *bövem*. (Cunha, 2010, pág. 94)

*Origem: Português < Latim*

**(39) BOIADA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Boiada* (2) - Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Boiada [De boi<sup>1</sup> + -ada1.] S.f. Manada de bois; boiada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Boi S.m. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam dos bovídeos’ XIII. Do lat. *bŏvem*. ||  
⇒ **boi** – **boiada** | *boyada* XV LOPJ II. 177.20. (Cunha, 2010, pág. 94)

*Origem: Português < Latim*

(40) **BOIADEIRO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Boiadeiros [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Boiadeiros (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Boiadeiro [De *boiada*+*eiro*] S.m. Bras. Zool. V. chupim. || Chupim [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Ave passeriforme, icterídea (*Molothrus bonariensis*), distribuída por todo o Brasil e países limítrofes. Coloração preta, purpúrea, brilhante. A fêmea é parda, quase negra. Põe os seus ovos nos ninhos do tico-tico, que inadvertidamente lhe cria os filhotes. Frequenta arrozais no período das colheitas e os currais das fazendas, alimentando-se de toda sorte de sementes, inclusive do milho, que recolhe nas fezes do boi. [*Sin.: arumará, boiadeiro, brió, carixo, catre, chopim, corixo, corrixo, engana-tico, engana-tico-tico, gaudério, godério, goderó, gorrixo, papa-arroz, parasito, uiraúna, vira, vira-bosta, vira-vira.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Boi S.m. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam dos bovídeos’ XIII. Do lat. *bŏvem*. | **boiAD-EIRO** 1899. (Cunha, 2010, pág. 94)

*Origem: Português < Latim*

(41) **BORÁ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 15 ocorrências

**Variantes:**

Borazinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	2	-	-	2	10	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Borá (14) – Nm

Borazinho (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*Não consta dos dados históricos*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Borá [Do tupi = 'o que há de ter' (mel).] S.m. Bras. Zool. 1. V. aramá<sup>1</sup> | Aramá [Do tupi.] S.f. Bras. Amaz. Zool. Inseto himenóptero, meliponídeo (*Trigona heideri*), abelha agressiva, de coloração que vai de preta a ferrugínea, asas amareladas, mais escuras no ápice, cujo ninho, largo e, às vezes, muito comprido, feito em ocos de árvores, tem a entrada construída com resina escura. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Borá S. O âmago, o íntimo, o centro. De referência a abelhas, exprime o que se lhes tira da colmeia, ou ninho. (Sampaio, 1987, pág. 207).

*Origem: Indígena/Tupi*

**(42) BORRACHUDO**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 27 ocorrências

**Variantes:**

Burrachudo [Ssing]

Borrachudos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	1	2	3	2	-	12	-	6	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Borrachudo (24) – Nm



*Borrachudos* (2) – Nm

*Burrachudo* (1) – Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Variantes:

*Burrachudo* [Ssing]

##### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Borrachudo S.m. 2. Bras. Zool. Designação comum aos insetos dípteros simuliídeos, nematóceros, de pequeno porte (até 6mm de comprimento); os olhos são contíguos no macho, sem ocelos; a nervura costal ou costa não contorna a asa; o primeiro artícuo tarsal é mais longo que os seguintes; as larvas e pupas são aquáticas, preferindo cachoeiras e corredeiras. Só as fêmeas são hematófagas e diurnas. Transmitem a oncocercose ao homem. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Borracha *sf.* ‘org. odre de couro bojudo, com bocal para conter líquidos’ ‘ext. substância elástica feita do látex coagulado de várias plantas’ | *boracha* 1500 | Do cast. *borracha*, de *borracho*, de origem incerta || **borrachUDO** 1881. (Cunha, 2010, pág. 98)

*Origem: Portutuês < Castelhana*

(43) **BORRO**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERIENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Borro* (1) - Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Borro (ô). [Do lat. *burru*, 'ruço'.] S.m. Carneiro de entre um e dois anos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Borro S.m. ‘carneiro de entre um e dois anos’ 1813. Do lat. *burrus* ‘ruço, vermelho’. (Cunha, 2010, pág. 98)

*Origem: Português<Latim*

**(44) BOTO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Boto Rissalto [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Boto Rissalto (1) – Nm+Antropônimo*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Boto<sup>2</sup> (ô) S.m. Zool. V. peixe-boto. | Peixe-boto [De *peixe* + *boto*<sup>2</sup>.] S. m. Zool. Designação comum aos cetáceos odontocetos, delfínídeos (marinhos) e platanistídeos (fluviais). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Boto<sup>1</sup> S.m. ‘cetáceo da fam. dos platanistídeos e delfínídeos’ 1813. De origem controversa; talvez se ligue a *boto*<sup>2</sup>. || Boto<sup>2</sup> *adj.* ‘de gume embotado’ ‘rombo’ XVI. O voc. talvez seja de criação expressiva. (Cunha, 2010, pág. 99)

*Origem: Controversa*

**(45) BUGIO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 13 ocorrências

**Variantes:**

Bugio Grande [Ssing+Adj]

Bugios [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	3	5	5	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Bugio (11) – Nm*

*Bugio Grande (1) – Nm*

*Bugios (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Bugio [Do top. Bugia (Argélia).] S.m. Bras. Zool. V. guariba (1). || Guariba [Do tupi.] S. m. e f. Bras. Zool. Designação comum aos símios platirinos, cebídeos, do gênero Alouata, da América Central e do Sul, de coloração escura, caracterizados pela maxila inferior barbada, e sobretudo pelo grito peculiar. São frugívoros e vegetarianos, e vivem em bandos de mais de 12 indivíduos, guiados pelo macho mais velho, o capelão. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Bugio S.m. ‘espécie de macaco’ | XVI, *bogyo* XV, *bugyo* XV. (Cunha, 2010, pág. 104)

*Origem: Toponímica*

#### (46) BURGUAU

Gastrópode

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Burgau (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Burgau [Do fr. *burgau*.] S. m. Zool. Molusco gastrópode, de concha univalve, da qual se extrai um nácar; burrié. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Burgau S.m. ‘molusco da fam. dos gastrópodes’ | *burgo* 1844, *burgao* 1871 | Do fr. *burgau*. (Cunha, 2010, pág. 105)

*Origem: Português < Francês*

**(47) BURRA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Burra do Córrego [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Burra do córrego (1) – Nm+Adv*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Burra S.f. A fêmea do burro (1); jumenta, asna. [Sin. (no RS): *guexa*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Burro S.m. ‘asno, jumento’. Do lat. *burrus* ‘ruço, vermelho’. (Cunha, 2010, pág. 106)

*Origem: Português < Latim*

**(48) BURRO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 12 ocorrências

**Variantes:**

Burrinho [Ssing]

Burrinho de Cima [Ssing+Adv]

Burro Morto [Ssing+Adj]  
Burros [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	1	-	2	-	-	2	1	3	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Burrinho* (3) – Nm

*Burrinho de Cima* (2) – Nm+Adv

*Burro* (2) – Nm

*Burro Morto* (2) – Nm+Adj

*Burros* (3) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Burro S.m. V.jumento (1). Zool. Animal mamífero perissodáctilo (*Equus asinus*), facilmente domesticável, muito difundido no mundo, e utilizado desde tempos imemoriais como animal de tração e carga. É unglado e tem pêlo duro, de coloração extremamente variada, indo do castanho-fulvo ao cinza-escuro. [Sin. pop.: asno, burro, burrico, jerico (q. v.) e (bras.) jegue.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Burro S.m. ‘asno, jumento’. Do lat. *burrus* ‘ruço, vermelho’. (Cunha, 2010, pág. 106)

*Origem: Português < Latim*

(49) CABRA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 11 ocorrências

**Variantes:**

Cabras [Splural]

Cabrinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	3	-	1	-	-	3	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cabras (7) – Nf*

*Cabrinha (3) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cabra [Do lat. *capra*.] S.f. Mamífero ruminante, a fêmea do bode. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cabra S.f. ‘mamífero ruminante, a fêmea do bode’ | *Capra* XIV | Do lat. *capra*. (Cunha, 2010, pág.108)

*Origem: Português < Latim*

#### (50) CABRITO

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 11 ocorrências

#### Variantes:

Cabritos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	-	2	-	1	-	3	2	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cabruto (1) – Nm*

*Cabritos (10) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cabruto [Do lat. tard. *capritu*.] S.m. Pequeno bode1 (1). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cabr-ita, -itar, -ito, -ocha, -um → CABRA. || **cabrITO** S.m. ‘pequeno bode’ XVI. Do lat.

tard. *caprĩus*. (Cunha, 2010, pág. 109)

*Origem: Português < Latim*

(51) CAÇAREMA

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Caçarema (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Caçarema [Do tupi = 'a que não quer planta (ou seja, a que não se alimenta de planta)'.] S. f. Bras. Zool. Formiga-asteca. || Formiga-asteca S. f. Bras. Zool. Inseto himenóptero, formicídeo (*Azteca chartifex*), que vive em trofobiose com afídeos e coccídeos nos cacauzeiros da Bahia. Constrói ninhos semelhantes aos dos cupins arbóreos; sugam as secreções dos insetos que parasitam a planta. Outras espécies do mesmo gênero vivem unicamente no caule e galhos da imbaúba (*Cecropia*), onde passam todas as fases de sua vida. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Caçarema *corr.* **Caá-cerema**, a que não quer planta; espécie de formiga. Diz-se também **caceree**. (Sampaio, 1987, pág. 211)

*Origem: Indígena/Tupi*

(52) CACHORRA

Mamífero /Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Variantes:**

Cachorras [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Cachorra (1) – Nf  
Cachorras (2) - Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cachorra (ô). [Fem. de cachorro1.] S.f. 1. Cadela ainda nova. | 2. Bras. Zool. V. peixe-cachorro (1). | 5. Bras. Qualquer cadela. || Peixe-cachorro S. m. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, especialmente dos gêneros *Acestrorhamphus*, *Roeboides* e *Hidrolycus*. Têm dentes longos, pontudos e fortes, e são carnívoros. [Sin.: *cachorra*, *dentudo*, *anicauera*, *pirantera*. Cf. *dentudo-dourado*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cachorro S.m. ‘orig. filhote, cria de qualquer quadrúpede’ ‘ext. cão’ XIV. De origem incerta; talvez seja derivado do lat. vulg. \**cattŭlus*, por reduplicação afetiva e diminutiva do lat. *catŭlus* ‘cachorro’. (Cunha, 2010, pág.110)

*Origem: Português < Latim*

**(53) CACHORRO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 20 ocorrências

**Variantes:**

Cachorro Pegado [Splural+Adj]  
Cachorros [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	3	-	3	6	-	-	-	-	-	7

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Cachorro (15) – Nm  
Cachorro Pegado (2) – Nm+Adj  
Cachorros (3) – Nm



## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cachorro (ô). [Do lat. vulg. \*cattulu < lat. catulu, 'cão pequeno'.] S.m. Cão novo e pequeno. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cachorro S.m. 'orig. filhote, cria de qualquer quadrúpede' 'ext. cão' XIV. De origem incerta; talvez seja derivado do lat. vulg. \*cattŭlus, por reduplicação afetiva e diminutiva do lat. catŭlus 'cachorro'. (Cunha, 2010, pág.110)

*Origem: Português<Latim*

## (54) CÁGADO

Réptil

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 20 ocorrências

#### Variantes:

Cágados [Splural]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	2	14

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cágado (18) – Nm*

*Cágados (2) – Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cágado [De or. controversa.] S.m. Designação de várias espécies de reptis quelônios, quelídeos, especialmente as dos gêneros Hydraslis, Platemys e Hydro medusa, que vivem em lagoas rasas e terrenos pantanosos, e de pescoço tão longo quanto a coluna vertebral. Alimentam-se de vermes, moluscos, pequenos peixes, e vegetais. [Sin.: acangapara, cágado-d'água-doce, cangapara, sapo-concho, e, na BA, ajapá.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cágado S.m. 'designação de várias espécies de reptis da ordem dos quelônios' XVI. De origem controversa. (Cunha, 2010, p.112)

*Origem: Controversa*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências**Variantes:**

Caí de Baixo [Ssing+Adv]

Caí de Cima [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Caí (2) – Nm

Caí de Baixo (2) – Nm

Caí de Cima (2) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cahy *corr.* **Caá-y**, o rio da mata. Rio Grande do Sul. O nome **cahy** ou **caí** também se aplica a uma espécie de símio (*Cebus Azarae*), muito vergonhoso e tímido. **Caí**, *adj.* acanhado, medroso, tímido. (Sampaio, 1987, pág. 212)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Caiana (2) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Caiana<sup>1</sup> [De or. indígena, poss.] S. m. Bras. Zool. Morcego (*Pleocotus andira*) da região do rio São Francisco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

*Origem: Indígena*

**(57) CAITITU**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 39 ocorrências

**Variantes:**

Caitu [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	3	7	4	1	9	-	3	10	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Caititu* (34) – Nm

*Caitu* (5) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*Não consta dos dados históricos*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Caititu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Mamífero artiodáctilo, taiacuideo (*Tayassu tajacu*), da região cisandina da América do Sul. Pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro, resultando numa coloração rosada; linha de longos pêlos no pescoço, e patas pretas, com faixa característica em forma de colar branco cingindo o pescoço até os ombros. [Var.: caitatu, caitetu, taititu. Sin.: cateto, tateto, pecari, e (impr.) porco-do-mato.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Caitetu S.m. ‘porco do mato da fam. dos taiacuideos’ | α. *taiacetu* 1610, *thitetu* 1618 etc.; β. *Cahetatū* 1730, *caitetú* 1789 etc. | Do tupi *taïte’tu*. (Cunha, 2010, pág. 113)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Calango (2) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Calango [Do quimb.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a vários reptis lacertílios, teídeos, principalmente os de pequeno porte, *Cnemidophorus*, *Arthroseps*, *Colobosaura* e outros, que vivem ger. no solo, na terra ou em pedreiras, alimentando-se de pequenos artrópodes ou vermes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Calango S.m. ‘designação comum de vários reptis lacertílios da fam. dos teídeos, principalmente os de pequeno porte’ XX. Do quimb. *ka’laŋa*. (Cunha, 2010, pág.110)

Calango “(banto), S.m. lagarto maior que lagartixa.[...] Kikongo *nkalanda*/kimbundo *dikalanga*.” (Pessoa de Castro, 2001, pág. 191)

*Origem: Africana/Banto***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	3	-	1	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Camarão (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Camarão [Do gr. *kámmaros*, pelo lat. *cammaru*, poss. pelo lat. vulg. *\*cammarone*.] S. m. Zool. Animal artrópode, crustáceo, decápode, peneídeo, macruro, com 10 patas. Sua evolução consta de cinco fases. Várias espécies são conhecidas, todas de importância comercial.[Sin. (bras. desus.): poti.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Camarão S.m. ‘animal artrópode, crustáceo, da fam. dos peneídeos, de grande consumo na alimentação’ 1500. De um lat. *\*cammarōne* (cláss. cláss. *cammarus* –i), deriv. do gr. *kámmaros*. (Cunha, 2010, pág. 117)

*Origem: Português < Latim*

(60) CAMELO

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências

#### Variantes:

Camelão [Ssing]

Camelos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Camelão (1) – Nm*

*Camelo (2) – Nm*

*Camelos (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Camelo [Do tax. *Camelus* (lat. *camelus*).] S. m. Zool. 1. Gênero de mamíferos ruminantes, camelídeos, destituídos de cornos, e que abrange duas espécies, ambas nativas do Velho Mundo, e quase extintas no estado selvagem. | 2. Qualquer das duas espécies desse gênero: a *Camelus bactrianus*, com duas corcovas, e a *C. dromedarius* (v. *dromedário*), com uma corcova. | 3. Qualquer espécime desse gênero. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Camelo S.m. ‘mamífero ruminante da ordem dos artiodáctilos, com duas corcovas’ XIII. Do lat. *camēllus*, deriv. do gr. *kámēlos*, de origem semítica (hebr. *gāmāl*). (Cunha, 2010, pág. 118)

*Origem: Português < Latim*

**(61) CAMPOLINA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Campolina (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Campolina [Do antr. (Cassiano) Campolina.] S. 2 g. Indivíduo de uma raça de cavalos marchadores, do mesmo nome, originária de MG e criada sobretudo no RJ e na BA. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Campolina diz-se de ou cavalo de raça, marchador, de frente forte e ampla e pelagem em que predominam cores claras. antr. Cássio *Campolina* (primeiro criador desta raça, originária de Minas Gerais). (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Antropônimo*

**(62) CAMUNDONGO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Camundongo (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Camundongo [Do quimb. *kamundong.*] S. m. Zool. Mamífero roedor, murídeo (*Mus musculus brevirostris*), de coloração cinza tirante a castanho, sendo o ventre um pouco mais claro; mede cerca de 90mm de corpo e 90mm de cauda. Essencialmente caseiro, comuns em todas as regiões habitadas do Brasil, pare quatro a cinco vezes por ano, quatro a 10 filhotes de cada vez. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Camundongo S.m. ‘ratinho’ 1899. Do quimb. *kamu’nojo*, provavelmente. (Cunha, 2010, pág. 119)

*Origem: Africana/Quimbundo*

#### (63) CANÁRIO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Canarinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	3	-	1	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Canarinho (2) – Nm*

*Canário (4) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Canário [Do top. (Ilhas) Canárias.] S. m. Zool. Ave passeriforme, fringílídea (*Serinus canarius*), originária das ilhas Canárias, da Madeira e dos Açores, de onde foi introduzida em outros países, sendo domesticada na Itália no séc. XVI e propagando-se rapidamente pela Europa. Coloração predominante amarela, desde o alaranjado até o branco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Canário S.m. ‘ave passeriforme da fam. dos fringílídeos’ XVIII. Substantivação do adj. *Canário* ‘relativo às Canárias’ do top. *Canárias*, de onde esse pássaro é originário. (Cunha, 2010, pág. 119)

*Origem: Toponímica*

### (64) CANCÃ

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 10 ocorrências

#### Variantes:

Cancanzinho [Ssing]

Cancãzinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cancã (8) – Nm*

*Cancanzinho (1) – Nm*

*Cancãzinho (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cancã<sup>2</sup> [T. onom.] S. m. Zool. Bras. 1. Ave passeriforme, corvídea (*Cyanocorax cyanopogon*), do Brasil este-setentrional e centro-oriental, de coloração azul-escuro. Distingue-se das outras gralhas pela mancha azul-marinho acima e abaixo dos olhos, e pelas penas azuis na raiz da mandíbula. É a espécie mais comum nas caatingas do N.E. | 2. Ave falconiforme, falconídea (*Daptrius americanus*), distribuída por quase todo o País, de coloração preta, abdome, coxas e coberteiras inferiores da cauda brancas, pele nua da cabeça avermelhada. | 3. Ave falconiforme, falconídea (*Hypomorphus urubutinga*), comum em todo o País, de coloração preta e coberteiras superiores, base e ponta da cauda brancas. Quando jovem, é preta pintada de amarelo. (Aurélio Eletrônico, 2010)



Origem: Onomatopaica

(65) CANGUÇU

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Canguçu (2) – Nm e f.

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Canguçu [Do tupi = 'cabeça grande'.] S.m. e f. Bras. Zool. V. jaguar. || [Do tupi-guar. *ya'wara*, designação genérica dos animais do gênero *Felis*.] S. m. Zool. Carnívoro fissípede, felídeo (*Panthera [Jaguaris] onca*), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o S.E. dos E.U.A. Tem cerca de 1,50m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80cm de altura. É considerado a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Canguçu S.m. e f. 'onça pintada (*Felis onca* L)' | *cangu-sú* 1806, *canguçu* 1817 etc. | Do tupi \**akanu* 'su <a'kana 'cabeça'+u'su 'grande'. (Cunha, 2010, pág. 121)

Cangussu corr. **Acang-uçú**, a cabeça grande. nome de uma espécie de onça. Bahia, Rio Grande do Sul. (Sampaio, 2010, pág. 215)

Origem: Indígena/Tupi

(66) CANINANA

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Caninana (2) - Nf

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Caninana [Do tupi = 'cabeça em pé'.] S. f. Bras. Zool. Reptil ofídio, colubrídeo (*Spilotes p. pullatus*), comum em todo o Brasil, exceto no litoral meridional. Coloração parda, de tom amarelo com desenhos azuis. Comprimento até 3m. Alimenta-se de rãs, pererecas, lagartos, ratos e ovos, e vive ger. em matas, podendo subir nas árvores. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Caninana S.f. 'espécie de cobra' c 1584. Do tupi *kani'nana*.(Cunha, 2010, pág. 121)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (67) CAPIVARA

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 97 ocorrências

#### Variantes:

- Capivara da Fumaça [Ssing+Adv]
- Capivara de Baixo [Ssing+Adv]
- Capivara de Cima [Ssing+Adv]
- Capivara de José F. [Ssing+Antropônimo]
- Capivara do Buraco do Tanque [Ssing+Adv]
- Capivara dos Coelho [Ssing+Antropônimo]
- Capivara, dos Gomes [Ssing+Antropônimo]
- Capivara II [Ssing+Numeral]
- Capivaras [Splural]
- Capivarinha [Ssing]
- Capivarinha de Cima [Ssing+Adv]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	6	3	9	2	23	6	9	12	-	7	17

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Capivara (75) – Nf*  
*Capivara da Fumaça (4) – Nf+Adv*  
*Capivara de Baixo (3) – Nf+Adv*  
*Capivara de Cima (1) – Nf+Adv*  
*Capivara e José F. (1) – Nf+Antropônimo*  
*Capivara do Buraco do Tanque (1) – Nf+Adv*  
*Capivara dos Coelhos (1) – Nf+Antropônimo*  
*Capivara, dos Gomes (2) – Nf+Antropônimo*  
*Capivara II (1) – Nf+Numeral*  
*Capivaras (1) - Nf*  
*Capivarinha (6) – Nf*  
*Capivarinha de Cima (1) – Nf+Adv*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Capivara [Do tupi.] S.f. Zool. Roedor hidroquerídeo (*Hydrochoerus hydrochoeris*), de coloração castanho-avermelhada, com superfície ventral amarelada; mãos com quatro dedos providos de unhas espessas e pés com três dedos unidos por membranas. Habita a região cisandina, preferindo as margens dos rios, brejos, lagoas, sobretudo na proximidade de matas ou cerrados. Vive em bandos, saindo ger. à noite, e é hábil nadador; é o maior dos roedores atuais e um exemplar adulto pesa mais de 50 quilos. [Sin.: capincho, carpincho.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Capivara S.f. ‘mamífero roedor da fam. do shidroquerídeos (*Hydrochoerus hydrochaeris*)’ | c 1607, *capijuara* c 1584, *capibara* 1587, *capijguara* 1627 etc. | Do tupi \*kapp’üara> A’pii ‘dapim’ + ‘üara ‘comedor’. (Cunha, 2010, pág. 124)

Capivara *corr.* **Caapiĩ-aára**, o comedor de capim; o herbívoro. (*Hydrochoerus Capybara*). 75. *Alt.* **Capiguara, Capibara**. (Sampaio, 1987, pág. 215)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (68) CARACOL

Molusco

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 38 ocorrências

##### Variantes:

Caracóis [Splural]

Caracóis de Cima [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	3	7	-	3	2	5	1	-	7	9

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Caracóis (1) – Nm*

*Caracóis de Cima (2) – Nm*

*Caracol (35) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Caracol [Da mesma or. incerta que o esp. caracol; poss. de uma raiz express. cacar-.] S.m. Designação comum a moluscos gastrópodes, terrestres, pulmonados, pequenos e de concha espiralada, fina e achatada. Os mais conhecidos são os do gênero *Helix*. [Sin. (bras.), nesta acepç.: catassol.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Caracol S.m. ‘caramujo’ XVI. De origem incerta; talvez de uma raiz expressiva *caçar-*, como nome da casca do caracol. (Cunha, 2010, p. 126)

*Origem: Incerta*

(69) **CARAÍ**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carai (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Caraí [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. V. macaco-da-noite. | Macaco-da-noite S. m. Bras. Zool. Designação comum aos primatas platirrinos, cebídeos, de vida noturna, dotados de grandes olhos, que vêm mal durante o dia, orelhas curtas e cobertas de pêlo abundante, e cauda longa, mas não preênsil; macaco-adufeiro, caraí, cara-raiada, ciá, eia, miriquiná. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carahí s. Uma espécie de símio. (*Nyctipithecus vociferans*, Sp.) (Sampaio, 1987, pág. 217)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(70) CARAMUJO**

Molusco

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	3	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Caramujo (7) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Caramujo [Do esp. *escaramujo*, 'roseira silvestre de fruto edule'; 'caramujo', com aférese, poss.] S.m. Zool. Designação comum aos moluscos gastrópodes, aquáticos, providos de brânquias, concha grossa, pesada e muito forte.[*Sin. (lus.): cornetinha.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Caramujo S.m. 'designação comum aos moluscos gastrópodes, aquáticos, pulmonados ou providos de brânquias, marinhos ou de água doce' 1572. De origem controversa. (Cunha, 2010, pág 126)

*Origem: Português<Espanhol*

**(71) CARANGUEJO**

Crustáceo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Caranguejo (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Caranguejo [Do esp. *cangrejo* < lat. cancer, cancri.] S.m. Designação comum às espécies de crustáceos decápodes, braquiúros, de pernas terminadas em unhas pontudas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras (v. siri). Terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, vivem, na maioria, em tocas, que eles mesmos escavam, alimentam-se de toda sorte de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana. [Sin.: auçá, guaiá, uaçá.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carangueijo S.m. ‘designação comum às espécies de crustáceos decápodes, braquiuros, de pernas terminadas em unhas pontudas’ | *cangrego* XIII, *cranguejo* XVI | Do cast. *cangrejo*. (Cunha, pág. 126)

*Origem: Português < Castelhana*

#### (72) CARAPINA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 13 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	10

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carapina (13) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Variantes:**

Carapinas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Carapina [Do tupi.] S.m. V. pica-pau (1). || Pica-pau [De picar + pau.] S.m. Designação comum a aves piciformes, picídeas, bastante numerosas no Brasil, com cerca de 55 espécies e várias subespécies. São aves trepadoras com dois dedos para a frente e dois para trás, a cauda frequentemente com retrizes endurecidas e pontudas, bico forte, usado para perfurar a madeira, e língua muito longa, com que retira as larvas dos insetos, seu alimento preferido. A maioria das espécies nidifica em ocós de paus ou em buracos, em galerias que elas mesmas perfuram. [Sin., nesta acepç.: ipecu, carapina, pinica-pau.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carapina S.m. ‘carpinteiro’ 1623. Do tupi *kara’pina*. (Cunha, 2010, 126)

Carapina *corr.* **Carapin**, tirar a casca grossa; descascar, lavar. (Sampaio, 1987, pág. 217)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (73) CARAÚNA

Ave/Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Caraúna (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Caraúna S. f. Zool. 1. Bras. Amaz. V. tapicuru<sup>1</sup> | 2. Bras. Amaz. V. graúna | 3. Bras. N.E. V. garoupinha. || Tapicuru<sup>1</sup> [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Denominação comum a duas aves ciconiiformes, tresquiornítidas (*Mesembrinibis cayaennensis* e *Plegadis falcinellus guarauna*), das zonas temperadas e tropicais das Américas setentrional e meridional. A primeira é escura, com lustro verde-metálico, garganta e região nua em volta dos olhos, bico e pernas verdes; a segunda é castanha, com cauda e asas verde-douradas. Têm bico largo e curvo. Alimentam-se de pequenos crustáceos e insetos que vivem na água ou na lama, e detritos de

maneira geral. || Graúna [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. 1. Ave passeriforme, icterídea (*Psomocolax oryzivorus*), de coloração geral preta com brilho violáceo e bico preto. | 2. Ave passeriforme, icterídea (*Gnorimopsar chopi sulcirostris*), de coloração geral preta com brilho azulado. Ambas as espécies, largamente distribuídas no Brasil e países limítrofes, são granívoras, e causam grandes estragos nos arrozais, por ocasião das colheitas. || Garoupinha [De *garoupa* + *-inha*.] S. f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Cephalopholis fulvus*), do Atlântico ocidental, da Flórida ao RJ, de coloração variável do amarelo-claro e vermelho-vivo ao pardo, salpicada de pontos azuis. Mede cerca de 22cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Graúna S.f. ‘nome de diversos pássaros de coloração predominantemente negra, quase todos da fam. dos icterídeos’ | 1865, *guarahũ* c1631, *gurauna* c 1631 etc. | Do tupi *ũara’uma* (e/ou *ũira’uma*, forma que é preconizada por outras vars., como *uiraúna*, de 1777, *uraúna*, de 1833 etc. ) (Cunha,2010, pág. 323)

*Origem: Indígena/Tupi*

(74) **CARNEIRA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Carneiras [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carneiras (1) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Carneira [Fem. de carneiro<sup>1</sup>.] 3. Bras. S. Ovelha (1). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carneiro S.m. ‘mamífero reduzido à domesticidade como gado lanígero’ XIII. Do lat *\*carnāriu* ‘animal de boa carne’. (Cunha, 2010, pág. 129)

*Origem:Português<Latim*



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 63 ocorrências**Variantes:**

Carneirão [Ssing]

Carneiro Taquara Preta [Ssing+Ssing+Adj]

Carneiros [Splural]

Carneirinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	2	7	5	1	2	2	14	11	1	3	13

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Carneirão (1) – Nm

Carneirinho (6) – Nm

Carneiro (27) – Nm

Carneiro da Taquara Preta (1) – Nm+Adj

Carneiros (28) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Carneiro S.m. [Do lat. *carnariu.*] Mamífero reduzido à domesticidade como gado lanífero. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carneiro S.m. ‘mamífero reduzido à domesticidade como gado lanífero’ XIII. Do lat \**carnãriu* ‘animal de boa carne’. (Cunha, 2010, pág. 129)

*Origem: Português < Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Variantes:**

Carpas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carpas (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Carpa [Do lat. tard. *carpa*, de provável or. germânica.] S.f. Peixe teleósteo, cipriniforme, ciprinídeo (*Cyprinus carpio*), da Eurásia e da África, de coloração cinza tirante ao prateado. Boca pequena, sem dentes verdadeiros, rodeada de barbilhões curtos; alimenta-se de vegetais e outras substâncias. Carne de qualidade regular. É espécie muito usada em piscicultura no Velho Mundo, tendo sido introduzida na América do Sul. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carpa<sup>1</sup> S.f. ‘peixe teleósteo da fam. dos ciprinídeos’ 1858. Do lat. *carpa*. (Cunha, 2010, pág. 130)

*Origem: Português < Latim*

#### (77) CARRAPATO

Artrópode

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 62 ocorrências

**Variantes:**

Carrapatinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	7	8	12	5	13	-	2	4	1	1	8

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carrapatinho (3) – Nm*

*Carrapato (59) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Variantes:**

Carrapatos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Carrapato S.m. [De \**caparrato* (< vasconço ou moçarabe caparra), com metátese, poss.] Zool. Animal artrópode, aracnídeo, acarino, ixodídeo, de abdome unido e confundido com o cefalotórax, aberturas traqueais na parte posterior e ventral do corpo, e hipostômio armado de espinhos. As larvas são hexápodes. Vivem como ectoparasitos de vertebrados. No Brasil as espécies mais numerosas pertencem ao gênero *Amblyomma*, sendo *A. Cajennense*, o carrapato-de-cavalo (q. v.), a espécie mais difundida no País. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carrapato S.m. ‘animal artrópode, aracnídeo, acarino, da fam. dos ixodídeos’ XVI. Provavelmente o voc. Resulta de uma metátese de \**caparrato*, deriv. (com o suf. –ATO, que designa animais pequenos) de *caparra*, nome desse animal em vasconço, moçarabe, aragonês e catalão ocidental, talvez de origem pré-romana.(Cunha, 2010, pág. 131)

*Origem: Pré-romana*

(78) **CARUMBÉ**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Carumbé (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Carumbé [Do tupi.] S. m. 2. Bras. Amaz. Zool. O macho do jabuti; jabuti-carumbé. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Carumbé S. O macho do jabuti. Amazonas; *corr.* **Cara-mbé**, o casco achatado, ou aplainado. *Alt.* **Caramé, Camambé, Carombé.** (Sampaio, 1987, pág. 219)

*Origem: Indígena Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 46 ocorrências**Variantes:**

Cascavel Goiabeira: [Splural+Adj]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
5	1	3	-	1	8	4	12	12	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Cascavel (45) – Nm e f

Cascavel Goiabeira (1) – Nm e f + Adj

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cascavel S.m. e f. [Do provenç. *Cascavel*.] 3. Ofídio crotalídeo, venenoso (*Crotalus durissus*), das zonas secas do continente americano e, raro, do extremo sul e da Amaz.; ovíparo, de coloração pardo-escura, com losangos claros que se alternam com outros laterais. É facilmente reconhecível pela presença de chocalho na ponta da cauda e pode atingir até 1,80m: & [Sin., nesta acepç.: boicininga, boiçununga, boiquira, cascavel-de-quatro-ventas, maracá, maracabóia.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cascavel S.f. ‘réptil ofídio da fam. dos crotalídeos, facilmente reconhecível pela presença de guizo ou chocalho na ponta da cauda’ XIII. Do prov. *cascavel*, dim. do lat. vulg. *cascabus*, var. de *caccābus* ‘panela, caldeirão’, que, já na Antiguidade, se empregou para designar ‘cochalho’, e se alterou na forma citada por influência onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 133)

*Origem: Português < Provençal***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 13 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	1	2	-	-	4	-	1	4

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cascudo (13) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cascudo<sup>2</sup> [De casca + -udo.] S.m. 2. Designação comum aos peixes teleósteos, siluriformes, loricariídeos, da qual há muitos gêneros e espécies no Brasil. Caracterizam-se pelo corpo delgado, revestido de placas ósseas, e pela cabeça grande; vivem nos fundos dos rios, de ordinário em lugares rochosos, e alimentam-se de lodo, vegetais e restos orgânicos em geral. [Sin., nesta acepç.: acari, cari, boi-de-guará, uacari.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Casca *sf.* ‘invólucro exterior de vários órgãos vegetais’ ‘ext. quaquer revestimento ou invólucro em geral’ XVI. Der.regress. de *cascar*. Do lat. *\*quassicāre*. || **cascUDO**<sup>1</sup> *adj.* ‘que tem casca grossa ou pele dura’ XVII. (Cunha, 2010, p. 133).

*Origem: Português < Latim*

(81) CATETE

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Catete (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Catete Adj. e S.m. Rubrica: zootecnia. Regionalismo: Brasil. 2. Diz-se de ou galináceo de pernas nuas e penugem lisa. | substantivo de dois gêneros Rubrica: mastozoologia. Regionalismo: Brasil. 3. m.q. *caititu* (*Tayassu tajacu*). (Houaiss Eletrônico, 2007)

Catête corr. **Tatetú ou tãytetú**, o dente aguçado, ou pontiagudo. É o porco-montês (*Dicotyles*). *Alt. Caitetú, Catêto*. (Sampaio, 1987, pág. 220)

*Origem: Indígena/Tupi*

### (82) CATINGUEIRO

Mamífero/Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Catingueiro (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Catingueiro S.m. Bras. 2. Zool. V. cigana (2). 3. Zool. V. veado-mateiro. || Cigana 2. Bras. Zool. Ave galiforme, opistocomídea (*Opisthocomus hoazin*), do N. e O. do Brasil, e de países limítrofes. Dorso pardo-escuro, com brilho oliváceo; coberteiras superiores das asas marginadas de branco; parte exterior das rêmiges vermelha; cauda preta com pontas amareladas. Vivem aos bandos, nas margens dos rios, e alimentam-se de folhas. [Sin., nesta acepç.: aturiá, catingueiro, jacu-cigano ] . || Veado-mateiro Bras. Zool. Mamífero artiodáctilo, cervídeo (*Mazama americana*), da porção tropical e subtropical da região cisandina, de coloração do castanho à cor de canela, cauda com pêlos brancos embaixo. Mede cerca de 70cm de altura, e os chifres têm 10 a 12cm de comprimento. Prefere as regiões de matas, vivendo isolado ou aos pares. [Sin.: veado-vermelho, veado-pardo, catingueiro, guatapará, guaçuçupita, guaçuçuetê, suaçuçupita, suçuçupita. Tb. se diz apenas mateiro. Pl.: veados-mateiros.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Catingueiro 2. m.q. *veado-virá* (*Mazama gouazoubira*). 3. m.q. *cigana* (*Opisthocomus hoazin*) | <sup>1</sup>*catinga + -eiro* (Houaiss Eletrônico, 2007)

Catinga *sf.* ‘cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado o pouco limpo’ 1813. De origem incerta; talvez se relacione com CAATINGA | **catingar** *vb* ‘feder’ 1873 || **catingoso** 1899. (Cunha, 2010, p. 137)

*Origem: Incerta*

(83) **CATITO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Catito (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Catito S.m. Zool. Bras. V. camundongo<sup>1</sup>. || Camundongo [Do quimb. *kamundong*.] S. m. Zool. Mamífero roedor, murídeo (*Mus musculus brevisrostris*), de coloração cinza tirante a castanho, sendo o ventre um pouco mais claro; mede cerca de 90mm de corpo e 90mm de cauda. Essencialmente caseiro, comuns em todas as regiões habitadas do Brasil, pare quatro a cinco vezes por ano, quatro a 10 filhotes de cada vez. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Catito m.q. **camundongo** (*Mus musculus*). | Segundo Nei Lopes, do quimb. *kaxitu* 'pequeno animal, bichinho' (acp. 1). (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Africana/Quimbundo*

(84) **CATUÁ**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Catuá (4) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Catuá [De or. tupi, poss.] S. f. Bras. ES Zool. V. garoupinha. || Garoupinha [De *garoupa* + *-inha*.] S. f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Cephalopholis fulvus*), do Atlântico ocidental, da Flórida ao RJ, de coloração variável do amarelo-claro e vermelho-vivo ao pardo, salpicada de pontos azuis. Mede cerca de 22cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Catuá 1. m.q. *garoupinha* (*Cephalopholis fulvus*) | prov. orig.tupi. (Houaiss Eletrônico, 2010)

*Origem: Indígena/Tupi (provável)*

(85) CAUÍ

Esponja

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cauí (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cauí [De or. tupi, poss.] S. m. Bras. AM Zool. V. cauxi. || Cauxi [Var. de cauxi.] S. m. Bras. AM PA Zool. Designação comum aos animais espongiários monaxônidas, espongilídeos, de água doce, cujo contato produz forte comichão, por causa dos espículos que provocam irritação



da pele. Crescem nas várzeas alagadiças ou igapós e se acumulam nas raízes das árvores. Daí são retirados pelos naturais da terra, e reduzidos a cinza, que, misturada ao barro, serve para o fabrico da louça. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cauí S.m. m.q. cauxi || Cauxi S.m. design. comum a diversas esponjas de água doce amazônicas, da fam. dos espongilídeos, cujas espículas silicosas podem causar irritação na pele; cabixi, cauí, cauxi, esponja-d'água-doce, paracutaca [Algumas tribos indígenas misturam as cinzas destas esponjas com argila, para a confecção de peças de cerâmica.] | segundo Nascentes, do tupi *kawi'xi* 'id.' (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi (possivelmente)*

**(86) CAVALHADA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cavalhada (3) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cavalhada [De cavalo<sup>1</sup> + -alhada.] S. f. Bras. Porção de cavalos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cavalhada S.m. grande quantidade de cavalos; cavalaria, manada. | *cavalo* sob a f.rad. *cav-* + *-alha* coletivo + *-ada*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Cavalo S.m. ‘animal mamífero da ordem dos perissodáctilos’ XIII. Do lat. *caballus*. || **cavalHADA** *sf.* ‘porção de cavalos’ ‘gado cavalari’ XVI. (Cunha, 2010, pág. 138)

*Origem: Português < Latim*

**(87) CAVALO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 41 ocorrências

**Variantes:**

Cavalão [Ssing]

Cavalinho [Ssing]  
 Cavalo Branco [Ssing+Adj]  
 Cavalo Morto [Ssing+Adj]  
 Cavalos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
4	1	2	1	8	7	9	1	4	2	-	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Cavalão (4) – Nm*  
*Cavalinho (1) – Nm*  
*Cavalo (14) – Nm*  
*Cavalo Branco (2) – Nm + Adj*  
*Cavalo Morto (2) – Nm + Adj*  
*Cavalos (17) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X			

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cavalo S.m. [Do lat. *caballu.*] Zool. Animal mamífero, perissodáctilo, hipomorfo, gênero *Equus* (v. *equus*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cavalo S.m. ‘animal mamífero da ordem dos perissodáctilos’ XIII. Do lat. *caballus*. (Cunha, 2010, pág. 138)

*Origem: Português < Latim*

(88) **CERVO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 50 ocorrências

**Variantes:**

Cervo Azul [Ssing+Adj]  
 Cervo da Grota [Ssing+Adv]  
 Cervo da Cabeceira [Ssing+Adv]  
 Cervo do Pinto [Ssing+prep+Ssing]  
 Cervinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
9	2	1	2	-	-	6	17	14	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Cervinho (2) – Nm*

*Cervo (43) – Nm*

*Cervo Azul (2) – Nm + Adj*

*Cervo da Grota (1) – Nm + Adv*

*Cervo da Cabeceira (1) – Nm + Adv*

*Cervo do Pinto (2) – Nm + Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cervo S.m. [Do lat. *cervu.*] Zool. Mamífero artiodáctilo, cervídeo (*Blastoceros dichotomus*), das regiões pantanosas da Bolívia, Brasil meridional, Paraguai e Uruguai. Castanho-claro, pés escuros, anel branco em torno da boca, e garganta e abdome claros; mede 2m de comprimento e 1,30m de altura, e a galhada tem 0,50m de comprimento, podendo chegar a quatro ou mais pontas em cada chifre, ramificadas dicotomicamente. Muda de galhada entre agosto e dezembro, e prefere as regiões de banhados e pântanos. [Sin.: suaçuetê, suaçupucu, veado-galheiro.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cervo S.m. ‘mamífero artiodáctilo da fam. dos cervídeos’ | *ceruo* XIII, *cerva* f. XVIII | Do lat. *cervus* –i. (Cunha, 2010, pág. 144)

*Origem: Português < Latim*

**(89) COBRA**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 36 ocorrências

**Variantes:**

Cobras [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	3	10	3	3	1	2	11	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Cobra* (13) – Nf  
*Cobras* (23) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cobra S.f. [Do lat. *colubra*.] Zool. Designação popular dos ofídios venenosos ou não. [Sin.: serpente e (bras.) boi<sup>2</sup>, bóia<sup>2</sup>, mboi, mbóia, e malacatifa (PB). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cobra S.f. ‘designação popular dos ofídios em geral’ | *coobra* XVVV, *coovra* XIII | Do lat. tard. *colobra* (cláss. *colūbber colūbra*) (Cunha, 2010, pág. 158)

*Origem: Português < Latim*

**(90) CODORNA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Codorna* (2) - Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Codorna [De *codorniz*.] S. f. Zool. Designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros *Nothura*, *N. maculosa* e outras. Coloração pardo-amarelada no dorso; penas com manchas e faixas transversais pretas no centro e estrias amareladas nos lados; garganta branca, pescoço e peito bruno-amarelados, com largas estrias pretas; rêmiges escuras, com faixas transversais amareladas; abdome amarelado. É uma das aves cinegéticas mais apreciadas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Codorniz S.f. ‘designação comum às aves tinamiformes, da fam. dos tinamídeos’ XIV. Do lat. *cōturnīx –īcis*. || **codorna** sf. ‘codorniz’ 1873. (Cunha, 2010, pág. 159)

Origem: Português<Latim

(91) COELHO

Mamífero

DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 75 ocorrências

Variantes:

Coelhinho [Ssing]

Coelhos [Splural]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
4	3	4	14	-	3	-	9	7	1	4	26

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Coelhinho (1) – Nm

Coelho (26) – Nm

Coelhos (48) – Nm

DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Coelho S.m. (ê). [Do lat. *cuniculu*.] Zool. Animal mamífero, lagomorfo, leporídeo (*Oryctolagus cuniculus*), originário da Europa. Cavam tocas, onde parem seus filhos. Dessa espécie provêm todas as raças domésticas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Coelho S.m. ‘animal mamífero, lagomorfo, da fam. dos leporídeos’ | *coëllo* XIII | Do lat. *cunicūlus* –i. (Cunha, 2010, pág.159)

Origem: Português<Latim

(92) COIÓ

Peixe

DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Coió (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Coió [De or. indígena, poss.] S. m. Bras. Zool. Peixe-voador. || Peixe-voador S. m. Zool. Peixe teleósteo, sinentógnato, exocetídeo (*Exocoetus volitans*), da costa atlântica, de cabeça quadrangular, óssea, terminando em longos espinhos na região temporal, e nadadeiras peitorais maculadas e ponteadas com tal desenvolvimento que lhe permitem dar pequenos vôos próximo à superfície da água, quando fogem aos seus predadores; coió. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Coió S.m. peixe teleósteo escorpeniforme da fam. dos datilopterídeos (*Dactylopterus volitans*), encontrado na costa do Atlântico, em fundos de areia, cascalho e recifes, de até 45 cm de comprimento, corpo cilíndrico e robusto de cor variável, ger. marrom, com dorso manchado de azul e ventre claro, cabeça com espinhos e nadadeiras peitorais muito desenvolvidas; cajaléu, coró, peixe-voador, pirabebe, santo-antônio, voador, voador-cascudo [Locomove-se no fundo com auxílio das nadadeiras ventrais e, molestado, abre suas peitorais como asas, para amedrontar ou simular maior porte.] | Orig. obsc. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura*

#### (93) CORAL

Antozoário/Réptil

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Coral (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Coral [Do lat. *tard. corallu* (lat. cláss. *coraliu*).] S.m. Zool. Animal celenterado, antozoário, de corpo em forma de pólipó com tentáculos orais e tubo digestivo dividido em septos e com sifonóglifo. Provido de endoesqueleto ou exoesqueleto calcário, vive nos mares quentes, a pouca profundidade, e é responsável pela formação de recifes e atóis. Conhecem-se atualmente cerca de 6.200 espécies. [Cf. hidra<sup>2</sup>.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Coral S.m.design. comum a diversos animais cnidários, antozoários, coloniais, esp. os da ordem dos escleractíneos, cujos pólipos secretam um volumoso esqueleto calcário externo, principal responsável pela formação de recifes. | S.f. red. de *cobra-coral*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Coral S.m. 'animal celenterado, antozoário, provido de endoesqueleto calcário, e que é responsável pela formação de recifes e atóis' XIII. Do lat. *tard. coralum* (cláss. *corallium*), deriv. do gr. *korállion*. (Cunha, 2010, pág. 180)

*Origem: Português < Latim*

#### (94) CORAMA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Corama (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Corama S.m. Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Ceará m.q. *barracuda* (*Sphyaena barracuda*) | orig.obsc.; prov. tupi || Barracuda substantivo feminino Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil.peixe teleosteo perciforme da fam. dos esfirênídeos (*Sphyaena barracuda*), de ampla distribuição no Atlântico ocidental, com até 3 m de comprimento, corpo alongado, cabeça grande, maxilar que ultrapassa a margem anterior do olho, alguns dentes caninos fortes, dorso cinza-azulado com faixas escuras, flanco prateado com manchas negras irregulares, nadadeiras dorsais bem separadas, peitoral que alcança a linha vertical, e caudal furcada; alimenta-se de

peixes que, direta ou indiretamente, ingerem dinoflagelados tóxicos, e, por isso, apesar de pescado, sua carne é considerada tóxica [sin.: bacuda, bicuda, bicuda-branca, bicuda-de-corso, bicuda-do-alto, bicuda-grande, carana, corama, cuda, gaviama, gaviana, goirana, goriana, guarana] (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura*

**(95) CORDEIRO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 18 ocorrências

**Variantes:**

Cordeiro de João Ferreira Barbosa [Ssing+Antropônimo]  
 Cordeiro de Luís Olímpio de Farias [Ssing+Antropônimo]  
 Cordeiro de Evaristo Olímpio de Farias [Ssing+Antropônimo]  
 Cordeiro de Santo Antônio [Ssing+Hagiotopônimo]  
 Cordeiros [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	10	-	2	1	2	-	-	1	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Cordeiro (8) – Nm  
 Cordeiro de João Ferreira Barbosa (1) – Nm + Antropônimo  
 Cordeiro de Luís Olímpio de Farias (1) – Nm + Antropônimo  
 Cordeiro de Evaristo Olímpio de Farias (1) – Nm + Antropônimo  
 Cordeiro de Santo Antônio (2) – Nm +Hagiotopônimo  
 Cordeiros (5) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cordeiro [Do lat. vulg. \*cordariu.] S.m. Zool. Filhote ainda novo da ovelha; anho. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cordeiro S.m. ‘filhote ainda novo de ovelha’ XIII. Do lat. vulg. \*cordarius (de cordus ‘tardio [em nascer]’). (Cunha, 2010, pág. 180)

*Origem: Português<Latim*

**(96) CORUJA**

Ave



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 36 ocorrências**Variantes:**

Corujinha [Ssing]

Curujinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	1	5	3	-	6	1	2	3	6	7	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Coruja* (33) – Nf*Corujinha* (1) – Nf*Curujinha* (2) – Nf**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Coruja S.f. [Do b.-lat. *corusa*, poss.] Bras. Zool. Designação comum às aves estrigiformes, especialmente as de maior porte, titonídeas e estrigídeas. São noturnas, de plumagem mole, e em geral preferem como alimento os pequenos mamíferos, sobretudo roedores, dos quais vomitam, depois, os pêlos e parte dos ossos. [Sin.: estrige.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Coruja S.f. ‘designação comum às espécies de aves estrigiformes, especialmente as de maior porte’ 1813. De origem obscura. (Cunha, 2010, pág. 184)

*Origem: obscura***(97) CORVINA**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Corvina (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Corvina [Do esp. *corvina*.] S.f. Designação comum aos peixes teleósteos, marinhos, cienídeos, gênero Micropogon; é aplicada particularmente à espécie *M. opercularis*; corvina-marisqueira, corvineta, cururuca. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Corvo S.m. → **corVINA** sf. ‘designação comum aos peixes teleósteos, marinhos, da fam. dos cianídeos’ XIV. Do cast. *corvina*, de *cuervo* ‘corvo’. (Cunha, 2010, pág. 184)

*Origem: Português < Castelhana*

#### (98) CORVO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

#### Variantes:

Corvos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-

#### Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

*Corvo (1) – Nm*

*Corvos (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Corvo (ô). [Do lat. *corvu*; tax. *Corvus*.] S.m. 1. Zool. O gênero-tipo da família dos corvídeos, que reúne cerca de 40 espécies de aves passeriformes de porte relativamente grande, que emitem voz que é um grasnido áspero, desagradável, são muito ativas, têm coloração ger. preta, e são onívoras. | 2. Zool. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Corvus brachyrhynchos*, o corvo comum da América do Norte. | 3. Zool. Qualquer espécime desse gênero. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Corvo S.m. ‘ave passeriforme da fam. dos corvídeos’ XIII. Do lat. *cōvus –ī* (Cunha, 2010, pág. 184)

Origem: Português<Latim

(99) CUPIM

Artrópode

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 16 ocorrências

**Variantes:**

Cupim Grande [Ssing+Adj]

Cupim Quebrado [Ssing+Adj]

Cupins [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	2	3	4	1	-	5	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cupim (8) – Nm*

*Cupim Grande (1) – Nm + Adj*

*Cupim Quebrado (1) – Nm + Adj*

*Cupins (4) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cupim S.m. [Var. de cupi.] Bras. Zool. Designação comum aos insetos isópteros. São sociais, vivendo em comunidades ger. populosas, formadas por indivíduos ápteros e alados; constroem cupinzeiros na madeira ou no solo. Vegetarianos, alguns atacam plantas vivas, raízes, sementes, cereais e tubérculos, mas podem alimentar-se, também, de objetos de madeira ou compensado, de papel, etc., causando sérios prejuízos. Algumas espécies são xilófagas, possuindo protozoários intestinais que digerem a celulose. [Sin.: térmita, térmita, (bras., Amaz.) itapicuim, (guin.) бага-бага, (angol. e santom.) salalé e (moç.) muchém.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cupim S.m. ‘nome genérico dos insetos da ordem dos isópteros, térmita; nontículo de terra’ | 1734, *copi* 1587, *copij* 1627 etc. | Do tupi *kupi*’i. (Cunha, 2010, pág. 195)

Cupim V.Copim. Copim corr. **Copií**, o térmita ou formiga-branca. *Alt. Cupim.* (Sampaio, 1987, pág. 227)

Origem: Indígena/Tupi

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências**Variantes:**

Coriango [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Coriango (2) – Nm

Curiango (3) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Curiango [Do quimb.] S. m. Bras. Zool. Ave caprimulgiforme, caprimulgídea (*Nyctidromus albicollis*), uma das mais comuns, distribuída desde o S. do México até o N.E. da Argentina, de coloração pardo-amarelada finamente pintada de preto e com manchas pretas maiores, rêmiges pretas com fita branca. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Curiango m.q. *bacurau* ('designação comum'). | Segundo Nascentes, quimb. *kurianka* 'preceder' (a ave costumaria voar na frente dos caminheiros). (Hoais Eletrônico, 2009)

*Origem: Africana/Quimbundo***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Curimba (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Curimba S. m. Bras. Zool. V. curimbatá || Curimbatá [Var. de *curimatá* < *curumatá*, do tupi.] S. m. Bras. Zool. Designação comum a peixes teleósteos, actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, proquilodontídeos, esp. do gênero *Prochilodus*, com 24 espécies distribuídas por todo o Brasil. Sua pesca é feita com redes; alimenta-se de vegetais, sobretudo lodo, prestando-se bem para piscicultura; costuma remexer a terra nas lagoas, donde lhe vem o nome de *papa-terra*. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Curimba S.m. m.q. *curimbatá* (gên. *Prochilodus*). || 1. design. comum aos peixes teleósteos, caraciforme da fam. dos curimatídeos, esp. do gên. *Prochilodus*, com ampla distribuição nos rios brasileiros; curibatá, curimatá, curimatã, curimataú, curimba, curumatá, curumatã, curumbatá, grumatá, grumatã, papa-terra [Espécie utilizada em piscicultura.] | 2. peixe da fam. dos curimatídeos (*Prochilodus nigricans*), encontrado em diversos rios amazônicos e do N.E. do Brasil [Sua carne é muito consumida pela população local e sua pele utilizada para o desenvolvimento das técnicas de curtimento e na fabricação de couro.]. | Tupi *kurima'ta* 'id.' (Houaiss Eletrônico, 2010)

*Origem: Indígena/Tupi*

(102) CURRALEIRO

Mamífero/Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências

#### Variantes:

Curraleiros [Splural]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Curraleiro (3) – Nm*

*Curraleiros (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Curraleiro<sup>1</sup> [De curral + -eiro.] Adj. 1. Diz-se do gado bovino que fica em curral. | 2. Bras. Diz-se de certa raça bovina. || Curraleiro<sup>2</sup> [F. red. do *papagaio-curraleiro*.] S. m. Zool. V. papagaio-do-peito-roxo. || Papagaio-de-peito-roxo S. m. Bras. Zool. Ave psitaciforme, psitacídea (*Amazona vinacea*), do S. de E. do Brasil, de coloração verde, bico escarlate na base e amarelo na ponta, fronte vermelha, garganta, lados do pescoço e peito arroxeados, com penas orladas de negro. Vive aos bandos e aprende a falar em cativeiro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Curraleiro S.m. 2. que ou o que pertence a certa raça bovina. 3. m.q. *papagaio-do-peito-roxo* (*Amazona vinacea*). | curral + -eiro. (Houaiss Eletrônico, 2010)

Curral *sm.* ‘lugar onde se junta e recolhe o gado’ XIII. De origem controvertida. (Cunha, 2010, p. 196)

*Origem: Controvertida*

#### (103) CURURU

Anfíbio

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cururu (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Cururu [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. 1. Designação comum a alguns sapos de grande porte de pele enrugada. | 2. Bras. N. N.E. Zool. Designação comum às espécies do gênero *Bufo*, de pele verrucosa, provida de glândulas de peçonha; sapo-cururu. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cururu S.m. ‘variedade de sapo’ 1597. Do tupi *kuru’ru*. (Cunha, 2010, pág. 196)

Cururú s. **Cururú** ou **curorõ**, o roncador; o sapo grande. (*Pipa Cururú*). (Sampaio, 1987, pág. 228)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 31 ocorrências**Variantes:**

Cotia [Ssing]

Cotias [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	2	5	-	1	-	2	9	-	7	4

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Cotia* (4) – Nf*Cotias* (1) – Nf*Cutia* (26) – Nf*Cutias* (1) – Nf**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Cutia [Var. de *acuti*.] S.f. Bras. Zool. Mamífero roedor, dasiproctídeo, gênero *Dasyprocta*, com sete espécies em território brasileiro. As cutias têm apenas vestígio de cauda, extremidades anteriores bem mais curtas que as posteriores, e pés compridos com cinco dedos, sendo três desenvolvidos, com unhas cortantes equivalentes a pequenos cascos, e o quinto dedo muito reduzido. Vivem nas matas e capoeiras, donde saem à tardinha para alimentar-se de frutos e sementes caídos das árvores. A coloração é variável entre as espécies. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Cutia S.f. ‘mamífero roedor da fam. dos dasiproctídeos’ | c 1584, *cotia* 1576, *acuti* c 1584 etc. | Do tupi *aku’ti*. (Cunha, 2010, pág. 197)

Cutia *corr.* **Agutí** ou **a-cutí**, o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras. (*Dasyprocta aguti*). *Alt.* **Cotia**. (Sampaio, 1987, pág. 229)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:****Variantes:**

Dourados [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Dourados (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Variantes:**

Douradinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	X

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Dourado S.m. 8. Bras. Zool. Peixe actinoptério, caraciforme, caracídeo (*Salminus brevidens*, do rio São Francisco, e *S. maxillosus*, da bacia do Paraná), carnívoros, de grande porte, coloração dourada tendente ao vermelho, muito apreciados para a pesca esportiva, e cuja carne é de primeira qualidade. Alcançam 1m de comprimento e 20kg de peso. [*Sin.: piraju, pirajuba, saijé. Cf. saipé.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Dorar V.b. ‘vestir com camada de ouro’ XIV. Do lat *deaurāre* || **DOUR**ado XIII. (Cunha, 2010, pág. 229)

*Origem: Português < Latim*

#### (106) ÉGUA

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 21 ocorrências

**Variantes:**

Éguas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	1	2	2	3	1	10	-	-	-



**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Égua (10) – Nf  
Éguas (11) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Égoas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Égua [Do lat. *equa*.] S. f. A fêmea do cavalo. [No N.E. do Brasil, entre os sertanejos e a gente inculta, em geral, é palavra considerada mais ou menos obscena. Cf. égua (2). Sin. (bras., na maioria): banguina, beroba, besta (ê), biscaia, brivana, guincha, munã, pichorra, piguancha.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Égua S.f. ‘fêmea do cavalo | XIII, *egoa* XIII, *ega* XIII | Do lat. *ēqua* –*ae*. (Cunha, 2010, pág. 236)

*Origem: Português/Latim*

(107) EMA

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 12 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	4	2	1	4	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Ema (12) - Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Ema [De or. controversada.] S.f. Zool. Ave reiforme, réidea (*Rhea americana*), dos campos e cerrados brasileiros, de dorso bruno-cinza, parte inferior mais clara, e com três dedos nos pés. Vive em bandos, alimenta-se de frutos e grãos, e de toda sorte de pequenos animais, e atinge 1,30m de altura. O macho é quem choca os ovos postos por várias fêmeas, em ninhadas

de até 40 ovos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Emá S.f. ‘ave reiforme, da fam. dos réideos’ | XVI, *hema* XVI, *eyma* XVI | De origem controvertida. (Cunha, 2010, pág. 239)

*Origem: Controvertida*

**(108) ESQUILO**

Roedor

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Esquilo (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Esquilo [Do gr. *skiouros* (< gr. *skiá*, 'sombra', + *-ourá*, 'cauda'), pela f. *\*squirus*, poss.] S.m. Zool. Designação comum a diversas espécies de roedores ciurídeos, cosmopolitas, de porte pequeno a médio. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Esquilo S.m. ‘caxinguelê, cotia-de-pau’ | *esquilo* XVI | De origem incerta; cp. Gr. *skiouros* ‘esquilo’, deriv. de *skía* ‘sombra’ e *oura* ‘cauda’. (Cunha, 2010, pág. 267)

*Origem: Incerta*

**(109) FALCÃO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Variantes:**

Falcão, de Ataíde Assunção Gontijo [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Falcão (6) – Nm*

*Falcão, de Ataíde Assunção Gontijo (1) – Nm + Antropônimo*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Falcão S.m. [Do lat. tard. *falcone.*] Zool. Qualquer das aves de rapina diurnas, falconídeas, como, por ex., o falcão-peregrino (q. v.). || 2. Qualquer das aves de rapina falconídeas conhecidas, no Brasil, como gavião. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Falcão S.m. ‘ave de rapina da fam. dos falconídeos’ | -com XIII | Do lat. *falco* –*ōnis*. (Cunha, 2010, pág. 284)

*Origem: Português < Latim*

#### (110) *FINCUDO*

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Fincudo (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

**Fincudo** [De *fincar* + *-udo*.] S. m. Bras. V. mosquito. || **Mosquito** [De *mosca* + *-ito*<sup>1</sup>.] S. m. Zool. Designação comum a todos os insetos dípteros, culicídeos, de porte pequeno, pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos. O ciclo evolutivo efetua-se em duas fases distintas: a primeira, na água, onde são depositados os ovos e se desenvolvem as larvas e pupas; a segunda é alada e terrestre. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Fincudo** S.m. mosquito ('designação comum'). *fincar* + *-udo*. (Houaiss Eletrônico, 2009)

**Fincar** vb. 'cravar' | XV, *fincar* XIII | Do lat. vulg. \**figĭcāre*, de *figĕre* 'cravar'. (Cunha, 2010, pg. 293)

*Origem: Português < Latim*

**(111) FOCA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Foca (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/F*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Foca** [Do gr. *phōke*, pelo lat. *phoca*; tax. *Phoca*.] S.f. Zool. 1. Gênero de mamíferos pinípedes, tipo dos focídeos, com distribuição em todos os oceanos, esp. nos pontos extremos das latitudes norte e sul. || 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Phoca vitulina*. || 3. Qualquer espécie desse gênero. || 4. Designação comum a mamíferos focídeos outrora classificados no gênero *Foca* e, atualmente, reagrupados em gêneros afins como, p. ex., *Arctocephalus*, *Otaria*, etc. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Foca** S.f. 'mamífero pinípede da família dos focídeos' 1572. Do lat. *phōca* e, este, do gr. *phōke*. (Cunha, 2010, pág. 297)

*Origem: Português < Latim*

**(112) FORMIGA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 46 ocorrências**Variantes:**

Formiguinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	4	1	6	1	-	3	6	15	-	1	9

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Formiga* (39) – Nf*Formiguinha* (7) – Nf**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Variantes:**

Formigas [Splural]

Furmiga [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Formiga S.f. [Do lat. formica, por via popular.] Zool. Designação comum a todos os insetos himenópteros, formicídeos, caracterizados por terem o hipopígio do macho em espinho voltado para cima. As fêmeas são dimórficas, as operárias ápteras, com suturas torácicas ausentes ou muito reduzidas, e as formas férteis com suturas presentes. Vivem em colônias. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Formiga S.f. ‘designação geral dos insetos himenópteros da fam. dos formicarídeos’ XIII. Do lat. *fórmica*. (Cunha, 2010, pág. 299)

*Origem: Português < Latim***(113) FORMIGUEIRO**

Grupos de Insetos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	1	-	1	3	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Formigueiro (6) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Formigueiro [De formiga + -eiro.] S. m. 2. Grande quantidade de formigas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Formiga S.f. ‘designação geral dos insetos himenópteros da fam. dos formicarídeos’ XIII. Do lat. *fórmica*. || **formiguEIRO** XVI. (Cunha, 2010, pág. 299)

*Origem: Português < Latim*

#### (114) FRANGO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

#### Variantes:

Frangos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	3	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Frango (3) – Nm*

*Frangos (2) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Frango [Der. regress. de frangão.] S.m. O filho da galinha, já crescido, porém antes de ser galo.

[Dim. irreg.: frangainho, franganito, franganote, frangote.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Frango S.m. ‘o filhote da galinha, já crescido, mas antes de ser galo’ | XIV, *frãgau* XIII, *frangauus* pl. XIII, *frangãas* pl. XIV, *frangão* XIV, *ffrangão* XIV etc. | A origem é controversa; a forma *frango* proveio de *frangão*, possivelmente por ter sido esta última considerada como aumentativo.(Cunha, 2010, pág. 301)

*Origem: Controversa*

(115) **FURÃO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Furão (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Furão [Do lat. tard. *furone*.] S. m. Zool. 1. Designação comum às espécies de mamíferos carnívoros fissípedes, viverrídeos, noturnos, de crânio pequeno, focinho fino, orelhas e pernas curtas, corpo alongado e coloração pardo escura. São encontrados na África e Ásia. Ex.: mangusto. | 2. Bras. Designação comum às espécies de mamíferos carnívoros mustelídeos, gêneros *Grisson* e *Grammogale*, este de ventre baio, dorso e faixa abdominal de cor pardo-castanha, e que só ocorre no PA. Do *Grisson* há duas subespécies: a *G. vittatus vittatus*, da Amaz. e do S. O. do Brasil, e a *G. v. brasiliensis*, do C. O. e S., que tem por cima dos olhos e orelhas uma larga faixa amarela, que vai até a margem anterior da omoplata. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Furar V.b. ‘esburacar, arrombar, romper, penetrar em’ XIII. Do lat. *forãre* | **furÃO** 1813. (Cunha, 2010, pág. 305)

*Origem: Português<Latim*

(116) **GADO**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 32 ocorrências

**Variantes:**

Gado Bravo [Ssing+Adj]

Gado Velhaco [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	1	7	22	-	-	1	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Gado (3) – Nm

Gado Bravo (23) – Nm + Adj

Gado Velhaco (6) – Nm + Adj

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Variantes:**

Gado Bravo [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gado [De *gãdo*, *gaado*, part. pass. do ant. *gãar*, *gaanar*, 'ganhar' (q. v.).] S.m. Reses em geral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gado S.m. 'reses em geral, rebanho, armento, vara' | XIV. *gaado* XIII, *guaado* XIV etc. | Do lat. *ganātu*, part. de *ganāre*. (Cunha, 2010, pág. 307)

*Origem: Português < Latim*

**(117) GAFANHOTO**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**



*Gafanhoto (3) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Gafanhoto (ô). [Do rad. de *gafa*<sup>1</sup>, por alusão à forma recurva do inseto.] S.m. Zool. Inseto ortóptero, acridódeo, o qual se distingue das esperanças e dos grilos por ter antenas mais curtas do que o corpo e pernas anteriores semelhantes às do par médio, e é provido de um órgão auditivo ou tímpano de cada lado, no segmento basal do abdome. [Sin.: *acridiano*, *acridio*, *ticura*, *tucura*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gafanhoto → GAFA<sup>1</sup>S.f. ‘gancho’ XVI. Do cat. *Gafa* e, este, provavelmente, do ar. *qáf’a* || **gafanhoto** XIV. por alusão às formas ganchosas de suas patas. (Cunha, 2010, pág. 307)

*Origem: Incerta*

(118) GAIVOTA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Gaivota (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Gaivota [Do lat. *gavia*, ‘gaivota’, + *-ota*<sup>2</sup>, ou de um seu dim. *gaviota*, com metátese.] S.f. Zool. 1. Designação comum às aves caradriiformes larídeas, especialmente dos gêneros *Larus*, *Phaetusa* e *Thalasseus*. A gaivota comum, *Larus maculipennis*, ocorre na costa atlântica da América meridional, e dela há quatro espécies no Brasil; tem coloração branco-acinzentada, mais escura no dorso, algumas penas negras nas asas, bico e pés avermelhados, alimenta-se de pequenos peixes e toda sorte de detritos do mar, e o macho, no período da procriação, ostenta a cabeça preta. [Sin.: *ati*, *maria-velha* e (da espécie *L. maculipennis*) *atiati*.] | 2. Zool. V. andorinha-do-mar. || Andorinha-do-mar S. f. Bras. Zool. 1. Designação comum a duas aves caradriiformes larídeas: *Phaetusa simplex*, das costas e grandes rios do N. e L. da América do

Sul, e *Phaetusa chloropoda*, dos grandes rios e estuários das partes meridional e oriental. São ambas de coloração cinzenta, com o alto da cabeça preto, parte das coberteiras e rêmiges do braço brancas, rêmiges da mão pretas com a parte inferior branca, e bico amarelo. | 2. Ave procelariiforme, hidrobatídea (*Oceanodroma castro*), do Atlântico tropical. Dorso preto, cabeça e garganta acinzentadas, coberteiras superiores e inferiores da cauda mescladas de branco, abdome pardo-escuro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gaiivota S.f. 'designação comum às aves da fam. larídeos' | *guayuota* XV | Do lat. *gāvīa*. (Cunha, 2010, pág. 308)

*Origem: Português < Latim*

**(119) GALGA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Galga (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Galga [De galgo.] S.f. Zool. A fêmea do galgo. | Galgo [Do lat. vulg. *gallicu*, f. red. de *canis gallicus*, 'cão da Gália'.] S.m. Cinol. Cão de talhe elevado, pernas longas e musculosas, abdome estreito e focinho afilado, e que se caracteriza pela agilidade e rapidez. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Galg-a, -ar, -o → **GÁLICO** || Gálico galgo XVII. Do lat. lus. *gálego* e, este, do lat. *gallīcus*. (Cunha, 2010, págs. 308 e 309)

*Origem: Português < Latim*

**(120) GALHEIRO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 23 ocorrências

**Variantes:**

Galheirinho [Ssing]

Galheiro, de Dr. Jardel Araújo [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	7	5	-	3	-	-	1	7	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Galheirinho (4) – Nm

Galheiro (17) – Nm

Galheiro de Cima (1) – Nm + Adv

Galheiro, de Dr. Jardel Araújo (1) – Nm +Antropônimo

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Galheiro S.m. [De galho + -eiro.] Bras. Zool. Veado de galhos ou chifres grandes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Galh·ada, -eiro → GALHO || Galho sm. ‘ramo de árvore’ 1813. Do lat. \*galleus || **galHEIRO** 1899. (Cunha, 2010, pág. 309)

*Origem: Português<Latim*

**(121) GALINHA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 16 ocorrências

**Variantes:**

Galinhas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	2	2	-	1	5	3	-	-	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Galinha (14) – Nf*  
*Galinhas (2) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Galinha [Do lat. *gallina*.] S.f. Zool. Ave galiforme, fasianídea, a fêmea, adulta, do galo<sup>1</sup> (1).(Aurélio Eletrônico, 2010)

Galináceo Adj. S.m. ‘relativo a, ou indivíduo dos galináceos, ordem de aves de patas não palmadas, bico curto e não adunco’ || **galinha** XVI. Do lat. *gallina*.(Cunha, 2010, pág. 309)

*Origem: Português<Latim*

(122) GALO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 11 ocorrências

#### Variantes:

Galo Novo [Ssing+Adj]

Galo Velho [Ssing+Adj]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	4	-	1	1	3

#### Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

*Galo (11) – Nm*

*Galo Novo (1) – Nm + Adj*

*Galo Velho (1) – Nm + Adj*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Galo [Do lat. *gallu*.] S.m. Zool. Ave galinácea, de crista carnuda e asas curtas e largas; o macho da galinha. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Galo → GALINÁCEO || **galo** XIII. Do lat. *gāllus*. (Cunha, 2010, pág.309)

*Origem: Português<Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 35 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
6	1	-	8	-	-	3	6	2	-	2	7

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Gambá* (35) – Nm e f**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

*Gambá* [Do tupi.] Bras. Zool. S.m. e f. Designação comum aos mamíferos marsupiais, didelfídeos, gênero *Didelphis*, comum ao S. dos E.U.A., América Central e grande parte da América do Sul. Conhecem-se três espécies: *D. marsupialis*, *D. aurita* e *D. paraguayensis*. Os gambás são placentários, as fêmeas com bolsa marsupial, dentro da qual se acham as tetas, às quais se agarram 10 a 18 filhotes recém-nascidos com pouco mais de 1cm de comprimento, aí permanecendo até abandonarem a mãe. Têm cauda preênsil, e 18 dentes incisivos, enquanto nos demais mamíferos esse número é de 12 no máximo. São onívoros e levam vida noturna. [Sin.: cassaco, sarigüê, saruê, mucura, micurê, raposa, taibu, tacaca, ticaca, timbu.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

*Gambá* S.m. ‘mamífero marsupial do gênero *Didelphis*’ 1817. De origem tupi, mas de étimo obscuro. (Cunha, 2010, pág. 309)

*Gambá* corr. **Guá-mbá**, o ventre aberto, a barriga oca. (*Didelphys*). (Sampaio, 1987, pág. 231)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Variantes:**

Guandu [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	1	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Gandu (1) – Nm*

*Guandu (3) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Gandu [Do *forro*<sup>2</sup>.] S. m. Santom. Zool. Designação comum ao tubarão e ao cação. (Aurélio Eletrônico, 2010)

*Origem: Não encontrado*

(125) GARÇA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 28 ocorrências

**Variantes:**

Garças [Splural]

Garças, de Estevão de Paula [Splural+Antropônimo]

Garças, de Vicente Rodrigues [Splural+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	7	-	1	-	6	1	4	6	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Garça (19) – Nf*

*Garças (7) – Nf*

*Garças, de Estevão de Paula (1) – Nf + Antropônimo*

*Garças, de Vicente Rodrigues (1) – Nf + Antropônimo*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Garça [Da mesma or. incerta que o esp. garza; poss. de uma f. pré-romana \*karkia.] S.f. Zool. Designação comum às aves ciconiiformes, ardeídeas. Vivem aos bandos, freqüentam rios, lagoas, charcos, praias marítimas ou manguezais de pouca salinidade, e se alimentam quase só de peixes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Garça S.f. ‘ave penalta aquática’ XIII. Do lat. lusit. *gartia*. (Cunha, 2010, pág. 310)

*Origem: Português<Latim*

#### (126) GARRINCHA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Garrincha (2) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Garrincha S.f. Bras. Zool. V. garriça. || Garrinça S.f. Bras. Zool. 1. Ave passeriforme, trogloditídea (*Troglodytes musculus*), distribuída pelo Brasil e países limítrofes, de coloração parda, avermelhada no crisso e na cauda, indistintamente listrada de negro no dorso, asas e caudas listradas de preto. Freqüente habitações humanas, e se alimenta de insetos, aranhas e outros artrópodes de pequeno porte. Seu canto é agradável.[Sin.: cutipuruí, curupuruí.] || 2. Designação comum a outras espécies dos gêneros *Troglodytes* e *Cistothorus*, com os mesmos hábitos e alimentação. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Garrincha S.f. cambaxirra (*Troglodytes aedon*). Orig. duv. (Houaiss Eletrônico, 2007).

*Origem: Duvidosa*

#### (127) GARROTE

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	2	1	-	-	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Garrote (6) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Garrote<sup>2</sup> [Do fr. *garrot* (< provenç. *garrot*), poss.] S.m. Bezerro de dois a quatro anos de idade. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Garrote<sup>2</sup> → GARRA<sup>1</sup> || Garra | **garrote**<sup>2</sup> S.m. ‘novilho’ XX. Do fr. *garrot* ‘parte saliente do dorso de um quadrúpede’. (Cunha, 2010, pág. 311)

*Origem: Português < Francês*

(128) GATA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Gata (1) - Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E



**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gata [Do lat. *catta*.] S.f. Zool. A fêmea do gato. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gato S.m. ‘animal doméstico da fam. dos felídeos’ XIII. Do lat. trad. *Cattus*. (Cunha, 2010, pág. 312)

*Origem: Português<Latim*

(129) **GATO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 12 ocorrências

**Variantes:**

Gatos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	1	1	-	-	-	2	4	-	3

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Gato* (11) – Nm

*Gatos* (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gato [Do lat. *cattu*.] S.m. Zool. Animal mamífero, carnívoro, felídeo (*Felis catus domesticus*), digitígrado, de unhas retráteis, domesticado pelo homem desde tempos remotos, e usado comumente para combate aos ratos. [Sin., inf.: miau. Aum.: gatão, gatarrão, gatorro. ] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gato S. m. ‘animal doméstico da fam. dos felídeos’ XIII. Do lat. trad. *Cattus*. (Cunha, 2010, pág. 312)

*Origem: Português<Latim*

(130) **GATURAMA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Gaturama (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Gaturamo [Do tupi = 'o que será bom'.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de aves passeriformes, traupídeas, especialmente as dos gêneros *Tanagra* e *Chlorophonia*. São pássaros pequenos, de dorso azulado ou esverdeado, região ventral amarelada, frugívoros, e muito apreciados em viveiros ou gaiolas, por seu canto e suas cores ornamentais. Conhecem-se no Brasil 15 espécies de gaturamos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gaturamo S.m. ‘nome de diversos pássaros da fam. dos tanagrídeos’ 1843. De origem tupi, mas de étimo obscuro. (Cunha, 2010, pág. 312)

Gaturamo *corr.* **Gaturama**, o que bom será; alusão a que a ave deste nome, se colhida em gaiola, se torna excelente no cantar. É o **gurinhatá**, do norte do Brasil. (Sampaio, 1987, pág. 232)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (131) GAVIÃO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 48 ocorrências

#### Variantes:

Gavião de cima [Ssing+Adv]

Gaviãozinho [Ssing]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	5	12	-	4	3	-	1	2	7	11

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Gavião (44) – Nm*

*Gavião de Cima (1) – Nm + Adv*

*Gaviãozinho (3) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gavião S.m. [Da mesma or. incerta que o esp. *gavilán*; poss. do gót. \**gabilans*.] Zool. Qualquer das aves de rapina diurnas, falconiformes, acipitrídeas, falconídeas; em sua maioria, alimentam-se de presas vivas, inclusive aves, reptis, pequenos mamíferos, e até invertebrados, tais como insetos e moluscos.[Os catartídeos, da mesma ordem, preferem carnes em putrefação.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Gavião S.m. ‘designação de grande número de aves falconiformes’ | *gauĩã* XIII | Provavelmente do germânico \**gavilane*. (Cunha, 2010, pág.312)

*Origem: Germânica*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Ginete (1) - Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Ginete (ê). [Do ár. *zanātī*, 'indivíduo dos zenetas (tribo famosa por sua cavalaria ligeira)'] S.m. Cavalo de boa raça, fino e bem adestrado. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Ginete S.m. 'cavalo de boa raça' | *genete* XIII | Do ar. vulg. *zenêti* (cláss. *zanāti*), indivíduo dos Zenetas, tribo berbere, famosa por sua cavalaria ligeira, que participou da defesa do reino de Granada no séc. XIII. (Cunha, 2010, pág. 317)

*Origem: Português < Árabe*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Gonçalo (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gonçalo S.m. m.q. *bagre-de-água-doce* (*Luciopimelodus platanus*). || Bagre-de-água-doce Substantivo masculino bagre da fam. dos pimelodídeos (*Luciopimelodus platanus*) dos rios Paraná e Piracicaba, que atinge cerca de 25 cm de comprimento, de corpo prateado escuro no dorso e amarelado no ventre, nadadeiras peitorais e dorsal sem espinhos no primeiro raio e nadadeira caudal furcada; fidalgo, gonçalo. Orig. obsc. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Gongo (2) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gongo S.m. 5. *BICHO-DO-COCO* (*Phachymerus nucleorum*) || Bicho-do-coco S.m. larva de besouro (*Pachymerus nucleorum*) da fam. dos bruquídeos, de ampla distribuição brasileira, que se desenvolve no interior do fruto de várias palmáceas, como o babaçu, o coqueiro, a carnaúba, entre outras; bicho-de-coco, gongo, morotó. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Não encontrado*

(135) **GRALHA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Gralha (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Graia [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Gralha [Do lat. *graculu*, com mudança de gênero no lat. tard.] S.f. Zool. Designação comum a várias espécies de aves passeriformes, corvídeas, especialmente dos gêneros *Cyanocorax* e *Uroleuca*, com várias espécies no Brasil. Em geral, têm belas cores, destacando-se o azul de vários matizes, com branco, creme ou preto, e voz estridente; são praticamente onívoras, e vivem aos bandos. (Aurélio)

Gralha S.f. ‘nome comum a diversas aves da fam. dos corvídeos’. Do lat. *gracūla*. (Cunha, 2010, pág. 322)

*Origem: Português < Latim*

(136) **GRAÚNA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Araúna [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	2	-	1	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Araúna (1) – Nf

Graúna (5) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Graúna [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. 1. Ave passeriforme, icterídea (*Psomocolax oryzivorus*), de coloração geral preta com brilho violáceo e bico preto. | 2. Ave passeriforme, icterídea (*Gnorimopsar chopi sulcirostris*), de coloração geral preta com brilho azulado. Ambas as espécies, largamente distribuídas no Brasil e países limítrofes, são granívoras, e causam grandes estragos nos arrozais, por ocasião das colheitas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Graúna S.f. ‘nome de diversos pássaros de coloração predominantemente negra, quase todos da fam. dos icterídeos’ | 1865, *guarahũ* c1631, *gurauna* c 1631 etc. | Do tupi *ũara’uma* (e/ou *ũira’uma*, forma que é preconizada por outras vars., como *uiraúna*, de 1777, *uraúna*, de 1833 etc. ) (Cunha,2010, pág. 323)

Graúna *corr.* **Guirá-uma**, o pássaro-preto. (Sampaio, 1987, pág. 234)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(137) GRILO**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Grilo (4) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Grilo [Do lat. *grillu.*] S.m. Zool. Inseto ortóptero, grilóideo, de coloração geralmente parda ou escura, com antena muito mais longa que o corpo, tarso de três artículos, fêmures posteriores muito grossos, apropriados para o salto, e cujo órgão estridulante se acha localizado nas tégminas do macho. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Grilo<sup>1</sup> S.m. ‘inseto oróptero da ordem dos saltatórios’ XIII. Do lat. *grillus.* (Cunha, 2010, pág. 325)

Origem: Português<Latim

**(138) GROU**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Variantes: dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Grou (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Grou [Do lat. vulg. \**gruu* < lat. *grus, uis*, 'corvo'.] S.m. Zool. Ave pernalta, cultrirrostra (*Grus cinerea*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Grou S.m. ‘ave da fam. dos cultrirrostrós, de pescoço, bico e pernas longas’ | *grua* f. XIV. | Do lat. lus. *Grou* e, este, de *grūus*, deriv. de *grus* –*is*, com mudança de declinação. (Cunha, 2010, pág. 325)

Origem: Português<Latim



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 27 ocorrências**Variantes:**

Guarazinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	5	1	5	3	14	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Guará (27) – Nm

Guarazinho (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guará S.m. [Do tupi *agwa'rá.*] Bras. Zool. Ave ciconiiforme, tresquiornitídea (*Guara rubra*), dos mangues e estuários da América do Sul setentrional e oriental, de coloração vermelho-viva e pontas das rêmiges exteriores da mão pretas. Os jovens são mais ou menos brancos, pintados de pardo. || 2. [Do tupi *gwa'rá.*] Zool. Mamífero carnívoro, canídeo (*Chrysocyon brachyurus*), das regiões abertas do N. da Argentina, do Paraguai e do Brasil, especialmente nos cerrados, de coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com mancha branca na garganta. Mede 1,45m de comprimento e 45cm de cauda; alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e frutas. Extremamente arisco, tem hábitos noturnos. É um dos maiores e mais belos canídeos. [Var.: *aguará*; sin.: *aguaracu.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guará S.m. ‘ave da fam. dos tresquiornitídeos’ | 1585, *goará* 1576, *goarâ c* 1584 etc. | Do tupi *üa'ra* || 2. S.m. ‘nome comum a peixes de diversas famílias, alguns dos quais foram identificados como o xaréu, da fam. dos carangídeos’ | *gorazes* pl. c 1586, *guará* 1587, *guará c* 1631 | Do tupi *üa'ra*. || 3. ‘mamífero carnívoro da fam. dos canídeos (*chrysocyon brachyurus*), | 1817, *aguará* 1618, *avara c* 1777 | Do tupi *aüa'ra*. (Cunha, 2010, pág. 327)

Guará s. A garça vermelha, a ave aquática (*Ibis rubra*). É frequente a troca de **guirá**, pássaro, ave, por **guará**. (Sampaio, 1987, pág. 237)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Variantes:**

Guarubu [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Guarubu (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guarabu [Do tupi.] 2.S.m. Zool. Abelha melipônida (*Melipona nigra*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guarabú *corr.* **Guara-b-ũ**, o indivíduo roxo ou escuro. (*Afronium Concinnum*, Schott). *Alt. Garabú, Guaravú, Guarahú.* (Sampaio, 1987, pág. 237).

*Origem: Indígena/Tupi*

(141) GUARAMIRIM

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Guaramirim (2) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guaramirim (“+mirĩ) = variedade de peixinho; nome de cidade de Santa Catarina, Zona do Litoral de São Francisco. (Gregório, 1980, pág. 721)

*Origem: Indígena/Tupi*

(142) **GUARAPU**

Inseto/Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Graipú [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Graipú (5) – Nm*

*Guarapú (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guarapu [Do *tupi*.] S. m. Bras. 1. Abelha meliponídea (*Melipona nigra*). | 2. V. veado-roxo. || Veado-Roxo S. m. Bras. Zool. . Designação comum a duas espécies de veado de chifres simples e pequeno porte, que vivem dentro das matas. São ambas da família dos cervídeos, gênero *Mazama*, *M. rufina* e *M. rondoni*, difíceis de ser diferenciados na natureza. Alcançam apenas 50cm de altura, os chifres têm cerca de 8cm, e sua coloração varia do vermelho escuro ao castanho. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guarapu *corr.* **Gua-r-apú**, a ponta romba; o corno não aguçado. É nome de um veado pequeno e vermelho. (*Cervus simplici cornis*). (Sampaio, 1987, pág. 238)

*Origem: Indígena/Tupi*

(143) **GUARIBA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 43 ocorrências

**Variantes:**

Guaribas [Splural]

Guaribinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	5	9	2	6	3	6	2	9	1	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Guariba (26) – Nm e f

Guaribas (15) – Nm e f

Guaribinha (2) – Nm e f

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guariba S.m. e f. [Do tupi.] Bras. Zool. Designação comum aos símios platirinos, cebídeos, do gênero *Alouata*, da América Central e do Sul, de coloração escura, caracterizados pela maxila inferior barbada, e sobretudo pelo grito peculiar. São frugívoros e vegetarianos, e vivem em bandos de mais de 12 indivíduos, guiados pelo macho mais velho, o capelão. [Sin.: barbado, bugio.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guariba S.m. ‘macaco da fam. dos cebídeos’ 1587, *gariba c* 1596 etc. | Do tupi. *üa’riua*. (Cunha, 2010, pág.327)

Guariba *corr.* **Guar-ayba**, o indivíduo feio; gente ruim. Designa uma casta de macacos (*Mycetes*). *Alt.* **Guariva, Guarí**. (Sampaio, 1987, pág. 239)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(144) GUATAPARÁ**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	4	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Guatapará (6) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Guatapará [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. V. veado-mateiro. || Veado-mateiro S. m. Bras. Zool. Mamífero artiodáctilo, cervídeo (*Mazama americana*), da porção tropical e subtropical da região cisandina, de coloração do castanho à cor de canela, cauda com pêlos brancos embaixo. Mede cerca de 70cm de altura, e os chifres têm 10 a 12cm de comprimento. Prefere as regiões de matas, vivendo isolado ou aos pares. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guatapará (guatá+pará, por paraba=variegado) = guaçuê, espécie de veado chamado ainda guaçuipita, suaçuipita (por pita, de pitanga) ou veado pardo; nome de vila do município de Ribeirão Preto; São Paulo. (Gregório, 1980, pág. 468)

*Origem: Indígena/Tupi*

(145) **GUAXE**

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

##### Variantes:

Guachão [Ssing]

Guacho [Ssing]

Guachos [Ssing]

Guaxo [Ssing]

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	2	-	-	1	-	1	-	2	-

##### Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

*Guachão (1) – Nm*

*Guacho (3) – Nm*

*Guachos (1) – Nm*

*Guaxe (1) – Nm*

*Guaxo (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Guaxe [Do tupi.] S. m. Zool. Ave passeriforme, icterídea (*Cacicus haemorrhous*), do Brasil central para o S., de coloração preta, dorso inferior e uropígio vermelho-vivos, e bico claro; japira, japuira, japuí, japujuba, xicu, bauá, xexéu-bauá. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guaxe S.m. ‘pássaro da fam dos icterídeos’ | *guaxa* 1618 | Do tupi *üai’šo*. (Cunha, 2010, pág. 328)

*Origem: Indígena/Tupi*

(146) **GUAXUPÉ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Guaxupé (5) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Guaxupé [Do tupi.] S.f. Bras. Zool. Abelha melipônida selvagem. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Guaxupé S.f. ‘Abelha da fam. dos meliponídeos’ 1872. Do tupi *\*üašü’pe*. (Cunha, 2010, pág. 328)

Guaxupé corr. **Gua-exú-pé**, é uma casta de abelhas que faz ninho dentro da terra. *Alt.* **Axupé, Exupé**. (Sampaio, 1987, pág. 240)

*Origem: Indígena/Tupi*

(147) **HUMAITÁ**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 11 ocorrências

**Variantes:**

Humaiata [Ssing]

Humaitá de Cima [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	7

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Humaiata (1) – Nf*

*Humaitá (9) – Nf*

*Humaitá de Cima (1) – Nf +Adv*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Humaitá S.f. ornitologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *maitaca* ('designação comum') || Maitaca 1. S.f. design. comum a diversas spp. de aves psitaciformes, da fam. dos psitacídeos, neotropicais, cujo corpo atarracado e cauda curta são semelhantes aos do papagaio; baitaca, humaitá, maitá, maritaca, sôia, suia | 1.1. ave da fam. dos psitacídeos (*Pionus menstruus*) que ocorre da Costa Rica à Bolívia e ao Sudeste do Brasil, de plumagem verde, cabeça, garganta e peito anterior azuis, crisso e mancha no meio da garganta vermelhos [sin.: curica, maitaca-azul, maitaca-de-barriga-azulada, maitaca-de-cabeça-azul, maitaca-de-cabeça-roxa, maitaca-do-norte] | 1.2. ave da fam. dos psitacídeos (*Pionus maximiliani*) que ocorre em grande parte do Brasil, com cerca de 27 cm de comprimento, cabeça verde-anegrada, bico amarelo de base negra e partes inferiores da cauda vermelhas [sin.: maitaca-bronzeada, maitaca-de-face-verde, maitaca-de-garganta-azul, maitaca-de-maximiliano, maitaca-do-sul, maitaca-verde] (Houaiss Eletrônico, 2007)

Humaitá *corr.* **Mbaitá**, o papagaio pequeno, também conhecido por *maitaca* (*Psittacus cyanogastra*). (Sampaio, 1987, pág. 242)

*Origem: Indígena/Tupi*

(148) IÇÁ

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Içá (1) – Nm e f*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Içá [Do tupi.] S. m. e f. Bras. V. tanajura. || Tanajura [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Designação comum às fêmeas ou rainhas dos insetos himenópteros, formicídeos, esp. as do gênero *Atta sexdens*, que perdem as asas após o vôo nupcial, indo formar novos formigueiros. Elas levam consigo pequena parcela de cogumelo a fim de darem início à nova cultura. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Içá S.f. ‘variedade de formiga, a fêmea da saúva’ | *içans* pl. 1587 | Do tupi *i’as*. (Cunha, 2010, pág. 346)

Içá s. A formiga grande que os índios comiam. Entre os guaranis, **yça**, entre os tupis, **tanajura**. O vocabulário **yça** é contração de **yçaba**, significando gordura, pois tinham índios por tal o que se continha no abdome desta formiga. (Sampaio, 1987, pág. 246)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (149) INHAMBÚ

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Inhambú (3) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Inhambu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, características da região neotropical, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Inambu S.m. ‘ave da fam. dos tinamídeos’ | *nambu* 1587, *jnhambu* 1618, *nãbu* 1624 etc. | Do



tupi. *ina'mu*. (Cunha, 2010, pág. 353).

Inhambú *corr.* **Y-nhã-bú**, a que sai com estrondo; ou que surde com estrépido. V. **Inambú**. || Inambú *corr.* **Y-nhã-bú**, a que corre a prumo, ou se levanta a prumo, a perdiz. Pode proceder o vocábulo de **y-amb-bu**, significando a que se levanta com estrépido, estrondando. (*Crypturus*). *Alt.* **Nambú, Inambú**. (Sambaio, 1987, pág. 249)

*Origem: Indígena/Tupi*

(150) **INHAPIM**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Inhapim (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Inhapim S.m. Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. m.q. **encontro** (*Icterus cayanensis*). | Encontro 15. Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. ave passeriforme (*Icterus cayanensis*) da fam. dos emberizídeos, com ampla distribuição por toda a zona tropical sul-americana, de coloração predominante negra, encontro das asas variando entre o amarelo-enxofre e o castanho, segundo as raças geográficas; canã, corricho, corrução-preto, dragona, encontro-de-ouro, inhapi, inhapim, merro, nhapi, nhapim, pega, pega-de-encontro-amarelo, pega-do-norte, pega-encontro, primavera, rouxinol, rouxinol-de-encontro-amarelo, soldado, soldado-do-bico-preto, soldado-do-nordeste, soldado-pago, xexéu-de-banana, xexéu-de-bananeira. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Inhapim, nhapim = corrixo: nome de pássaro canoro chamado ainda “soldado”, chupim; “nome vulgar pelo qual se designa certo passarinho cor negro-viva” (Nelson de Senna-100d, XII, pág. 147); nome de cidade de Minas no Vale do Rio Doce. (Gregório, 1980, pág. 757)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 11 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Irara (11) - Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Irara [Do tupi = 'mel', + o tupi = 'tomar'.] S.f. Bras. Zool. Animal carnívoro mustelídeo (Tayra barbara); jaguapé, papa-mel. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Irara S.f. 'mamífero carnívoro da fam. dos mustelídeos, papa-mel' | *eirara* c 1584, *jrará* 1618, *heirate* 1618 etc. | Do tupi *ei'rara*. (Cunha, 2010, pág. 365)

Irara c. **Ira-ra**, o que colhe o mel, o papa-mel. (*Galictis Barbara*) (Sampaio, 1987, pág. 253)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Ituí (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Não consta dos dados históricos

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ituí [Do tupi.] S.m. Bras. Amaz. Zool. V. tuvira. || Tuvira [De or. indígena, poss.] S.f. Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, caraciforme, gimnotídeo, sem nadadeiras dorsal e ventral e com a anal muito longa, estendendo-se por quase toda a face ventral. Tem o corpo afilado posteriormente, com escamas ausentes ou quase imperceptíveis, e orifício anal localizado sob a cabeça. Alimenta-se de pequenos vermes, lodo e plâncton. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Ituí S.m. 1. m.q. *carapó* (*Gymnotus carapo*). 2. m.q. *sarapó* (*Carapus fasciatus*). | segundo Nascentes, tupi *itu'i*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Origem: Indígena/Tupi

#### (153) JABURÚ

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 5 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Jaburú (5) – Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jaburu [Var. de *jabiru*.] S. m. Bras. 1. Zool. Designação comum às aves ciconiiformes, de grande porte, ciconídeas, gêneros *Mycteria* e *Jabiru*, as quais frequentam grandes rios ou lagoas, preferindo os pantanais, se alimentam de peixes e outros animais aquáticos, vivem em bandos, e constroem ninhos coletivos; jabiru, tapucaja. | 2. Zool. V. tuiuiú. || Tuiuiú (ui-ui). [Do caraíba.] S. m. Bras. Zool. Ave ciconiiforme, ciconídea (*Jabiru mycteria*), que ocorre do México ao N. da Argentina. Coloração branca, com parte da pele nua da garganta avermelhada, e a da cabeça acinzentada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jaburu S.m. ‘nome comum a várias aves de grande porte das famílias dos ardeídeos e dos ciconídeos’ | 1618, *jaboru* 1587 etc. | Do tupi *iamu'ru* (*iamuĩ'ru*). (Cunha, 2010, pág. 370)

Jaburú *corr.* **Ya-abirú**, o indivíduo repleto ou de papo cheio. (*Mycteria americana*) (Sampaio, 1987, pág. 262)

*Origem: Indígena/Tupi*

(154) **JABUTI**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 8 ocorrências

**Variantes:**

Jaboti [Ssing]

Jaboti de Baixo [Ssing+Adv]

Jaboti do Meio [Ssing+Adv]

Jaboti Pratinha [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	4	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jaboti (4) – Nm*

*Jaboti de Baixo (1) – Nm + Adv*

*Jaboti do Meio (1) – Nm + Adv*

*Jaboti Pratinha (1) – Nm + Adj*

*Jabuti (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jabuti [Do tupi.] Bras. Zool. Réptil quelônio, testudíneo (*Testudo tabulata*), comum nas matas brasileiras, desde a Amaz. ao ES, MG e MT. Tem carapaça alta, provida de escudos poligonais, de centro amarelo e com desenhos em relevo, cabeça retrátil, coberta por escudos amarelos e negros; comprimento: até 70cm. Alimenta-se de frutos em geral. A fêmea, chamada jabota, é maior que o macho, chamado carumbé ou jabuti-carumbé, tendendo ao avermelhado, e com plastrão convexo, e não côncavo como no macho; alimenta-se de frutos em geral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jabuti S.m. ‘réptil da ordem dos quelônios, fam. dos testudinídeos’ | 1587, *jubati* 1624, *jabotins* pl. 1626 etc. | Do tupi *iauo’iti*. (Cunha, 2010, pág. 370)

Jabuti *corr.* **Ya-u-tí**, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, “criando-se pelos pés das árvores sem ir à água”. (*Testudo tabulata*). O vocábulo admite outra interpretação, como composto de **y-abú-tí**, traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança. Manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais

do selvagem. (Sampaio, 1987, pág. 262)

*Origem: Indígena/Tupi*

(155) JACARÉ

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 131 ocorrências

**Variantes:**

Jacaré da Lavrinha [Ssing+Adv]  
Jacaré de Geraldo Vargas [Ssing+Atropônimo]  
Jacaré de João Vieira da Costa [Ssing+Antropônimo]  
Jacaré de Teodolino Basílio da Silva [Ssing+Antropônimo]  
Jacaré de Urbano Manssur [Ssing+Antropônimo]  
Jacaré Grande [Ssing+Adj]  
Jacaré Velho [Ssing+Adj]  
Jacarezinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
8	15	10	9	11	18	16	6	8	2	3	26

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jacaré (111) – Nm*  
*Jacaré da Lavrinha (1) – Nm + Adv*  
*Jacaré de Geraldo Vargas (1) – Nm + Antropônimo*  
*Jacaré de João Vieira da Costa (1) – Nm + Antropônimo*  
*Jacaré de Teodolino Basílio da Silva (1) – Nm + Antropônimo*  
*Jacaré de Urbano Manssur (1) – Nm + Antropônimo*  
*Jacaré Grande (1) – Nm + Adj*  
*Jacaré Velho (1) – Nm + Adj*  
*Jacarezinho (13) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jacaré S.m. [Do tupi.] Bras. Zool. Bras. Zool. Designação comum a todos os reptis crocodilianos aligatoriídeos, especialmente o Caiman yacare, restrito à bacia do Paraguai, que atinge até 2,40m de comprimento. [Cf. jacaretinga.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jacaré S.m. ‘nome comum a vários répteis da fam. dos crocodilídeos’ c 1584. Do tupi *iaka're*. (Cunha, 2010, pág. 370)

**Jacaré corr. Ya-caré**, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, **y-echá-caré**, aquele que olha de banda. (*Crocodilus sclerops*). (Sampaio, 1987, pág. 263)

*Origem: Indígena/Tupi*

(156) JACU

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 84 ocorrências

**Variantes:**

Jacu de Cima [Ssing+Adv]

Jacu, de Elpídio J. Feliciano [Ssing+Antropônimo]

Jacu, de Olavo S. Resende [Ssing+Antropônimo]

Jacuzinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	5	7	9	5	15	-	12	15	-	9	5

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jacu (77) – Nm*

*Jacu de Cima (1) – Nm + Adv*

*Jacu, de Elpídio J. Feliciano (1) – Nm + Antropônimo*

*Jacu, de Olavo S. Resende (1) – Nm + Antropônimo*

*Jacuzinho (4) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Jacu** S.m. [Do tupi.] Bras. Zool. Designação comum a várias aves galiformes, cracídeas, gênero *Penelope*, freqüentes nas matas primitivas do Brasil. Alimentam-se, sobretudo, de frutas e folhas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Jacu** S.m. ‘ave galiforme da fam. dos cracídeos’ 1576. Do tupi *ia’ku*. (Cunha, 2010, pág. 370)

**Jacú** corr. **Yacú**, adj. Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave do gênero *Penelope*. Batista Caetano decompõe o vocábulo em **y-a-cú** e o traduz o que come grãos. (Sampaio, 1987, pág. 264).

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências**Variantes:**

Jucurutu [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Jacurutú* (2) – Nm*Jucurutu* (1) – Nm**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***Não consta dos dados históricos***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jacurutu [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Ave estrigiforme, estrigídea (*Bubo virginianus nacurutu*), da região cisandina, de coloração amarelada no dorso com numerosas pintas e faixas estreitas castanho-escuras, rêmiges e retrizes com faixas mais largas, garganta e pescoço anterior brancos. Tem penacho desenvolvido acima dos olhos, e pertence ao grupo das corujas ou dos mochos-orelhudos. Vive nas matas e capoeiras, saindo à noite em busca de alimentação, constituída sobretudo de pequenos mamíferos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jacurutú s. Voz onomatopáica, denominando uma coruja grande. (*Strix*). Alt. **Nhacuturú**. (Sampaio, 1987, pág. 264)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 70 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	7	-	-	-	6	10	-	5	16	24

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jacutinga* (70) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jacutinga [De jacu + -tinga.] S.f. Bras. Zool. Designação comum às aves galiformes, cracídeas, gênero Pipile, que ocorrem no C.O. e S.E. do Brasil, esp. a P. jacutinga, que se diferencia das demais espécies por ter a região entre o bico e os olhos azul, a parte nua da garganta vermelha, plumagem preta com brilho azul, e alto da cabeça, barbas externas das coberteiras das asas e orlas das penas do peito brancas. Ocorre nas matas virgens, é arborícola, raramente descendo ao chão; alimenta-se de toda sorte de pequenos frutos e bagas, não desprezando outros alimentos. [Sin.: jacuapeti, jacupará, peru-do-mato.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jacutinga → JACU || Jacu S.m. ‘ave galiforme da fam. dos cracídeos’ 1576. Do tupi *ia’ku*. (Cunha 2010, pág. 370)

Jacú *corr. Yacú*, *adj.* Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave do gênero *Penelope*. Batista Caetano decompõe o vocábulo em **y-a-cú** e o traduz o que come grãos. (Sampaio, 1987, pág. 264).

*Origem: Indígena/Tupi*

**(159) JAGUAR**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Variantes:**

Jaguarinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jaguar* (1) – Nm

*Jaguarinho* (3) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**



Jaguar [Do tupi-guar. *ya'wara*, designação genérica dos animais do gênero *Felis*.] S. m. Zool. Carnívoro fissípede, felídeo (*Panthera* [*Jaguarius*] *onca*), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o S.E. dos E.U.A. Tem cerca de 1,50m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80cm de altura. É considerado a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jaguar S.m. 'nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da fam. dos felídeos, particularmente os do gênero *Felis*; onça, jagaretê' 1610. Do tupi *ia'üara*. (Cunha, 2010, pág. 371)

Jaguar *corr.* **Ya-guara**, aquele que devora ou dilacera, o devorador. 109. Forma primitiva do tupi: **yauara**. No guarani, **yauá**. 109. *Alt.* **Jaguá, Jaguará**<sup>49B</sup>. (Sampaio, 1987, pág. 265)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(160) JAGUARA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 23 ocorrências

**Variantes:**

Jaguará [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
8	-	-	13	-	-	-	1	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jaguara (7) – Nf*

*Jaguará (16) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Jagoara [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jaguara S.m. termo tupi us. para designar tanto o cão como os felinos em geral. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Jaguara = cão, cachorro e jagaretê (ver o termo) || Jagaretê (“+etê) = onça que tem por hábito devorar; onça legítima. (Gregório, 1980, p. 810)

Origem: Indígena/Tupi

(161) JANDAIA

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Jandaia (4) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Não consta dos dados históricos

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jandaia S.f. [Do tupi.] Bras. Zool. Designação comum às espécies de aves psitacíformes, psitacídeas, gênero Aratinga, comuns em todo o Brasil. || 2. Ave psitacíforme, psitacídea (A. jantaya) de coloração amarela, dorso verde, asas azuladas, cauda do verde ao azul, com ponta escura. Vive em bandos e se adapta bem ao cativeiro. Os jovens são quase totalmente verdes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jandaia S.f. 'ave psitacíforme da fam. dos psitacídeos | *jandaj(ete)* c 1594, *hyendaya* 1618, *jimdaia* c 1631 etc. | Do tupi *ju'naia*. (Cunha, 2010, pág. 371)

Jandaia *corr.* **Nhand-ái**, correndo sempre; o andejo, o errante. É um papagaio pequeno de cabeça, peito e encontros amarelos. (*Psittacus surdus*). Em Minas Gerais, **Nhandaia**. (Sampaio, 1987, pág. 267).

Origem: Indígena/Tupi

(162) JAÓ

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jaó (4) – Nm e f*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jaó [Voc. onom.] S.m. e f. Bras. Designação comum a várias espécies de aves tinamídeas do gênero *Crypturellus*, especialmente às duas seguintes: 2 e as suas subespécies, do Brasil central, de coloração escura com listras transversais brancas, largas e estreitas, e a *C. noctivagus* [esta com o sin. de zabelê], do PI ao RS, de coloração mais ou menos semelhante à da primeira, coberteiras das asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada, nuca e pescoço posterior avermelhado, e cujo piado nostálgico é emitido ger. ao escurecer, sob a forma de quatro notas características. Como alimento, é dos mais procurados, e sua caça faz-se com o auxílio de um pio especial, de espera. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jahó Voz onomatopaica da ave Zabelê (*crypturus noctivagus*). (Sampaio, 1987, pág. 266)

*Origem: Onomatopaica*

(163) JAPU

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Japu (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Japu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias aves passeriformes icterídeas, esp. as dos gêneros *Gymnostinops* e *Ostinops*, que têm a cauda longa e amarela, e o bico forte, igualmente amarelo. As do primeiro têm a base da mandíbula nua; as do segundo, empenada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Japu S.m. ‘nome comum a várias aves passeriformes da fam. dos icterídeos’ | c 1594, *yapû* c 1584, *japĩ* c 1594 etc. | Do tupi *ia’pĩ* (Cunha, 2010, pág. 372)

Japú *corr.* **Ya-pú**, aquele que é ruidoso, o indivíduo barulhento. A ave conhecida (*Cassicus*). (Sampaio, 1987, pág. 267)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(164) JARARACA**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	3	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jararaca (6) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jararaca [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de reptis ofídios, crotalídeos, gênero *Bothrops*, que ocorrem em todo o Brasil, e têm presas anteriores solenóglifas, cauda afilada bruscamente, sem guizo, cabeça triangular e revestida de escamas. Embora venenosas, são cobras mansas; vivem ger. isoladas, e alimentam-se de roedores e outros animais de pequeno porte; medem 1m a 1,50m de comprimento. A espécie mais comum no Brasil é a *Bothrops jararaca*, a *jararaca-verdadeira* (q. v.). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jararaca S.f. ‘cobra da fam. dos crotalídeos (*Bothrops jararaca*)’ | c 1584, *geraraca* 1576 etc. | Do tupi *iara’raka*. (Cunha, 2010, pág. 372)

Jararaca *corr.* **Ya-ra-ra-ca**, aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso. (*Lachesis*). (Sampaio, 1987, pág. 268)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Jararacuçu (1) – Nm e f***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jararacuçu [De *jararaca* + *-uçu.*] S. f. e m. Bras. Zool. Reptil ofídio, crotalídeo (*Bothrops jararacussu*), comum nas regiões baixas e alagadiças desde o litoral S. e L. até a região C.O. do Brasil, de dorso amarelo-escuro com largas manchas laterais levemente unidas ou confluentes; comprimento: até 2,20m. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jararaca S.f. ‘cobra da fam. dos crotalídeos (*Bothrops jararaca*)’ | c 1584, *geraraca* 1576 etc. | Do tupi *iara’raka* || **jararacUÇU** c 1584. (Cunha, 2010, pág. 372)

Jararacuçu *corr.* **Ya-rarac-uçú**, a jararaca grande. (*Lachesis*). (Sampaio, 1987, pág. 268)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 13 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	8	-	-	3	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jataí (5) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jataí [Do tupi.] S. f. Zool. Abelha melipônida, meliponídea (*Trigona jaty*), de cabeça e tórax pretos, abdome escuro com o primeiro segmento amarelo, e pernas escuras com tons amarelados. Nidifica em árvores ocas, nos interstícios de pedras, em rochas e muros; a entrada do ninho é um tubo semelhante a um dedo de luva, ger. ramificado, o que originou as designações *sete-portas* e *três-portas*. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jataí S.m. e f. ‘abelha da fam. dos meliponídeos’ | *gitaí* 1789, *getahy* 1817 etc. | Do tupi *iate’i*. (Cunha, 2010, pág. 372)

Jatahi *corr.* **Yá-atã-yba**, contrato em **ya-atã-y**, a árvore de fruto duro (**yá-atã**). É a árvore *Hymenea Cubaril*. *Alt.* **Gitahy, Jutahy**. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore. (Sampaio, 1987, pág. 268)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(167) JAÚ**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Jaú (4) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jaú [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, siluriforme, pimelodídeo (*Paulicea luetkeni*), das bacias dos rios Amazonas e Paraná, de coloração parda, com manchas escuras e abdome branco, sendo os jovens exemplares chamados jaupocas, amarelados, com manchas violáceas. Mede até 1,5m e pesa até 120kg; é um dos maiores peixes brasileiros. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jaú S.m. ‘peixe siluriforme da fam. dos pimelodídeos’ c 1584. Do tupi *ia’u*. (Cunha, 2010, pág. 372)

Jaú ou **Jahú**, *corr.* **Ya-ú**, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (*Platystoma*), frequente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte. (Sampaio, 1987, pág. 269)

*Origem: Indígena/Tupi*

(168) **JAVALI**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Javali (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Javali [Do ár. *ğabalī*, 'montês' (i. e., 'porco-montês').] S. m. Zool. Animal mamífero (*Sus scrofa*), artiodáctilo, suiforme, suídeo. É a mais conhecida e a principal das espécies de porcos selvagens; distribui-se desde a Europa até a Ásia central, e do Báltico até o N. da África. Há uma subespécie hindu (*Sus scrofa cristatus*) que habita a Índia e o Sri Lanka. Todas as variedades de porcos domésticos são originárias dessas duas formas. O javali passa grande parte do dia fossando a terra em busca de plantas e animais, e torna-se furioso quando perturbado. Os adultos têm pêlo cinza-claro uniforme, indo até o negro; os filhotes apresentam cor de terra clara com listras negras. [Sin.: javardo, porco-bravo, porco-montês. Fem.: javalina e gironda<sup>1</sup> (q. v.).] (Aurélio)

Javali S. m. ‘porco-montês’ | XVII, *jauaril* XIV | Do ar. *ğabalī* ‘montês’, forma abreviada de *hinzir* (porco) *ğabalī* (montês). (Cunha, 2010, pág. 372)

*Origem: Português < Árabe*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Jerupoca (2) - Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jerupoca S. m. Bras. Zool. V. jurupoca. | Jurupoca [Do tupi = 'boca' + o tupi = 'arrebentar'.] S. f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, siluriforme, pimelodídeo (*Hemisorubin platyrhynchos*), com ampla distribuição no Brasil, de coloração geral escura, com manchas amareladas, comprimento de até 45cm, boca com prognatismo acentuado, e cabeça pequena em relação ao corpo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jurupoca S.f. 'peixe da fam. dos silurídeos' 1783. Do tupi *\*iuru'poka*. (Cunha, 2010, pág. 376)

Jurupoca (juru+poça) = nome de peixe de rio, siluriforme, da família dos Pimelodídeos, do grupo do surubim; tem a boca bem **partida** dos lados: daí o popular “bico-de-pato”, “boca-de-colher” ou jurupensém; é muito pescado em Aruanã (rio Araguaia), Goiás: “Cá está um bagre que veio a mundo das águas reabilitar a classe tida e havida, por cozinheiros e gastrônomos, como pescado de terceira classe... E couito de Magalhães, autoridade incontestada em matéria de peixes, quer nadando em água, quer nadando em molho, diz que os detratores dos bagres, que lhe acham sabor de lama, deviam comer o **juropoca** de caldeirada, de escabeche ou ensopado, para uma retratação, ao menos em favor deste.” (E. Santos-144e, pág. 117). (Gregório, 1980, pág. 859).

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 15 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	-	8	1	-	-	4	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jiboia (15) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jiboia [De or. tupi.] S. f. Bras. Zool. Reptil ofídio, boídeo (*Constrictor constrictor*), comum em todo o Brasil, de coloração geral cinzenta tirante a violáceo, com faixas de cor escura no dorso e desenhos laterais ovóides ou rômnicos. Vive nas florestas ou campos, é arborícola, e alimenta-se de roedores e aves; comprimento: até 4m. Apesar de não ser venenosa, sua mordedura dói e pode causar infecção. A pele é largamente us. na confecção de artefatos de couro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jiboia S.f. ‘cobra não venenosa da fam. dos boídeos (*Constrictor constrictor*) | *giboya c 1584, giboja c 1594 etc.* | Do tupi *ĩ’moia*. (Cunha, 2010, pág. 373)

Giboia *corr.* **Gihigoy**, a cobra de rãs; o ofídio que se alimenta de rãs. (Sampaio, 1987, pág. 233)

*Origem: Indígena/Tupi*

(171) **JIRIBA**

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jiriba (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jiriba S. f. Bras. Zool V. juruva. | Juruva [De or. tupi, poss.] S. f. Bras. Zool. Ave trogoniforme da mata virgem, momotídea, gêneros *Baryphthengus* e *Momotus*, o primeiro com duas espécies e o segundo com uma só, formando cinco subespécies em território brasileiro. Cantam ao amanhecer e ao anoitecer; duas das penas medianas da cauda são longas, com porção subapical desprovida de barbas, cortadas pela própria ave, que assim se enfeita; dorso verde ou oliváceo, com outros matizes no corpo; alimentam-se de insetos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jiriba Substantio feminino. *juruva* ('designação comum') || Juruva 1. design. comum às aves coraciiformes da fam. dos momotídeos, esp. as dos gên. *Baryphthengus* e *Momotus*; jeriba, jeruva, jiriba, pirapuaia, udu, uritutu. | 1.1. ave de matas sombrias (*Baryphthengus ruficapillus*), que ocorre do Brasil central ao oriental, Paraguai e Argentina, com cerca de 42 cm de comprimento, capuz e nuca rufos, máscara negra, dorso verde e peito esverdeado com pequenas manchas negras; formigão, jacu-taquara, pururu, siriú, siriúva. Tupi *yĩ'rĩwa* 'id.' (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (172) JOANINHA

Inseto/Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Joaninha (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Joaninha S. f. Bras. 1. Zool. Designação comum aos insetos coleópteros coccinelídeos, de corpo ger. oval ou hemisférico, cabeça escondida pelo protórax, e élitros cobrindo o abdome de cores vistosas e desenhos variados. Vivem sob plantas, e algumas espécies alimentam-se de pulgões e cochonilhas, sendo, assim, úteis à lavoura. | 2. Zool. Peixe teleóstéo, perciforme, ciclídeo (*Crenicichla lacustris*), das regiões L. e S. do Brasil, de coloração pardo-acinzentada, com numerosos pontos negros sobre o corpo, mácula negra na base da nadadeira caudal e outra oblíqua abaixo do olho, nadadeira dorsal contínua, ocupando quase todo o dorso, e comprimento de até 25cm. [Sin. nesta acepç.: *maria-guenza*, *michola*, *cabeça-amarga*,

*joaninha-guenza, mixorne.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Joaninha S.f. 1. design. comum aos besouros da fam. dos coccinelídeos, de pequeno tamanho, corpo semiesférico, cabeça escondida pelo protórax e élitros de cores vivas em desenhos variados; tartaruginha, tatuzinho. | 2. peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos ciclídeos (*Crenicichla lacustris*), fluvial, encontrado nas regiões Leste e Sul do Brasil e no Uruguai, de até 30 cm de comprimento, corpo alongado, pardo-acinzentado com manchas e estrias escuras; cabeça-amarga, joaninha-guenza, maria-guenza, michola, mixorne [Espécie ornamental.] | antr. *Joana* + *-inha*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Antropônimo*

**(173) JOÃO-DE-BARRO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*João-de-barro (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*Não consta dos dados históricos*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

João-de-Barro S. m. Bras. Zool. Designação comum a várias aves passeriformes furnariídeas (*Furnarius rufus*, *F. leucopus*, *F. minor*, *F. figulus* e *F. r. badius*). A espécie mais comum é a *F. r. badius*, do S.E. do Brasil, de peito cuja cor varia do vermelho ao branco, e corpo cor de canela. (Aurélio Eletrônico, 2010)

João-de-Barro S.m. design. comum às aves passeriformes, campestres, do gên. *Furnarius*, da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco spp., de plumagem ferrugínea; amassa-barro, maria-de-barro, pedreiro [Algumas spp. constroem ninho de barro em forma de forno.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Antroponímica*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Variantes:**

Juliões [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Juliões (2) – Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**Julião [De or. obscura.] S. m. Bras. MG Zool. Larva de insetos sialídeos. (Aurélio)Julião S.m. design. comum às larvas de insetos neurópteros, da fam. dos sialídeos, que apresentam sete pares de filamentos laterais no abdome. | Orig. obscura. (Houaiss Eletrônicos, 2007)*Origem: Obscura***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	4	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Jundiá (5) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Jundiá [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Designação genérica dos bagres [v. bagre (1)]. [Var.: nhandiá, jandiá.]. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jundiá *corr.* **Yu-ndi-á**, a cabeça armada de barbatanas. É o peixe d'água doce *Platystoma spatula*. (Sampaio, 1987, pág. 271)

*Origem: Indígena/Tupi*

(176) JURITI

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

##### Variantes:

Juriti-peru [Ssing+Adj]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Juriti-Peru (1) – Nm + Adj*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Juriti [Var. dissimilada de juruti.] S. f. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de aves columbiformes, columbídeas, gêneros *Leptoptila* e *Oreopeleia*, distribuídas por todo o Brasil, de coloração geral parda, com tons avermelhados, oliváceos ou brancos. Frequentam o fundo dos quintais e as roças nas fazendas do interior e têm canto agradável e nostálgico. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Juriti S.f. 'ave columbiforme da fam. dos peristerídeos, rola' | *juriti* 1587, *yoriti* c 1631 etc. | Do tupi *iuru'ti*. (Cunha, 2010, pág. 376)

Juruti, (juriti) (“+tĩ, tinga) = pescoço branco, espécie de pomba, da família dos Columbídeos; nome próprio de mulher; nome de cidade do Pará, à margem direita do Amazonas. “**Jurutis** é outra casta de rôlas do mesmo tamanho, mas são aleonadas, e tem o bico pardo; também criam no chão onde põem dois ovos...” (Gabriel S. de Sousa-142a, II, pág. 94) | **Nota:** não fazem o ninho no chão, mas a pouca altura dele. | “A espécie das rôlas também he muito variada: as

chamadas **juritis** sam um pouco menores que aquelas que passam da África para a Europa na primavera, e não tem a sua formozura: seu canto que não tem mais que uma nota longa, he tristonho.” (Aires do Casal-123, I, pág. 90). | “A que tem colo alteado e airoso.” (N. de Senna-100, pág. 29) | Assim como Gonçalves Dias cantou o sabiá, também Casimiro de Abreu não só cantou, mas comparou-se à rola, à **juriti**, símbolo de amor e de ternura; quem não conhece a bela poesia intitulada “A Juriti”? Os seus lamentos são os do poeta: ‘Na minha terra no bulir do mato / A juriti suspira... / A juriti sispira sobre as folhas secas / Seu canto de saudade...’ Antevendo seu fim próximo, compara-se ainda uma vez à pomba abatida pelo caçador: ‘E como o caçador, a morte em breve / Levar-me-á consigo; / E descuidado no sorrir da vida; / Irei sozinho, a voz desfalecida, / Dormir em meu jazigo.’ Por isso, quiseram os amigos de Casimiro, que as pombas o acompanhassem também na morte: sobre a lápide alva do seu túmulo, quatro pombas, uma em cada canto, parecem fazer companhia ao poeta, valendo saudosas o sono eterno de um companheiro e amigo que soube sentir com elas... | “Existem várias espécies englobadas sob o nome de **juriti**... como **juriti-da-mata-virgem**, também dita **juriti-verdadeira**, **juriti-grande**, **juriti-piranga**, **juriti-azul**. (pág. 177)... Outra particularidade da **juriti** está no sussurro sibilado do seu voo. Ouvindo-se esse ruído, está denunciada a graciosa pomba.” (E. Santos-144d, pág. 178). (Gregório, 1980, pág. 385)

*Origem: Indígena/Tupi*

(177) **JURUMIM**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Jurumim (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Jurumim [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. V. tamanduá-bandeira. | Tamanduá-bandeira S. m. Bras. Zool. Mamífero desdentado, mirmecofagídeo (*Myrmecophaga judata* ou *M. tridactyla*), das regiões tropicais e subtropicais da América do Sul. Mede cerca de 1,10m de comprimento e quase outro tanto de cauda, a qual é provida de pelagem densa e longa. Coloração cinza-escuro, com uma mancha negra, orlada por estreita listra branca, estendendo-se do pescoço e do peito, obliquamente, para as costas; mãos providas de quatro dedos, porém com apenas três unhas visíveis. Tem hábitos terrestres, alimenta-se de cupins; é animal muito dócil. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Jurumim S.m. m.q. *tamanduá-bandeira* (*Myrmecophaga tridactyla*). | Tupi. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

(178) LACRAIA

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lacraia (3) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lacraia [De *lacrau*, com formação obscura.] S. f. Bras. Zool. Designação comum aos artrópodes miriápodes, quilópodes, com cerca de 200 espécies no Brasil. Têm apenas um par de patas em cada segmento do corpo, sendo o primeiro par provido de quelíceras para inoculação de peçonha. Embora muito temidos, causam acidentes de pequena monta. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lacraia Substantivo Feminino. design. comum aos artrópodes da classe dos quilópodes, que reúne cerca de 2.500 spp. amplamente distribuídas; são vermiformes, com segmentação do corpo aparente, medem de 6 a 200 mm de comprimento e possuem 15 ou mais pares de patas; alacrã, alacrã, alacrai, alacraia, alacrão, alacrar, alacrau, centípeda, centopeia, escolopendra, lacrau, rabo-de-tesoura. ár. *al- aqrab* 'lacraia, escorpião'. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Português < Árabe*

(179) LAGARTA

Anelídeo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lagarta (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Lagarta [Do lat. \**lacarta*, por *lacerta*.] S.f. 1. Zool. Designação comum às larvas dos insetos lepidópteros, cujo tipo é eruciforme. São polípodas, e têm o corpo vermicular alongado e mole, três pares de patas verdadeiras no tórax, e pernas abdominais do tipo reduzido, sob a forma de protuberâncias. | 2. Zool. A primeira fase da vida das borboletas até à metamorfose em crisálida. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lagarta S.f. ‘a larva dos lepidópteros’ 1813. Do lat. \**lacarta*; a larva teria sido comparada ao lagarto. (Cunha, 2010, pág. 379)

*Origem: Português < Latim*

#### (180) LAGARTIXA

Réptil

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lagartixa (4) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Lagartixa [Do esp. *lagartija*.] S.f. Zool. Designação comum a várias espécies de reptis



lacertílios, de pequeno porte, esp. geconídeos, com dedos providos de lâminas transversais, adesivas, que lhes permitem subir em paredes lisas, pedreiras ou troncos escorregadios. Cerca de 15 espécies ocorrem no Brasil. [Sin.: osga (bras., AM, PA e MA), catenga (N.E.), briba (PB), víbora e sardanisca ou sardanita.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lagarto S.m. ‘nome comum a diversos, lacertílios, especialmente da fam. dos teídeos’ XVI. Do lat. \**lacartus*, por *lacertus*. | **lagartixa** XVI. Do cast. *lagartija*, de *lagarto*. (Cunha, 2010, pág. 379)

*Origem: Português<Espanhol*

**(181) LAGARTO**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Largato [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lagarto (4) – Nm*

*Largato (2) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lagarto [Do lat. \**lacartu*, por *lacertu*.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de lacertílios, teídeos, de porte médio a grande, esp. os do gênero Tupinambis e Teius. Têm língua bífida e protraível; o grupo é representado no Brasil por umas 40 espécies. [Sin.: teiú.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lagarto S.m. ‘nome comum a diversos, lacertílios, especialmente da fam. dos teídeos’ XVI. Do lat. \**lacartus*, por *lacertus*. (Cunha, 2010, pág. 379)

*Origem: Português<Latim*

**(182) LAMBARI**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 120 ocorrências

**Variantes:**

Lambari Alegre [Ssing+Adj]  
 Lambari, de Avelino Germano [Ssing+Antropônimo]  
 Lambari, de J. Ferrira [Ssing+Antropônimo]  
 Lambari, de Miguel José Ferreira [Ssing+Antropônimo]  
 Lambari, de Miguel Teixeira [Ssing+Antropônimo]  
 Lambari, do Dr. Júlio Fortini [Ssing+Antropônimo]  
 Lambari Dourado [Ssing+Adj]  
 Lambarizinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	4	8	10	-	6	15	23	15	1	11	27

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Lambari (112) – Nm*  
*Lambari, de Avelino Germano (1) – Nm + Antropônimo*  
*Lambari, de J. Ferrira (1) – Nm + Antropônimo*  
*Lambari, de Miguel José Ferreira (1) – Nm + Antropônimo*  
*Lambari, de Miguel Teixeira (1) – Nm + Antropônimo*  
*Lambari, do Dr. Júlio Fortini (1) – Nm + Antropônimo*  
*Lambari Dourado (1) – Nm + Adj*  
*Lambarizinho (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Variantes:**

Lambary [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lambari S.m. [Var. de alambari < tupi.] Bras. Zool. Designação comum a numerosas espécies de peixes teleósteos, caraciformes, caracídeos, tetragonopteríneos, com cerca de 300 espécies conhecidas. Têm tamanho reduzido, nutrem-se de invertebrados aquáticos, sementes, restos de animais, etc., e são muito apreciados para alimentação no interior do Brasil. [Sin.: piaba. Var. (bras., N.E.): alambari. Cf. matupiri (3).] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lambari S.m. ‘nome de diversos peixes da fam. dos caracídeos’ | -re 1749 | Do tupi *araue’ri* (>*araberi*>\*<*aramberi*>\*<*arambari*>\*<*alambari*>\*<*labari*>). (Cunha, 2010, pág. 380)

Lambary corr **Aramberí**, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. *Alt. Araberí, Alambary.* (Sampaio, 1987, pág. 273)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Laranjo (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Laranjo [De *laranja* (com adjetivação).] Bras. adj. 1. Diz-se de animal vacum que tem o pelo de cor tirante à da laranja. | S.m. 2. Esse animal. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Laranja *sf.* ‘fruto da laranjeira, planta da fam. das rutáceas’ XIV. Do ar. *nāranḡa*, deriv. Do persa *nāranḡ*. (Cunha, 2010, p. 382)

*Origem: Português < Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

**Variantes:**

Lava-pés [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	3	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lava-Pé (4) – Nm*

Lava-Pés (1) – Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Lava-pé [De lavar + pé.] S. m. Bras. Zool. V. formiga-lava-pé. || Formiga-lava-pé S. f. Bras. Zool. Designação comum aos insetos himenópteros, formicídeos, sobretudo às espécies do gênero *Solenopsis*, sendo a mais comum a *S. saevissima*, cujos ninhos subterrâneos são protegidos na entrada por um amontoado de pequenas partículas de terra bastante finas; formiga-de-fogo, formiga-de-novato, novato, formiga-malagueta, formiga-ruiva, lava-pé, lava-pés, jiquitaia, mordedeira, tacibura, tacipitanga, taçuira, taxi. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lava-pé S.m. m.q. *lava-pés* ('designação comum') | Lava-pés S.m. design. comum a diversas spp. de formigas, esp. do gên. *Solenopsis*, de pequeno porte, ger. avermelhadas, cuja ferroadada é dolorosa; constroem grandes formigueiros que se caracterizam pelo amontoado de partículas finas de terra na entrada [sin.: caga-fogo, formiga-de-fogo, formiga-doceira, formiga-malagueta, formiga-ruiva, jiquitaia, lava-pé, mordedeira, mossoró, taçuira].

Origem: Português < Latim

(185) LEÃO

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 5 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	1

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Leão (5) - Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Leão [Do lat. leone.] S.m. Zool. Mamífero carnívoro, felídeo (*Panthera leo*), o qual habita as estepes e as savanas densamente cobertas de arbustos. Atualmente restrito à África e ao S. da Ásia, chegou a habitar a Península Balcânica, na Europa. Pode atingir 2,70m de comprimento da cauda à cabeça, e pesar 200 a 250kg; a cor varia do amarelo-laranja ao cinzento-amarelado. Predador, caça nas aguadas, onde surpreende, principalmente, zebras e antílopes. Gestação de três meses, com dois a três filhotes de cada vez. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Leão S.m. ‘quadrúpede carnívoro da fam. dos felídeos’ | *leon* XIII, *leom* XIV, *leõ* XIV, *lyon* XIV etc. (Cunha, 2010, pág. 383)

*Origem: Português<Latim*

(186) **LEBRE**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Lebre (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lebre [Do lat. *lepore.*] S. f. Zool. Mamífero lagomorfo, leporídeo, gênero *Lepus*, com várias espécies espalhadas pelas regiões neártica e paleártica. Compreende animais próximos dos coelhos, porém maiores e mais bem dotados para a corrida, graças à conformação das patas posteriores, dispostas para o salto e muito maiores que as anteriores. Ao contrário dos coelhos, não cavam tocas, e têm os filhos em ninhos sobre o solo. As lebres não ocorrem, em natureza, no Brasil. [*Masc.: lebrão e lebracho (q. v.).*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lebre S. f. ‘mamífero da ordem dos lagomorfos’ XIV. Do lat. *lěpŭs –ōris.* (Cunha, 2010, pág. 384)

*Origem: Português<Latim*

(187) **LEITÃO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 18 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	6	2	1	5	-	-	2	1	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Leitão (18) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Leitão S.m. [De leite + -ão1.] Porco novo; bácoro, bacorinho. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Leitão S.m. ‘|| **leitão** | *leytões* pl. XIII, *leitom* XV, *leitoa* f.XV | Do lat. \**lacto* – *ōnis*. Note-se que ocorre no lat. lus. *Leitones*. (Cunha, 2010, pág. 384-385)

*Origem: Português < Latim*

(188) **LOBA**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Variantes:**

Lobas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Loba (1) – Nf*

*Lobas (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Loba (ô). [Do lat. *lupa*.] S.f. Zool. A fêmea do lobo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Loba S.f. ‘ a fêmea do lobo’ 1572. Do lat. *lŭpa –ae.* (Cunha, 2010, pág. 392)

Origem: Português<Latim

**(189) LOBO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 48 ocorrências

**Variantes:**

Lobinho [Ssing]

Lobo-Lobo [Ssing+Ssing]

Lobo Catuá [Ssing+Adj]

Lobo Leite [Ssing+Ssing]

Lobos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
10	-	2	12	1	-	3	7	10	-	2	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Lobinho (1) – Nm

Lobo (34) – Nm

Lobo Catuá (1) – Nm + Adj

Lobo-Leite (1) – Nm + Adj

Lobo – Lobo (3) – Nm + Nm

Lobos (8) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lobo (ô). [Do lat. *lupu.*] S.m. Zool. Espécie (*Canis lupus*) do gênero *Canis* (v. *cânis*); mamífero canídeo, carnívoro, que habita grandes regiões da Europa, Ásia e América do Norte. Dele existem muitas subespécies geográficas, que diferem em tamanho, cor e forma; a cor, p. ex., vai desde o castanho-acinzentado dos lobos da Eslováquia até o branco-cinza dos das regiões da tundra; os das estepes são avermelhados e de patas longas. Adultos, pesam de 44 a 55kg, e atingem 1,50m. Dessa espécie descendem o cão doméstico (*C. familiaris*) e o coioete (*C. ladrans*), por exemplo; os espécimes que são us. no Alasca como animal de tração resultam de cruzamento do lobo com o cão.[Aum.: lobaz; dim. irreg.: lobacho, lobato.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lobo S.m. ‘animal carnívoro, selvagem, da fam. dos canídeos’ XIII. Do lat. *lŭpus –i.* (Cunha, 2010, pág. 392)

Origem: Português<Latim

(190) LONTRA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 30 ocorrências

**Variantes:**

Lontras [Splural]

Lontrinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	7	4	5	2	3	2	-	3	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Lontra (28) – Nf

Lontrinha (3) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Lontra [Do lat. *lutra*.] S.f. Zool. 1. Qualquer de vários animais semi-aquáticos, mamíferos, mustelídeos, piscívoros, esp. os do gênero *lutra*, que é quase cosmopolita. | 2. A lontra brasileira (*Lutra paranaensis*), que tem cerca de 70cm de comprimento e 30cm de cauda, e cujo corpo é revestido de pelos longos, pardo-acinzentados; cachorro-d'água, jaguacacaca. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Lontra S.f. 'mamífero carnívoro da fam. dos mustelídeos' XV. Do lat. *lūtra*. É de difícil explicação a nasalização da primeira sílaba; observe-se, ainda, que o mesmo fenômeno ocorre no italiano *lontra*. (Cunha, 2010, pág. 394)

Origem: Português<Latim

(191) MACACA

Mamífero/ Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Variantes:**

Macaquinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	2	-	2	-	1	-	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Macaca (6) – Nf*

*Macaquinha (2) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Macaca [Fem. de *macaco*.] S.f. 1. A fêmea do macaco. | 7. Zool. V. corcoroca (1 e 2). || Corcoroca [F. sincopada de *corocoroca*, voc. onom. imitante do ronco do peixe.] S. f. Bras. Zool. 1. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérgios, teleósteos, perciformes, pomadasídeos, gênero *Haemulon*, esp. *Haemulon sciurus*, do Atlântico, e que ocorre desde a Flórida ao RJ. Coloração amarelo-esverdeada ou verde-amarelada, abdome claro, estrias longitudinais azuladas sobre o corpo, que desaparecem depois da morte. A carne é de qualidade inferior. | 2. Peixe teleósteo, perciforme, pomadasídeo, *H. plumiere* de cor bronzeada, com listas azuis apenas na cabeça e parte anterior do corpo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Macaco S.m. ‘nome comum a todos os símos. De origem africana, mas de étimo indeterminado. (Cunha, 2010, pág. 398)

*Origem: Africana*

#### (192) MACACO

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 189 ocorrências

#### Variantes:

Macacão [Ssing]

Macaco Seco [Ssing+Adj]

Macacos [Splural]

Macaquinho [Ssing]

Macaquinhos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
8	5	23	32	4	20	4	26	19	5	30	13

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Macacão (4) – Nm

Macaco (65) – Nm

Macaco-Seco (5)– Nm + Adj

Macacos (94) – Nm

Macaquinho (16) – Nm

Macaquinhos (5) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Macacos [Splural]

Macacos Grandes [Splural+Adj]

Macacos Pequenos [Splural+Adj]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Macaco S.m. [De or. afr.] Zool. Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral. [A designação mico, tb. bastante us. no Brasil, costuma aplicar-se às espécies do gênero Cebus (v. cebo), no S., e às espécies de pequeno porte, ou sagüis, no N.] [Sin.: mono, símio, bugio. Cf. cebídeos e calitriquídeos.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Macaco S.m. ‘nome comum a todos os símos. De origem africana, mas de étimo indeterminado. (Cunha, 2010, pág. 398)

*Origem: Africana*

**(193) MACUCO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 128 ocorrências

**Variantes:**

Macuco de Cima [Ssing+Adv]

Macuco de Minas [Ssing+Adv]

Macucos [Splural]

Macuquinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
13	1	13	11	-	16	5	19	1	-	17	32

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Macuco (121) – Nm*  
*Macuco de Cima (1) – Nm + Adv*  
*Macuco de Minas (1) – Nm + Adv*  
*Macucos (1) – Nm*  
*Macuquinho (4) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X			

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Macuco S.m. [Do tupi.] Bras. Designação comum às aves tinamiformes, tinamídeas, gênero *Tinamus*, com cauda pequena, escondida pelas penas das coberteiras, e parte posterior do tarso áspera. Vivem exclusivamente nas matas virgens, e os maiores representantes da ordem ocorrem no Brasil, onde há, ao todo, cinco espécies. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Macuco *corr.* **Macucu**, c. **ma-cú-cú**, alusão ao físico da ave deste nome, a qual ‘... tem no peito mais titelas de dois galipavos’. (*Roteiro do Brasil*). (*Trachypelmus brasiliensis*). (Sampaio, 1987, pág. 275)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(194) MAGUARI**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Maguari (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Maguari [Var. de baguari.] S.m. Bras. Zool. Ave ciconiiforme, ardeídea (*Ardea cocoi*), das costas marítimas e, principalmente, das águas interiores da América do Sul. Dorso cinzento-escuro; cabeça, crista, estria no meio da garganta, meio do peito e da barriga, e rêmiges, pretos,

o restante do abdome branco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Maguari S.m. ‘ave ciconiforme da fam. dos ciconídeos’ | *maguari* 1587, *maguarim* c 1631 etc. | Do tupi *maïa’ri*. (Cunha, 2010, pág. 402)

Magoary *corr.* **Mbaguari**, No tupi é o nome genérico de cegonhas e garças. *Alt.* **Baguarí**. (Sampaio, 1987, pág. 275)

*Origem: Indígena/Tupi*

(195) MAITACA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

##### Variantes:

Maitaca, de Antônio Alves [Ssing+Antropônimo]

Maitaca, de José de Souza [Ssing+Antropônimo]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Maitaca, de José de Souza (1) – Nf + Antropônimo*

*Maitaca, de Antônio Alves (1) – Nf + Antropônimo*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Maitaca [Var. de baitaca.] S.f. Bras. Zool. Ave psitaciforme, psitacídea (*Pionus menstruus*), distribuída por grande parte do Brasil, de coloração verde, cabeça, garganta e peito anterior azuis, crisso e mancha no meio da garganta vermelhos; suia. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Baitaca S.f. ‘espécie de papagaio’ | 1918, *maitaca* 1721, *maritaca* 1806 | Do tupi *mai’ta*. (Cunha, 2010, pág. 76)

Maetaca *corr.* **Mbae-taca**, a coisa ruidosa; o ruidoso, o barulhento. É uma variedade de papagaio. *Alt.* **Maitá, Baetaca, Humaetá**. (Sampaio, 1987, pág. 275)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 42 ocorrências**Variantes:**

Manda Saia [Ssing]

Mandaçaia, de Cesário L. de Araújo [Ssing+Antropônimo]

Mandaçaia, de Pedro Cândido [Ssing+Antropônimo]

Mandaçainha [Ssing]

Mandoçaia [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	10	7	3	4	8	4	2	2	-	1	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Manda Saia (1) - Nf**Mandaçaia (35) – Nf**Mandaçaia, de Cesário L. de Araújo (1) – Nf + Antropônimo**Mandaçaia, de Pedro Cândido (1) – Nf + Antropônimo**Mandaçainha (3) – Nf**Mandoçaia (1) – Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Variantes:**

Manda Saia [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Mandaçaia** [Do tupi.] S.f. Bras. Zool. Inseto himenóptero, meliponídeo (*Melipona anthidioides*), de cabeça e tórax pretos, abdome com faixas amarelas interrompidas no meio de cada segmento, asas ferrugíneas, e 10 a 11mm de comprimento. Nidifica em árvores ocas e os ninhos, com boca de barro, são grandes e em geral contêm muitos litros de mel. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Mandaçaia** c. **Manda-çãia**, alusão à forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro com um orifício de entrada saliente. (*melipona anthidivides*. Lep.). V. **Manda**. || **Manda** Gerúndio-supino de **mã**, envolver, amarrar. **Manda** exprime amarrado; o feixe; manjojo, ramallete, maço, coleção, molho. (Sampaio, 1987, pág. 277)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 8 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	3	5	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Mandaguari (8) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mandaguari [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Inseto himenóptero, apídeo, meliponídeo (*Nannotrigona (Scaptotrigona) postica*), de cor preta, com abdome bruno, asas enfumaçadas com nervuras mais claras. Facilmente confundível com a tibuna. (Aurélio Eletrônico, 2010)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

**Variantes:**

Mandim [Ssing]

Mandinho [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Mandi (1) – Nm**Mandim (3) – Nm**Mandinho (2) – Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mandi [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes siluriformes, esp. Pimelodídeos, cujos primeiros agulhões das nadadeiras peitorais e dorsal são rijos e ger. serrilhados. Costumam emitir, ao sair da água, um som semelhante a um choro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mandi S.m. ‘peixe de rio da fam. dos pimelodídeos’ | *mandaig* c 1594, *mandeii* 1618, *manohi* c 1631 etc. | Do tupi *mani* 'i. (Cunha, 2010, pág. 405)

Mandy s. O bagre. (*Pimelodus Macalatus*, Lacep.). Alt. **Mandi, Mandim.** (Sampaio, 1987, pág. 277)

*Origem: Indígena/Tupi*

(199) MANDU

Ave

## DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Mandu (2) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mandú Modo incorreto de pronunciar – Manuel, entre os índios catecúmenos. Era o nome de uma espécie de fantasma que, nas mascaradas das aldeias, se apresentava envolvido em palha, como um feixe de fohas secas. **Mand-u**, o feixe que vem, ou anda. Designa, também, uma ave pequena, impassível, da família das Bucconinae, chamada **Mandú-tolo**. (Sampaio, pág. 278)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Manga-Larga (3) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Manga-larga Adj. Diz-se de raça de cavalos marchadores, obtida através do cruzamento de um puro-sangue com égua, e da qual há uma variedade desenvolvida em Minas Gerais (manga-larga marchador) e outra desenvolvida em São Paulo (manga-larga paulista). | 2. P. ext. Diz-se de cavalo manga-larga. | 3. S.m. Cavalo manga-larga. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Manga-larga S.m. Diz-se de ou raça de cavalo de montaria, resultante do cruzamento de um puro-sangue alter com éguas comuns. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Não encontrada***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Mangangá (2) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**



N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mangangá [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, escleropáreo, escorpenídeo, gênero *Scorpaena*, do Atlântico. A espécie *S. brasiliensis* tem coloração parda com manchas pretas, três máculas maiores nos flancos, abdome amarelado, axila branca maculada de negro, e cabeça, opérculo e pré-opérculo armados de espinhos. É peixe de fundo, peçonhento, com os acúleos das nadadeiras ligados a glândulas de peçonha, porém sua carne é boa. A espécie *S. plumieri* possui axila negra com máculas brancas; em *S. grandicornis*, ela é cinzenta com ocelos negros. || Marimbondo-mangangá S. m. Bras. Zool. V. mamangaba. | Mamangaba [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Designação comum aos insetos himenópteros, bombídeos, grandes abelhas sociais que constroem ninho no solo, entre touceiras de capim ou barrancos; o mel que produzem é pouco e de má qualidade e a picada é muito dolorosa, porém passageira. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mangangá S.m.' abelha do gênero *Bombus*' XX. Do tupi *mana'na*. (Cunha, 2010, pag. 406)

Mangangá *corr.* **Mang-ã-caba**, contrato em **mang-ã-cá**, que significa a vespa de giro alto (**mang-ã**), o vespão. *Alt. Mangangaba, V. Caba.* (Sampaio, 1987, pág. 278)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (202) MANJUBA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Manjuba (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Manjuba S.f. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, elupeiformes, engraulídeos, de grande valor econômico, pois cerca de 22 espécies desses peixes têm sido utilizadas em indústrias pesqueiras diversas. Os gêneros mais conhecidos são: *Anchoa* e *Anchoa*. Diferencia-se da sardinha por ter a parte inferior da boca aberta até a parte posterior dos olhos e a cabeça terminada em um "focinho". Realiza migrações periódicas,

e certas espécies sobem os rios para desovar. Formam grandes cardumes, e sua pesca é feita de setembro a abril. [Sin.: aletria, arenque, xangó, pipitinga, pititinga.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Manjuba S.f. ‘peixe do mar da fam. dos aterinídeos’ 1890. De origem obscura. (Cunha, 2010, pág. 407)

*Origem: Obscura*

(203) **MAQUINÉ**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 24 ocorrências

**Variantes:**

Maquiné de Lelé Monteiro [Ssing+Antropônimo]

Maquiné Velho [Ssing+Adj]

Maquinezinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
4	5	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Maquiné (19) – Nm

Maquiné de Lelé Monteiro (1) – Nm + Antropônimo

Maquiné Velho (1) – Nm + Adj

Maquinezinho (3) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Maquiné S.m. Bras. CE Zool. V.bicudo (10) || Bicudo S.m. 10. Bras. Zool. Ave passeriforme fringílídea (*Oryzoborus crassirostris*), largamente distribuída no País. O macho é preto, com um espelho branco na asa; a fêmea, parda, com a parte inferior pardo-avermelhada e o pescoço mais claro. Alimenta-se de sementes de capim, e é muito apreciada como ave de gaiola. [Sin., nesta acepç.: bicudo-do-norte, bicudo-maquiné, maquiné, cuitelão.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Maquiné (ma+ki+né, nema) = nome de ave da família dos Fringílídeos: **bicudo-maquiné**. (Gregório, 1980, pág. 891)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 6 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	1	-	-	2	-	1	1	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Maracanã (6) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Maracanã [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Designação comum às seguintes aves psitacíformes, psitacídeas: | a) *Propyrrhura maracana*, distribuída por quase todo o Brasil, verde, com vértice verde-azulado, fronte escarlate, dorso inferior e meio do abdome escarlate-claros, parte basal da cauda vermelho-escura, e parte terminal e rêmiges azuis; | b) *Diopsittaca nobilis*, da Amaz.; | c) *Psittacara leucophthalmus*, comum em todo o Brasil, verde, com o encontro e coberteiras inferiores menores da asa encarnados. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Maracanã S.f. ‘ave psitacíforme da fam. dos psitacídeos, espécie de papagaio’ | *marcanão* 1576, *marcaná* 1587 etc. | Do tupi *maraka’na*. (Cunha, 2010, pág. 410)

Maracanã c. **Maracá-nã**, semelhante ao maracá; o que imita, o som, o maracá ou chocalho. É o nome de uma espécie de papagaio. (*Psittacus nobilis*, Illing). (Sampaio, 1987, pág. 279)

Origem: Indígena/Tupi

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Marimbá (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marimbá S.m. Bras. Zool. Peixe teleósteo perciforme, esparídeo (*Diplodus argenteus*), do Atlântico, de dorso prateado tirante a cinza e abdome branco. São caracteres marcantes da espécie uma mancha preta na parte superior do pedúnculo da cauda e uma faixa amarela na sua margem. Comprimento: 50cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Marimbá S.m. peixe teleósteo perciforme, da fam. dos esparídeos (*Diplodus argenteus*), do Atlântico e mar Mediterrâneo, com até 50 cm de comprimento, dorso prateado, abdome esbranquiçado com uma típica mancha negra no pedúnculo caudal, nadadeiras pélvicas enegrecidas, peitorais e caudal claros. | Orig.contrv. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Controversa*

**(206) MARIMBONDO**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 72 ocorrências**

**Variantes:**

Maribombo [Ssing]

Marimbondinho [Ssing]

Marimbondos [Splural]

Marimbondos de Cima [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	5	4	2	-	3	7	10	23	-	4	11

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Maribombo (1) – Nm*

*Marimbondinho (1) – Nm*

*Marimbondo (66) – Nm*

*Marimbondos (3) – Nm*

*Marimbondos de Cima (1) – Nm + Adv*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marimbondo S.m. [Do quimb. ma, pref. pl., + rimbondo, 'vespa'.] Bras. Zool. Designação

comum aos insetos himenópteros, vespídeos, caracterizados por terem as asas anteriores, quando em repouso, longitudinalmente dobradas, a primeira célula discoidal muito longa, três células cubitais, e garras simples. O nome comum costuma estender-se aos vespídeos em geral, incluindo outras famílias, entre elas os pompilídeos ou marimbondos-caçadores e os eumenídeos, de garras dentadas. [Sin.: caba. Cf. vespa1 (1).] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Marimbondo S.m. ‘nome comum a diversas espécies de vespas’ | *maribondo* 1813 | Do quimb. *mari'mono*. (Cunha, 2010, pág. 412)

*Origem: Africana/Quimbundo*

(207) **MARINGÁ**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Maringá (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Maringá Adj. 2 g. Bras. Diz-se do bovídeo ou do caprino de pêlo claro salpicado de negro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Maringá cujo pelo é claro, salpicado de negro (diz-se de bovídeo ou caprino). | Orig.obsc. (Hois Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura*

(208) **MARIQUITA**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Mariquita (3) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mariquita [Do hipocorístico Mariquita Maricas + -ita1, poss.] S.f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Callidulus flaviventris*), do Atlântico, de coloração esverdeada e abdome prateado, e que mede cerca de 30cm. || 2. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Callidulus flaviventris*), do Atlântico, de coloração esverdeada e abdome prateado, e que mede cerca de 30cm. || 3. Zool. Peixe teleósteo, perciforme (*Eudulus auriga*) muito comum em toda a costa do Brasil, de cor branco-amarelada. [Sin., nessas acepç.: jacundá.] . (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mariquita peixe teleósteo perciforme da fam. dos serranídeos (*Serranus flaviventris*), que ocorre no Atlântico ocidental, com cerca de 15 cm de comprimento, corpo marrom com faixas escuras transversais e irregulares, abdome com evidente mancha branca e nadadeira caudal com manchas negras arredondadas e simétricas; jacundá, mariquinha, pirucaia. | Hipoc. *Mariquita* < *Marica* + -ita. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Hipocorístico*

#### (209) MARISCO

Crustáceo/ Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Marisco (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marisco<sup>1</sup> [De *mar* + *-isco*<sup>2</sup>.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a todos os animais invertebrados marinhos que podem servir de alimento ao homem. || Marisco<sup>2</sup> S. m. Bras. Espécie de gato bravo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mar Do lat. *maré -is* || **marISCO** XIII. (Cunha, 2010,pág. 409)

*Origem: Português<Latim*

**(210) MARITACA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Maritaca (3) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Maritaca [Alter. de *maitaca*.] S. f. Bras. AM ao PR Zool. Designação comum às jandaias (v. *jandaia*), esp. a duas espécies, a *Aratinga aurea* e a *A. solstitialis auricapilla*, ambas com larga distribuição geográfica. A primeira tem coloração verde, com a fronte vermelho-alaranjada, marginada de azul, abdome verde-amarelado, parte das rêmiges azuis e a segunda, coloração verde, fronte vermelho-alaranjado marginada de amarelo, abdome verde acinzentado e parte das rêmiges azuis. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Baitaca S.f. ‘espécie de papagaio’ | 1918, *maitaca* 1721, *maritaca* 1806 | Do tupi *mai'ta*. (Cunha, 2010, pág. 76)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências**Variantes:**

Marmotas, de João L. Neto [Ssing+Antropônimo]

Marmotas, de Pedro L. Neto [Ssing+Antropônimo]

Marmotas, de Raimundo L. Neto [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Marmota (2) – Nf**Marmotas, de João L. Neto (1) – Nf + Antropônimo**Marmotas, de Pedro L. Neto (1) – Nf + Antropônimo**Marmotas, de Raimundo L. Neto (1) – Nf + Antropônimo***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***Não consta dos dados históricos***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marmota [Do fr. *marmotte*.] S.f. Zool. Pequeno quadrúpede roedor. (Aurélio) || Marmota<sup>2</sup> S.f. Zool. V. pescada-marmota. || Pescada-Marmota S.f. Zoot. V. pescadinha (1). || Pescadinha S.f. [De pescada + -inha.] Zool. Designação comum a peixes actinoptérgios, perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, semelhantes às pescadas; têm distribuição cosmopolita em mares temperados e são muito comuns na costa brasileira, onde a espécie *C. leiarchus* é pescada com arrastão e tem grande importância comercial. [Sin. bras.: pescada perna-de-moça, pescada-pequena, perna-de-moça. Cf. pescada-branca.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Marmota sf. ‘peixe, pescada pequena’ 1873; ‘pequeno quadrúpede roedor, leirão’ 1881. Do fr. *marmotte*. (Cunha, 2010, pág. 412)

*Origem: Português < Francês***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências**Variantes:**

Marrecas [Splural]

Marrequinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	1	-	3	1	-	-	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Marreca* (5) – Nf

*Marrecas* (2) – Nf

*Marrequinha* (1) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marreca S. f. Zool. A fêmea do marreco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Marreco S.m. ‘ave semelhante ao pato e menor do que ele’ XVI. De origem obscura. (Cunha, 2010, pág. 413)

*Origem: Obscura*

**(213)MARRECO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 20 ocorrências

**Variantes:**

Marrecos [Splural]

Marrequinho [Ssing]

Marrequinhos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	2	13

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Marreco* (7) – Nm

*Marrecos* (11) – Nm

*Marrequinho* (1) – Nm

*Marrequinhos* (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marreco [De or. obscura.] S.m. Zool. Designação comum ao macho da ave anseriforme, anatídeo, *Anas platyrhynchos*, e a outras espécies do gênero. Atualmente existem várias raças domésticas, cosmopolitas. No Brasil o nome é us. para todos os anatídeos de pequeno porte. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Marreco S.m. 'ave semelhante ao pato e menor do que ele' XVI. De origem obscura. (Cunha, 2010, pág. 413)

*Origem: Obscura*

(214) **MARRUÁ**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Variantes:**

Marruás [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	1	-	-	3	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Marruá (1) – Nm*

*Marruás (6) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Marruá [Alter. de marroaz.] S.m. Bras. Novilho que não foi domesticado. || 2. Boi bravo; touro, marruás. (Aurélio)

Marruá S.m. 'touro bravo, novilho ainda não domesticado' De origem obscura; talvez se relacione com MARRUAZ<sup>2</sup>. (Cunha, 2010, p. 413)

*Origem: obscura*

(215) **MATILHA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Matilha (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Matilha [De or. obscura.] S. f. Grupo de cães de caça. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Matilha S.f. ‘grupo de cães de caça’ XIV. De origem obscura. (Cunha, 2010, pág. 415)

*Origem: obscura*

**(216) MELRO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Melro (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Melro [Do lat. *merulu*, com síncope do *u* e metátese do *r*.] S. m. Zool. Designação comum às aves passeriformes turdídeas, especialmente o *Turdus merula*, cujo macho é preto, com bico amarelo-alaranjado, e cuja fêmea tem dorso preto, ventre pardo-escuro malhado de pardo-claro,

e a garganta e a parte superior do peito pardas com malhas esbranquiçadas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Melro S.m ‘pássaro dentirrosto de plumagem negra e bico amarelo’ | XVII, *merlo* XIII | Do lat. tard. *merŭlus*, por *merŭla*, do lat. cláss. (Cunha, 2010, pág. 419)

*Origem: Português<Latim*

(217) *MICO*

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Mico (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mico [Do caraíba continental *miko*.] S.m. Bras. Zool. Designação comum aos macacos de porte médio, do gênero *Cebus*, tais como o mico-preto (*C. niger*), o mico-amarelo (*C. libidinosus*), o mico-ruivo (*C. robustus*) (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mico S.m. ‘Designação genérica de várias espécies de macacos do gênero *Cebus*’ 1813. Do caribe *miko*, através do cast. *mico*, provavelmente. (Cunha, 2010, pág. 426)

*Origem: Controversa*

(218) *MINHOCA*

Anelídeo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Variante:**

Minhocas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Minhoca (1) – Nf*

*Minhocas (2) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Minhoca [De or. controversa.] S.f. Zool. Designação geral dos animais anelídeos, oligoquetos, sobretudo das formas terrestres. São em certos países us. comercialmente para a pesca amadorística. Constituem, por outro lado, substancial parcela na alimentação de certas aves, anfíbios, peixes e outros invertebrados e é utilizada, ainda, como adubo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Minhoca S.f. ‘nome comum aos anelídeos, oligoquetos’ XVI. De origem controversa. (Cunha, 2010, pág. 428)

Minhoca *corr.* **Mí-nhoca** ou **minhoga**, o que é extraído, arrancado ou tirado. É o verme do chão. (Sampaio, 1987, pág. 283)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (219) MIRAGAIA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Miragaia (4) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Miragaia S.f. Bras. Zool. V. piraúna (1). || Piraúna [De pira- + -una.] S.f. Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, perciforme, cienídeo (*Pogonias cromis*), do Atlântico ocidental, desde Long Island (E.U.A) até a Argentina. A coloração geral é plúmbeo-escura, com nadadeiras escuras, lábios vermelhos, vários barbilhões curtos no mento e um ferrão antes da nadadeira anal; os jovens têm quatro a cinco estrias escuras. Alimenta-se de mariscos e ostras, frequenta regiões de mangue e emite sons semelhantes ao rufar de um tambor. Os exemplares jovens recebem o nome de *burriquete*. [Sin.: *miragaia*, *miraguaia*, *vaca*, *quindunde*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Miragaia S.f. *Miraguaia* | Miraguaia S.m. peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos cienídeos (*Pogonias cromis*), encontrado do Sul da Flórida até a Argentina, que atinge 1,50 m de comprimento, possui boca inferior e mandíbula com barbilhões curtos, coloração variando entre cinza, marrom e negro com quatro ou cinco faixas verticais escuras e nadadeiras enegrecidas [Espécie com certo valor comercial, apesar de não ser muito comum.] | prov. alt. do tupi *miro'kaya* 'id.' (Hois Eletrônico, 2007)

Piraguaia (pira+guaia) = peixe manso (?). (St. Hilaire-48d, pág. 184, nota 17) aparecem também as formas biraguaia, **miraguaia** (ver pirá, parauna). (Gregório, 1980, pág. 1053.

*Origem: Indígena/Tupi*

(220) **MOCÓ**

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 14 ocorrências

Variantes:

Mocozinho [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	5	-	-	7	-	-	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Mocó* (12) – Nm

*Mocozinho* (2) – Nm

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mocó S.m. [Do tupi.] Bras. Zool. Roedor caviídeo (*Kerodon rupestris*), semelhante à cobaia.

(Aurélio Eletrônico, 2010)

Mocó S.m. ‘mamífero roedor da fam. dos cavídeos’ | 1789, *moquô* 1618 | to tupi *mo’ko*. (Cunha, 2010, pág. 431)

Mocó *corr.* **Mo-coó**, bicho que rói, animal roedor. (*Cavia rupestris*). (Sampaio, 1987, pág. 284).

*Origem: Indígena/Tupi*

(221) **MOMBUCA**

Inseto

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 80 ocorrências

#### Variantes:

Mambuca [Ssing]

Mombuca de Cima [Ssing+Adv]

Mumbuca [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	10	14	7	1	18	7	8	9	5	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Mambuca* (2) – Nf

*Mombuca* (2) – Nf

*Mombuca de Cima* (2) – Nf + Adv

*Mumbuca* (74) – Nf

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X			

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mumbuca [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. Inseto himenóptero, meliponídeo (*Melipona capitata*); mambucão, papa-terra. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mombuca, momboca (mo+puçá = ter buraco, fender-se) = fazer furo, furar, varar, **mombuca**, mumbuca: nome de abelha silvestre que deposita mel, não em favos, mas em “cumbucas”; nome de pequena cidade de S. Paulo, Zona de Piracicaba. (Gregório, 1980, pág. 944)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Mondengo (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mondengo S.f . m.q. *parati* (*Mugil curema*) | orig.duv.; tem sido relacionado ao top. *Mondego* (Portugal) || Parati substantivo masculino peixe teleósteo, mugiliforme, da fam. dos mugilídeos (*Mugil curema*), encontrado no Atlântico e Pacífico leste, com até 45 cm de comprimento, dorso oliváceo, flancos e ventre prateados, nadadeiras amareladas; mondego, parati-olho-de-fogo, paratibu, pratibu, pratiqueira, saúna-olho-de-fogo, solé [Espécie muito comum em piscicultura no Nordeste e Sudeste do Brasil.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Duvidosa***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 12 ocorrências**Variantes:**

Monos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	4	6

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Mono (2) – Nm**Monos (10) – Nm*



## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

*Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mono [De or. incerta.] S.m. Zool. Designação geral para os macacos, e de modo restrito para os primatas platirrínios cebídeos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mono S.m. ‘macaco’ ‘grande macaco da região serrana do sul do Brasil’ XVI. De origem desconhecida. (Cunha, 2010, pág. 434)

*Origem: desconhecida*

(224) MORCEGO

Mamífero

## DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 16 ocorrências

### Variantes:

Morcegos [Splural]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	1	1	4	3	1	3	1	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Morcego (16) – Nm*

*Morcegos (1) – Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Morcego (ê). [Do arc. mur (< lat. *mure*, 'rato'), + cego.] S.m. Zool. Designação geral para os mamíferos quirópteros cujos membros anteriores são transformados em asas pela presença do patágio. A grande maioria do grupo é insetívora ou frugívora, havendo espécies hematófagas ou ictiófagas. [Sin., bras.: andirá, guandira, orelhudo.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Morcego S.m. ‘designação geral dos mamíferos quirópteros, cujos membros anteriores são transformados em asas pela presença do patágio’ | *mur-* XV | Do a. port. *mur* (séc. XIII) ‘rato’, driv. Do lat. *mū mūris*, e *cego*. (Cunha, 2010, pág. 436)

Origem: Português<Latim

(225) MOSQUITO

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 39 ocorrências

**Variantes:**

Mosquito de Pedro Lopes Moreira [Ssing+Antropônimo]

Mosquitinho [Ssing]

Mosquitos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
6	-	2	5	2	10	3	3	6	1	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Mosquitinho (1) – Nm*

*Mosquito (32) – Nm*

*Mosquito de Pedro Lopes Moreira (1) – Nm + Antropônimo*

*Mosquitos (5) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mosquito [De mosca + -ito1.] S.m. Zool. Designação comum a todos os insetos dípteros, culicídeos, de porte pequeno, pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos. O ciclo evolutivo efetua-se em duas fases distintas: a primeira, na água, onde são depositados os ovos e se desenvolvem as larvas e pupas; a segunda é alada e terrestre. [Sin.: pernilongo, mosquito-prego, muriçoca, carapanã, carapanã-pinima, fincão, fincudo, sovela, perereca, bicuda.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mosquito → **MOSCA** || Mosca S.f. ‘designação comum a todos os insetos dípteros, ciclorafofos, esquizóforos’ XIII. Do lat. *musca*. || **mosQUITO** S.m. ‘inseto díptero, da fam. dos culicídeos’ XV. (Cunha,2010, pág. 438)

Origem: Português<Latim

(226) MULA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

**Variantes:**

Muleta [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	1	-	-	1	1	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Mula (3) – Nf

Muleta (2) – Nf

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Mula [Do lat. mula.] S.f. A fêmea do mulo (q. v.). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mula S.f. ‘a fêmea do mulo, animal mamífero resultante do cruzamento de jumento com égua, ou de cavalo com jumenta’ | XIV, *mua* XIII etc. | Do lat. *mūla*. (Cunha, 2010, pág. 440)

Origem: Português < Latim

(227) MUNDURI

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Munduri (2) – Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

**Munduri** S.f. m.q. MANDURI. || **Manduri** substantivo feminino 1. design. comum a diversas spp. de abelhas sociais brasileiras do gên. *Melipona*, da subfam. dos meliponíneos; jandaíra. | 1.1. abelha social indígena (*Melipona marginata*) de 6 mm a 7 mm de comprimento, com colorido negro provido de pêlos grisalhos e abdome com faixas amarelas onduladas; guarapu-miúdo, taipeira, tiúba-preta, uruçumirim. (Houaiss Eletrônico, 2007)

**Mandori** c. **Manda-r-ĩ**, o ninhozinho, o feixinho. É uma abelha silvestre. (*Melipona marginata*, Lep.). *Alt. Mundirí*. (Sampaio, 1987, pág. 278)

*Origem: Indígena/Tupi*

(228) **MUQUIRANA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Muquirana (3) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Muquirana** [Do tupi = 'piolho da pele', + *-rana*.] S.f. Bras. Zool. Inseto anopluro, pediculídeo (*Pediculus humanos corporis*), ectoparasito do homem, cosmopolita. Esconde-se nas vestes, onde faz de preferência sua postura. Raramente é encontrado no corpo, preferindo a região costal mediana. Comprimento: 2 a 3mm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Muquirana** S.2g. 'piolho (*Pediculus vestimenti*)'. Do tupi *mokí'rana*. (Cunha, 2010, pág. 442)

**Muquirana** *corr.* **Mby-quí-rana**, semelhante ao piolho da pele; o piolho grande. (Sampaio, 1987, pág. 287)

*Origem: Indígena/Tupi*

(229) **MURIAÉ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Muriaé (2) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Total de topônimos no Estado:**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

*Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Muriaé (“+ae) = moscas que afligem, enxame de moscas, é o que diz T.Sampaio-1ª., pág. 141, mas silencia o termo em 1b, edição de 1928; nome de rio e cidade de Minas, Zona da Mata, antiga São Paulo do Muriaé. (Gregório, 1987, pág. 920)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(230) MURIÇOCA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Muriçoca (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Muriçoca [Do tupi.] S. f. Bras. N.E. MG Zool. V. mosquito || [De mosca + -ito1.] S.m. Zool. Designação comum a todos os insetos dípteros, culicídeos, de porte pequeno, pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos. O ciclo evolutivo efetua-se em duas fases distintas: a primeira, na água, onde são depositados os ovos e se desenvolvem as larvas e pupas; a segunda é alada e terrestre. [Sin.: pernilongo, mosquito-prego, muriçoca, carapanã, carapanã-pinima, fincão, fincudo, sovela, perereca, bicuda.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Muriçoca S.f. ‘variedade de mosquito’ | *muroçóca* 1833, *morissoca* 1888 | Do tupi \**muri*’*soka*. (Cunha, 2010, pág. 442)

Moriçoca *corr.* **Merú-sóca**, a mosca pungente, a que dá ferrotoadas; o mosquito pernilongo. Bahia. (Sampaio, 1980, pág. 286)

*Origem: Indígena/Tupi*

(231) **MURZELO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Murzelo (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Total de topônimos no Estado:**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

*Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Murzelo (ê). [Do lat. vulg. *mauricellu* < lat. *mauru*, 'mouro'.] Adj. S.m. Diz-se de, ou cavalo morado. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Murzelo → **MOURO** || Mouro S.m. ‘indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia’ XIII. Do lat. *maurus*. || **murzelo** *adj. sm.* ‘diz-se de, de, ou cavalo morado’ XIII. Do lat. morena dos mouros; admite-se, ainda, que o voc. derive do gr. *mauros* ou *amauros* ‘moreno’. (Cunha, 2010, pág. 439)

Origem: Português<Latim

(232) **MUTUCA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 100 ocorrências

**Variantes:**

Mutuca de José Luis Pereira [Ssing+Antropônimo]

Mutuca de José Pereira [SSing+Antropônimo]

Mutuca Nova [Ssing+Adj]

Mutuca Velha [Ssing+Adj]

Mutuquinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
11	1	4	15	2	14	3	10	14	4	1	21

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Mutuca (91) – Nf*

*Mutuca de José Luiz Pereira (1) – Nf + Antropônimo*

*Mutuca de José Pereira (1) – Nf + Antropônimo*

*Mutuca Nova (1) – Nf + Adj*

*Mutuca Velha (1) – Nf + Adj*

*Mutuquinha (5) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mutuca S.f. [Do tupi.] Bras. Zool. Designação comum aos dípteros da família dos tabanídeos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mutuca S.f. ‘nome comum às moscas da fam. dos tabanídeos’ 1587. Do tupi *um'tuka*. (Cunha, 2010, pág. 443)

Origem: Indígena/Tupi

(233) **MUTUM**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 39 ocorrências

**Variantes:**

Mutum de Baixo [Ssing+Adj]

Mutunzinho [Ssing]

Mutuzinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	4	-	-	-	-	1	7	3	23	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Mutum* (24) – Nm

*Mutum de Baixo* (3) – Nm + Adj

*Mutunzinho* (9) – Nm

*Mutuzinho* (3) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Mutum [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias aves galiformes cracídeas, gênero Crax, de penas da crista curvas na extremidade, e com seis espécies no Brasil, e Mitu, de penas retas e com apenas duas espécies. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Mutum S.m. ‘ave galiforme da fam. dos cracídeos’ | *mutũ* c 1584, *motum* 1587, *motu* c1594 etc. | Do tupi *mĩ’tũ*. (Cunha, 2010, pág. 444)

Mutum, mytum, mytu: ave da família dos Cracídeos: “De **mytum** por **pytum** ou pituna, noite: escuro negro por extensão, originariamente qualificado, dizendo pássaro negro ou escuro.” (R. Garcia: F. Cardim-44, pág. 106, notas) || “**Motum** são umas aves pretas nas costas, asas e barriga branca; são do tamanho dos galipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas penas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão...” (Gabriel S. de Souza-142, ii, PÁG. 88) || “Além das aves domésticas... outras a que chamam **mutús**, que são do tamanho de um grande gallipago, não menos prezados que elles...” (Ambrósio F. Brandão-280, pág. 226) || “... **Mutum**... Tem pernas altas tanto ou mais que o galo. Há três espécies de **mutuns** (mutunguaçu, e fava e pinima) a primeira chamam os naturais **mutunguaçu**, isto é mutum grande. é todo preto, e tem na raiz do bico da parte de cima ou testa duas bolas vermelhas do tamanho e uma pedra ágata: e debaixo do bico a parte inferior outra maior que as duas superiores, e todas lhe dão muita graça...” (Pe. João Daniel-268, Tomo I, pág. 117) || “Nome comum aos diversos crácides, belos representantes das galinhas, geralmente de cor preta, com o ventre de cor diversa e ornada a testa de uma alterosa pupa sempre ereta, comum a ambos os sexos.” (E. Stradelli-41b, Datilografado) || “O **mutum** é um enorme galináceo, quase do tamanho de um peru. Reveste-o bela plumagem branca e preta, e orna-lhe a cabeça uma crista amarela. Essa ave revela sua presença por uma espécie de gemido em três notas surdas, quando está em cima das árvores, e por um piano agudo e prolongado, quando anda no chão, ciscando no escuro do mato. Basta o caçador escondido repetir o mesmo gemido, aliás, de fácil imitação, e o **mutum** aproxima-se para cair baleado.”



(Frei José M. Audrin-278. 24) (Gregório, 1980, pág. 1094)

*Origem: Indígena/Tupi*

(234) *NELORE*

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Nelori [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Nelori (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Nelore [Do top. *Nelore* (Índia).] Adj. Sm. 1. Diz-se de, ou uma raça zebu (q. v.). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Nelore Adj. 2g. 1. diz-se de ou certa raça de gado zebu. | 2. S.2g. espécime desse gado. | top. *Nelore* (Índia). (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Toponímica*

(235) *NOVILHA*

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Variantes:**

Novilha Brava [Ssing+Adj]

Novilhona [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Novilha Brava* (2) – Nf +Adj

*Novilhona* (2) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Novilha S.f. [Do esp. *novilla*.] Vaca nova; bezerra. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Novilho S.m. boi novo; almalho, bezerro. | esp. *novillo* 'id.', de *nuevo* 'novo', do lat. *novus, a, um*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Português < Espanhol*

**(236) ONÇA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 294 ocorrências

**Variantes:**

Onça de Anísio Silva [Ssing+Antropônimo]

Onça Bárbara [Ssing+Adj] ou [Ssing+Antropônimo]

Onça de Baixo [Ssing+Adv]

Onça de Cima [Ssing+Adv]

Onça de Tertuliano [Ssing+Antropônimo]

Onça Grande [Ssing+Adj]

Onça, de Antônio Manuel [Ssing+Antropônimo]

Onça, de Elvécio Arruda [Ssing+Antropônimo]

Onça, de Geraldo Roseno [Ssing+Antropônimo]

Onça, de Jacó Bento [Ssing+Antropônimo]

Onça, de José Noberto [Ssing+Antropônimo]

Onça, de José Pinto [Ssing+Antropônimo]

Onça, de Miguel Morais [Ssing+Antropônimo]

Onças [Splural]

Oncinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
12	21	22	20	7	48	8	37	39	2	34	44

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Onça (253) – Nf  
 Onça de Anísio da Silva (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça Bárbara (1) – Nf + Antropônimo / Nf + Adj  
 Onça de Baixo (1) – Nf + Adv  
 Onça de Cima (1) – Nf + Adv  
 Onça de Tertuliano (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça Grande (2) – Nf + Adj  
 Onça, de Antônio Manuel (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de Elvécio Arruda (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de Geraldo Roseno (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de Jacó Bento (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de José Noberto (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de José Pinto (1) – Nf + Antropônimo  
 Onça, de Miguel Morais (1) – Nf + Antropônimo  
 Onças (7) – Nf  
 Oncinha (20) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Onça de Cima [Ssing+Adv]  
 Onça de Baixo [Ssing+Adv]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Onça S.f. [Da mesma or. incerta que o esp. onza, cat. onça e o fr. once; poss. do lat. vulg. \*luncea (< lat. cláss. lynx, lycnis < gr. lwnx, lynkós).] Zool. Grande felino das montanhas do N. da Ásia (Panthera uncia), de pelagem lanosa, que lembra a da pantera, com 1,30m de comprimento. || 2. Zool. Bras. V. jaguar. || 3. Bras. P. ext. Zool. Designação comum a todos os felídeos brasileiros de grande porte. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Onça S.f. '(Zool.) mamífero carnívoro da fam. dos felídeos (*Felis onça* L.)' XVI Do fr. *once*, deduzido do a. fr. *lonce* (com deglutinação do artigo), deriv. do lat.pop. *lyncea* (cláss. *lynx – cis*). (Cunha, 2010, pág. 460)

*Origem: Português < Francês*

(237) PACA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 19 ocorrências

**Variantes:**

Paca de Cima [Sing+Adv]

Pacão [Ssing]  
Pacas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	1	-	-	2	9	1	-	-	4

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Paca* (15) – Nf

*Paca de Cima* (1) – Nf + Adv

*Pacão* (1) – Nf

*Pacas* (2) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Paca [Do tupi.] S.f. Bras. Zool. Mamífero roedor, cunicúlideo, distribuído por quase toda a região cisandina e México (*Cuniculus paca*) e nas florestas andinas (*Cuniculus taczanowsky*), de dorso escuro e lustroso, lados do corpo com três a cinco listras longitudinais irregulares, brancas, ventre branco e cauda reduzida a um tubérculo nu. Vive sempre perto da água, onde busca refúgio quando perseguido. Adulto, pesa 10kg; é apreciado para a caça esportiva. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Paca S.f. ‘mamífero roedor da fam. dos dasiproctídeos (*Cuniculus paca*)’ | a 1576, paqa 1595, paqua 1648 etc. | Do tupi ‘paka. (Cunha, 2010, pág. 468)

Paca s. Gerúndio-supino do verbo **pag**, despertar, acordar, estar vigilante; **paca** é, pois, a desperta, a acordada, a que está sempre atenta. É o animal roedor (*Caelogenys paca*). (Sampaio, 1987, pág. 291)

*Origem: Indígena/Tupi*

(238) PACU

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pacu (2) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pacu [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo, dos gêneros *Metynniss*, com 21 espécies no Brasil, e *Mylossoma*, com cinco espécies. Corpo comprimido, em geral arredondado ou ovalado; nadadeiras dorsal e anal situadas muito atrás. Alimenta-se de frutas e outras substâncias, sendo praticamente onívoro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pacu S.m. ‘nome comum a vários peixes da fam. dos caracídeos’ | *pacu* c 1777 | Do tupi \**pa’ku*. (Cunha, 2010, pág. 468)

Pacu *corr* **Pag-ú**, o comer desperto, Istoé, o que é vívido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*. (Sampaio, 1987, pág. 292)

*Origem: Indígena/Tupi*

(239) PANAMÁ

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Panamá (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Panamá S.f. Panapaná || Panapaná 1. Borboleta (‘designação comum’) (Houaiss Eletrônico, 2007)

Panamá s. A borboleta. V. **Panapaná**. || Panapaná s. A borboleta. *Alt. Paná, Panamá, Baná*. (Sampaio, 1987, pág. 293)

*Origem: Indígena/Tupi*

(240) **PAPAGAIO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 58 ocorrências

**Variantes:**

Papagaio de Cima [Ssing+Adv]

Papagaio dos Paulistas Ssing+Adv]

Papagaizinho [Ssing]

Papagaizinho de Gilberto Vieira [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
6	6	2	7	1	8	3	6	7	3	1	8

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Papagaio (54) – Nm*

*Papagaio de Cima (1) – Nm + Adv*

*Papagaio dos Paulistas (1) – Nm + Adv*

*Papagaizinho (1) – Nm*

*Papagaizinho de Gilberto Vieira – Nm + Antropônimo*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Papagayo [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Papagaio S.m. Zool. Designação comum a várias espécies de psitacídeos, esp. do gênero *Amazona*, com 11 espécies brasileiras, as quais, por via de regra, imitam bem a voz humana. [Sin.: louro e (bras.) ajeru, ajuru, jeru, juru.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Papagaio S.m. ‘ave da fam. dos psitacídeos, que imita a voz humana’ | *papagay* XIII | De etimologia obscura; parece derivar do ar. *babbagâ*. (Cunha, 2010, pág. 474)

Origem: Obscura

(241) PAPA-MEL

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Papa-mel (2) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Papa-mel [De papar + mel.] S. f. Bras. Zool. V. Irara. || Irara [Do tupi = 'mel', + o tupi = 'tomar'.] S. f. Bras. Zool. Animal carnívoro mustelídeo (*Tayra barbara*); jaguapé, papa-mel. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Papa-mel S.m. m.q. *irara* (*Eira barbara*). (Houaiss Eletrônico, 2007)

Origem: Português < Latim

(242) PARACATU

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Paracatu (1) - Nm

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

### Variantes:

Piracatu [Ssing]

### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Paracatu nome de rio afluente da margem esquerda do São Francisco e de cidade de Minas, Microrregião dos Chapadões de Paracatu, antiga Paracatu do Príncipe. Afonso Arinos de Melo Franco, natural de Paracatu, escreveu “**Paracatu do Príncipe**” e no capítulo intitulado “Um Estadista da República” que apareceu estampado no “Anuário do Museu Imperial de Petrópolis”, 1945, comenta a origem do topônimo: “O nome dado ao rio **Paracatu**, aparentemente nas antigas referências feitas a essa primeira expedição (testamento de Manoel Chaves, 1603) não se relaciona com a intensa atividade mineradora... **Paracatu** foi a princípio **Piracatu**. Saint Hilaire, que por lá passou em começos do século XIX, insiste sobre este ponto, e afirma que alguns habitantes do lugar ainda usavam nome primitivo, que era também conservado no **carimbo do correio**. Nota 3: Ainda depois de 1840 o nome da já então cidade era grafado **Piracatu** por escritores. Ora, **Piracatu**, diz Batista Caetano, quer dizer **peixe bom**. **Paracatu**, segundo o mesmo autor pode ser ou mar bom (por extensão rio bom) ou então um adjetivo, significando variegado ou matizado. Mas **Paracatu**, no caso da povoação sertaneja, é uma corruptela de **Piracatu**, como faz certo a informação de Saint-Hilaire. O nome do rio, que depois passou ao arraial, foi dado por caçadores de índios que ali encontraram **peixe bom**... aliás, não seria razoável que o nome dado fosse Paracatu, pois Pará só chamavam os bandeirantes aos grandes rios, que faziam lembrar o mar. Ora, o **Paracatu** não é um curso de água que mereça o nome de mar bom...” (págs. 92-93) Nesta passagem, A. A. de Melo Franco se refere ao que escreveu St. Hilaire na sua “Voyage dans la Province de Goyaz”: “Os paulistas... que descobriram Goiás, foram conduzidos pelo acaso, ao lugar onde hoje está situada **Paracatu**... Tendo (José Rodrigues Fróis) encontrado peixes de sabor agradável no Córrego Rico, imaginou dar ao lugar... o nome de **Pirá-catu**, expressão da língua indígena, fiel ao antigo costume adotado pelos velhos paulistas... O nome **Pirá-catu** se alterou para **Paracatu**”. “...Foi José Rodrigues Fróis quem, em 1744, denunciou a Gomes Freire de Andrada o descobrimento das minas de ouro de **Paracatu** (elevado em 1798 à categoria de vila, com o nome de **Paracatu-do-Príncipe**), onde desde logo correu a nova de também se encontrarem diamantes.” (Basílio de Magalhães-32a, pág. 332). Também Frei Francisco dos Prazeres-134a, grafa **pirá-catu**; entretanto T. Sampaio-1a e Diogo de Vasconcelos-121, Tomo I, pág. 101, dão como rio bom; mas para E. Reclus-124, é “rio piscoso”... “Desceu o rio **Paracatu** numa balsa de buriti.” (J. Guim. Rosa). (Gregório, 1980, pág. 1051)

*Origem: Indígena/Tupi*

(243) PARAGUÁ

Ave

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Paraguá (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Total de topônimos no Estado:**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

*Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Paraguá c. **Pará-guá**, a coroa de plumas variegadas, o cocar. Significa também seio de mar, baía, golfo. Significa ainda papagaio. V. Paracau. (Sampaio, 1987, pág. 293)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(244) PARAGUAI**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Paraguai (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Paraguai S. f. Bras. Zool. V. maitaca-roxa. | Maitaca-roxa S. f. Bras. Zool. Ave psitaciforme, psitacídea (*Pionus fuscus*), do AM, PA e MA, de coloração parda, alto da cabeça azul, parte

inferior do corpo lavada de violáceo, crisso e parte basal da cauda vermelhos, e rêmiges e ponta da cauda azul-escuras. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Paraguai (para+y) = engalantar, coroa de plumas (Montoya); a versão **rio dos papagaios** é contestável e seria **paraguary** (ver o termo). | (para+i) = periquito. (Gregório, 1980, pág. 1017)

*Origem: Indígena/Tupi*

(245) **PARI**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 11 ocorrências

**Variantes:**

Parizinho [Ssing]

Parizinho de Baixo, de Pedro Esteves [Ssing+Adv+Antropônimo]

Parizinho, de João L. da Silva [Ssing+Antropônimo]

Parizinho, de José Aleixo [Ssing+Antropônimo]

Parizinho, de José V. Castro [Ssing+Antropônimo]

Parizinho, de Vicente P. Duarte [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Pari (1) – Nm*

*Parizinho de Baixo, de Pedro Esteves (1) – Nm + Adv + Antropônimo*

*Parizinho, de João L. da Silva (1) – Nm + Antropônimo*

*Parizinho, de José Aleixo (1) – Nm + Antropônimo*

*Parizinho, de José V. Castro (1) – Nm + Antropônimo*

*Parizinho, de Vicente P. Duarte (1) – Nm + Antropônimo*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pari 2: do bororo = ema (A. Levy Cardoso-182ª, pág. 419) (Gregório, 1980, pág. 1022)

*Origem: Indígena*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Passarinho (3) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**Passarinho [De pássaro + -inho<sup>1</sup>.] S.m. Bras. Pássaro; pequena ave. (Aurélio Eletrônico, 2010)Pássaro S.m. '(Zool.) designação comum às aves da ordem dos passeriformes' 'ave pequena' XIII. Do lat. *passer –ēris* || **passar**INHO. (Cunha, 2010, pág. 480)*Origem: Português < Latim***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 65 ocorrências**Variantes:**

Patinho [Ssing]

Patos [Splural]

Patos de Minas [Ssing+Adv]

Patos do Abaeté [Ssing+Adv]

Patos, de Jonas Pires [Ssing+Antropônimo]

Patos, de Oswaldo Joiça [Ssing+Antropônimo]

Patos, de Pedro P. da Cunha [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	13	6	1	2	11	6	1	20	-	4	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Patinho* (2) – Nm

*Pato* (3) – Nm

*Patos* (54) – Nm

*Patos de Minas* (2) – Nm + Adv

*Patos do Abaeté* (1) – Nm + Adv

*Patos, de Jonas Pires* (1) – Nm + Antropônimo

*Patos, de Oswaldo Joíça* (1) – Nm + Antropônimo

*Patos, de Pedro P. da Cunha* (1) – Nm + Antropônimo

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pato S.m. [T. onom.] Zool. Ave anseriforme, anatídea, esp. os de grande porte. [ V. pato-do-mato, pato-de-crista, capororoca, cisne-de-pescoço-preto. ] (Aurélio)

Pato → PATA || Pata<sup>2</sup> S.f. ‘fêmea do pato’ XIV. Tal como *pata*<sup>1</sup>, também de formação onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 481)

*Origem: Onomatopaica*

**(248) PAVÃO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 21 ocorrências

**Variantes:**

Pavões [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	6	3	3	2	3	3

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Pavão* (20) – Nm

*Pavões* (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pavão [Do lat. pavone.] Zool. Grande ave galinácea, fasianídea, cujo macho apresenta crista, plumagem brilhante azul ou verde, e grandes plumas caudais com manchas oculares

iridescentes e que podem abrir-se sob a forma de grande leque. (Aurélio Eletrônico, 2010)

*Pavão* S.m. ‘grande ave galinácea, de plumagem belíssima, da fam. dos fasianídeos’ | XVI, *paaos* pl. XIII, *pauõ* XIV | Do lat. *pāvō-ōnis*. (Cunha, 2010, pág. 482)

*Origem: Português < Latim*

(249) **PEIXE**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 110 ocorrências

**Variantes:**

Peixe Branco [Ssing+Adj]

Peixe Branco de João Florêncio [Ssing+Antropônimo]

Peixe Bravo [Ssing+Adj]

Peixe Bravo, de Antônio Batista Gonçalves [Ssing+Antropônimo]

Peixe Cru [Ssing+Adj]

Peixe Manso [Ssing+Adj]

Peixe Tolo [Ssing+Adj]

Peixes [Splural]

Peixinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
15	4	2	25	1	12	3	14	4	6	11	13

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Peixe* (86) – Nm

*Peixe Branco* (7) – Nm + Adj

*Peixe Branco de João Florêncio* (1) – Nm + Adj + Antropônimo

*Peixe Bravo* (4) – Nm + Adj

*Peixe Bravo, de Antônio Batista Gonçalves* (1) – Nm + Adj + Antropônimo

*Peixe Cru* (1) – Nm + Adj

*Peixe Manso* (2) – Nm + Adj

*Peixe Tolo* (1) – Nm + Adj

*Peixes* (5) – Nm

*Peixinho* (2) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Peixe Brabo [Ssing+Adj]

Peixe Bravo [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Peixe [Do lat. pisce.] S.m. Zool. Animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. || 2. Zool. Espécime dos peixes (3). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Peixe S.m. '(Zool.) animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras, com pele geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. *piscis -is*. (Cunha, 2010, pág. 485)

*Origem: Português<Latim*

**(250) PERCEVEJO**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Percevejo (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Percevejo (ê). [De or. obscura.] S. m. Zool. Designação comum aos insetos hemípteros cujas asas anteriores são metade córneas e metade membranosas (*hemiélitros*), e cujo aparelho bucal é sugador. Dividem-se em fitófagos, hematófagos e predadores. Atualmente se conhecem mais de 22.000 espécies. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Percevejo S.m. 'designação comum aos insetos da ordem dos hemípteros, cujas asas anteriores são metade córneas e metade membranosas e cujo aparelho bucal é sugador' | *perçobejo* XVI | De etimologia obscura. (Cunha, 2010, pág. 488)

*Origem: Obscura*

**(251) PERDIGÃO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Perdigão (4) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Perdigão [Do lat. vulg. \**perdicone*, aum. de *perdice*, 'perdiz'.] S. f. Zool. 1. O macho da perdiz. | 2. V. codorna-buraqueira. | 3. Bras. SP Ave gruiforme, ralídea (*Micropygia schomburgkii chapmani*), do Brasil central e meridional, de dorso pardo, com numerosas manchas ovóides brancas marginadas de preto, as coberteiras da asa avermelhadas, e a asa bastarda também avermelhada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Perdiz S.f. 'ave tinamiforme, da fam. dos tinamídeos' XIII. Do lat. *perdix -īcis* || **perdiG·ÃO** XVI. Do cast. *perdigon*. (Cunha, 2010, pág. 488)

*Origem: Português < Latim***(252) PERDIZ**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 21 ocorrências****Variantes:**

Perdizes [Splural]

Perdizinha [Splural]

Perdizinhas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	1	1	16	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Perdiz (3) – Nf**Perdizes (15) – Nf*

*Perdizinha* (2) – Nf  
*Perdizinhas* (1) – Nf

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Variantes:

Perdizes [Splural]

##### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Perdiz [Do gr. *pérdix*, pelo lat. *perdice*.] S. f. Zool. Ave tinamiforme, tinamídea (*Rhynchotus rufescens*), distribuída pelos cerrados e caatingas de todo o Brasil ao S. do rio Amazonas. Tem coloração avermelhada, com matizes amarelos e ferrugíneos, penas dorsais listradas de preto, e garganta esbranquiçada. É muito procurada para caça e esta se faz de agosto a setembro, período em que estão piando, ou em outras épocas, com auxílio de cães perdigueiros. Alimenta-se de toda a sorte de grãos e artrópodes de modo geral, ingerindo também folhas tenras. Vive e nidifica no solo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Perdiz S.f. 'ave tinamiforme, da fam. dos tinamídeos' XIII. Do lat. *perdix –īci*. (Cunha, 2010, pág. 488)

*Origem: Português < Latim*

#### (253) PERERECA

Anfíbio/Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Perereca* (2) - Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Perereca [Do tupi = 'ir aos saltos'.] S. f. 1. Bras. Zool. Designação comum aos anfíbios anuros, arborícolas, de ventosas nos dedos, sobretudo os da família dos hilídeos. O número de espécies de pererecas no Brasil sobe a mais de 80. | 2. Bras. Zool. V. mosquito<sup>1</sup> || Mosquito<sup>1</sup> [De *mosca*



+ *-ito*<sup>1</sup>.] S. m. Zool. Designação comum a todos os insetos dípteros, culicídeos, de porte pequeno, pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos. O ciclo evolutivo efetua-se em duas fases distintas: a primeira, na água, onde são depositados os ovos e se desenvolvem as larvas e pupas; a segunda é alada e terrestre. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Perereca S.f. ‘anfíbio da ordem dos anuros, espécie de rã’ XX. Do tupi *pere’reka*. (Cunha, 2010, pág. 489)

*Origem: Indígena/Tupi*

(254) **PERIQUITO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 16 ocorrências

**Variantes:**

Piriquito [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	5	4	1	-	-	2	1	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Periquito (15) – Nm*

*Piriquito (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Periquito [Do esp. *periquito*.] S.m. Bras. Zool. Ave psitaciforme, psitacídea (*Tirica chiriri*), de larga distribuição geográfica, de coloração verde, com parte das coberteiras superiores maiores da asa amareladas e as coberteiras das rêmigas da mão azuis; *tuixiriri*. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Periquito S.m. ‘ave psitaciforme, da família dos psitacídeos’ XVII. Do cast. *periquito*. (Cunha, 2010, pág. 490).

*Origem: Português < Castelhana*

(255) **PERU**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Peru (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Peru [De or. incerta; poss. do top. *Peru*.] S.m. Zool. 1. Grande ave galinácea doméstica (*Gallipavo meleagris*) originária da América do Norte, com plumagem castanho-escuro com reflexos verde-metálicos, cabeça e pescoço nus, providos de carúnculas erécteis. A fêmea tem postura de 16 até 20 ovos anuais, com incubação de 29 até 31 dias. Fornecem carne extremamente apreciada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Peru S.m. ‘grande ave galinácea doméstica’ XVII. Do top. *Peru*, provavelmente. (Cunha, pág. 492)

*Origem: Incerta***(256) PIABA**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 9 ocorrências**Variantes:**

Piabinha [Ssing]

Piabas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	5	2	1	-	-	-	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Piaba (4) – Nf**Piabas (4) – Nf**Piabinha (1) – Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piaba [Do tupi = 'pele manchada'.] S.f. Bras. 1. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais, actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, especialmente dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*, de boca pequena, dentição forte, e que se alimentam de matéria vegetal e de animais em decomposição; piava, piau, aracu. || 2. Bras. N.E. Zool. V. lambari. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piaba S.f. 'nome comum a vários peixes caraciformes da fam. dos caracídeos' | 1587, *vpiaua* c 1631 etc. | Do tupi *pi'aua*. (Cunha, 2010, pág. 494)

Piaba espécie de peixe de água doce; (pi'a+bae) + o que é manchado, para B. Caetano-7, pág. 374 e T. Sampaio 1b, pág. 287). (Gregório, 1980, pág. 1037)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (257) PIABANHA

Peixe

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 19 ocorrências

Variantes:

Piabana [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	8	-	-	7	-	-	-	4	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piabana (1) – Nf*

*Piabanha (18) – Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piabanha [Do tupi = 'o que é manchado'.] S. f. Bras. Zool. 1. Designação comum a vários peixes actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, especialmente *Brycon carpophagus* e *B. opalinus*, o primeiro das bacias do Amazonas e do Paraná, e o segundo apenas do Amazonas. Coloração plúmbea no dorso, prateada nos flancos. São muito apreciados na pesca esportiva feita com linha e iscas de peixes ou pequenas pererecas. [Sin.: pirapitinga.] | 2. Peixe actinoptérgio,

caraciforme, caracídeo (*Megalobrycon piabanha*), do rio Paraíba do Sul com a mesma coloração geral das piabanhas anteriormente definidas, e máculas róseas ao longo da linha lateral. Comprimento: até 50cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piabanha S.f. 'peixe da fam. dos caracídeos' 1806. Do tupi \**pi'uaia* <*pi'aua* 'piaba' + '*ãia* 'dente'. (Cunha, 2010, pág. 494)

Piabanha *corr.* **Piá-bãí**, o que é manchado. Batista Caetano. Nome de um peixe fluvial. Rio de Janeiro. (Sampaio, 1987, pág. 299)

*Origem: Indígena/Tupi*

(258) **PIAU**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 12 ocorrências

**Variantes:**

Piau, de Mauro Ferreira [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	1	-	-	1	1	-	3	4

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piau (11) – Nm*

*Piau, de Mauro Ferreira (1) – Nm + Antropônimo*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Piau S.m. [Do tupi = 'pele manchada'.] Bras. Zool. V. piaba (1). || Piaba S.f. [Do tupi = 'pele manchada'.] Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais, actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, especialmente dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*, de boca pequena, dentição forte, e que se alimentam de matéria vegetal e de animais em decomposição; piava, piau, aracu. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piau S.m. 'piaba' | *pião* 1806 | Do tupi \**pi'au* <*pi'aua*. (Cunha, 2010, pág. 494)

Piáu *corr.* **Py-yáu**, a pele manchada. É o nome de um peixinho d'água doce. (Sampaio, 1987, pág. 300)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 18 ocorrências**Variantes:**

Pica-pau Amarelo [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	3	-	-	-	3	3	-	2	5

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Pica-Pau (17) – Nm

Pica-Pau Amarelo (1) – Nm + Adj

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pica-Pau [De picar + pau.] S.m. Zool. Designação comum a aves piciformes, picídeas, bastante numerosas no Brasil, com cerca de 55 espécies e várias subespécies. São aves trepadoras com dois dedos para a frente e dois para trás, a cauda frequentemente com retrizes endurecidas e pontudas, bico forte, usado para perfurar a madeira, e língua muito longa, com que retira as larvas dos insetos, seu alimento preferido. A maioria das espécies nidifica em ocos de paus ou em buracos, em galerias que elas mesmas perfuram. [Sin., nesta acepç.: ipecu, carapina, pinica-pau.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pica-Pau S.m. design. comum às aves piciformes, insetívoras, da fam. dos picídeos, encontradas em quase todo o mundo, com exceção da Austrália, Nova Guiné, Nova Zelândia e Madagascar; de bico forte e reto, us. para martelar a madeira em busca de insetos, língua vermiforme e muito comprida, pés zigodátilos e cauda com penas endurecidas, us. como apoio para subir em árvores; carapina, ipecu, murutucu, pinica-pau [Abrem cavidades no tronco das árvores, a fim de servirem como ninho ou local para dormir.]. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Português < Latim***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	3	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pintada (7) - Nf*

#### **DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

#### **INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pintada<sup>1</sup> [F. subst. do adj. pintado.] S.f. Zool. 1. Bras. V. galinha-d'angola. | 2. V. coleira-do-norte. || Galinha-d'angola S.f. Zool. Ave originária da África, galiforme (*Numida meleagris*), dotada, no alto da cabeça, dum capacete ósseo mais ou menos destacado sobre a pele desnuda, e de penas pretas com pintas brancas. [Perfeitamente aclimada no mundo inteiro, conserva, entretanto, resquícios da vida selvagem: o natural espantadiço e o hábito de nidificar longe do convívio com os outros galináceos de capoeira. F. red.: angola. Sin.: galinha-da-índia, galinha-da-numídia, galinha-da-guiné, angolinha, angolista, angulista, galinhola, capote, cocar, estou-fraca, guiné, picota, pintada, tô-fraca, tô fraco.] || Coleira-do-norte S.f. Bras. Amaz. Ave fringilídea (*Sporophila americana*) de bico grosso e negro, aparentada com a coleira-do-brejo; o macho tem as partes superiores negras, uropígio cinzento, e duas faixas na asa, e no espéculo, brancas; o papo é atravessado por faixa negra, estreita, que forma coleira por vezes incompleta. Pintada<sup>2</sup> S.f. Bras. Zool. V. onça-pintada || Onça-pintada S.f. Bras. Zool. V. jaguar. || Jaguar [Do tupi-guar. ya'wara, designação genérica dos animais do gênero *Felis*.] S.m. Zool. Carnívoro fissípede, felídeo (*Panthera* [ *Jaguaris*] onca), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o S.E. dos E.U.A. Tem cerca de 1,50m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80cm de altura. É considerado a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pintar V.b. 'representar por traços ou cores' 'figurar' XIII. Do lat. *pīnctāre*, de *\*pīnctus*, part. de *pīngĕre* || **pintADA** XVII. (Cunha, 2010, pág. 497)

*Origem: Português < Latim*

(261) **PINTADO**

Peixe

#### **DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pintado (4) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pintado S. m. Bras. Zool. V. surubim-pintado. || Surubim-pintado S. m. Bras. Zool. Peixe actinoptergígio, siluriforme, pimelodídeo (*Pseudoplatystoma corruscans*), com larga distribuição no Brasil, de coloração pardo-clara com manchas escuras transversais, algumas marginadas de branco, máculas redondas, escuras, entremeando as raias transversais, e abdome branco-nacarado. Corpo com 66cm; cabeça com 22cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pintar V.b. ‘representar por traços ou cores’ ‘figurar’ XIII. Do lat. *pīnctāre*, de \**pinctus*, part. de *pingĕre* || **pintADO** XVI. (Cunha, 2010, pág. 497)

*Origem: Português < Latim*

#### (262) PINTASSILGO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pintassilgo (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pintassilgo [Do arc. *pintassirgo*, de or. controversa.] S. m. Zool. 1. Bras. Ave passeriforme, fringilídea (*Spinus magellanicus ictericus*), distribuída da BA para o S., de dorso oliváceo, cabeça, garganta, asas e cauda pretas, espelho, base da cauda e lado inferior amarelos. [É muito estimado como pássaro de gaiola, dando, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol. Alimenta-se de sementes de capim. Var., bras.: pintassilva; sin.: pintassilgo-do-campo.] | 2. Bras. Ave passeriforme, traupídea (*Hemithraupis guira nigrigula*), da Amaz., macho verde-oliváceo, dorso baixo e peito alaranjado-vivo, sobranceira, meio do abdome e crisso amarelos, e garganta e lados da cabeça pretos. | 3. Lus. Ave passeriforme, fringilídea (*Fringilla spinus*), de coloração geral amarelo-esverdeada. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pintassilgo S.m. ‘ave passeriforme, da fam. dos fringilídeos, de coloração geral amarelo-esverdeada’ | *pintisirgo* XVI | De etimologia controversa. (Cunha, 2010, pág. 497)

*Origem: Controversa*

(263) PINTO

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 19 ocorrências

##### Variantes:

Pintinhos [Ssing]

Pintos [Splural]

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
5	-	1	10	-	-	1	1	1	-	-	-

##### Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

*Pintinhos* (1) – Nm

*Pinto* (6) – Nm

*Pintos* (12) – Nm

*Pintinhos* (1) – Nm

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pinto [De uma raiz *onom.* pitt, pela f. *pito*.] S.m. Zool. Filhote da galinha ainda novo; franguinho. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pinto S.m. ‘filhote da galinha ainda novo’ 1813. De origem onomatopaica, provavelmente. (Cunha, 2010, pág. 497)

*Origem: Onomatopaica*



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências**Variantes:**

Piolhos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Piolho (6) – Nm**Piolhos (1) – Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Piolho (ô). [Do lat. vulg. *peduculu*, var. do lat. cláss. *pediculus*, dim. de *pes*, *pedis*, 'pé'.] S. m. Zool. 1. Designação comum aos insetos malófagos mastigadores e anopluros sugadores, ectoparasitos de vertebrados, desprovidos de asas. [Sin., fam.: bicho.] | 2. Bras. Zool. Designação imprópria de certos ácaros de ninhos, coccídios e afídeos de plantas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piolho S.m. 'designação comum aos insetos malófagos mastigadores e anopluros sugadores, ectoparasitos de vertebrados, desprovidos de asas' XV. Do lat. vulg. *pedicūlus* (cláss. *pedicūlus*, dim. de *pēdis*) (Cunha, 2010, pág. 498)

*Origem: Português < Latim***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências**Variantes:**

Pequirá [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pequira (2) – Nm*

*Piquira (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piquira [Do tupi = 'pele tenra'; 'pequeno'.] S.m. 4. Equídeo de pequena estatura. | 6. Bras. SP Zool. Designação comum às espécies de lambaris de pequeno porte, tetragonopteríneos. | Bras. SP Designação comum a peixes pequenos, entre 3 e 5cm de comprimento. | 7. Bras. SP Zool. Peixe teleosteo, caraciforme, caracídeo (*Holoshestes pequira*), do rio Paraguai. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piquira Adj. S.m. 'peixe miúdo c 1607; 'cavalo pequeno, pônei' 1842; 'pequeno, miúdo' XX. Do tupi *pĩ'kãra*. (Cunha, 2010, pág. 498)

Piquira *corr.* **Py-quira**, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce. (Sampaio, 1987, pág. 301)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (266) PIRACANJUBA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 15 ocorrências

#### Variantes:

Piracanjubinha [Ssing]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	4	11	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piracanjuba (13) – Nf*

*Piracanjubinha (2) – Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piracanjuba [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. V. Piracanjuba. || Piracanjuba [Var. de piracanjuba.] S.f. Bras. Zool. Designação comum a algumas espécies de peixes actinopterígios, caraciformes, caracídeos, gênero Brycon [cf. *matrinxã*], especialmente *B. nattereri*, do rio Paraná, e a espécie *B. lundii*, do rio São Francisco, que pode atingir até 80cm e 10kg; piracanjuba-arrepiada, piracanjuvira. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pirá S.m. ‘designação genérica de peixe, em tupi’ 1813. Do tupi *pi’ra* ‘peixe’. | **piracanjuba** S.f. ‘espécie de dourado’ 1792. Do tupi *pirakan’iuua*. (Cunha, 2010, pág. 498)

Piracanjuba c. **Pirá-acan-yuba**, o peixe de cabeça amarela ou dourada. São Paulo. (Sampaio, 1987, pág. 301)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (267) PIRACEMA

Grupo de Peixes

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piracema (1) - Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piracema [Do tupi = 'sair peixe'.] S.f. Bras. Amaz. Cardume de peixes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pirá S.m. ‘designação genérica de peixe, em tupi’ 1813. Do tupi *pi’ra* ‘peixe’|| **piracema** S.f. ‘saída dos peixes para a desova’ XIV. Do tupi *pira’sema* <*pi’ra* + ‘*sema* ‘sair’’. (Cunha, 2010, pág. 498)

Piracema corr. **Pirá-acema**, a saída do peixe, o cardume por ocasião da desova 72A. (Sampaio, 1987, pág. 301)

Origem: Indígena/Tupi

(268) PIRAÍ

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Piraí (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Total de topônimos no Estado:

Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade

Topônimos (nº de ocorrências) – [estrutura morfológica]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Piraí [Do tupi.] S.m. Bras. 2. Designação indígena de peixes de pequeno porte. (Aurélio)

Pirá S.m. ‘designação genérica de peixe, em tupi’ 1813. Do tupi *pi’ra* ‘peixe’. (Cunha, 2010, pág. 498)

Pirá = peixe; ocorre mais de 40 vezes nas denominações geográficas do Brasil. | Piraĩ (“+ ã) = peixinho, piaba. (Gregório, 1980, pág. 1053)

Origem: Indígena/Tupi

(269) PIRAJUBA

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pirajuba (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pirajuba [De *pira-* + *-juba*.] S. f. Bras. Zool. V. dourado 8. || S.m. Bras. Zool. 8. Peixe actinoptérigo, caraciforme, caracídeo (*Salminus brevidens*, do rio São Francisco, e *S. maxillosus*, da bacia do Paraná), carnívoros, de grande porte, coloração dourada tendente ao vermelho, muito apreciados para a pesca esportiva, e cuja carne é de primeira qualidade. Alcançam 1m de comprimento e 20kg de peso. [Sin.: *piraju*, *pirajuba*, *saijé*. Cf. *saipé*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pirajuba → PIRÁ. || Pirá S.m. ‘designação genérica de peixe, em tupi’ 1813. Do tupi *pi’ra* ‘peixe’ || pirajuba sf. ‘peixe da fam. dos caracídeos, dourado’ c 1594. Do tupi *pira’iuua* <*pi’ra* + *’iuua* ‘amarelo’. (Cunha, 2010, pág. 499)

Pirajú corr. **Pirá-yú**, forma contrata de **pirá-yuba**, o peixe amarelo, o dourado. São Paulo. (Sampaio, 1987, pág. 302)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (270) PIRANHA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 14 ocorrências

#### Variantes:

Piranhas [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	1	-	6	1	-	4	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piranhas (14) – Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Piranha [Do tupi = 'corta a pele'.] S.f. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérgios, caraciformes, caracídeos, gêneros *Pygocentrus*, *Pygopristis* e *Serrasalmus*, conhecidos como carnívoros, extremamente vorazes, com dentes numerosos e cortantes. Demonstram predileção especial por animais sangrantes, tornando perigosos os rios ou lagos onde vivem. Ao todo, 15 espécies são conhecidas no Brasil, variando o tamanho entre 18 e 45cm. Seus dentes são usados pelos índios para cortarem cabelos, cordas, e para uso doméstico em geral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piranha S.f. 'nome comum a vários peixes da fam. dos caracídeos, extremamente vorazes' 1587. Do tupi *pi'rãia* < *pi'ra* + *'ãia* 'dente'. (Cunha, 2010, pág. 488)

Piranha *corr.* **Pir-ãí**, o que corta a pele; nome de um peixe voraz (*Pygocentrus*) da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz. Bahia, Alagoas, Minas Gerais. (Sampaio, pág. 302)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (271) PIRAPEMA

Peixe

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pirapema (1) – Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pirapema [De pira- + o tupi = 'anguloso'.] S. f. Bras. Zool. 1. V. olho-de-cão | 2. V. camurupim. || Olho-de-cão S. m. Bras. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, priacantídeo (*Priacanthus arenatus*), do Atlântico, de coloração vermelha, nadadeiras verticais marginadas de negro, as ventrais escuras, olhos muito grandes, e até 25cm de comprimento; olho-de-vidro, pirapema, piranema. || Camurupim [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe actinoptérgio, elopiforme, elopídeo (*Tarpon atlanticus*), da costa norte do Brasil. Coloração prateada, escamas grandes, brilhantes e

com um segmento prateado. Chega a 2m de comprimento e costuma penetrar no estuário dos grandes rios, seguindo as marés. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pirá S.m. ‘designação genérica de peixe, em tupi’ 1813. Do tupi *pi’ra* ‘peixe’ || **pirapema** S.f. ‘peixe da fam. dos megalopídeos’ c 1631. Do tupi *pira’pema* ‘anguloso, esquinado’. (Cunha, 2010, pág. 498)

Pirá = peixe; ocorre mais de 40 vezes nas denominações geográficas do Brasil. | Pirapema (“+pema) = peixe fluvial; para R. Garcia-76b, seria o mesmo que camurupim, que ocorre no Maranhão para o sul: “**Pirapema**: é peixe grande... e julgo tem alguma semelhança ou parentesco com a corvina. É peixe de escama, e de muita espinha, porém de bom gosto; nem a multidão de espinhas o fazem menos estimável... por serem grandes e grossas como palitos, e por isso alguns usam delas em lugar de palitos...” (Pe. João Daniel-268, Tomo I, pá. 106). (Gregório, 1980, pág. 1058)

*Origem: Indígena/Tupi*

(272) **PIRAPITINGA**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 85 ocorrências

**Variantes:**

- Pirapetinga [Ssing]
- Pirapetinga, de Joaquim [Ssing+Antropônimo]
- Pirapetinga, de Washigton C. Brant [Ssing+Antropônimo]
- Pirapetinga, de Marieta Bernardo [Ssing+Antropônimo]
- Pirapetinga, de Zacarias Meireles Primo [Ssing+Antropônimo]
- Pirapetinguinha [Ssing]
- Pirapitanga [Ssing]
- Pirapitinga [Ssing]
- Pirapitinga de Washington C. Brant [Ssing+Antropônimo]
- Pirapitinga, de Antônio Dias [Ssing+Antropônimo]
- Pirapitinga, dos Pessoas [Ssing+Antropônimo]
- Piripitinga [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPODAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	-	1	4	-	3	8	27	-	11	29

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

- Pirapetinga (55) – Nf*
- Pirapetinga, de Joaquim (1) – Nf + Antropônimo*
- Pirapetinga, de Washigton C. Brant (1) – Nf + Antropônimo*
- Pirapetinga, de Marieta Bernardo (1) – Nf + Antropônimo*
- Pirapetinga, de Zacarias Meireles Primo (1) – Nf + Antropônimo*
- Pirapetinguinha (2) – Nf*
- Pirapitanga (1) – Nf*

*Pirapitinga (19) – Nf*

*Pirapitinga de Washington C. Brant (1) – Nf + Antropônimo*

*Pirapitinga, de Antônio Dias (1) – Nf + Antropônimo*

*Pirapitinga, dos Pessoas (1) – Nf + Antropônimo*

*Piripitinga (1) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

##### Variantes:

Parapitinga [Ssing]

Pirapitinga [Ssing]

##### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pirapitinga [Do tupi = 'peixe branco'.] S. f. Bras. Zool. Peixe actinoptério, caraciforme, da família dos caracídeos (*B. nattereri*), do rio Paraná. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pirá S.m. 'designação genérica de peixe, em tupi' 1813. Do tupi *pi'ra* 'peixe' || **pirapitinga** S.f. 'peixe da fam. dos caracídeos' XIV. Do tupi \**pirape'tina* < *pi'ra* + *pe'tina* 'de casca branca' (<*a'pe* 'casca' + *tina* 'branca') (Cunha, 2010, pág. 498)

Pirá peixe; ocorre mais de 40 vezes nas denominações geográficas do Brasil. | pirapitinga, pirapetinga ("+pitinga = mancha branca na pele) = peixe com manchas brancas na pele; espécie de sardinha branca: peixe fluvial da família dos Caracídeos. (Gregório, 1980, pág. 1058)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (273) PIRATINGA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 5 ocorrências

##### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piratinga (5) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:



Piratinga S. f. Bras. Amaz. Zool. [De pira- + -tinga.] V. piraíba || Piraíba [De pira- + o tupi = 'que não presta'.] S. f. Bras. Zool. Peixe actinopterió, siluriforme, pimelodídeo (*Brachyplatistoma filamentosum*), dos rios Amazonas e Parnaíba, de cabeça e boca muito grandes, a maxila mais avantajada que a mandíbula. É o maior peixe de couro do Brasil, chegando a medir 3m e a pesar acima de 150kg. A coloração geral é escura, mas há exemplares claros e bronzeados. Os jovens são mais apreciados para culinária. Na Amazônia corre a lenda de que a piraíba engole crianças e ataca pessoas adultas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piratinga (“+tinga) = pargo ou peixe da família dos Pimelodídeos, de estimada carne branca. (Gregório, 1980, pág. 1063)

*Origem: Indígena/Tupi*

(274) PIRAÚ

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Piraú (2) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Piraú [De or. tupi, poss.] S. f. Bras. Zool. V. pomba-trocal. || Pomba-trocal S. f. Bras. Zool. Ave columbiforme, columbídea (*Columba speciosa*), do México, América Central e quase todo o Brasil; de plumagem multicolor, penas do pescoço marginadas de cor escura, cabeça e dorso pardo-avermelhados, e nuca, garganta e peito com brilho cúpreo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Piraú S.m. pomba-trocal (*Columba speciosa*). | Segundo Nascentes, de possível orig. tupi. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Pitu (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pitu [Do tupi = 'casca escura'.] S. m. Bras. Zool. Designação comum às espécies de camarões palemonídeos, especialmente *Macrobrachium carcinus*, de água doce, de coloração esbranquiçada (exceto o cefalotórax e os quatro pares de patas posteriores, que são pardo-escuros), rostro serrilhado, com 14 a 16 dentes, o abdome grosso e do mesmo comprimento do cefalotórax. Chega a 48cm, destacando-se as pinças, muito desenvolvidas, que, juntamente com outras partes, têm carne saborosa. [Sin: camarão-d'água-doce.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pitu S.m. 'espécie de camarão' 1817. Do tupi *pi'tu*. (Cunha, 2010, pág. 501)

Pitú *corr.* **Py-t-ũ**, a pele ou casca escura. É o camarão cascudo d'água doce. Antigamente dizia-se **poty** e **potyassú**. (Sampaio, 1987, pág. 305)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Variantes:**

Potro [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Poldro (1) – Nm*

*Potro (1) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Poldro (ô). [Do lat. vulg. \**pullitru* < lat. *pullus*, 'animal jovem'.] S.m. Potro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Poldro S.m. 'potro' XIII. Do lat. vulg. \**pullŕer tri*. (Cunha, 2010, pág. 507)

*Origem: Português < Latim*

(277) **POMBA**

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 25 ocorrências

#### Variantes:

Pombas [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
4	-	2	1	1	-	1	2	2	-	-	12

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Pomba (16) – Nf*

*Pombas (9) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

#### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Pomba [Do lat. *palumba.*] S.f. Zool. Designação comum a todas as aves columbiformes, columbídeas, de vôo possante, bico coberto de cera na base, e granívoras. Constroem ninhos muito toscos, de gravetos na maioria. A espécie doméstica é a *Columba civia domestica*, criada para servir de alimento e como pombo-correio. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pomba S.f. ‘designação comum a todas as aves columbiformes, da fam. dos columbideos’ | *poomba* XIII, *paonda* XIII | Do lat. *palŭmba –ae.* (Cunha, 2010, pág. 510)

*Origem: Português<Latim*

(278) **POMBO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 9 ocorrências

**Variantes:**

Pombinho [Ssing]

Pombinhos [Splural]

Pombos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	1	-	3	-	2	-	-	3

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Pombinho* (2) – Nm

*Pombinhos* (2) – Nm

*Pombo* (3) – Nm

*Pombos* (2) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Pombo [Do lat. *palumbu.*] S.m. Zool. O macho da pomba. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Pombo S. m. ‘designação comum a todas as aves columbiformes, da fam. dos columbideos’ | *poomba* XIII, *paonda* XIII | Do lat. *palŭmba –ae.* (Cunha, 2010, pág. 510)

*Origem: Português<Latim*

(279) **PORCA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Porcas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Porcas (1) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Porca [Do lat. *porca*.] S.f. A fêmea do porco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Porco S. m. ‘mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico’ XIII. Do lat. *pŏcus –ī* | **porca**<sup>1</sup> S.f. ‘A fêmea do porco’ XIII. (Cunha, 2010, pág. 512)

*Origem: Português < Latim*

(280) **PORCO**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 45 ocorrências

**Variantes:**

Porcos [Splural]

Porcos, de Maria G. de Sousa [Splural+Antropônimo]

Porcos, de Orlando P. da Cunha [Splural+Antropônimo]

Porquinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	11	2	5	3	14	1	7	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Porco (1) – Nm*

*Porcos (40) – Nm*  
*Porcos, de Maria G. de Sousa (1) – Nm + Antropônimo*  
*Porcos, de Orlando P. da Cunha (1) – Nm + Antropônimo*  
*Porquinho (2) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Porcos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Porco (ô). [Do lat. *porcu.*] S.m. Mamífero bunodonte, artiodáctilo, não ruminante, com 44 molares, caninos curvos e incisivos inferiores alongados, formando uma pá; patas curtas com quatro dedos revestidos por cascos, cabeça de perfil triangular e focinho cartilaginoso. Originase do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico, e sua carne é bastante apreciada; cerdo.[Sin., lus., nesta acepç.: chicao.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Porco S.m. ‘mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico’ XIII. Do lat. *pōcus –ī* (Cunha, 2010, pág. 512)

*Origem: Português < Latim*

**(281) POTÉ**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Variantes:**

Potézinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Poté (1) – Nm*

*Potézinho (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Poté nome de índio; abelha “torce-cabelo”; nome de cidade do leste de Minas, perto de Teófilo Ottonim, Zona do Mucuri. (Gregório, 1980, pág. 1081)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(282) POTI**

Crustáceo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Poti (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Poti [Do tupi.] S. m. Zool. Bras. Camarão. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Poti S.m. ‘Nome tupi do camarão’ | c 1631, *potim* 1587 | Do tupi *po’ĩ*. (Cunha, 2010, pág. 514)

Potí s. O resíduo, o excremento, as fezes, a borra. Diz-se também **tepotí**, **repotí**, segundo a composição. Confunde-se frequentemente com **poty** ou **potim**, o camarão. || Potim s.c. **Po-tĩ**, as mãos pontiagudas: o camarão, o crustáceo. (*Penaeus setiferus*). *Alt. Potí*. (Sampaio, 1987, pág. 307)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(283) PREGUIÇA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	3	-	-	1	-	3	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Preguiça (7) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Preguiça [Do lat. *pigritia*.] S.f. 5. Bras. Zool. Designação comum aos mamíferos desdentados, bradipodídeos, arborícolas, de pelagem muito densa e longa, membros muito desenvolvidos e cauda rudimentar, assim chamados pela notável lentidão de seus movimentos. Entre os seus pelos vivem carrapatos e microlepidópteros ou traças. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Preguiça S. f. ‘aversão ao trabalho’ ‘negligência’, ‘indolência’ | XIV, *pregyça* XIII, *priguiça* XIV etc. | Do lat. *pigritia* –ae. (Cunha, 2010, pág. 518)

*Origem: Português < Latim*

#### (284) QUATI

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 67 ocorrências

#### Variantes:

Cuati [Ssing]

Cuati de Cima [Ssing+Adv]

Quati de Helenice Teixeira Coelho [Ssing+Antropônimo]

Quati, de Ildeu Alves [Ssing+Antropônimo]

Quatis [Splural]

Quatizinho [Ssing]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	9	12	3	-	7	1	7	11	2	12	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Cuati (1) – Nm*

*Cuati de Cima (1) – Nm + Adv*

*Quati (34) – Nm*



*Quati de Helenice Teixeira Coelho (1) – Nm + Antropônimo*  
*Quati, de Ildeu Alves (1) – Nm + Antropônimo*  
*Quatis (19) – Nm*  
*Quatizinho (10) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Quati [Do tupi = 'nariz pontudo'.] S.m. Zool. Mamífero carnívoro, procionídeo (*Nasua nasua*), com sete subespécies distribuídas por todo o Brasil. A coloração, em geral, é cinzento-amarelada, porém muito variável, havendo indivíduos quase pretos e outros bastante avermelhados, focinho e pés pretos, cauda com 55cm, com sete a oito anéis pretos. Mede de corpo 70cm. Vive em bandos de oito a 10, é praticamente onívoro, e se adapta bem ao cativeiro. [Sin.: quati-de-bando.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Quati c. **Qua-ti**, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. É o *Nasua* dos naturalistas. *Alt. Coatí.* (Sampaio, 1987, pág. 308)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(285) QUEIXADA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 8 ocorrências

**Variantes:**

Queixada, de José Rodrigues [Ssing+Antropônimo]

Queixadinha [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	4	-	-	-	-	-	-	-	1	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Queixada (5) – Nf*

*Queixada, de José Rodrigues (1) – Nf + Antropônimo*

*Queixadinha (2) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Queixada S.f. Bras. Zool. Mamífero artiodáctilo, tiaiçuídeo (*Tayassu pecari*), distribuído da Venezuela ao N. do RS. Coloração negro-pardacenta, pelagem das costas muito longa; difere

do caititu por ter os lábios brancos. Quando acuado, bate forte os queixos, e é valentíssimo. [Sin.: canela-ruiva, queixada-ruiva, queixo-ruivo, sabacu, tacuité, taguicati, tajaçu, tajaçu, tanhaçu, tanhocati e (impr.) porco-do-mato. Tb. us., nesta acepç., como s. m.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Queixada → QUEIXO. Queixo **queixADA** *sf.* ‘queixo’ XIII.(Cunha, 2010, pág. )

*Origem: Português<Latim*

**(286) QUEMQUÉM**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Quemquem (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Quenquém [Voc. onom.] S. f. Bras. Zool. Inseto himenóptero, formicídeo, gênero *Acromyrmex*, cujos ninhos se restringem a uma única panela (5). Algumas espécies constroem ninhos subterrâneos, em cuja boca depositam fragmentos de vegetais. Podem causar grandes prejuízos à lavoura. [Sin.: carreira, chanchã, formiga-carregadeira, formiga-cortadeira, formiga-de-monte, formiga-mineira, formiga-quenquém, quenquém-de-monte.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Quem-Quem S.2g. design. comum a diversas formigas do gên. *Acromyrmex*, que se assemelham às saúvas quanto aos hábitos gerais, embora façam ninhos subterrâneos, constituídos por uma única panela e com entradas caracterizadas pela presença abundante de hastes de capim [sin.: carreira, carregadeira, chã-chã, formiga-caiapó, formiga-carreira, formiga-carregadeira, formiga-cortadeira, formiga-de-monte, formiga-de-nós, formiga-mineira, formiga-quem-quem, quem-quem-de-monte] . Segundo Nascentes, voc.onom. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Onomatopaica*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Quiara (2) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Quiara S. m. Bras. Zool. V. rato-d'água. || Rato-d'água [De *rato*<sup>1</sup> + *de* + *água*.] S. m. Bras. Zool. Mamífero roedor, cricetídeo (*Nectomys squamipes*), distribuído por todo o Brasil, com sete subespécies. Tem dorso ocre-escuro, tracejado de preto, ventre branco, e curtas membranas interdigitais. Vive em matas ou lugares cultivados onde haja água abundante, e é hábil nadador. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Quiara S.m. *rato-d'água* (*Nectomys squamipes*). | orig.obsc. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 13 ocorrências

Variantes:

Rapoza [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	-	-	3	-	1	-	-	-	-	1	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Rapoza (12) – Nf*

Raposa (1) – Nf

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

#### Variantes:

Raposas [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Raposa S.f. Zool. Animal mamífero (*Vulpes vulpes*), carnívoro, canídeo, que habita a Europa, de pequeno porte, e grande predador das aves em geral. O pêlo, farto, é muito valorizado no comércio graças aos matizes, que vão do castanho ao branco-prateado. [Sin., ant.: golpelha.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Raposa S.f. ‘ animal mamífero, da ordem dos carnívoros, da fam. dos canídeos, que habita a Europa e é de pequeno porte e grande predador das aves em geral’ XIV. Do cast. *raposa*, variante do antigo e dialetal *rabosa* e , este, provavelmente, de *rabo*. (Cunha, 2010, pág. 546)

*Origem: Português < Castelhana*

(289) RAPOSO

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 14 ocorrências

#### Variantes:

Raposo, de Alexandre de Araújo [Ssing+Antropônimo]

Raposo, de Manuel Candinho [Ssing+Antropônimo]

Raposo, de Odílio Antônio da Silva [Ssing+Antropônimo]

Raposos [Splural]

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	8	-	2	-	-	-	-	2	-	-	1

#### Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Raposo (10) – Nm

Raposo, de Alexandre de Araújo (1) – Nm + Antropônimo

Raposo, de Manuel Candinho (1) – Nm + Antropônimo

Raposo, de Odílio Antônio da Silva (1) – Nm + Antropônimo

Raposos (1) – Nm

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

#### Variantes:

Raposos [Splural]

Rapozos [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
X	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Raposo (ô). [De *raposa*.] S.m. O macho da raposa. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Raposa S.f. ‘animal mamífero, da ordem dos carnívoros, da fam. dos canídeos, que habita a Europa e é de pequeno porte e grande predador das aves em geral’ XIV. Do cast. *raposa*, variante do antigo e dialetal *rabosa* e, este, provavelmente, de *rabo*. (Cunha, 2010, pág. 546)

*Origem: Português < Castelhana*

(290) RATO

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 8 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	6

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Rato (8) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Rato [Do lat. *rattu*, tax. *Rattus*.] S. m. 1. Zool. Gênero de mamíferos roedores, murídeos, que apresentam os molares sempre cuspidados, sendo as cúspides dispostas em três séries em relação ao eixo longitudinal. | 2. Zool. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Rattus rattus* (v. rato-preto), a mais típica. | 3. Zool. Qualquer espécime desse gênero. | 4. Zool. Impr. Designação comum aos histicomorfos (q. v.) de pequeno porte e com pilosidade rija. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Rato S.m. ‘nome comum a mamíferos roedores’ XIV. Voc. comum às línguas românicas e germânicas, mas de origem incerta, talvez onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 547)

*Origem: Incerta*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Variantes:**

Rebibil [Ssing]

Rebibio [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Rebibil (2) – Nm

Rebibio (2) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Rebibiu S.m. m.q. *aleluia* ('cupim') | or. obsc . || Aleluia 7. design. comum aos indivíduos alados e sexuais das diversas spp. de cupins; arará, cupim, formiga-do-natal, rebibiu, sarassará, sililua, siriri, sirirua [Saem às centenas dos cupinzeiros e revoam para acasalar e buscar locais apropriados para instalar novas colônias.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Rela (2) - Nf

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Rela [Do lat. \**ranella*, em vez de *ranula*, dim. de *rana*, 'rã'.] S. f. Zool. V. perereca. || Perereca [Do tupi = 'ir aos saltos'.] S.f. Bras. Zool. Designação comum aos anfíbios anuros, arborícolas, de ventosas nos dedos, sobretudo os da família dos hilídeos. O número de espécies de pererecas no Brasil sobe a mais de 80. [Sin.: rela, raineta, tanoeiro.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Rela S. f. 'perereca' 1813. Do lat. \**ranella*, diminutivo de *rana*, em vez de *rānula*, pelo arc. \**raela*. (Cunha, 2010, pág. 554)

*Origem: Português<Latim*

(293) **RENA**

Mamífero

## DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Rena (1) - Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Rena [De or. lapônia ou finlandesa, pelo fr. *renne*.] S.f. Zool. V. rangífer (1 e 2) || Rangífer [Do tax. *Rangifer* (< fr. ant. *rangier* < escandinavo ou islandês *hrein dyri*).] S. m. Zool. 1. Gênero de mamíferos ruminantescervídeos, de distribuição holártica. | 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Rangifer tarandus* ou rena. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Rena S.f. 'rangífer' | *renna* XIX | Do fr. *renne*, deriv. do sueco (e norueguês) *ren*. (Cunha, 2010, pág. 556)

*Origem: Português<Francês*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Roedor (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**Roedor [De roedor<sup>1</sup>, para adapt. do tax. *Rodentia*.] Zool. S.m. Espécime dos roedores. (Aurélio)Roer Vb. ‘cortar com os dentes’ ‘devorar ou destruir aos bocadinhos, de modo contínuo’ XIII. Do lat. *rōdĕre* || **roEDOR** 1525. (Cunha, 2010, pág. 568)*Origem: Português < Latim***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

**Variantes:**

Rolinha [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Rola (2) – Nf**Rolinha (1) – Nf*



## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Rola (ô). [T. onom.] S.f. Zool. Designação comum a várias aves columbiformes, columbídeas, gêneros *Columbina* *Claravis*, etc. e suas espécies. Alimentam-se de sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas. O seu estômago, em geral, contém bastante areia, que auxilia a triturar os alimentos. Ex.: rolinha, rola-cabocla, rola-azul, turueí. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Rola S.f. ‘designação comum a várias espécies de aves columbiformes, da fam. dos columbídeos’ | *rrola* XV | De origem onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 568)

*Origem: Onomatopaica*

## (296) RONCADOR

Peixe

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Roncador (1) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Roncador S.m. 3. Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, perciforme, cienídeo (*Bairdiella ronchus*), do Atlântico, comum entre RN e RJ; bororó, canguá, pescado-aratanha, robalo-miraguaia, ticopá. | 4. Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, perciforme, pomadasídeo (*Conodon nobilis*), do Atlântico, desde o Texas (E.U.A.) até a Argentina. Tem coloração amarelada, com oito faixas azuladas, transversais, com pontas dirigidas para baixo, nadadeiras peitorais amarelas e as demais negras. Carne de qualidade inferior. Comprimento: até 30cm. [Sin., nesta acepç.: coró, coroque, ferreiro, pargo-branco.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Roncar Vb. ‘respirar ruidosamente durane o sono’ XIV. Do lat. *rhonchāre*, deriv. do gr. *rhogkiáō*. || **ronc**ADOR XVI. (Cunha, 2010, pág. )

*Origem: Português<Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Sabaru (1) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sabaru S.m.m.q. *saguiru* (*Curimataelegans*). ||Saguiru peixe teleósteo caraciforme da fam. dos curimatídeos (*Curimataelegans*), encontrado em rios de várias regiões brasileiras, de dorso e cabeça castanho-claros, ventre mais claro e faixa lateral prateada. (Houaiss Eletrônico, 2007)

Origem: Não encontrada

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 20 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	1	-	-	-	-	-	1	3	1	2	11

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Sabiá (9) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Sabiá[Do tupi.]S.m. e f.Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de aves passeriformes, turdídeas, gênero *Turdus*, de colorido simples, cinzento-oliváceo, às vezes avermelhado. São pássaros muito populares, bons cantores, e onívoros. [Cf. caraxué (1). No N.E. do Brasil também é us. no fem.: & Ver tb. Adolfo Caminha, A Normalista, p. 38; Afrânio Peixoto, Fruta do Mato, p. 323. Também se vê esse gênero na canção Sabiá, de Antônio Carlos Jobim (1927-1994) e Chico Buarque de Holanda (1944), autores nascidos no S. do País: "é ainda lá / que eu hei de ouvir cantar / uma sabiá ".] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sabiá S.m. 'pássaro da fam. dos turdídeos, de canto mavioso ' 1618. Do tupi *sauí'a*. (Cunha, 2010, pág. 573)

Sabiácorr. **Çóó-biã**, o animal apazível, mavioso. É o *Turdus sabiá*. Alt. **Sobiá**. (Sampaio, 1987, pág. 310)

(299) **SABOGA**

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Saboga (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Saboga[Do lat. tard. *samauca*.]S. f. Zool.Savelha.||Savelha(ê). [De *sável*.] S. f. Bras. Zool.Peixe actinoptério, clupeiforme, isospôndilo, clupeídeo (*Brevoortia tyrannus aurea*), comum nas costas brasileiras, de coloração prateada, levemente mais escura no dorso. Atinge 30cm de comprimento, e é utilizado mais para óleos, farinha e adubo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Saboga S.f. 'savelha'XIII. Do lat. tard. *samauca*. (Cunha, 2010, pág. 574)

*Origem: Português<Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:**3 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Sagui (3) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sagui[Do tupi.] S. m. Bras. Zool.Designação comum às espécies de primatas, calitriquídeos, com cinco gêneros e várias espécies em território brasileiro, todos os quais possuem o dedo polegar da mão muito curto e não oponível, e as unhas em forma de garras, dentes molares 2/2. São espécies pequenas, de cauda longa. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sagui S.m. ‘nome comum a várias espécies de símios da fam. dos calitriquídeos’ |çagoym 1511, çagoys pl. 1511, çagujs pl. 1511, sagôispl. 1576, çagois pl. 1576 etc. | Do tupi sa'ũũ. (Cunha, 2010, pág. 576)

Saguimcorr. **Ça-cai**, os olhos inquietos, vivos. Pronunciam outros **souim**, que é corrupção de **çoĩ-im**, bicho, o animalejo. (Sampaio, 1987, pág. 311)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:**1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Sangrador (1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sangrador S.m. m.q. moreia-pintada (*Gymnothoraxmoringa*) ||Moreia-pintada S.f. moréia da fam. dos murenídeos (*Gymnothoraxmoringa*), encontrada no Atlântico tropical, comum no N. e N.E. do Brasil; com até 1 m de comprimento, possui o corpo amarelado com manchas irregulares escuras e nadadeiras dorsal e anal com margens brancas; aimoré, caramuru, miroró, morongo, mororó, mussulina, mutuca, mututuca, sangrador, tororó [Espécie muito agressiva e temida pelos pescadores; e, por ocorrer na costa da Bahia, alguns associam *caramuru*, um dos nomes do peixe, à alcunha de Diogo Álvares Corrêa (-1557).]<sup>1</sup> (Houaiss Eletrônico, 2007)

Sangue S.m. ‘líquido normalmente vermelho que corre pelas veias e artérias, formado de plasma, glóbulos vermelhos e glóbulos brancos, e que serve à nutrição e purificação do organismo’ XIII. Do lat. *sanguen*, de *sanguis* – *ñis*||**sangrADOR** XIII. (Cunha, 2010, pág. 580)

*Origem: Português<Latim*

**(302) SANGUESSUGA**

Anelídeo

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Sanguessuga (2) – Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

SanguessugaS.f.[Do lat. *sanguisuga*.]Zool. Verme do filo dos anelídeos, da classe dos hirudíneos, que habita as águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais a fim de sugar-lhes o sangue. É de uso medicinal para provocar sangrias desde a época romana. Ex.: *Hirudus medicinalis*. [Sin., bras.: bicha.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sanguessugas**sangues.SUGA** | *sanguessuga* XVI | Do lat. *sanguisūga* –*ae*.(Cunha, 2010, pág.

580)

Origem: Português<Latim

(303) SANHARÓ

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 10 ocorrências

**Variantes:**

Sanharão [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	7	-	1	2	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Sanharão (3) – Nm

Sanharó (7) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sanharó[Do tupi.] S. m. Bras. Zool. V. torce-cabelo ||Torce-cabelo[De *torcer* + *cabelo*.] S. m. Bras. Zool. Designação comum a certas espécies de abelhas sociais meliponídeas, gênero *Melipon*: enrola-cabelo, irapuã, sanharó, tujumirim. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sanharócorr. **Çoó-nharõ**, o bicho branco; animal agitado. É o nome de uma abelha preta mordaz. (*Trigona Amalthea*, Oliv.). Alt. **Sanharão, Sonharão**. (Sampaio, 1987, pág. 312)

Origem: Indígena/Tupi

(304) SAPO

Anfíbio

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 18 ocorrências

**Variantes:**

Sapão [Ssing]

Sapo Doce [Ssing+Adj]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	4	1	4	3	-	1	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Sapão (2) – Nm*

*Sapo (15) – Nm*

*Sapo Doce (1) – Nm + Adj*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Sapo[De or. incerta, poss. pré-romana.] S.m. Zool. Designação comum aos anfíbios anuros que, embora o início de sua evolução ocorra na água, têm na fase adulta hábitos terrestres e são peçonhentos. A pele dos sapos é rugosa, com verrugas e pequenos tubérculos. Há cerca de nove espécies, todas do gênero Bufo, conhecidas do Brasil. [Aum.: saparrão.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sapo S.m. ‘designação comum aos anfíbios anuros que, embora o início de sua evolução ocorra na água, tem na sua fase adulta hábitos terrestres e são peçonhentos’ XVII. De etimologia obscura. (Cunha, 2010, pág. 581)

*Origem: Obscura*

#### (305) SARACURA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	4	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Saracura (7) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Saracura[Do tupi.]S.f. 2. Zool. Designação comum às aves gruiformes, ralídeas, representadas no Brasil por 13 gêneros e várias espécies. São aves desconfiadas, que passam o dia escondidas na vegetação, saindo, em geral, à tarde, para se alimentar de insetos, crustáceos e peixes de pequeno porte. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Saracura S.f. 'ave gruiforme da fam. dos ralídeos' | 1587, *çaracura* c 1584 Do tupi *sara'kura*. (Cunha, 2010, pág. 581)

Saracura Se for tupi, pode provir de **tara-cura**, engole milho. É o nome da ave pernalta (*Aramides*), chamada galinha-d'água, cujo cantar parece dizer – **três potes**, também conhecida no Norte do Brasil por sericóia. (Sampaio, 1987, pág. 313)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (306) SARACUTINGA

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Saracutinga (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Saracutinga[De or. tupi.]S. f. Bras. S. Zool. V. tocandira. | Tocandira[Do tupi = 'fere muito'.]S. f. Bras.Zool. Inseto himenóptero, formicídeo (*Paraponera clavata*), comum na Amaz., de coloração preta, e que atinge até 22mm de comprimento. Tem um tubérculo no protórax e outro no pedúnculo do primeiro segmento abdominal, e constrói ninho subterrâneo. De picada muito dolorosa, capaz de produzir vômitos, é utilizada pelos índios para cerimônias de emancipação dos adolescentes. [Var.: tocanera, tocantera, tocanará, tocanguira, tocanquibira; sin.: saracutinga, tracutinga, tracuxinga, formigão, formigão-preto.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Taracuí, tracuá, tacuí (t'aia+cuá) ou taracu, espécie de formiga: “referência à picada terrível da formiga” (Alfredo da Mata, cit. Por L. C. Cascudo-20c); nome de povoação à margem direita do Rio Uapés, Amazonas. | Para A. Levy Cardoso-182ª, pág. 374, o termo viria do Cariba; é no entanto o mesmo que: Taracutinga (VLB), **saracutiga**, saracá: “Taraquí, espécie de formiga,



que irritada exala mau cheiro; na árvore onde se aninha, não sobe outra formiga, nem a saúva.” (E. Stradelli-41a) | ... “Uma taracua, fromiga terrível e fétida.” (Peregrino Vidal-171, pág. 51 e ver nº6: Notas Preliminares) | “O monstro (aboiuna) atirou uma gascada tirlintando com os guizos do rabo (sic), porém, nesse momento uma formiga tracua mordeu o calcanhar do herói.” (Mário de Andrade – Macunaíma). (Gregório, 1980, pág. 1144)

*Origem: Indígena/Tupi*

(307) SARANHA

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**2 ocorrências

**Variantes:**

Saranhão [Ssing]

Saranho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Saranhão (1) – Nm*

*Saranho (1) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Saranha[De or. indígena, poss.]S. m. Bras. Zool. V. peixe-cachorro (2) ||Peixe-cachorroS. m. Zool. 2. Peixe actinoptergio caraciforme, caracideo (*Rhaphiodon vulpinus*), das bacias do Prata e do Amazonas. Tem dois grandes dentes com 33mm de comprimento, inseridos na mandíbula e perfurando a maxila, e coloração cinza-prateada. Alimenta-se de outros peixes. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Saranha S.m. *peixe-cachorro (Raphiodon vulpinus)*. | Prov. orig. indígena. (Houaiss Eletrônico, 2007).

*Origem: Indígena*

(308) SARDINHA

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Sardinha (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Sardinha[Do lat. *sardina*.]S. f. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérgios, clupeiformes, isospôndilos, clupeídeos. Vivem aos cardumes e são utilizadas largamente, frescas ou industrializadas, na alimentação humana. Também se usam em óleos, farinhas e adubos. No rio Amazonas existem sete espécies de sardinhas verdadeiras. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sardinha S.f. ‘designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, isospôndilos, da fam. dos clupeídeos’ | XIV, *sardina* XIII. | Do lat. *sardīna* –ae. (Cunha, 2010, pág. 582)

*Origem: Português < Latim*

#### (309) SERIEMA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 12 ocorrências

Variantes:

Siriema [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	2	-	2	-	2	5	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Seriema (9) – Nf*

*Siriema (3) – Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Seriema[Var. de sariema < tupi = 'crista em pé'.]S.f. Bras. Zool. Ave gruiforme, cariamídea (*Cariama cristata*), do N. da Argentina, Paraguai, Brasil central e oriental, de coloração cinzento-suja, com riscas escuras muito finas por todo o corpo, o abdome mais claro, penas da base do bico em forma de pincel, bico e pernas vermelhos. Durante o dia, vive nos descampados, alimentando-se de insetos, reptis e pequenos roedores; à noite, dorme empoleirada em árvores, onde também nidifica, usando gravetos de todos os tamanhos para construir o ninho. É tida como ave útil porque destrói permanentemente cobras e gafanhotos. Seu canto é muito característico, bem conhecido nos cerrados e caatingas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

SeriemaS.f. 'ave gruiforme da fam. dos cariamídeos (*Carima cristata* L.)' | 1751, *siriema* 1618 etc. | Do tupi *sari'ama*.(Cunha, 2010, pág. 591)

Sariema *corr.* **Çariama**, c. **cari-ama**, a crista levantada, alta. (*Dicholophys cristatus*, III). **Alt. Seriema**. (Sampaio, 1987, pág. 313)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(310) SIMÃO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Simão (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Simão[De símio, poss. com infl. do antr. Simão.]S. m. Pop. Qualquer macaco. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Simão S.m. qualquer macaco. | Orig. duv. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Duvidosa*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:**1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Sinimbu (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sinimbu[Do tupi.] S. m. Bras. Zool.V. camaleão1 (1 e 2).||Camaleão[Var. de cameleão, com assimilação.] S.m. 1. Zool. Reptil lacertílio, camaleontídeo, especialmente os do gênero *Chamaleo*, da Europa meridional e de certas regiões africanas e asiáticas, arborícola e dotado da faculdade de mudar de cor. Tem cauda preênsil, dedos opostos, língua prostrátil, capaz de ser projetada a grande distância.| 2. Bras. Zool. Designação comum dos reptis lacertílios; iguanídeos, com cerca de 30 representantes, a maioria dos quais tem uma prega mento-faríngea capaz de se encher de vento, crista serrilhada no dorso, língua curta, grossa e não prostrátil; são também arborícolas e também mudam de cor. A espécie mais conhecida no N. e N.E. é a *Iguana iguana*.(Aurélio Eletrônico, 2010)

Sinimbús.c.Cy-ni-bú ou cy-ni-bú, cintilações emite, o que mostra cambiantes, o lustroso. O termo cy é – brilho, lustro, cintilação; ni é uma forma plural, traduzindo cintilações, brilhos cambiantes; bú é verbo – sair por si mesmo, emitir. É o camaleão (*Iguana tuberculata*). (Sampaio, 1987, pág. 314)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:**2 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Siriritinga (2) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Siriritinga[De siriri<sup>1</sup> + -tinga.]S. m. Bras. Zool.Ave passeriforme, tiranídea (*Myodynastes solitarius*), que ocorre em quase todo o Brasil. A coloração geral é pardo-escura, indistintamente pintada de esverdeado, cauda parda, marginada de vermelho, asas marginadas de esbranquiçado e avermelhado, com mancha amarela no vértice, e parte inferior branca, com largas estrias escuras. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Siriritinga S.m. *bem-te-vi-rajado* (*Myiodynastes maculatus*). (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (313) SIRITINGA

Crustáceo

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado:6 ocorrências

Variantes:

Siritinga [Ssing]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Siritinga (1) – Nm*

*Siritinga (5) – Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Siritinga (siri+tinga) = espécie de siri, esbranquiçado. (Gregório, 1980, pág. 591)

*Origem: Indígena/Tupi*

(314) SOCA

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Soca (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Soca S.f. ‘espécie de lagarta’ 1587. Do tupi ‘soka. (Cunha, 2010, pág. 602)

Socas. A lagarta, a larva da borboleta, (*Roteiro do Brasil*,c.116). (Sampaio, 1987, pág. 315)

*Origem: Indígena/Tupi*

(315) SOCÓ

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**9 ocorrências

**Variantes:**

Socó, de Deusdedit P. dos Reis [Ssing+Antropônimo]

Socó, de José M. de Castro [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Socó* (7) – Nm

*Socó, de Deusdedit P. dos Reis* (1) – Nm + Antropônimo

*Socó, de José M. de Castro* (1) – Nm + Antropônimo

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Socó[Do tupi.]S.m. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de aves ardeídeas, especialmente as dos gêneros *Tigrisoma*, *Butorides* e *Zebrilus*. Alimentam-se de peixes e vivem ger. isoladas ou aos pares, perto de rios, lagoas e terrenos alagadiços. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Socó S.m. ‘ave da fam. dos ardeídeos’ c 1777. Do tupi *so’ko*. (Cunha, 2010, pág. 603)

Socócorr. **Çooó-có**, o bicho que se arrima, ave que tem por hábito arrimar-se num pé só; é nome comum às pernaltas (*Ardea brasiliensis*). (Sampaio, 1987, pág. 315)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(316) SUAÇUAPARA**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências

**Variantes:**

Suçupara [Ssing]

Sussuapara [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Suaçupara* (1) – Nm

*Suçupara* (5) – Nm

*Sussuapara* (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Suaçupara[Do tupi = 'veado curvo', i. e., de chifres tortos.]S.m. Bras. Zool. V.

cariacu. | Cariacu [Do tupi.] S.m. Zool. Mamífero da ordem dos artiodáctilos, da família dos cervídeos (*Odocoileus virginianus cariacus*), distribuído da margem esquerda do rio Amazonas para o N. Coloração baio-avermelhada, ventre, parte interna dos membros, contorno dos olhos e lábios brancos. A galhada mede cerca de 0,50m, com as pontas, em número de duas ou três em cada chifre, viradas para a frente, sendo a primeira a maior delas. Vive em regiões descampadas. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Suaçuapara S.m. ‘veado-galheiro’ | *çuaçuapara* c 1584, *suaçuapara* 1610 etc. | Do tupi *süuasua’para*. (Cunha, 2010, pág. 609)

Suaçuapara (suaçu+apara = veado-galheiro; suçuapara, veado-dos-brejos; veado campeiro ou suaçuetê (Amazonas): “ O cervo chamado **suaçuapara**, do tamanho de um grande jumento, tem forma elegante e aspecto majestoso, graças aos imensos galhos ou armas que lhe ornaram a cabeça... Muito arisco, apenas avista o viajante ou percebe as pancadas dos remos na água, desaparece em vertiginoso galope.” (Frei José M. Audrin-278, pág. 18). (Gregório, 1980, pág. 604)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(317) SUÇUARANA**

Mamífero/ Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 28 ocorrências

**Variantes:**

Suçarana [Ssing]

Susuarana [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	3	3	1	4	17	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Suçarana* (1) – Nf

*Suçuarana* (26) – Nf

*Susuarana* (1) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Suçuarana S.f. 1. Taturana | 2. mamífero da fam. dos felídeos (*Felis concolor*), encontrado do Canadá à Patagônia, em uma grande variedade de ambientes; de grande porte, cabeça relativamente pequena, pelagem dorsal marrom clara e uniforme, podendo apresentar grande



variação de tonalidade, partes inferiores esbranquiçadas, focinho ao redor da boca branco e cauda de ponta anegrada; jaguaruna, leão-baio, onça-parda, onça-vermelha, puma. ||Taturana design. comum às lagartas de diversas spp. de mariposas, esp. da fam. dos megalopigídeos, que dispõem de abundantes, longos e finíssimos pêlos urticantes, associados a cerdas aculeiformes, que, ao menor contato, inoculam forte toxina; ambira, bicho-cabeludo, bicho-de-fogo, lagarta-cabeluda, lagarta-de-fogo, lagarta-urticante, suçuarana [A toxina liberada na pele humana por estas lagartas é capaz de causar desde leves queimaduras até reações graves, como a anafilaxia.] (Houaiss Eletrônico, 2007)

Suçuarana S.f. ‘mamífero carnívoro da fam. dos felídeos, onça-parda’ | 1587, *suaçuarana* 1610, *susurana* 1618, *cissuarana* 1648, *ceçuarana* 1648 etc. | Do tupi *sũuasua’rana*. (Cunha, 2010, pág. 611)

Sussuarana corr. **Çooaçu-arana**, o que se assemelha ao veado; o que tem a cor do veado. É o nome de um felino de pele parda. (*Felis concolor*). (Sampaio, 1987, pág. 317)

Origem: Indígena/Tupi

(318) **SUCURI**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 34 ocorrências

**Variantes:**

Sucurizinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	1	-	2	-	-	1	29	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Sucuri* (33) – Nm e f

*Sucurizinho* (1) – Nm e f

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Sucuri [Do tupi.] S.f. Bras. Zool. Réptil boídeo (*Eunectes murinos*), das regiões de grandes rios e pântanos do Brasil, de coloração cinzento-esverdeada, tendente ao oliva, com manchas arredondadas escuras dispostas aos pares, ventre amarelado, cabeça com escamas, e desprovido de peçonha. Chega a 10m de comprimento. Vive na água, em rios e lagoas, alimentando-se de peixes, aves e mamíferos, que engole após triturar-lhes os ossos por compressão muscular. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sucuri S.f. e m. ‘orig. ‘espécie de cação’ | *socori* 1587, *cucuric* 1594 | ; ‘ext. réptil ofídico da

fam. dos bóídeos, subfam, dos bóíneos (*Eunectes murinus*), sucujuba' |*securi* 1751, *sucuri* 1783 etc. | Do tupi *suku'ri*. (Cunha, 2010, pág. 611)

Sucurícorr. **Çuú-curí**, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática *Eunectes murinus*. Alt.Socorí. (Sampaio, 1987, pág. 316).

*Origem: Indígena/Tupi*

**(319) SUCURIÚ**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**30 ocorrências

**Acidente:**

Sucuriú, de José da Silva [Ssing+Antropônimo]

Sucuriuzinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	10	5	1	5	9	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Sucuriú* (27) – Nm e f

*Sucuriú, de José da Silva* (1) – Nm e f + Antropônimo

*Sucuriuzinho* (1) – Nm e f

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Sucuriu de Baixo [Ssing+Adv]

Sucuruú [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

SucuriúS.f. Bras. Zool. V. sucuri (1).||SucuriS.f.[Do tupi.] Bras. Zool. Réptil bóídeo (*Eunectes murinus*), das regiões de grandes rios e pântanos do Brasil, de coloração cinzento-esverdeada, tendente ao oliva, com manchas arredondadas escuras dispostas aos pares, ventre amarelado, cabeça com escamas, e desprovido de peçonha. Chega a 10m de comprimento. Vive na água, em rios e lagoas, alimentando-se de peixes, aves e mamíferos, que engole após triturar-lhes os ossos por compressão muscular. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Sucuri S.f. e m. ‘orig. ‘espécie de cação’ |*socori* 1587, *cucuric* 1594 | ; ‘ext. réptil ofídico da fam. dos bóídeos, subfam, dos bóíneos (*Eunectes murinus*), sucujuba' |*securi* 1751, *sucuri* 1783 etc. | Do tupi *suku'ri*. (Cunha, 2010, pág.611)

Sucuriúcorr. **Çuucurí-yú**, forma contrata de **çuucuri-yuba**, a sucuri-amarela. *Alt. Sucuriuva*. V. **Sucurí**. (Sampaio, 1987, pág. 316)

*Origem: Indígena/Tupi*

(320) **SURUBIM**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**7 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	5	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Surubim (7) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Suruby [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
			X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Surubim[Var. de surubi.] S. m. Bras. Zool.Designação comum aos peixes actinoptérgios, siluriformes, pimelodídeos, gêneros *Platystomatichthys*, *Pseudoplatystoma* e *Sorubim*, de porte avantajado, corpo geralmente amarelado, com pintas ou faixas escuras, cabeça muito grande, achatada. Algumas espécies podem atingir até 3m. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Surubim S.m. ‘peixe da fam. dos pimelodídeos’ |c 1698, *çurubi* c1594, *erubins pl.* 1624, *sorobim* c 1631 etc. | Do tupi *suru’yi*. (Cunha, 2010, pág. 615)

Surubimcorr. **Çoó-r-oby**, o animal azulado, com laivos azuis. É o peixe do gênero *Platystoma*, dos maiores da fauna fluvial; chamado **Jahú**, no Sul do Brasil. 109. *Alt. Soribi, Surivi*. (Sampaio, 1987, pág. 317)

*Origem: Indígena/Tupi*

(321) **SURUCUCU**

Réptil

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:**5 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	2	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Surucucu (5) - Nf***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Surucucu[Do tupi.] S.f. 1. Bras. Angol. Zool. V. jararacuçu.| 2. Bras. Zool. V. surucutinga.||Jararacuçu[De jararaca + -uçu.]S. f. e m. Bras. Zool.Reptil ofídio, crotalídeo (*Bothrops jararacussu*), comum nas regiões baixas e alagadiças desde o litoral S. e L. até a região C.O. do Brasil, de dorso amarelo-escuro com largas manchas laterais levemente unidas ou confluentes; comprimento: até 2,20m.||Surucutinga[Var. de surucucutinga < surucucu + -tinga.]S. f. Bras. Zool.Reptil ofídio, crotalídeo (*Lachesis muta*), das matas tropicais brasileiras, que pode atingir 3,60m de comprimento e é a maior cobra venenosa do Brasil. Tem na cabeça escamas tuberculiformes; a cauda termina em acúleo córneo; a coloração geral é rósea, e sobre ela se destacam, na região dorsal, figuras romboédricas escuras. Vive nas matas virgens ou capoeirões bastante desenvolvidos, e alimenta-se de roedores e outros pequenos animais. Ao contrário das jararacas, é muito arisca, afastando-se mal entra em contato com o homem. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Surucucu S.f. ‘réptil ofídio da fam. dos viperídeos (*Lachesis muta*)’ a 1576 |çurucucú c 1584 etc. | Do tupi *suruku’ku*. (Cunha, 2010, pág. 615)

Surucucúcorr. **Çuú-ú-ú**, morde muitíssimo; é a cobra venenosa e horrída do Norte do Brasil. (*Lachesis mutis*, Daud.). Pode ser também corrupção de **çóó-ú-ú**, animal que morde muito. 27. (Sampaio, 1987, pág. 317)

*Origem: Indígena/Tupi***(322) TAMANDUÁ**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 119**Variantes:**

Tamanduá de Baixo [Ssing+Adv]

Tamanduá de Cima [Ssing+Adv]

Tamanduazinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	4	15	17	7	16	7	25	18	2	4	1

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Tamanduá (115) – Nm*

*Tamanduá de Baixo (1) – Nm + Adv*

*Tamanduá de Cima (1) – Nm + Adv*

*Tamanduazinho (2) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Tamandoá [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tamanduá [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Mamífero desdentado, mirmecofagídeo, cujo alimento básico são os cupins, e não formigas, como se propala. [Sin.: papa-formigas.] (Aurélio)

Tamanduá S.m. ‘mamífero desdentado da fam. dos mirmecofagídeos’ | *tamendoá* 1576, *tamedoá* 1576, *tamanduá c* 1584 etc. | Do tupi *tamanu*’a. (Cunha, 2010, pág. 620)

Tamanduá corr. **Ta-monduá**, o caçador de formigas. O componente – **ta** – é como uma forma contrata de **tacy**, a formiga. É o nome tupi dos **Myrmecophagas**. (Sampaio, 1987, pág. 320)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(323) TANGARÁ**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Tangará (4) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tangará [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Designação comum às seguintes aves passeriformes, píprídeas: atangará, fandagueiro, dançador, dançarino, uirapuru (1), uirapuru-de-cabeça-branca, uirapuru-de-cabeça-encarnada, uirapuru-de-costa-azul. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tangará S.m. ‘nome comum aos pássaros da fam. dos píprídeos’ c 1584. Do tupi *tana’ra*. (Cunha, 2010, pág. 621)

Tangará *corr.* **Atá-cará**, andar aos saltos, o pulador, em alusão ao costume da ave deste nome (*Tanagra*) brincar aos saltos, dois a dois. Batista Caetano. (Sampaio, 2010, pág. 321)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (324) TANGUÁ

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tanguá (1) - Nm*

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tanguá c. **Tã-guá**, a baixa das formigas; pode ser também o papa-formigas. Rio de Janeiro. (Sampaio, pag. 321)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (325) TAPIRA

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

Tapira (1) - Nf

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tapira [Do tupi.] S. f. Bras. Zool. V. anta<sup>2</sup> (1) || Anta<sup>2</sup> 1. [Do ár. *al-lam+* < ár.-hisp. e magrebino *lamt.*] S. f. Bras. Zool. Mamífero perissodáctilo da família dos tapirídeos (*Tapirus terrestris*), distribuído desde a Colômbia até o N. da Argentina. Atinge até 2m de comprimento por 1 m de altura, tem quatro dedos na mão e três no pé, e pesa até 180 quilos. Pêlo uniforme, pardacento. A cauda é muito curta, o nariz prolongado em tromba. Vive nas matas, nas proximidades de rios ou lagoas, alimentando-se de frutas e folhas. [Sin., nesta acepç.: *antagameleira, anta-sapateira, antaxuré, batuvira, pororoca, tapiira, tapir, tapira, tapiretê.*] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tapíira, tapií, mborebi (guarani) = anta, tapir; nome genérico dos mamíferos: boi, vaca = tapiíra; para distinguir destes, é usual na Amazônia o termo tapiretê (tapira+etê). | Para B. Rodrigues-73d, pág. 45: “O nome indígena... não é tapyra, mas sim tapiy (taba=aldeia+piy = que frequenta, isto é, que facilmente se domestica e mora na aldeia (?!)... Este nome... estendeu-se ao boi, e para diferenciar um animal do outro... (tapiretê = anta; tapira = boi)”. (Gregório, 1980, pág. 1151)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (326) TARTARUGA

Réptil

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tartaruga (3) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tartaruga [Do it. *tartaruga*.] S.f. Zool. Designação comum aos reptis quelônios aquáticos, que vêm a terra apenas para a desova. Na maioria das espécies, os membros locomotores são adaptados para natação. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tartaruga S.f. ‘designação comum aos reptis quelônios aquáticos, que vem à terra apenas para a desova’ XV. Do it. *tartaruga*. (Cunha, 2010, pág. 624)

*Origem: Português<Italiano*

(327) **TATAÍRA**

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tataíra (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tataíra [Do tupi = 'abelha de fogo'.] S. f. Bras. Zool. Inseto meliponídeo (*Trigona cagafogo*), de cabeça e abdome ferrugíneos, e preto o resto do corpo. Nidifica em troncos ocos. É agressivo e, quando pica, segrega um líquido fortemente cáustico. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tataíra S.f. ‘abelha da fam. dos meliponídeos’ | *tatahyra* 1817 | Do tupi *tatae’ira*, de *ta’ta* ‘fogo’ + *e’ira* ‘mel’. (Cunha, 2010, pág. 624)

Tataíra *corr.* **Tata-eíra**, a abelha-de-fogo; é a abelha também conhecida por **mel-de-fogo**, ou **caga-fogo**. (*Trigona Tataira*). (Sampaio, 1987, pág. 326)

*Origem: Indígena/Tupi*



**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 61 ocorrências**Variantes:**

Tatu, de Bernardo da Costa [Ssing+Antropônimo]

Tatu, de Domingos Coelho [Ssing+Antropônimo]

Tatu, de Olavo S. Resente [Ssing+Antropônimo]

Tatu, de Sigefredo Matos [Ssing+Antropônimo]

Tatus [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
4	8	3	10	-	14	3	1	4	6	2	6

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Tatu* (53) – Nm*Tatu, de Bernardo da Costa* (1) – Nm + Antropônimo*Tatu, de Domingos Coelho* (1) – Nm + Antropônimo*Tatu, de Olavo S. Resente* (1) – Nm + Antropônimo*Tatu, de Sigefredo Matos* (1) – Nm + Antropônimo*Tatus* (4) – Nm**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tatu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum aos mamíferos desdentados, dasipodídeos, com seis gêneros no Brasil e aproximadamente 11 espécies. Noctívagos, alimentam-se de raízes, frutos, insetos, e até de carniça. Os tatus reproduzem-se por poliembrião, e todos os indivíduos de um mesmo parto têm o mesmo sexo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tatu S.m. ‘nome comum aos mamíferos desdentados da fam. dos dasipodídeos’ 1576. Do tupi *ta’tu*. (Cunha, 2010, pág. 625 )

Tatú c. **Ta-tú**, o casco encorpado, ou grosso, couraça. Batista Caetano. (*Dasytus*). (Sampaio, 1987, pág. 326)

*Origem: Indígena/Tupi***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	4	-	1	1	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Teiú (6) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

**Teiú** [Do tupi = 'comida de gentalha'.] S. m. Bras. Zool. Designação indígena do lagarto (1) (q. v.). Zool. Reptil lacertílo, teiúdeo (*Tupinambis teguixim*), amplamente distribuído no Brasil. É o maior dos lagartos brasileiros, medindo até quase 2m de comprimento. Coloração geral preto-azulada, com fitas transversais malhadas de amarelo-escuro, pernas com manchas e salpicos. Vive em buracos no solo, alimenta-se de toda sorte de pequenos animais e de frutas. Sua carne é comestível, e a pele, muito cotada no mercado. [Var.: tiú; sin.: teiuacu, tejo, teju, tejuguaçu.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

**Teiú** S.m. 'designação genérica do lagarto, em tupi' | a 1696, *teju* 1730 etc. (Cunha, 2010, pág. 627)

**Teyú** *corr.* **Ty-ú**, o que come escondido; o lagarto. *Alt.* **Teyú, Tiju.** (Sampaio, 1987, pág. 328)

*Origem: Indígena/Tupi***(330) TIBUNA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 4 ocorrências****Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]***Tibuna (4) - Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tibuna v. boca-de-barro. || Boca-de-barro S. m. Bras. Zool. Inseto himenóptero, apoídeo, meliponídeo (*Melipona pallida*), que costuma nidificar em cupins abandonados e em ocós de árvores, sendo a boca do ninho construída com barro; tibuna, tubuna. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tubuna c. **Tub-uma**, a abelha-preta. **Tub** é nome genérico para certa qualidade de abelhas (*Trigona bipunctata*, Lep.). Alt. **Tuvuna**. Rio Grande do Sul, São Paulo. (Sampaio, 1987, pág. 333)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (331) TICO-TICO

Ave

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 3 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tico-Tico (3) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tico-Tico [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Ave passeriforme, fringilídea (*Zonotrichia capensis*), do Brasil e países limítrofes, de coloração parda, lavada de vermelho e pintada de preto no dorso alto, alto da cabeça pardo-escuro com três estrias cinzentas longitudinais, asas e cauda marginadas de vermelho ou cinzento, coberteiras superiores médias da asa marginadas de branco, colar lateral vermelho; maria-é-dia, maria-judia. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tico-Tico S.m. ‘ave passeriforme da fam. dos fringilídeos’ 1899. De formação onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 634)

*Origem: Onomatopaica*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 21 ocorrências**Variantes:**

Tigre de Cornélio R. de Almeida [Ssing+Antropônimo]

Tigre Velho [Ssing+Adj]

Tigres [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
3	7	2	-	-	3	4	-	-	-	2	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Tigre (17) – Nm

Tigre de Cornélio R. de Almeida (1) – Nm + Antropônimo

Tigres (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX****Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tigre [Do iraniano, pelo gr. tigris e pelo lat. tigre.] S.m. Mamífero carnívoro, felídeo (*Felis tigris*), da Sibéria e Sudeste Asiático, de coloração amarelo-tostada, com barras negras sobre o corpo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tigre S.m. ‘mamífero carnívoro, da fam. dos felídeos’ | *tygris* XIV | Do lat. *tigris –is* ou *–idis*, deriv. do gr. *tigris –idos*, de origem iraniana. (Cunha, 2010, pág. 634)

*Origem: Português < Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tilápia (1) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tilápia [Do tax. *Tilapia*.] S. f. Zool. 1. Gênero de peixes actinopterygídeos, perciformes, ciclídeos, um dos mais importantes gêneros de peixes de água doce da África. São criados na América do Sul e na Ásia em lagos e tanques. Alimentam-se de vegetais e detritos. | 2. Espécie, ou espécime desse gênero. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tilapia S.f. design. comum aos peixes do gên. *Tilapia*, da fam. dos ciclídeos; originários da África, foram introduzidos em lagos e açudes de várias regiões do Brasil, onde rapidamente se reproduzem. | Lat.cien. gên. *Tilapia*. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Português < Latim*

#### (334) TIMBUCU

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Timbucu (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Timbucu [Do tupi = 'nariz comprido'.] S. m. Bras. Zool. V. peixe-cachorro2. | Peixe-cachorro

2. Peixe actinoptério caraciforme, caracídeo (*Rhaphiodon vulpinus*), das bacias do Prata e do Amazonas. Tem dois grandes dentes com 33mm de comprimento, inseridos na mandíbula e perfurando a maxila, e coloração cinza-prateada. Alimenta-se de outros peixes. [Sin.: icanga, pirá-andirá, pirapucá, pirapucu, saicanga, saranha, taiabucu, tajabucu, tambicu, timbucu, tamucu. Pl.: peixes-cachorros e peixes-cachorro.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Timbucu S.m. *peixe-cachorro* (*Rhaphiodon vulpinus*) | segundo Nascentes, tupi *tibu'ku* 'nariz comprido'. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

(335) **TIMBURÉ**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Timboré [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	-	-	3	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Timboré (1) – Nm*

*Timburé (5) – Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Timburé [De or. tupi.] S.m. Zool. Bras. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérios, caraciformes, caracídeos, anostomatíneos e outras. São peixes de pequeno porte, de corpo cilíndrico, esguio, quase sempre com faixas longitudinais escuras em número variável. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Timburé S.m. 'peixe da fam. dos caracídeos' | *ximburé* 1783, *ximburú* 1792 | De origem tupi, mas de étimo indeterminado. (Cunha, 2010, pág. 635)

*Origem: Indígena/Tupi*

(336) **TIRIBA**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tiriba (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tiriba [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. 1. Ave psitaciforme, psitacídea (*Pyrrhura cruentata*), do E. do Brasil, de coloração geral verde, cabeça enegrecida, face escura com tons avermelhados, pescoço azul, abdome e dorso inferior vermelho-escuros, encontro escarlate, rêmiges azuis, cauda olivácea em cima e vermelho-escuro embaixo; tiriba-grande. | 2. Ave psitaciforme, psitacídea (*Pyrrhura frontalis*), e outras espécies do gênero. Coloração verde; margem da frente escura com tons avermelhados, oliváceos; barriga vermelha; rêmiges azuis; retrizes verdes em cima e vermelhas embaixo e na ponta. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tiriba S.m. ‘nome comum às aves do gênero *Pyrrhura*, da fam. dos psitacídeos, espécie de papagaio’ | *tirituo* a 1667 | Do tupi \**ti’riua*. (Cunha, 2010, pág. 636)

Tiriba s. Voz onomatopáica de um pequeno papagaio (*Psittacus, Conurus, cruentatus*, Neuw.). (Sampaio, 1987, pág. 331)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (337) TOCANDIRA

Inseto

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tocandira (2) - Nf*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tocandira [Do tupi = 'fere muito'.] S. f. Bras. Zool. Inseto himenóptero, formicídeo (*Paraponera clavata*), comum na Amaz., de coloração preta, e que atinge até 22mm de comprimento. Tem um tubérculo no protórax e outro no pedúnculo do primeiro segmento abdominal, e constrói ninho subterrâneo. De picada muito dolorosa, capaz de produzir vômitos, é utilizada pelos índios para cerimônias de emancipação dos adolescentes. [Var.: tocanera, tocantera, tocanará, toanguira, tocanquibira; sin.: saracutinga, tracutinga, tracuxinga, formigão, formigão-preto.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tocandira S.f. 'espécie de formiga, cuja picada é muito dolorosa' | *tocandeira* 1833 | De origem tupi, mas de étimo indeterminado. (Cunha, 2010, pág. 637)

Tocandira *corr.* **Tuca-ndy**, o que fere em demasia. É o nome de uma formiga preta de picada dolorosíssima, armada de um ferrão no abdome, e venenosa. Tem-na o gentio como afrodisíaca; os índios Maués dela se serviam, outrora, para prova da coragem e fortaleza de ânimo dos mancebos submetidos às picadas desse inseto. (Sampaio, 1987, pág. 331)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (338) TOCOIÓ

Mamífero

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tocoió (1) – Nm e f*

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*Não consta dos dados históricos*

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tocoió S. 2 g. Adj. 2 g. Bras. Diz-se de, ou exemplar de certa raça bovina do N. de MG. (Aurélio)

Tocoió Adj. 2g e S. 2g. Diz-se de ou exemplar de uma raça bovina do Norte de Minas Gerais. |



orig.obsc.; segundo o Arquivo Público mineiro, tribo indígena que habitava Minas Gerais. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Obscura*

(339) **TOURADA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tourada (1) - Nf*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tourada [De touro + -ada<sup>1</sup>.] S.f. Manada de touros. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Touro S.m. ‘boi inteiro, não castrado’ XIII. Do lat. *taurus* | **tour**ADA 1874. (Cunha, 2010, pág. 642)

*Origem: Português<Latim*

(340) **TOURO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Touro (3) - Nm*

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Touro [Do lat. *tauru.*] S.m. Zool. 1. Boi inteiro, não castrado | 2. Boi bravo. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Touro S.m. ‘boi inteiro, não castrado’ XIII. Do lat. *taurus.* (Cunha, 2010, pág. 642)

*Origem: Português < Latim*

### (341) TRAÍRA

Peixe

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 31 ocorrências

#### Variantes:

Traíras [Splural]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	-	5	3	10	1	-	1	6	3	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Traíra (13) – Nf*

*Traíras (18) – Nf*

### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

#### Variantes:

Traíras [Splural]

Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Traíra [Var. de taraíra, do tupi.] S.f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, caracídeo (*Hoplias malabaricus*), distribuído por todo o Brasil. Tem dorso negro, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo, e é desprovido de nadadeira adiposa. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro e considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Comprimento: até 40cm. [Sin.: dorme-dorme, maturaqué, robafo, rubafo. Outras var.: tararira e tarira.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Traíra S.f. ‘peixe da fam. dos caracídeos’ | *tareira* 1587, *taraira* 1610, *tararia* 1618, *tarayra* c 1631 etc. | Do tupi *tare’ira*. (Cunha, 2010, pág. 643)

Tarahiba *corr.* **Tara-guira** ou **tar-a-guira**, o que bambaleia, ou se contorce. É o nome do peixe d’água doce que vive mergulhado na vasa. (*Erythrinus Tareira*). *Alt.* **Trahíra, Tareira, Taraíra**. (Sampaio, 1987, pág. 332)

*Origem: Indígena/Tupi*

(342) **TUCANO**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tucano (4) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tucano [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Ave piciforme, ranfastídea, da qual há quatro espécies brasileiras reunidas no gênero *Ramphastos*, tendo *R. monolis* seis subespécies. Alimentam-se de pequenos frutos e, não raro, pilham ninhos de outras aves. São sociais, e vivem em pequenos bandos. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tucano S.m. ‘ave da fam. dos ranfastídeos’ | 1587, *tucana* c 1584 | Do tupi *tu’kana*. (Cunha, 2010, pág. 655)

Tucano *corr.* **Tu-quã**, o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Pode ser corrupção de **tu-can**, o bicho ósseo. Batista Caetano. É nome de ave conhecida. (*Ramphastus*). (Sampaio, 1987, pág. 333)

*Origem: Indígena/Tupi*

(343) **TUIM**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 6 ocorrências

**Variantes:**

Tuí [Ssing]

Tuim, de Vanor Moraes [Ssing+Antropônimo]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Tuí (2) – Nm

Tuím (3) – Nm

Tuim, de Vanor Moraes (1) – Nm + Antropônimo

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Tuim (u-ím). [Var. nasalada de tuí<sup>1</sup>.] S. m. Bras. Zool. Ave psitaciforme, psitacídea (*Forpus passerinus vividus*), do N. da Argentina, Paraguai, C.O. e E. do Brasil. Tem coloração geral verde, mais clara inferiormente, com uropígio e dorso inferior azul-vivos, e coberteiras da asa azuis. A fêmea não tem cor azul. Vive em bandos, nidifica em ocos de pau e até em casa de João-de-Barro, e alimenta-se de frutas e sementes. É o menor periquito brasileiro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tuim S.m. ‘ave da fam. dos psitacídeos, espécie de periquito’ | *toy* 1511, *toym* 1511, *tuyns* pl. 1576 etc. | Do tupi *tu'ĩ*. (Cunha, p. 656)

Tuim s. Uma espécie de periquito. Nome de um chefe do gentio, no século XVI. (Sampaio, 1987, pág. 334)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(344) TUIÚVA**

Inseto

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tuiúva (4) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tuiúva S. f. Bras. Zool. V. tujuba. | Tujuba [Do tupi = 'abelha amarela.']. S. f. Bras. Zool. Abelha social meliponídea (*Melipona rufiventris*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tuiuvá ou tujubá: abelha amarela. (Gregório, 1980, pág. 686)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (345) TUVIRA

Peixe

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Tuvira (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

*N/E*

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Tuvira [De or. indígena, poss.] S. f. Bras. Zool. Peixe actinoptério, caraciforme, gimnotídeo, sem nadadeiras dorsal e ventral e com a anal muito longa, estendendo-se por quase toda a face ventral. Tem o corpo afilado posteriormente, com escamas ausentes ou quase imperceptíveis, e orifício anal localizado sob a cabeça. Alimenta-se de pequenos vermes, lodo e plâncton. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Tuvira S.m. *sarapó* (*Carapus fasciatus*). | Prov. de orig. indígena, segundo Nascentes. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena*

**(346) UBARI**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Ubari (2) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Ubari [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, caraciforme, caracídeo (*Anisitsia notata*), dos rios Amazonas e Parnaíba, que se caracteriza por ter pequena mancha preta arredondada acima da linha média longitudinal dos flancos, ao nível da parte posterior das nadadeiras dorsal e ventral. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Ubari peixe teleósteo, caraciforme, da fam. dos hemiodontídeos (*Hemiodus notatus*), originário da bacia Amazônica, que possui mandíbula sem dentes e uma típica mancha negra arredondada acima da linha lateral; gordinha, jatuarana. | Tupi. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena/Tupi*

**(347) UBEBA**

Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 5 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Ubeba (5) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ubeba S. f. Bras. Zool. V. oveva. || Oveva [Var. de obeba, este de or. indígena.] S. f. Bras. Zool. Peixe teleósteo, perciforme, cianídeo (*Larimus breviceps*), que habita o Atlântico desde as Antilhas até as costas do Brasil. Tem coloração pardacenta, flanco e abdome brancos-prateados, comprimento até 20cm. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Ubeba S.m. *oveva* (*Larimus breviceps*) | Prov. de orig. indígena. (Houaiss Eletrônico, 2007)

*Origem: Indígena*

(348) *URSA*

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 2 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Ursa (2) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Ursa [Do lat. *ursa*.] S.m. Zool. A fêmea do urso. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urso S.m. ‘animal cordado, mamífero, da fam. dos ursídeos’ | XIV, *usso* XIII, *husso* XIV, *osso*

XIV | Do lat. *ūrsus* –ī (Cunha, 2010, pág. 663)

Origem: Português<Latim

(349) **URSO**

Mamífero/Larva

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 5 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	1	-	4	-	-	-	-	-	-

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Urso (5) - Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Urso [Do lat. *ursu*; tax. *Ursus*.] S. m. Zool.1. O gênero-tipo dos ursídeos, em que se incluem todos os ursos extantes; são mamíferos fissípedes, onívoros, que habitam os climas temperados, hibernando nos países em que o inverno é rigoroso; as espécies de grande porte são perigosas para o homem. | 2. Zool. Espécie, ou espécime desse gênero. | 6. Bras. Zool. Designação comum às larvas dos insetos lepidópteros, megalopigídeos, esp. a *Megalopyge albicollis superba*, cujos pêlos longos e urticantes lembram a pelagem de um urso. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urso S.m. ‘animal cordado, mamífero, da fam. dos ursídeos’ | XIV, *usso* XIII, *husso* XIV, *osso* XIV | Do lat. *ūrsus* –ī (Cunha, 2010, pág. 663)

Origem: Português<Latim

(350) **URUBU**

Ave

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 31 ocorrências

Variantes:

Urubu, de Juca Peres Pereira [Ssing+Antropônimo]

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:



CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	4	2	7	-	5	4	2	4	-	-	1

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Urubu (30) – Nm*

*Urubu, de Juca Peres Pereira (1) – Nm + Antropônimo*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X		

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Urubu [Do tupi.] S.m. Bras. Zool. Designação comum às aves catartidiformes, catartídeas, de cabeça pelada, que se alimentam de carnes em decomposição. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urubu S.m. ‘nome comum às aves falconiformes da fam. dos cartadídeos’ 1587. Do tupi *uru’uu*. (Cunha, 2010, pág. 663)

Urubú *corr.* **Urú-bu**, a galinha preta, a ave negra (*Cathartes*). *Alt.* **Urumú**. (Sampaio, 1987, pág.341)

*Origem: Indígena/Tupi*

#### (351) URUBUTINGA

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 2 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Urubutinga (2) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Urubutinga [De *urubu*<sup>1</sup> + *-tinga*.] S. m. Bras. Zool.V. urubu-rei | Urubu-rei Ave falconiforme, catartídea (*Sarcoramphus papa*), distribuída do México à República Argentina. Tem cabeça e pescoço nus, pintados de vermelho, amarelo e alaranjado, a parte superior do corpo amarelo-clara, esbranquiçada, asas e cauda pretas, o lado inferior branco [Sin.: *urubu-real e urubutinga*. Pl.: *urubus-reis e urubus-rei*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urubu S.m. ‘nome comum às aves falconiformes da fam. dos cartadídeos’ 1587. Do tupi *uru'uu*. (Cunha, 2010, pág. 663)

Urubutinga (urubu+tinga) = urubu branco ou urubu-rei, ou urubu rubixá (por tubixaba =chefe). “...Outros só próprios de Mato Grosso e de todo brancos, com a cabeça e o pescoço sem penas, nus e carunculosos e as pernas e pés vermelhos. Essas inundadas aves de rapina, que pela primeira vez vi perto do Aquidauana, chamadas **urubitingas** (urubus brancos), de longe são lindas e vistosas e se assemelham bandos de grandes e alvinetentes pombos. Tem hábitos absolutamente idênticos aos dos seus congêneres.” (Visc. de Taunai-Viagens de Otrora-S.Paulo, 1821, pág.14) | “...**Urubutinga**, que vale o mesmo que **urubu-branco**. Destes há uns inteiramente brancos, outros tem o papo e todo abaixo preto; e branco todo o mais corpo: os olhos com o sol reverberam com tanta graça, que parecem luar amarelo que se move. Tem crista amarela, do feitio do peru... Tem eles a preferência de comer em primeiro lugar; porque não obstante a sofreguidão os urubus pretos no comer, em chegando um **urubutinga**, todos se afastam e estão como criados ou como vassallos à espera em redor do comer, sem o tocar, ainda que seja da grandeza de um boi...” (Pe. João Daniel -268, Tomo I, págs. 113-114). (Gregório, 1980, págs. 1207-1208)

*Origem: Indígena/Tupi*

## (352) URUCU

Inseto

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 11 ocorrências

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	7	-	2	1	-	-	-	1	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Urucú (11) - Nm*

## DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Uruçú [Do tupi = 'abelha grande'.] S. f. Bras. Zool. V. guarapu. || Guarapu [Do tupi.] S. m. Bras. Abelha meliponídea (*Melipona nigra*). (Aurélio Eletrônico, 2010)

Uruçú c. **Urú-uçú**, a galinha, o galo. Pode ser corrupção de **yrú-uçú**, o cesto ou cofo grande; pode ser ainda corrupção de **eir-uçú**, a abelha grande de cor avermelhada e que não morde (*Trigona subterrânea*, Triese.). (Sampaio, 1987, pág. 341)

*Origem: Indígena/Tupi*

(353) **URUTAU**

Ave

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1 ocorrência

Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Urutau (1) - Nm*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Urutau [Do tupi.] S. m. Bras. Zool. Designação comum a aves caprimulgiformes, nictibídeas, gênero *Nyctibius*, com cinco espécies no Brasil, sendo a mais difundida a *N. griseus*. [Var.: *urutago*, *juritau*; sin.: *preguiça*, *chora-lua*, *manda-lua*, *ibijáú-guaçu*.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urutau S. m. 'ave caprimulgiforme da fam. dos nictibídeos, coruja' | *vurutagui* c 1954 | Do tupi *uruta'üi*. (Cunha, 2010, pág 664)

Urutau, urutágua, jurutau (urutau, por tábua) = ave fantasma; o mocho, a coruja; ave noturna agourenta, da família dos Caprimulgídeos, **Nyctibius grandis** Gmel., cujo pio assusta quem a ouve durante a noite; maior e um pouco parecida com o curiango... | Segundo José Veríssimo-26, *Scenas da vida amazônica*, é costume varrer o chão sob a rede das noivas, com penas do **urutau**, a fim de preservar a futura esposa das seduções e infidelidade. É também o que afirma Gastão Cruls sobre o **juritauí**: A propósito de **urutau**, escreveu Rocha Pombo-10, pág.60: "O mais notável (dos falcões) é o gavião grande (**urutau** ou **urutágua** no sul e **urutaaurana** nas florestas do norte)", no que é contradito por Laudelino Freire-24, pág.5114: "**Urutau**: ave de

rapina noturna/ **Urutágua**: ave da fauna paulista / **Urutaurana**: ave da família dos falcões ou rapineiros diurnos do Rio Grande Sul. | O **urutau**, na lenda indígena seria um dos filhos de **Curupira** com **Cacy**; suas penas são tidas como benéficas; por isso as moças usam-nas para que sejam fiéis aos noivos e aos maridos. | “Uma lenda amazônica atribuiu ao **Urutau** o costume de acompanhar com a cabeça o curso de sol, enquanto o pássaro sobre um galho de árvore, conserva e move o corpo. O Dr. Emílio A. Goelde, em um artigo publicado na Revista ornitológica “The Ibis” (Londres, 1904) provou, mediante fotografias tiradas de duas em duas horas, de um exemplar existente no Jardim Zoológico do Pará, o nenhum fundamento de lenda.” (R. Garcia-76d, pág. 36) | “O **urutau**, de meio metro, pardo avermelhado, com estrias longitudinais e salpicos pretos, as retrizes com longas faixas escuras...” (C. Mello Leitão-99, pág. 547) | “**Urutau** ou **urutágua**, ou na província amazônica, **jurutau** ou **jurutauí** (espécie menor) e ainda Mãe-da-lua e Manda-lua... O canto, entre melancólico e fúnebre, é considerado poético, por uns e agoureiro por outros; sem dúvida impressiona fortemente quando, alta noite, ressoa sonoro, na mata... Quatro notas espaçadas decrescentes, talvez: dó-sol-mibemol-dó, tão harmônicas na afinação e no volume, que imitavam perfeitamente um oboé...” (R. Von Ihering-31a, pág. 723) | “Por mais que estejamos habituados aos misteriosos rumores da floresta, o grito do **urutau** perturba-nos a calma do sistema nervoso, fazendo-nos experimentar um sentimento indefinível, senão de medo, algo de semelhante a ele...” (Eurico Santos-144d, pág. 233) | “O **urutau** no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas cristas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do “ângelus”. (José de Alencar – O Guarany). | “Mas agora, triste e muda, desdenhada de sua senhora (Iracema), não parecia a mais linda jandaia e sim o feio **urutau** que somente sabe gemer” (José de Alencar – Iracema). (Gregório, 1980, págs. 1209-1210)

*Origem: Indígena/Tupi*

(354) **URUTU**

Réptil/Peixe

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Urutum [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Urutum (1) – Nm e f*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Urutu [Do tupi.] S. f. e m. Bras. Zool. Ofídio crotalídeo (*Bothrops alternata*), ovovivíparo,

venenosíssimo, de coloração dorsal castanho-pardacenta, com mancha cruciforme na cabeça. Ocorre no C. O., E. e S. do Brasil, no Paraguai, no Uruguai e no N. da Argentina. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Urutu<sup>1</sup> S.m. ‘variedade de bagre’ 1587. Do tupi *uru'tu*. | Urutu<sup>2</sup> S.m e f. ‘réptil ofídio da fam. dos crotalídeos’ XIX. De origem incerta; talvez se relacione com *urutu*<sup>1</sup>. (Cunha, 2010, pág. 664)

Urutú *corr.* **U-u-tú**, por eufonia **u-ru-tú**, que exprime literalmente – morde, morde de arremesso, isto é, que muito morde aos botes. É o nome de uma espécie de bagres de pele amarela, que mordem a linha todo o ano. (*Roteiro do Brasil*, c. 132.); é também o nome de um ofídio dos mais horrídeos do país (*Lachesis*). São Paulo, Minas Gerais. (Sampaio, 1987, pág. 342)

*Origem: Indígena/Tupi*

(355) VACA

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 48 ocorrências

**Variantes:**

Vaca Bela [Splural+Adj]  
 Vaca Branca [Ssing+Adj]  
 Vaca Brava [Ssing+Adj]  
 Vaca Morta [Ssing+Adj]  
 Vaca Preta [Ssing+Adj]  
 Vaca Seca [Ssing+Adj]  
 Vacas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	2	2	3	5	24	2	4	2	1	-	3

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Vaca (10) – Nf  
 Vaca Bela (1) – Nf + Adj  
 Vaca Branca (1) – Nf + Adj  
 Vaca Brava (13) – Nf + Adj  
 Vaca Morta (10) – Nf + Adj  
 Vaca Preta (5) – Nf + Adj  
 Vaca Seca (2) – Nf + Adj  
 Vacas (6) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

N/E

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Vaca [Do lat. vacca.] S.f. Zool. A fêmea do touro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Vaca S.f. ‘a fêmea do touro’ XIII. Do lat. vacca. (Cunha, 2010, pág. 666)

*Origem: Português<Latim*

(356) **VACARIA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 19 ocorrências

**Variantes:**

Vacaria de Baixo [Ssing+Adv]

Vacarias [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	5	-	-	14	-	-	-	-	-	-

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Vacaria* (16) – Nf

*Vacaria de Baixo* (1) – Nf + Adv

*Vacarias* (2) – Nf

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variantes:**

Valcaria [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
	X	X	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Vacaria [De vaca + -aria.] S.f. 1. Vacada. | Gado vacum. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Vaca S.f. || **vacARIA** XVI. (Cunha, 2010, pag. 666)

*Origem: Português<Latim*

(357) **VAQUEJADA**

Grupo de Mamíferos

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Vaquejada (4) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

N/E

#### INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Vaquejada [De vaquejar + -ada<sup>1</sup>.] S. f. Bras. Rodeio e reunião do gado de uma fazenda nos últimos meses de inverno; costeiro. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Vaca vaquejada S.f. ‘rodeio e reunião do gado de uma fazenda nos últimos meses de inverno’ XX. (Cunha, 2010, pág 666)

*Origem: Português < Latim*

(358) **VEADA**

Mamífero

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

**Total de topônimos no Estado:** 3 ocorrências

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Veada (3) - Nf*

#### DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

**Variantes:**

Viadas [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
			X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Veada S. f. Zool. A fêmea do veado. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Veado S.m. ‘qualquer animal que se caça habitualmente’ ‘mamífero artiodáctilo, da fam. dos cervídeos’ XIV. Do lat. *vēnātus – ūs* ‘caça, produto da caça’. (Cunha, 2010, pág. 670)

*Origem: Português < Latim*

**(359) VEADEIRO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência

**Variantes:**

Veadeiros [Splural]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]*

*Veadeiros(1) - Nm*

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

*N/E*

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Veadeiro [De veado<sup>1</sup> + *-eiro*.] S. m. Bras. Cachorro adestrado na caça de veados. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Veadeiro S.m. cão adestrado na caça aos veados. (Hoais Eletrônico, 2007)

*Origem: Português < Latim*

**(360) VEADO**

Mamífero

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 114 ocorrências

**Variantes:**

Veado [Ssing]

Veadozinho [Ssing]

Veado Branco [Ssing+Adj]

Veado Grande [SSing+Adj]

Veados [Splural]

Veados de Odilon A. de Queirós [Splural+Antropônimo]



Veados I [Splural+Numeral]  
 Veados II [Splural +Numeral]  
 Veados, de Antônio J. de Castro [Splural+Antropônimo]  
 Veados, de Jorge C. de Sousa [Splural+Antropônimo]  
 Veados, de Luis R. de Queirós [Splural+Antropônimo]  
 Veados, de Mozart J. dos Santos [Splural+Antropônimo]  
 Veados, de Mozart Taboca [Splural+Antropônimo]  
 Veados, de Olavo de S. Resende [Splural+Antropônimo]  
 Viadinho [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITA NA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
2	14	12	7	7	13	9	6	26	1	10	7

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

*Veadão* (5) – Nm  
*Veado* (23) – Nm  
*Veado* (22) – Nm  
*Veado* (23) – Nm  
*Veados de Odilon A. de Queirós* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados I* (1) – Nm + Numeral  
*Veados II* (1) – Nm + Numeral  
*Veados, de Antônio J. de Castro* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados, de Jorge C. de Sousa* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados, de Luis R. de Queirós* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados, de Mozart J. dos Santos* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados, de Mozart Taboca* (1) – Nm + Antropônimo  
*Veados, de Olavo de S. Resende* (1) – Nm + Antropônimo  
*Viadinho* (1) – Nm

**DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**Variante:**

Viados [Splural]

**Distribuição dos topônimos nos períodos históricos:**

Séc. XVIII – 1ª metade	Séc. XVIII – 2ª metade	Séc. XIX – 1ª metade	Séc. XIX – 2ª metade
		X	X

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Veado [Do lat. venatu, 'caça morta'.] S.m. Zool. Animal mamífero, artiodáctilo, cervídeo, desprovido de incisivos superiores e em geral muito tímido e veloz. V. cervídeos. [Sin.: suaçu.] (Aurélio Eletrônico, 2010)

Veado S.m. 'qualquer animal que se caça habitualmente' 'mamífero artiodáctilo, da fam. dos cervídeos' XIV. Do lat. *vēnātus – ūs* 'caça, produto da caça'. (Cunha, 2010, pág. 670)

*Origem: Português < Latim*

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 1 ocorrência**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Xenxém (1) - Nm***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**Xenxém S.m. marreca-caneleira (*Dendrocygna bicolor*) | or. obsc. (Houaiss Eletrônico, 2007)*Origem: Obscura***DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado:** 7 ocorrências**Variantes:**

Zabelê [Ssing]

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	2	-

*Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**Zabelê (6) – Nm e f**Zabelê (1) – Nm e f***DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX***N/E***INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Zabelê S. 2 g. Bras. BA Zool. V. Jaó. [V. zambelê]. || Jaó [Voc. onom.] S. m. e f. Bras. Designação comum a várias espécies de aves tinamídeas do gênero *Crypturellus*, especialmente às duas seguintes: 2 e as suas subespécies, do Brasil central, de coloração escura com listras transversais brancas, largas e estreitas, e a *C. noctivagus* [*esta com o sin. de zabelê* ], do PI ao RS, de coloração mais ou menos semelhante à da primeira, coberteiras das asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada, nuca e pescoço posterior avermelhado, e cujo piado nostálgico é emitido ger. ao escurecer, sob a forma de quatro notas características. Como alimento, é dos mais procurados, e sua caça faz-se com o auxílio de um pio especial, de espera. (Aurélio Eletrônico, 2010)

Zabelê S2g. ‘jaó’ 1899. De origem obscura; talvez se trate de uma formação onomatopaica. (Cunha, 2010, pág. 688)

Zabelê Voz espúria ou onomatopaica. É o nome da ave *Crypturus noctivagus*, espécie de nambu. Bahia, Sergipe. (Sampaio, 1987, pág. 347)

*Origem: Indígena/Tupi*

Apresentadas as fichas lexicográficas, daremos continuidade às análises no capítulo 5 a seguir.



*Também, Marília, lá temos  
Cobras muito venenosas,  
E por isso assaz danosas  
A tudo quanto é vivente.*

*Mas mesmo nos nossos matos,  
Nos nossos campos amenos,  
Temos contra estes venenos  
O antídoto excelente.*

*Lá temos cobra que engole  
Um veado, tendo fome;  
É anfíbia; e o seu nome  
É: o grande sucuriú*

*O cascavel nvenenoso  
É a que faz maior mal;  
A jereraca coral,  
E o temível surucucu<sup>38</sup>*

---

<sup>38</sup> LISBOA, 2002, p. 44

## CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

### 5 Análise quantitativa e qualitativa de dados

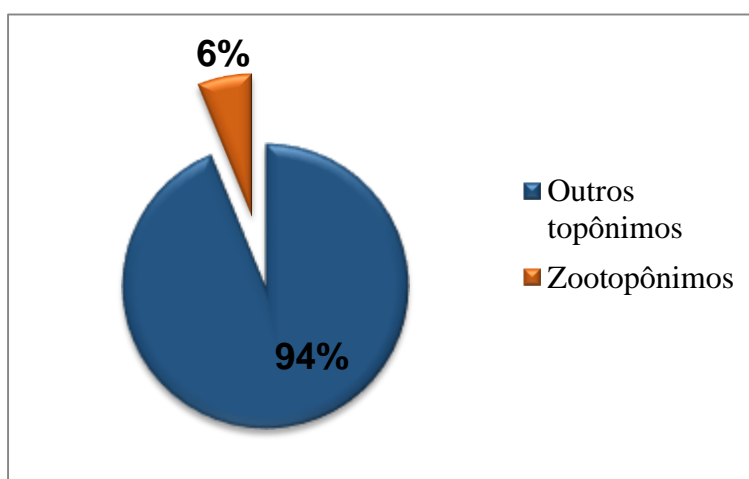
No capítulo anterior, foram analisados, de modo descritivo, os *corpora* que integram nossa pesquisa, por meio de fichas lexicográficas, nas quais foi realizada a classificação onomástica, o levantamento de dados e seu estudo linguístico. Neste capítulo, apresentaremos, quantitativa e qualitativamente, os resultados das análises das fichas, por meio de gráficos, de tabelas, de mapas e de cartas toponímicas.

#### 5.1 Dados contemporâneos

O *corpus* contemporâneo deste trabalho é exclusivamente composto por dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, cujas características foram descritas no primeiro capítulo desta pesquisa, na seção 1.7.2. O banco de dados é composto, até o presente momento, por 85.931 topônimos, sendo sua maior parcela referente àqueles de natureza física, taxonomia na qual estão inseridos os zootopônimos.

Após o levantamento de dados, foram contabilizados 5.304 nomes de lugar referentes a animais, o que representa 6% do total de topônimos que integram o banco de dados do Projeto.

Gráfico 1 – Percentual zootopônimos em relação ao total de topônimos que integram o banco de dados do ATEMIG.

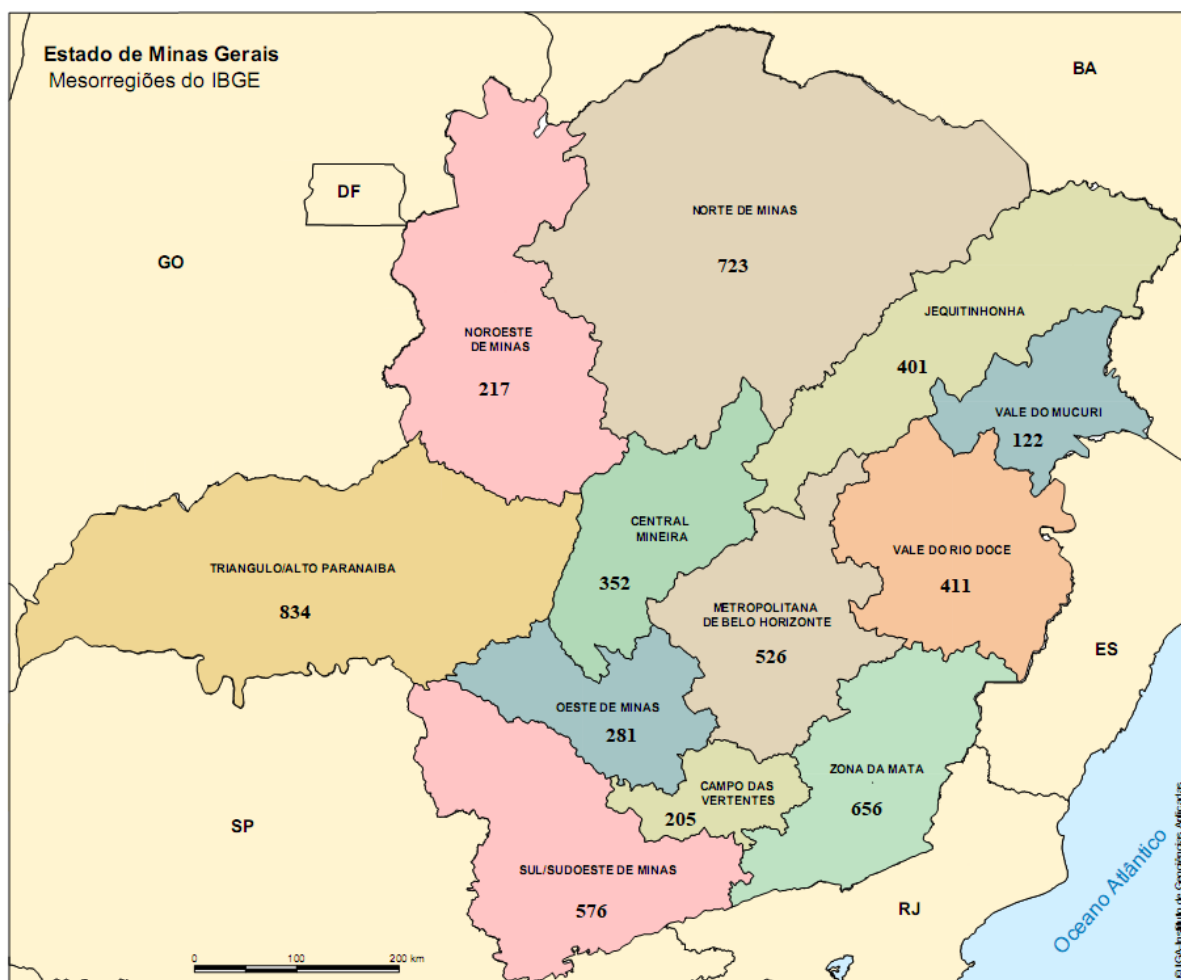


Fonte: Dados da pesquisa

Os zootopônimos, apesar de não se tratarem dos topônimos de natureza física mais numerosos em Minas Gerais, representam uma parcela significativa desses nomes,

figurando entre o 2º e 4º lugar, dentre as onze categorias propostas por Dick (1990b, p.31-32) dessa natureza, nas mesorregiões de Minas Gerais. A expressividade de ocorrências de nomes de lugares relativos a animais revela a riqueza natural do território, assim como sua diversidade, tendo em vista o número elevado de bases léxicas: 362 bases. O Mapa a seguir apresenta a quantificação dos zootopônimos nas mesorregiões do território mineiro:

Mapa 16 – Distribuição zootopônimos por mesorregião

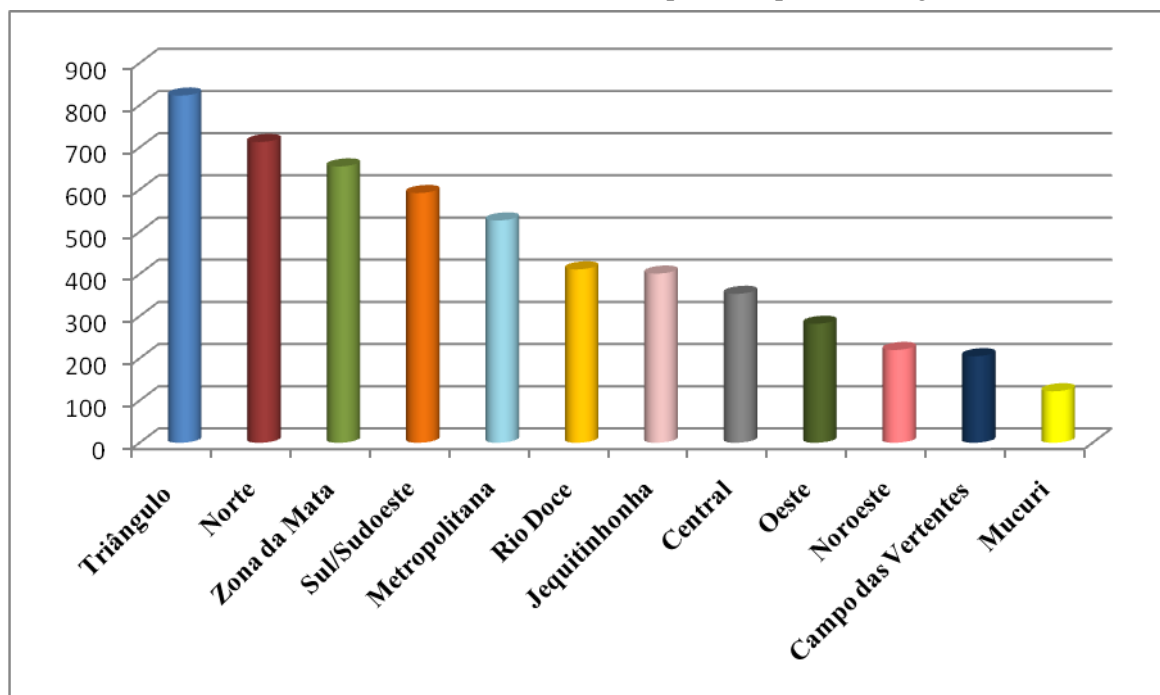


Fonte: Elaboração própria de acordo com a base cartográfica das mesorregiões segundo a Malha Municipal do Brasil – IBGE 2010.

O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba é a mesorregião de maior recorrência dos zootopônimos, com um total de 834 ocorrências. Nas demais regiões, foram contabilizados: o Norte de Minas, com 723 ocorrências, a Zona da Mata, com 656 ocorrências, a região Sul/Sudoeste, com 576 ocorrências, a Metropolitana de Belo Horizonte, com 526 ocorrências, o Vale do Rio Doce, com 411 ocorrências, o Jequitinhonha, com 401 ocorrências, a Central Mineira, com 352 ocorrências, o Oeste com 281 ocorrências, o Noroeste, com 217, o Campo

das Vertentes com 205, e o Vale do Mucuri, com 122 ocorrências. A representação gráfica das ocorrências por mesorregião pode ser observada no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Ocorrência de zootopônimos por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

Concluída a identificação dos zootopônimos nas mesorregiões mineiras, realizou-se a análise dos dados quanto sua categoria onomástica, segundo Dick (1990b, p. 132), pode ser dividida como: indivíduos *domésticos*, *não domésticos* e da mesma espécie em *grupos*<sup>39</sup>.

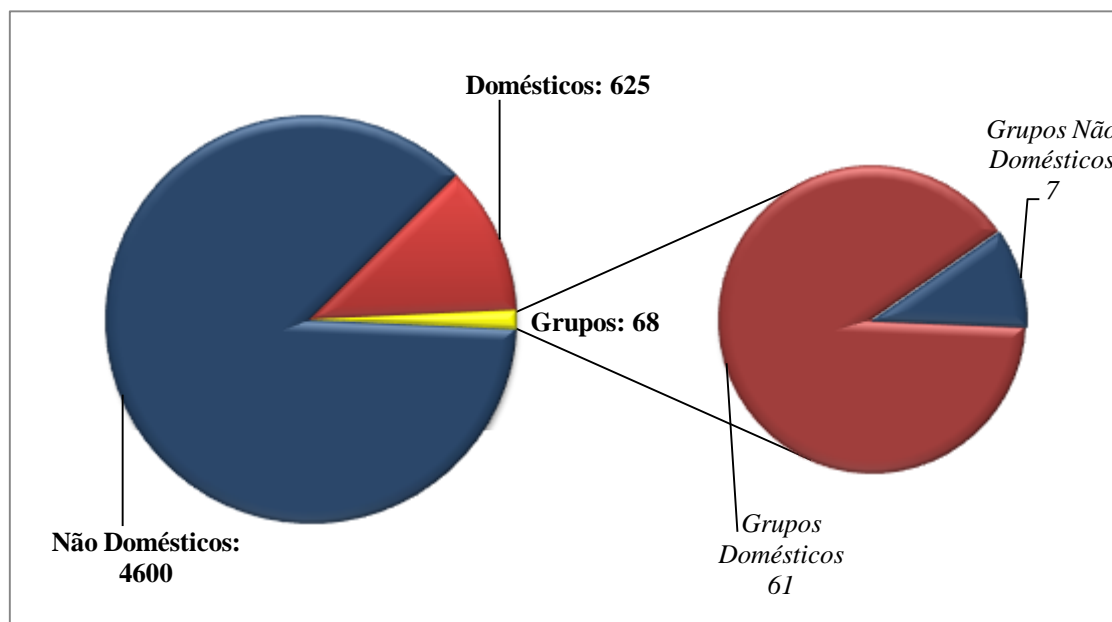
### 5.1.2 Animais domésticos e não domésticos

Observa-se a predominância de zootopônimos relativos a animais *não domésticos* em todo o território mineiro. Dos 5.304 dados analisados, 4.600 referem-se a essa categoria, o equivalente a 87% do nosso *corpus*, enquanto 625 são relativos a animais *domésticos*, um percentual de 12% do total de topônimos coletados. Já os *grupos*, ocupam uma parcela pequena dos dados. Somente 1% dos zootopônimos estudados diz respeito a animais da

<sup>39</sup>Os *grupos* também foram analisados e classificados quanto a sua característica de domésticos e não domésticos, com exceção do topônimo *Matilha*, que pode referir-se a cães (animais domésticos) ou lobos (animais não domésticos).

mesma espécie em grupos, o que corresponde a 68 ocorrências, as quais 67 se referem a *grupos domésticos* e 1 ocorrência a *grupos não domésticos*<sup>40</sup>.

Gráfico 3 – Distribuição dos zootopônimos em Domésticos, Não Domésticos/ Grupos Domésticos e Grupos não Domésticos



Fonte: Dados da pesquisa

O ato de nomear é uma das primeiras ações do homem ao reconhecer um território, seja para tomar posse ou para estabelecer um contato maior com o lugar nomeado. Essa seria uma possível justificativa para a superioridade numérica dos zootopônimos relativos a animais não domésticos em detrimento dos animais domésticos, já que os domésticos requerem a existência prévia do homem em dado território, e, normalmente, cabe a ele o controle de seu manejo e reprodução desse tipo de animal.

As tabelas 1 a 4, a seguir, demonstram a relação de animais, segundo sua categoria onomástica.

Tabela 1 – Relação animais domésticos

	Nome	Classe	Tipo
1.	Angola	Ave	<i>Doméstico</i>
2.	Codorna	Ave	<i>Doméstico</i>
3.	Frango	Ave	<i>Doméstico</i>

<sup>40</sup> Não foi contabilizada 1 ocorrência do topônimo *matilha*, que pode referir-se a animais domésticos (cães) e não domésticos (lobos).



4.	Galinha	Ave	<i>Doméstico</i>
5.	Galo	Ave	<i>Doméstico</i>
6.	Marreca	Ave	<i>Doméstico</i>
7.	Marreco	Ave	<i>Doméstico</i>
8.	Pato	Ave	<i>Doméstico</i>
9.	Pavão	Ave	<i>Doméstico</i>
10.	Peru	Ave	<i>Doméstico</i>
11.	Pinto	Ave	<i>Doméstico</i>
12.	Alazão	Mamífero	<i>Doméstico</i>
13.	Amario	Mamífero	<i>Doméstico</i>
14.	Besta	Mamífero	<i>Doméstico</i>
15.	Bezerra	Mamífero	<i>Doméstico</i>
16.	Bezerro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
17.	Bode	Mamífero	<i>Doméstico</i>
18.	Boi	Mamífero	<i>Doméstico</i>
19.	Borro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
20.	Burra	Mamífero	<i>Doméstico</i>
21.	Burro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
22.	Cabra	Mamífero	<i>Doméstico</i>
23.	Cabrito	Mamífero	<i>Doméstico</i>
24.	Cachorro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
25.	Camelo	Mamífero	<i>Doméstico</i>
26.	Campolina	Mamífero	<i>Doméstico</i>
27.	Carneira	Mamífero	<i>Doméstico</i>
28.	Carneiro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
29.	Cavalo	Mamífero	<i>Doméstico</i>
30.	Cordeiro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
31.	Égua	Mamífero	<i>Doméstico</i>
32.	Galga	Mamífero	<i>Doméstico</i>
33.	Garrote	Mamífero	<i>Doméstico</i>
34.	Gata	Mamífero	<i>Doméstico</i>
35.	Gato	Mamífero	<i>Doméstico</i>
36.	Ginete	Mamífero	<i>Doméstico</i>
37.	Leitão	Mamífero	<i>Doméstico</i>
38.	Manga-Larga	Mamífero	<i>Doméstico</i>
39.	Marruá	Mamífero	<i>Doméstico</i>
40.	Mula	Mamífero	<i>Doméstico</i>
41.	Murzelo	Mamífero	<i>Doméstico</i>
42.	Nelore	Mamífero	<i>Doméstico</i>
43.	Novilha	Mamífero	<i>Doméstico</i>
44.	Poldro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
45.	Porca	Mamífero	<i>Doméstico</i>
46.	Porco	Mamífero	<i>Doméstico</i>
47.	Tocoió	Mamífero	<i>Doméstico</i>
48.	Touro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
49.	Vaca	Mamífero	<i>Doméstico</i>

<b>50.</b>	Veadeiro	Mamífero	<i>Doméstico</i>
------------	----------	----------	------------------

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Relação animais não domésticos

	<b>Nome</b>	<b>Classe</b>	<b>Tipo</b>
<b>1.</b>	Coral	Antozoário/Réptil	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>2.</b>	Minhoca	Anelídeo	<i>Não doméstico</i>
<b>3.</b>	Sanguessuga	Anelídeo	<i>Não doméstico</i>
<b>4.</b>	Cururu	Anfíbio	<i>Não doméstico</i>
<b>5.</b>	Rela	Anfíbio	<i>Não doméstico</i>
<b>6.</b>	Sapo	Anfíbio	<i>Não doméstico</i>
<b>7.</b>	Perereca	Anfíbio/Inseto	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>8.</b>	Acauã	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>9.</b>	Andorinha	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>10.</b>	Anhuma	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>11.</b>	Anu	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>12.</b>	Araguari	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>13.</b>	Araponga	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>14.</b>	Arara	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>15.</b>	Baguari	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>16.</b>	Beija-Flor	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>17.</b>	Bem-te-vi	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>18.</b>	Biguá	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>19.</b>	Biguatinga	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>20.</b>	Boiadeiro	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>21.</b>	Canário	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>22.</b>	Cancã	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>23.</b>	Carapina	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>24.</b>	Coruja	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>25.</b>	Corvo	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>26.</b>	Curiango	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>27.</b>	Ema	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>28.</b>	Falcão	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>29.</b>	Gaivota	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>30.</b>	Garça	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>31.</b>	Garrincha	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>32.</b>	Gaturama	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>33.</b>	Gavião	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>34.</b>	Gralha	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>35.</b>	Graúna	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>36.</b>	Grou	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>37.</b>	Guaxe	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>38.</b>	Humaitá	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>39.</b>	Inhambú	Ave	<i>Não doméstico</i>

<b>40.</b>	Inhapim	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>41.</b>	Jaburú	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>42.</b>	Jacu	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>43.</b>	Jacurutu	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>44.</b>	Jacutinga	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>45.</b>	Jandaia	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>46.</b>	Jaó	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>47.</b>	Japu	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>48.</b>	Jiriba	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>49.</b>	João-de-Barro	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>50.</b>	Juriti	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>51.</b>	Macuco	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>52.</b>	Maguari	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>53.</b>	Maitaca	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>54.</b>	Mandu	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>55.</b>	Maquiné	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>56.</b>	Maracanã	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>57.</b>	Maritaca	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>58.</b>	Melro	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>59.</b>	Mutum	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>60.</b>	Papagaio	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>61.</b>	Paraguá	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>62.</b>	Paraguai	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>63.</b>	Pari	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>64.</b>	Passarinho	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>65.</b>	Perdigão	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>66.</b>	Perdiz	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>67.</b>	Periquito	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>68.</b>	Pica-Pau	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>69.</b>	Pintassilgo	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>70.</b>	Pirauí	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>71.</b>	Pomba	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>72.</b>	Pombo	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>73.</b>	Rola	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>74.</b>	Sabiá	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>75.</b>	Saracura	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>76.</b>	Seriema	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>77.</b>	Siriritinga	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>78.</b>	Socó	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>79.</b>	Tangará	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>80.</b>	Tico-Tico	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>81.</b>	Tiriba	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>82.</b>	Tucano	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>83.</b>	Tuim	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>84.</b>	Urubu	Ave	<i>Não doméstico</i>

<b>85.</b>	Urubutinga	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>86.</b>	Urutau	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>87.</b>	Xenxém	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>88.</b>	Zabelê	Ave	<i>Não doméstico</i>
<b>89.</b>	Guará	Ave/Mamífero	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>90.</b>	Catete	Ave/Mamífero	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>91.</b>	Caraúna	Ave/Peixe	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>92.</b>	Aratu	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>93.</b>	Camarão	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>94.</b>	Caranguejo	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>95.</b>	Pitu	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>96.</b>	Poti	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>97.</b>	Siritinga	Crustáceo	<i>Não doméstico</i>
<b>98.</b>	Marisco	Crustáceo/Mamífero	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>99.</b>	Cauí	Esponja	<i>Não doméstico</i>
<b>100.</b>	Abelha	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>101.</b>	Aramã	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>102.</b>	Aranha	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>103.</b>	Arapuã	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>104.</b>	Axupé	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>105.</b>	Barata	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>106.</b>	Borá	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>107.</b>	Borrachudo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>108.</b>	Caçarema	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>109.</b>	Carrapato	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>110.</b>	Cupim	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>111.</b>	Fincudo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>112.</b>	Formiga	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>113.</b>	Gafanhoto	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>114.</b>	Gongo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>115.</b>	Grilo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>116.</b>	Guarabú	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>117.</b>	Guaxupé	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>118.</b>	Içá	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>119.</b>	Jataí	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>120.</b>	Lacraia	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>121.</b>	Lava-pé	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>122.</b>	Mandaçaia	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>123.</b>	Mandaguari	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>124.</b>	Marimbondo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>125.</b>	Mombuca	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>126.</b>	Mosquito	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>127.</b>	Munduri	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>128.</b>	Muquirana	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>129.</b>	Muriaé	Inseto	<i>Não doméstico</i>

<b>130.</b> Muriçoca	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>131.</b> Mutuca	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>132.</b> Panamá	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>133.</b> Percevejo	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>134.</b> Piolho	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>135.</b> Poté	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>136.</b> Quenquém	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>137.</b> Rebibiu	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>138.</b> Sanharó	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>139.</b> Saracutinga	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>140.</b> Soca	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>141.</b> Tataíra	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>142.</b> Tibuna	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>143.</b> Tocandira	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>144.</b> Tuiúva	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>145.</b> Uruçú	Inseto	<i>Não doméstico</i>
<b>146.</b> Guarapu	Inseto/Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>147.</b> Joaninha	Inseto/Peixe	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>148.</b> Julião	Larva	<i>Não doméstico</i>
<b>149.</b> Lagarta	Larva	<i>Não doméstico</i>
<b>150.</b> Esquilo	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>151.</b> Anta	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>152.</b> Ariranha	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>153.</b> Baleia	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>154.</b> Bengo	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>155.</b> Boto	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>156.</b> Bugio	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>157.</b> Caí	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>158.</b> Caiana	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>159.</b> Caititu	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>160.</b> Camundongo	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>161.</b> Canguçu	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>162.</b> Capivara	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>163.</b> Carai	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>164.</b> Catingueiro	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>165.</b> Catito	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>166.</b> Cervo	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>167.</b> Coelho	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>168.</b> Cutia	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>169.</b> Foca	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>170.</b> Furão	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>171.</b> Galheiro	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>172.</b> Gambá	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>173.</b> Guaramirim	Mamífero	<i>Não doméstico</i>
<b>174.</b> Guariba	Mamífero	<i>Não doméstico</i>

<b>175.</b> Guatapará	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>176.</b> Irara	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>177.</b> Jaguar	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>178.</b> Jaguará	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>179.</b> Javali	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>180.</b> Jurumim	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>181.</b> Laranjo	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>182.</b> Leo	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>183.</b> Lebre	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>184.</b> Loba	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>185.</b> Lobo	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>186.</b> Lontra	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>187.</b> Macaca	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>188.</b> Macaco	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>189.</b> Maringá	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>190.</b> Marmota	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>191.</b> Mico	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>192.</b> Moc	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>193.</b> Mono	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>194.</b> Morcego	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>195.</b> Ona	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>196.</b> Paca	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>197.</b> Papa-mel	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>198.</b> Pintada	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>199.</b> Preguiça	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>200.</b> Quati	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>201.</b> Queixada	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>202.</b> Quiara	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>203.</b> Raposa	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>204.</b> Raposo	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>205.</b> Rato	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>206.</b> Rena	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>207.</b> Roedor	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>208.</b> Sagui	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>209.</b> Simo	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>210.</b> Suaçuapara	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>211.</b> Tamanduá	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>212.</b> Tanguá	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>213.</b> Tapira	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>214.</b> Tatu	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>215.</b> Tigre	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>216.</b> Ursa	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>217.</b> Veada	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>218.</b> Veado	Mamífero	<i>Não domstico</i>
<b>219.</b> Suçuarana	Mamífero/Inseto	<i>Não domstico/Não domstico</i>

<b>220.</b> Urso	Mamífero/Larva	<i>Não doméstico/Não doméstico</i>
<b>221.</b> Burgau	Molusco	<i>Não doméstico</i>
<b>222.</b> Caracol	Molusco	<i>Não doméstico</i>
<b>223.</b> Caramujo	Molusco	<i>Não doméstico</i>
<b>224.</b> Acari	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>225.</b> Aruanã	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>226.</b> Avoadeira	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>227.</b> Bacalhau	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>228.</b> Bagre	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>229.</b> Biribiri	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>230.</b> Carpa	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>231.</b> Cascudo	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>232.</b> Catuá	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>233.</b> Coió	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>234.</b> Corama	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>235.</b> Corvina	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>236.</b> Curimba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>237.</b> Dourado	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>238.</b> Gandu	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>239.</b> Gonçalo	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>240.</b> Ituí	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>241.</b> Jaú	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>242.</b> Jerupoca	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>243.</b> Jundiá	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>244.</b> Lambari	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>245.</b> Mandi	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>246.</b> Mangangá	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>247.</b> Manjuba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>248.</b> Marimbá	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>249.</b> Mariquita	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>250.</b> Miragaia	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>251.</b> Mondengo	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>252.</b> Pacu	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>253.</b> Paracatu	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>254.</b> Peixe	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>255.</b> Piaba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>256.</b> Piabanha	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>257.</b> Piau	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>258.</b> Pintado	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>259.</b> Piracanjuba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>260.</b> Piraí	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>261.</b> Pirajuba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>262.</b> Piranha	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>263.</b> Pirapema	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>264.</b> Pirapitinga	Peixe	<i>Não doméstico</i>

<b>265.</b> Piratinga	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>266.</b> Roncador	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>267.</b> Sabaru	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>268.</b> Sabogá	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>269.</b> Sangrador	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>270.</b> Saranha	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>271.</b> Sardinha	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>272.</b> Surubim	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>273.</b> Tilápia	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>274.</b> Timbucu	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>275.</b> Timburé	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>276.</b> Traíra	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>277.</b> Tuvira	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>278.</b> Ubari	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>279.</b> Ubeba	Peixe	<i>Não doméstico</i>
<b>280.</b> Bicudo	Peixe/Ave	<i>Não doméstico/Não Doméstico</i>
<b>281.</b> Cágado	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>282.</b> Calango	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>283.</b> Caninana	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>284.</b> Carumbé	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>285.</b> Cascavel	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>286.</b> Cobra	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>287.</b> Jabutí	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>288.</b> Jacaré	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>289.</b> Jararaca	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>290.</b> Jararacuçu	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>291.</b> Jiboia	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>292.</b> Lagartixa	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>293.</b> Lagarto	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>294.</b> Sinimbu	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>295.</b> Sucuri	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>296.</b> Sucuriú	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>297.</b> Surucucu	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>298.</b> Tartaruga	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>299.</b> Teiú	Réptil	<i>Não doméstico</i>
<b>300.</b> Urutu	Réptil	<i>Não doméstico</i>

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Grupos

	<b>Nome</b>	<b>Classe</b>	<b>Tipo</b>
1.	Boiada	Grupo	<i>Doméstico</i>
2.	Cavallhada	Grupo	<i>Doméstico</i>
3.	Gado	Grupo	<i>Doméstico</i>
4.	Tourada	Grupo	<i>Doméstico</i>



5.	Vacaria	Grupo	<i>Doméstico</i>
6.	Vaquejada	Grupo	<i>Doméstico</i>
7.	Matilha	Grupo	<i>Doméstico/ Não doméstico</i>
8.	Formigueiro	Grupo	<i>Não doméstico</i>
9.	Piracema	Grupo	<i>Não doméstico</i>

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4 – Animais domésticos/Não domésticos

	<b>Nome</b>	<b>Classe</b>	<b>Tipo</b>
1.	Cachorra	Mamífero/Peixe	<i>Doméstico/Não doméstico</i>
2.	Curraleiro	Mamífero/Ave	<i>Doméstico/Não doméstico</i>
3.	Piquira	Mamífero/Peixe	<i>Doméstico/Não doméstico</i>

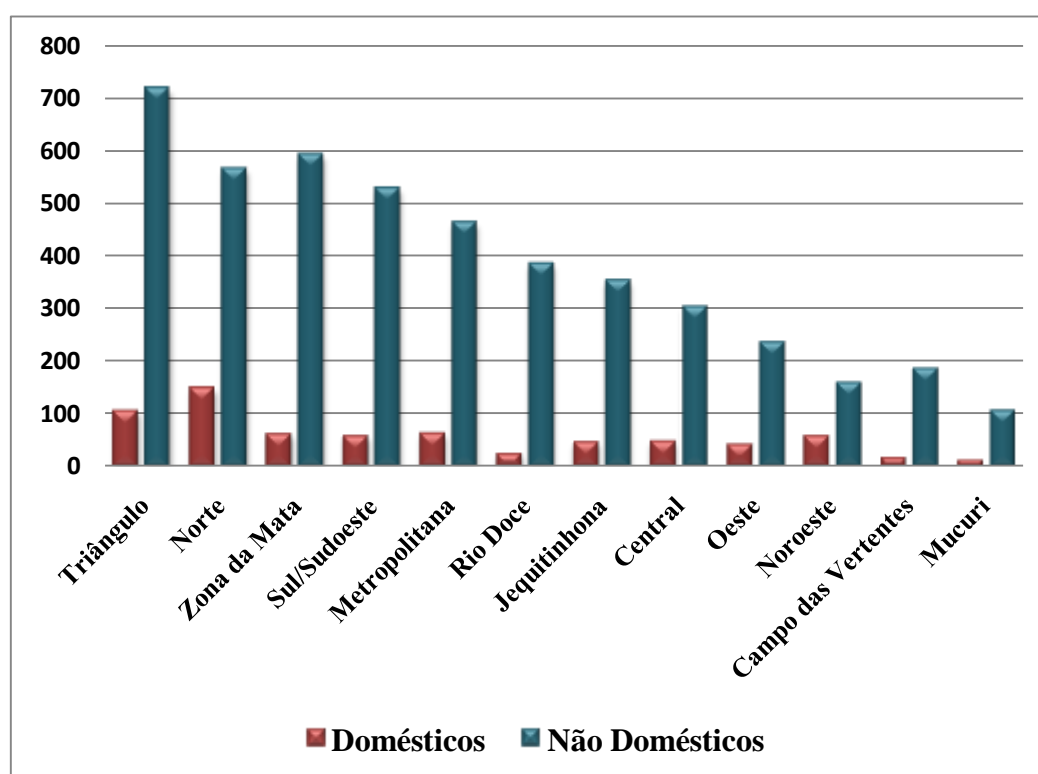
Fonte: Elaboração própria

Cabe observar que os elementos contidos na Tabela 4 dizem respeito, especificamente, aos topônimos *cachorra*, *curraleiro* e *piquirá*. Quando se referem a animais da classe dos mamíferos, tais topônimos são, em todos os três casos, classificados como domésticos, no entanto, quando se referem à classe dos peixes e aves, são animais não domésticos<sup>41</sup>

A preferência pelo emprego sistemático da categoria onomástica relativa a animais *não domésticos* também pode ser observada quando os dados são analisados regionalmente. O Gráfico a seguir demonstra como se dá essa distribuição:

<sup>41</sup> Verificar informações enciclopédicas detalhadas nas fichas toponímicas nº 52, 102 e 265.

Gráfico 4 – Relação categorias onomásticas por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

A predominância de zootopônimos relativos a animais não domésticos, como pode ser verificado no Gráfico 4, ocorre em todas as doze mesorregiões do estado com proporções similares. A descrição numérica dessa distribuição pode ser observada na tabela abaixo:

Tabela 5 – Distribuição categorias Domésticos e Não domésticos nas doze mesorregiões

Mesorregião	<i>Animais Domésticos</i>		<i>Animais Não Domésticos</i>	
	<i>Ocorrências</i>	<i>%</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>%</i>
<b>Campo das Vertentes</b>	18	9%	187	91%
<b>Central Mineira</b>	48	14%	305	86%
<b>Jequitinhona</b>	47	12%	354	88%
<b>Metropolitana de BH</b>	63	12%	464	88%
<b>Noroeste</b>	58	27%	160	73%
<b>Norte</b>	147	21%	566	79%
<b>Oeste</b>	42	15%	238	85%
<b>Sul/Sudoeste de Minas</b>	58	10%	529	90%
<b>Triângulo/Alto Paranaíba</b>	105	13%	718	87%

<b>Mucuri</b>	13	11%	108	89%
<b>Vale do Rio Doce</b>	25	6%	386	94%
<b>Zona da Mata</b>	62	9%	593	91%

Fonte: Elaboração própria

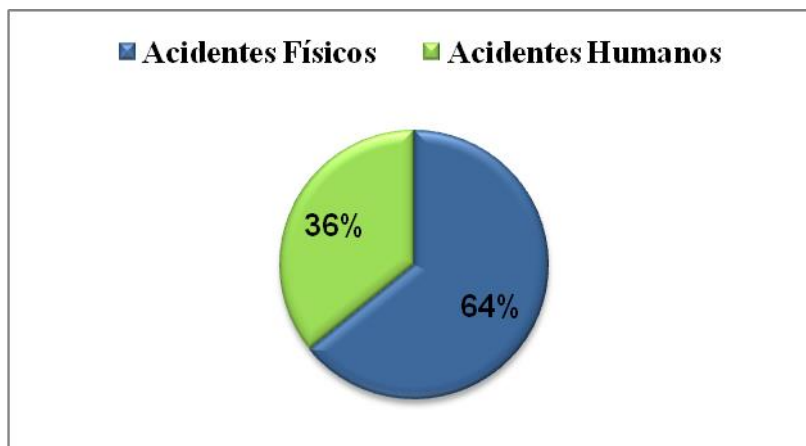
\*Inclusive grupos

### 5.1.3 Classificação do acidente geográfico

Os dados contemporâneos desta pesquisa também foram analisados quanto à natureza do acidente geográfico, isto é, quantificaram-se os acidentes físicos – aqueles relacionados à geografia da região como rios, córregos, serras etc. – e os acidentes humanos – relativos a lugares habitados ou construídos pelo homem – tais como cidades, vilas, localidade, fazendas etc.

Dos 5.304 zootopônimos verificados no estado de Minas Gerais, 3.404 nomeiam acidentes físicos, o que representa 64% dos dados contemporâneos coletados. Enquanto 1.900 registros nomeiam acidentes humanos, 36% dos dados.

Gráfico 5 – Classificação dos zootopônimos quanto à natureza do acidente geográfico



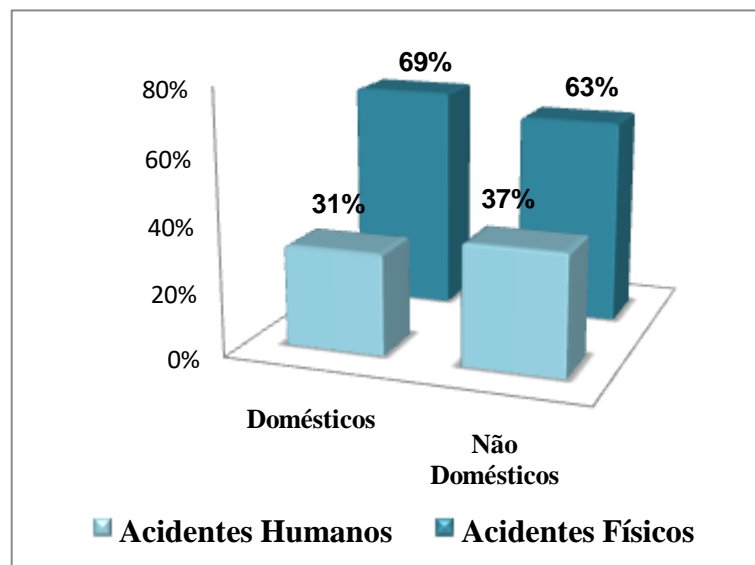
Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à classificação dos acidentes geográficos, segundo as categorias onomásticas analisadas, verificamos que os acidentes físicos são predominantes em todas elas.

Considerando os nomes de animais domésticos, que totalizam 686 dados:<sup>42</sup>473 nomeiam acidentes físicos, equivalentes a 69% dos topônimos dessa categoria; e 213 nomeiam acidentes humanos, equivalentes a 31% dos topônimos dessa categoria.

Os nomes de animais não domésticos, por sua vez, totalizam 4608 topônimos<sup>43</sup>, dos quais 2925 nomeiam acidentes físicos (63%) e 1683 nomeiam acidentes humanos (37%).

Gráfico 6 - Classificação dos zootopônimos quanto à natureza do acidente geográfico de acordo com as categorias onomásticas analisadas.



Fonte: Dados da pesquisa

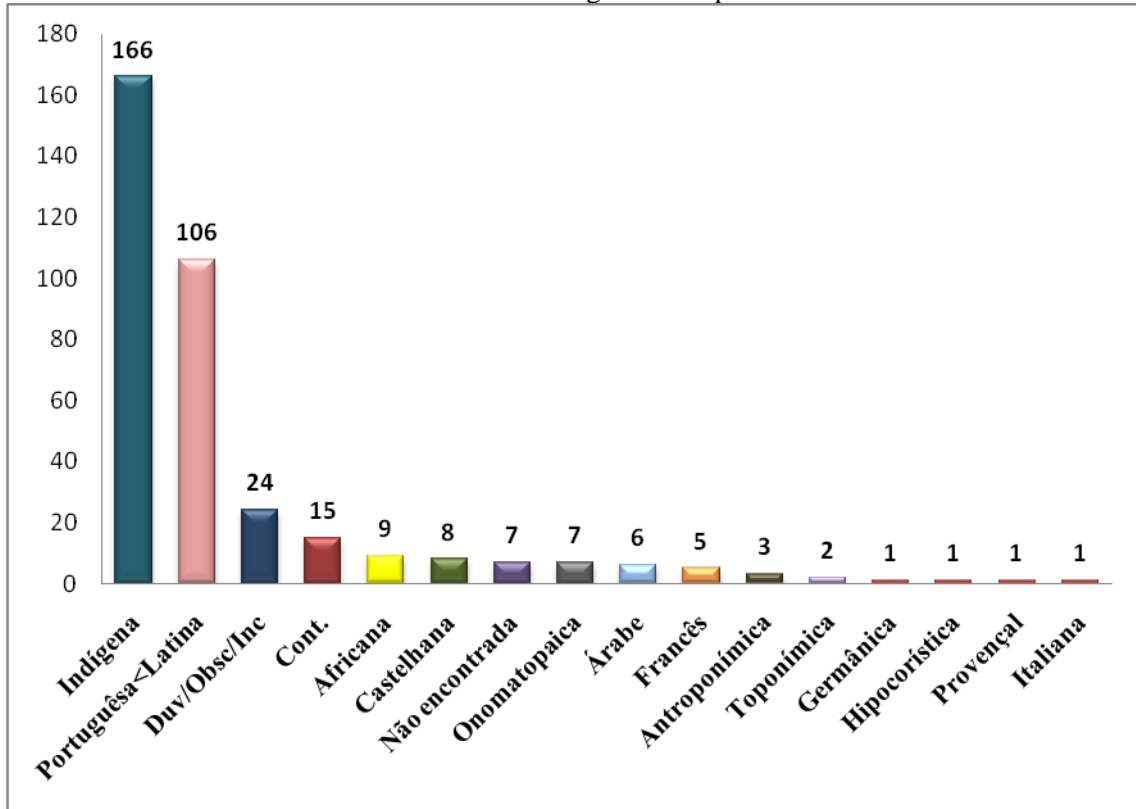
#### 5.1.4 Origem dos topônimos

Os dados contemporâneos da nossa pesquisa, assim como os históricos, também foram analisados quanto a sua origem, verificada após consulta às informações enciclopédicas, registradas nas fichas toponímicas apresentadas no capítulo anterior.

<sup>42</sup>Quantificados os grupos domésticos

<sup>43</sup>Quantificados os grupos não domésticos

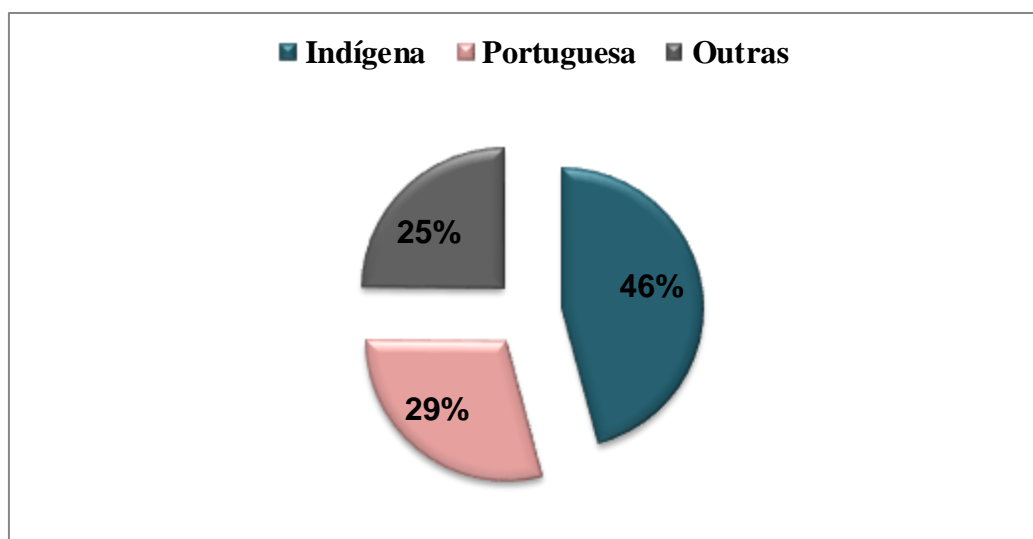
Gráfico 7 – Origem dos topônimos



Fonte: Dados da pesquisa

A procedência dos zootopônimos é majoritariamente de origem indígena. Considerando as 362 bases léxicas identificadas, 166 correspondem a nomes indígenas, equivalentes a 46% dos dados. Em seguida, verificam-se os topônimos de origem portuguesa, com 106 bases, 29% dos dados; 24 bases léxicas, 7% são de origem duvidosa, incerta ou obscura; quinze bases, 4%; são de origem controversa ou controvertida; nove bases, 2% são de origem africana, oito bases, 2%, são de origem castelhana. Não foi encontrada a origem de sete topônimos, o que corresponde a 2% das bases léxicas, sete bases são de origem onomatopaica, o 2%; seis bases são de origem árabe, 2%; cinco bases de origem francesa, 1%; três bases de origem antroponímica, 1%; duas bases de origem toponímica, 1%. Bases léxicas relativas a topônimos de origem germânica, italiana, provençal e hipocorística, registram uma ocorrência cada, o que soma 1% dos dados.

Gráfico 8 – Origem dos topônimos em números percentuais



Fonte: Dados da pesquisa

Os povos indígenas tinham uma relação profunda com a natureza, vivendo harmoniosamente com as florestas, as matas e os animais. Devido a esse contato e, conseqüentemente, a esse conhecimento profundo, coube a esses povos a tarefa de apresentar as terras brasileiras ao colonizador.

Segundo Costa (2006, p. 2), ainda que o tupi fosse uma língua de menor uso que o tupinambá antes da chegada dos portugueses ao Brasil, recebe a designação de “a língua do Brasil” devido a sua larga difusão, principalmente pelos bandeirantes, aspecto também assinalado por Teodoro Sampaio em sua obra intitulada *O tupi na geografia nacional*:

Vastíssima, na verdade, era a região por onde dominou a língua tupi no nosso continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notável expansão aos próprios conquistadores europeus, às numerosas expedições ou bandeiras que penetraram nos sertões para descender escravos índios e para a pesquisa do ouro; deve-se principalmente à catequese que tornou geral esse idioma bárbaro e o cultivou. SAMPAIO (1987, p.68).

Muitos animais presentes nas terras brasileiras e apresentados aos colonizadores pelos índios não possuíam uma espécie correspondente no continente europeu. O estranhamento dos estrangeiros em relação à nossa fauna pode ser observado em inúmeros relatos, dentre os quais selecionamos o de Jean de Léry, que descreveu nossos elementos naturais da seguinte maneira:

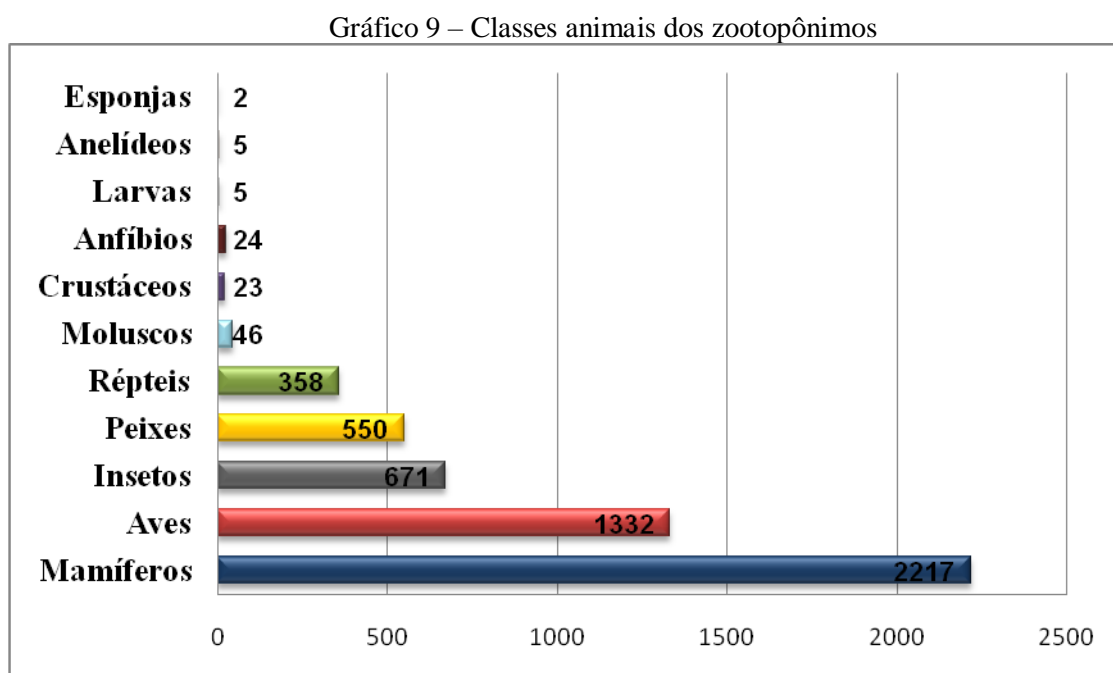
E, em verdade, depois de minha viagem à América, a qual, pelo que aí se vê (costumes dos habitantes, formas dos animais e produtos da terra em geral, tão diferentes dos da Europa) pode ser chamada Novo Mundo, devo confessar que, embora não aceitando como verdadeiras as fábulas encontradas em vários autores, reconsiderarei minha opinião antiga acerca do que escreveram Plínio e outros mais

sobre os países exóticos, pois vi coisas tão prodigiosas quanto tantas outras tidas por impossíveis, de que fazem menção. (LÉRY, 1961, p.6).

Desse modo, muitas denominações relativas a animais foram preservadas, conforme foram batizadas pelos indígenas, justificando, assim, o elevado número de zootopônimos de origem tupi observado em nosso *corpus* contemporâneo.

### 5.1.5 Classes animais

Os zootopônimos relativos aos dados contemporâneos também foram analisados de acordo com a classe animal a qual o topônimo se refere.



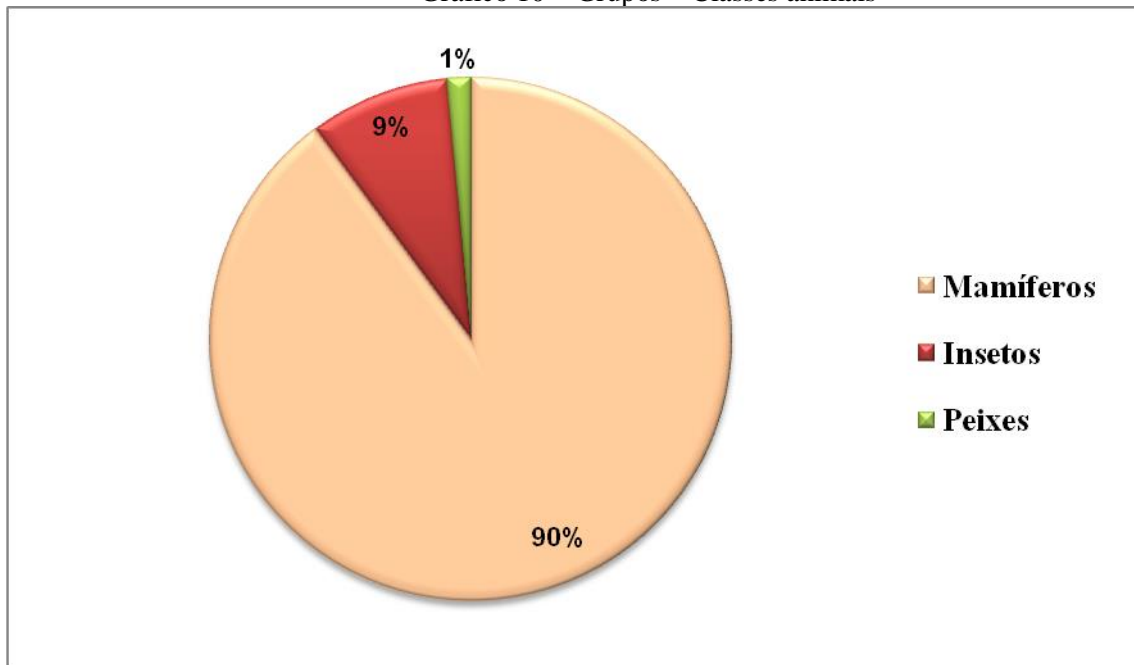
Fonte: Dados da pesquisa

De todos 5.304 zootopônimos coletados, 2.217 referem-se a animais da classe dos mamíferos, o equivalente a 42% das ocorrências, seguidos pelas aves, com 1.332 ocorrências, o mesmo que 24% das ocorrências. A seguir, observam-se os insetos, com 671 ocorrências, 13%; os peixes, com 550 ocorrências, 10%; os répteis, com 358 ocorrências, 7%. As classes dos moluscos (46 ocorrências), dos anfíbios (22 ocorrências), dos crustáceos (22 ocorrências), dos anelídeos (5 ocorrências), das larvas (3 ocorrências) e das esponjas (2 ocorrências) somam 2% dos dados coletados.

No que diz respeito aos zootopônimos referentes aos grupos, também é possível verificar a hegemonia numérica dos mamíferos. Das 69 ocorrências, 62 referem-se a grupos

de mamíferos (90%), seis ocorrências, a grupos de insetos (9%) e uma ocorrência, a grupos de peixes (1%).

Gráfico 10 – Grupos – Classes animais



Fonte: Dados da pesquisa

#### 5.1.5.1 Mamíferos

O Brasil detém grande parte da biodiversidade do planeta, o que é refletido na sua riqueza de espécies em geral. De acordo com Drummond *et al.* (2005, p. 45), das 4.890 espécies de mamíferos atualmente existentes em todo o mundo, cerca de 530 (11%) ocorrem no Brasil. O território mineiro abriga três dos biomas mais importantes do país (Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga) e, conseqüentemente, uma fauna muito diversificada, chegando a 243 as espécies de mamíferos conhecidas<sup>44</sup>

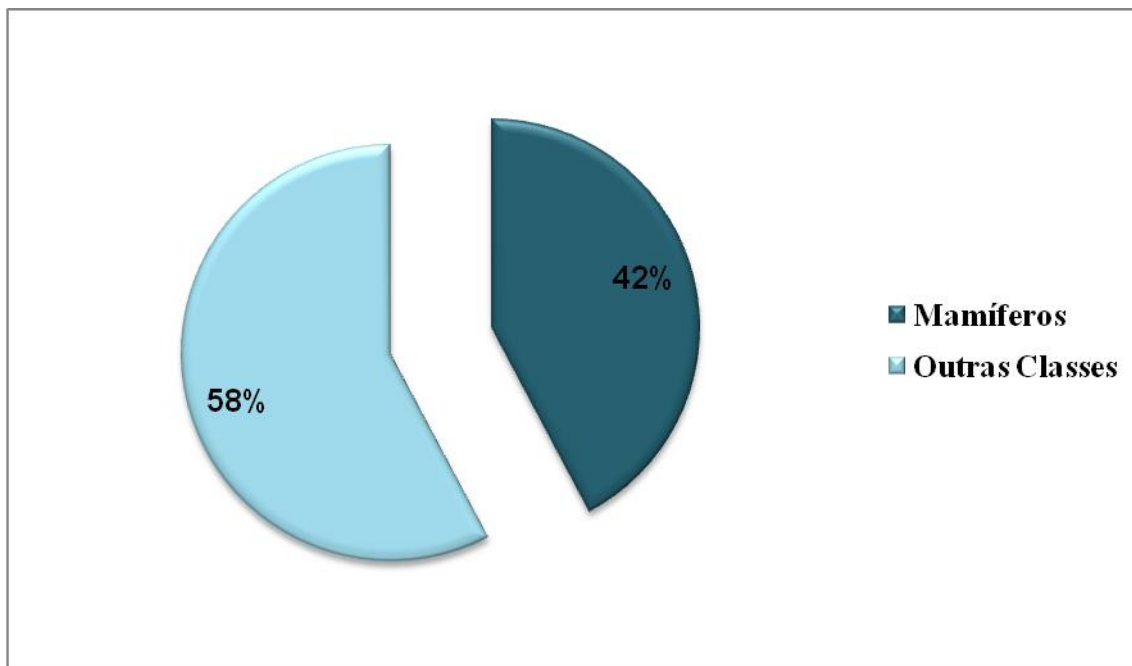
Foram verificadas em nosso banco de dados 2178<sup>45</sup> topônimos referentes a 113 espécies de mamíferos diferentes. Essa classe animal representa 42% do nosso *corpus* contemporâneo.

<sup>44</sup>DRUMMOND *et al.* 2005, p. 45.

<sup>45</sup> Contabilizados grupos de mamíferos



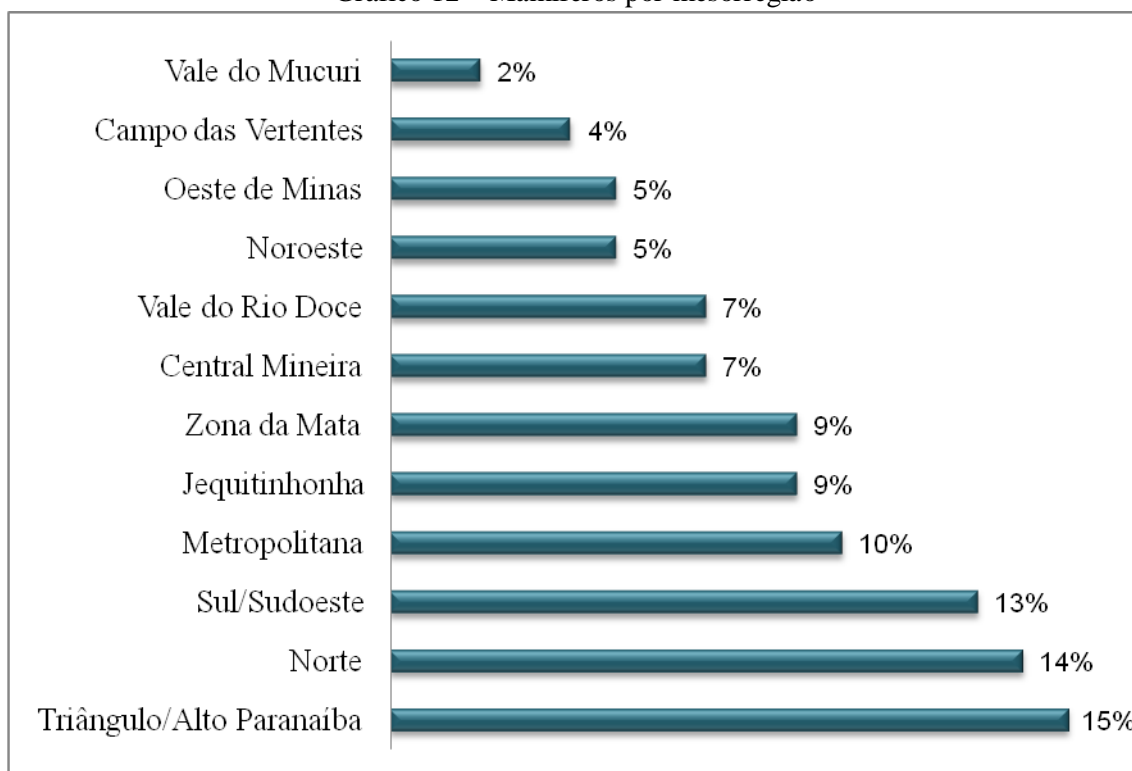
Gráfico 11 – Classe dos mamíferos



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à distribuição dos mamíferos por mesorregião, verifica-se que o Triângulo/Alto Paranaíba detém o maior número de zootopônimos relativos a animais dessa classe, com 328 ocorrências, 15% dos dados. Em seguida, observa-se a região Norte, com 316 ocorrências, 14%; a região Sul/Sudoeste com 283 ocorrências, 13%; a região Metropolitana, com 228 ocorrências, 10%; a Zona da Mata, com 207 ocorrências, 9%; o Vale do Jequitinhonha com 196 ocorrências, 9%; o Vale do Rio Doce, com 158 ocorrências, 7%; a Central Mineira, com 156 ocorrências, 7%; a Noroeste e Oeste de Minas, com 103 ocorrências cada, 5%; o Campo das Vertentes, com 99 ocorrências; 4% e o Vale do Mucuri, com 40 ocorrências, 2%.

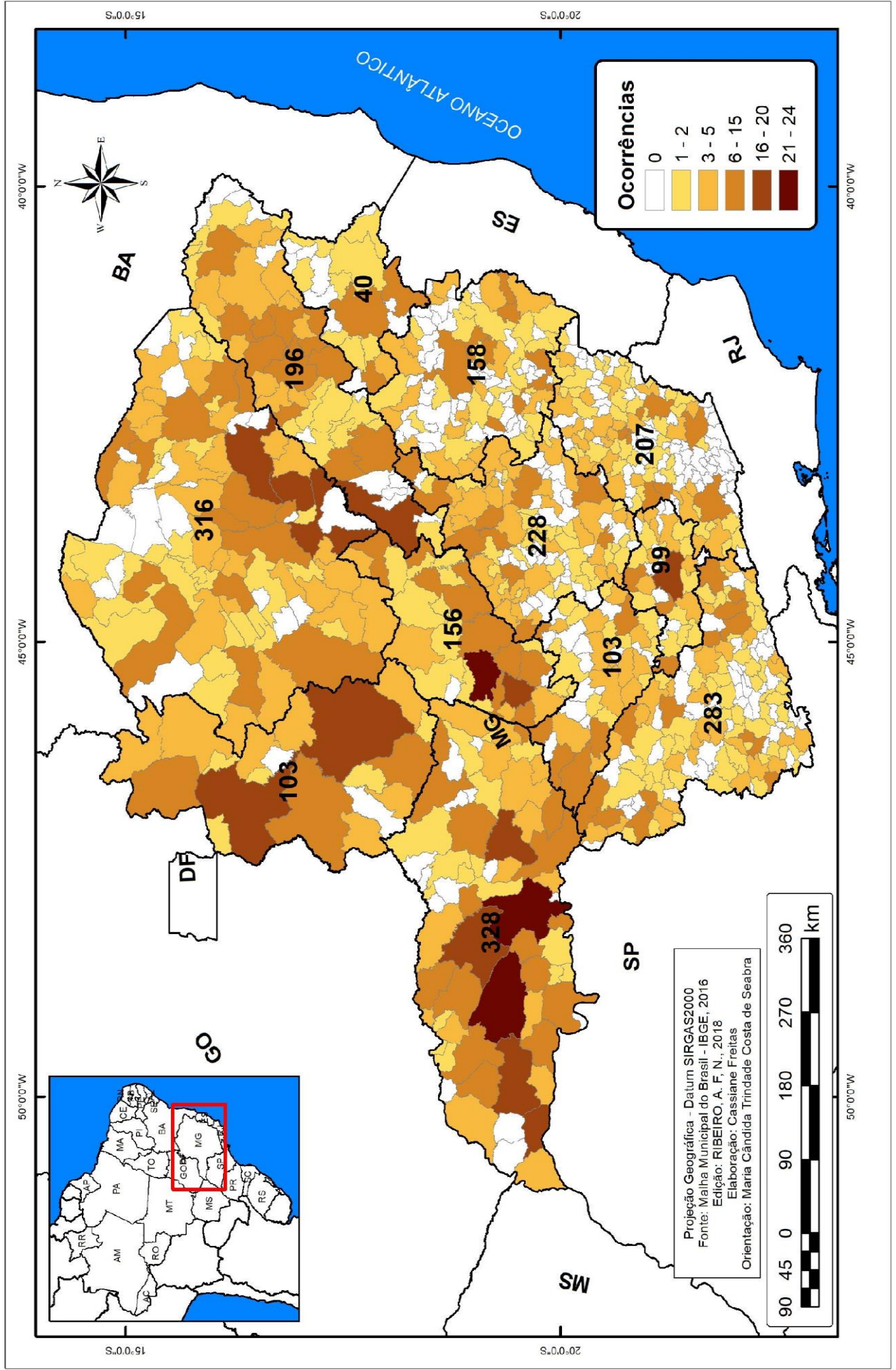
Gráfico 12 – Mamíferos por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

Com a finalidade de ilustrar as informações apresentadas, foi elaborada uma carta toponímica temática, apresentando a distribuição dos zootopônimos relativos aos mamíferos no estado de Minas Gerais, apresentada a seguir.

Figura 6 – Carta Toponímica I – Distribuição dos zootopônimos relativos a mamíferos nos municípios mineiros



A Carta Toponímica apresentada mostra que há ocorrência de zootopônimos relativos a mamíferos em quase todos os municípios do estado, evidenciando, dessa maneira, a importância dessa classe animal em todo território mineiro.

A Tabela a seguir apresenta informação relativa a espécie de mamífero a qual o topônimo se refere, assim como o número de ocorrências de cada um.

Tabela 6 – Zootopônimos relativos à classe dos mamíferos

<b>Topônimo</b>	<b>Ocorrências</b>
<i>Onça</i>	294
<i>Macaco</i>	189
<i>Tamanduá</i>	119
<i>Veado</i>	114
<i>Capivara</i>	110
<i>Anta</i>	97
<i>Coelho</i>	75
<i>Quati</i>	67
<i>Boi</i>	64
<i>Carneiro</i>	63
<i>Tatu</i>	60
<i>Cervo</i>	51
<i>Lobo</i>	48
<i>Vaca</i>	46
<i>Porco</i>	45
<i>Guariba</i>	43
<i>Cavalo</i>	41
<i>Caititu</i>	39
<i>Gambá</i>	35
<i>Cutia, Lontra</i>	32
<i>Suçuarana*</i>	28
<i>Galheiro, Jaguará</i>	23
<i>Égua, Tigre</i>	21
<i>Cachorro</i>	20
<i>Cordeiro, Leitão, Paca</i>	18

<i>Morcego</i>	16
<i>Ariranha, Mocó, Raposo</i>	14
<i>Bugio, Raposa</i>	13
<i>Burro, Gato, Mono</i>	12
<i>Cabrito, Irara</i>	11
<i>Cabra</i>	10
<i>Rato</i>	9
<i>Bezerra, Macaca, Queixada</i>	8
<i>Marruá, Pintada, Preguiça, Suaçuapara</i>	7
<i>Bengo, Caí, Garrote, Guatapará, Ursa</i>	6
<i>Alazão, Bode, Marmota, Mula</i>	5
<i>Camelo, Jaguar, Leão, Maringá, Novilha, Curraleiro*</i>	4
<i>Amario, Bezerro, Canguçu, Manga-Larga, Sagui, Touro, Veada, Piquira*, Cachorra*</i>	3
<i>Baleia, Caiana, Camundongo, Catingueiro, Guaramirim, Jurumim, Loba, Papa-mel, Quiara, Simão</i>	2
<i>Besta, Borro, Boto, Burra, Campolina, Carai, Carneira, Catito, Esquilo, Foca, Furão, Galga, Gata, Ginete, Javali, Laranjo, Lebre, Mico, Murzelo, Nelore, Poldro, Porca, Rena, Roedor, Tanguá, Tapira, Tocoio, Veadeiro, Urso*</i>	1

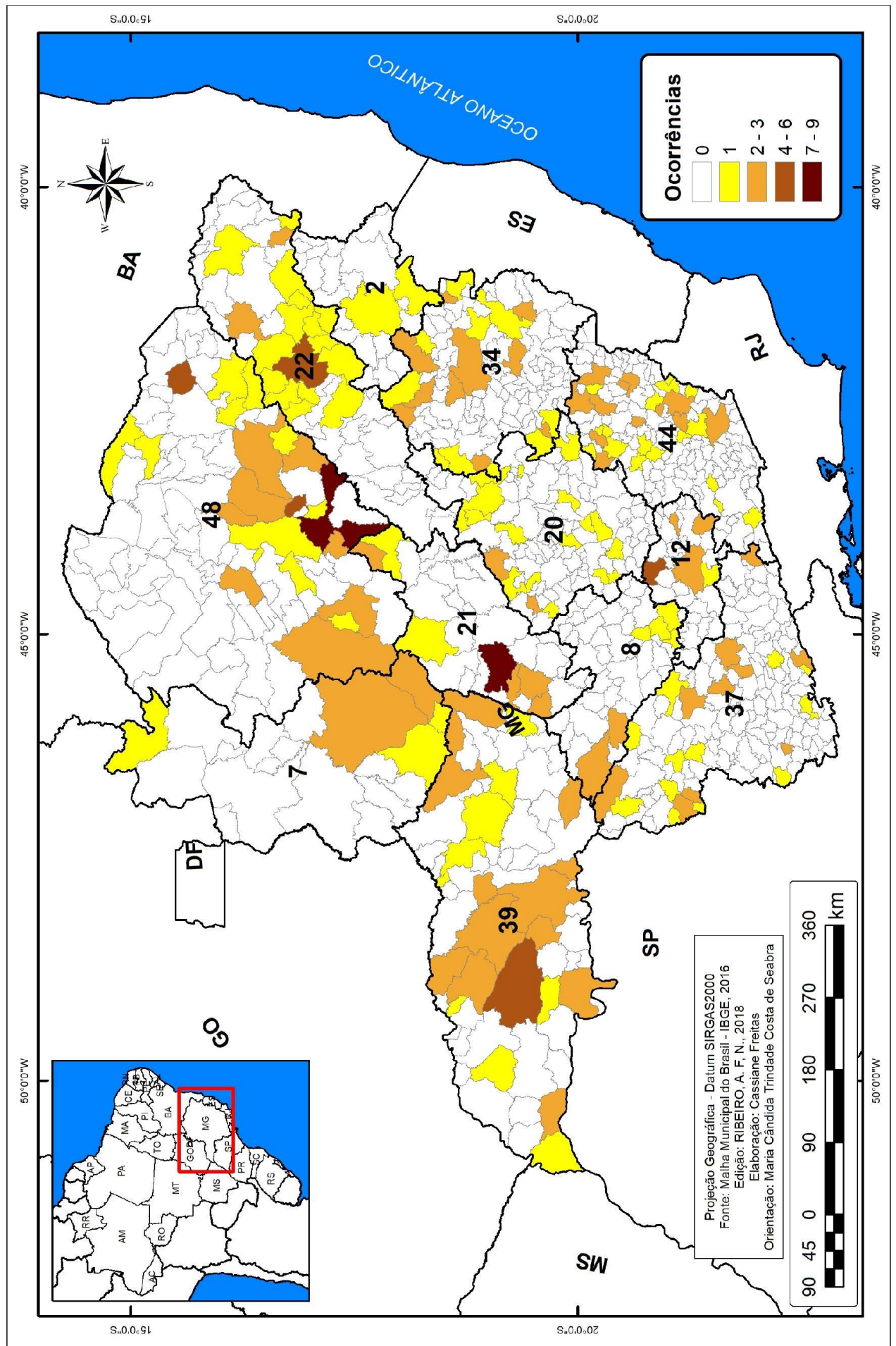
Fonte: Elaboração própria

O zootopônimo com o maior número de ocorrências em nosso *corpus* de dados contemporâneos é *onça* (294 ocorrências). É possível verificar o registro desse topônimo distribuído em todas as regiões mineiras. Dick (1990a, p. 269) chama atenção para esse fato ao afirmar que se trata de “uma das espécies mais empregadas entre os grandes mamíferos carnívoros” na toponímia brasileira. Trata-se de um mamífero de grande porte, endêmico em todos os biomas mineiros, contudo, encontra-se quase ameaçado de extinção, sendo encontrado em pouquíssimas regiões do estado. Esse fato corrobora com a premissa de que o topônimo conserva informações sobre as características originais do ambiente nomeado. A

onça, antes tão numerosa em todo território mineiro, está quase extinta, contudo os topônimos relativos a esse mamífero permanecem.

A Carta Toponímica a seguir demonstra como se dá a distribuição deste topônimo nos municípios mineiros e também as informações por mesorregião.

Figura 7 – Carta Toponímica II – Distribuição do zootopônimos onça nos municípios mineiros

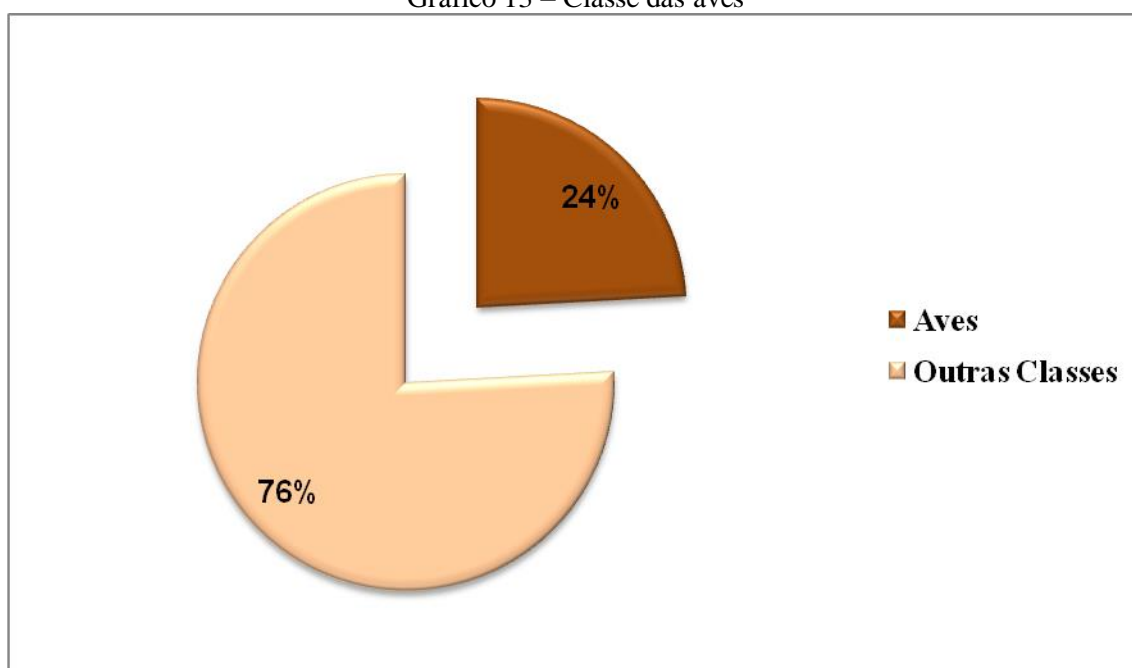


### 5.1.5.2 Aves

Minas Gerais está situada em uma rica região geográfica, característica que faz com que o estado abrigue uma fauna de aves bastante rica e diversificada. Segundo Drummond *et al.* (2005, p. 55), quase metade das 1.678 espécies de aves brasileiras estão registradas para Minas Gerais, das quais 54 espécies são naturais da Mata Atlântica, vinte do Cerrado e doze espécies da Caatinga.

Foram verificados em nosso banco de dados 1.280 topônimos referentes a 95 espécies de aves diferentes. Essa classe animal representa 24% do nosso *corpus* contemporâneo.

Gráfico 13 – Classe das aves

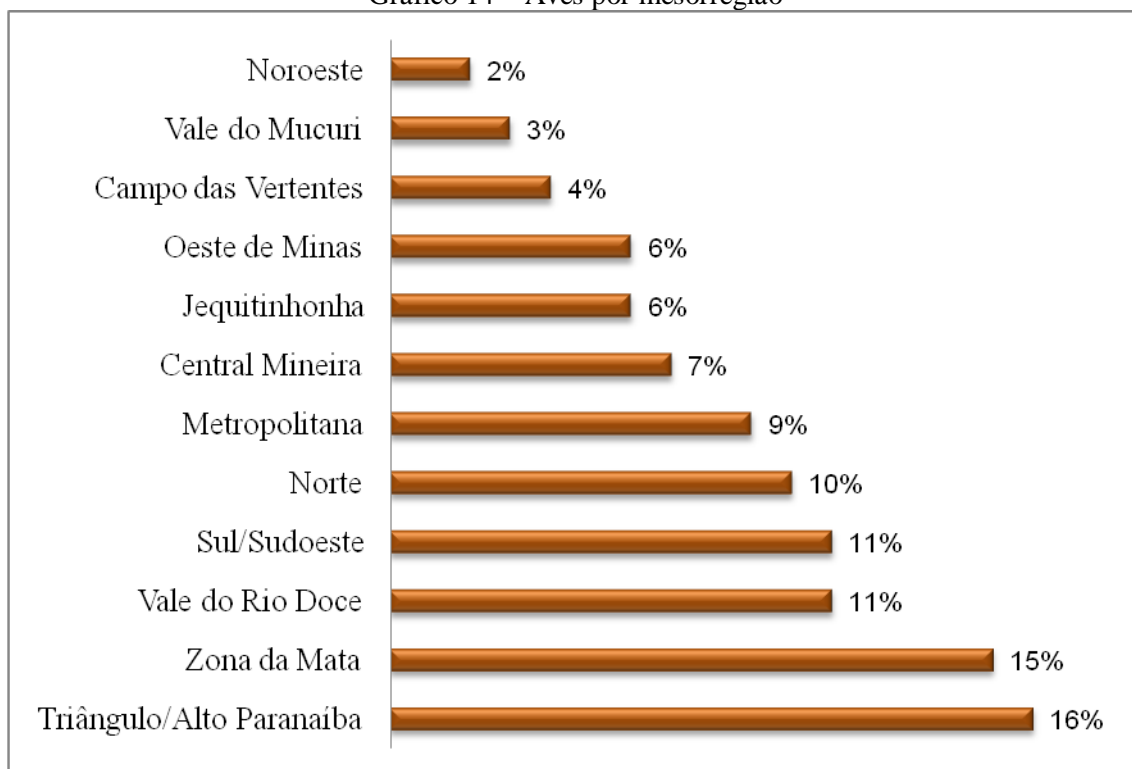


Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à distribuição das aves por mesorregião mineira, verifica-se que o Triângulo/Alto Paranaíba detém o maior número de zootopônimos relativos a animais dessa classe, com 210 ocorrências, 16%. Em seguida, observa-se a Zona da Mata, com 195 ocorrências, 15%; o Vale do Rio Doce e a região Sul/Sudoeste, com 147 ocorrências cada, 11%; a região Norte com 132 ocorrências, 10%; a Metropolitana, com 117 ocorrências, 9%; a Central Mineira, com cem ocorrências, 7%; o Jequitinhonha, com 84 ocorrências, 6%; o Oeste de Minas, com 81 ocorrências, 6%; o Campo das Vertentes, com cinquenta ocorrências, 4% e o Vale do Mucuri, com 39 ocorrências, 3%.



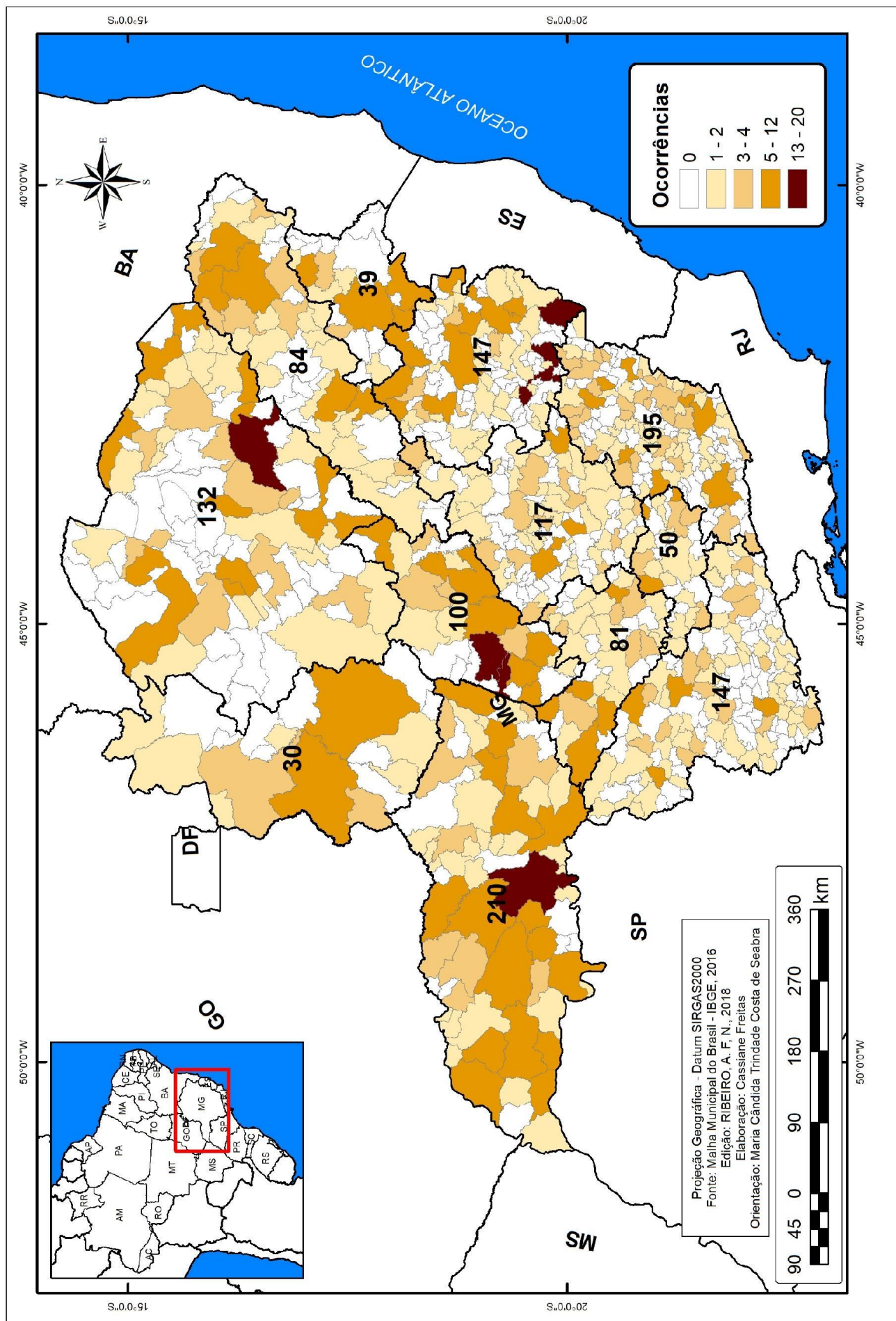
Gráfico 14 – Aves por mesorregião



Fonte: Elaboração nossa

Com a finalidade de ilustrar as informações apresentadas, foi elaborada uma Carta Toponímica temática apresentando a distribuição dos zootopônimos relativos às aves no estado de Minas Gerais.

Figura 8 – Carta Toponímica III – Distribuição dos zootopônimos relativos a aves nos municípios mineiros



A Carta Toponímica apresentada mostra que há acidentes nomeados com zootopônimos relativos a aves na maioria os municípios do estado. A variedade dessas espécies, assim como o número de ocorrências de cada uma delas, pode ser observada na tabela a seguir.

Tabela 7 – Zootopônimos relativos à classe das aves

<b>Topônimo</b>	<b>Ocorr.</b>
<i>Macuco</i>	128
<i>Jacu</i>	85
<i>Arara</i>	72
<i>Jacutinga</i>	70
<i>Pato</i>	65
<i>Papagaio</i>	57
<i>Gavião</i>	48
<i>Beija-Flor</i>	45
<i>Andorinha</i>	40
<i>Mutum</i>	39
<i>Anhuma, Coruja</i>	36
<i>Urubu</i>	31
<i>Garça</i>	28
<i>Guará</i>	27
<i>Pomba</i>	25
<i>Maquiné</i>	24
<i>Marreco, Pavão, Perdiz</i>	21
<i>Araguari, Sabiá</i>	20
<i>Pinto</i>	19
<i>Pica-Pau</i>	18
<i>Galinha, Periquito</i>	16
<i>Carapina, Ema</i>	13
<i>Seriema</i>	12
<i>Galo, Humaitá, Pari</i>	11
<i>Araponga, Cancã</i>	10
<i>Socó</i>	9
<i>Pombo</i>	8
<i>Falcão, Guaxe, Marreca, Saracura, Zabelê</i>	7
<i>Canário, Graúna, Jaó, Maracanã, Tuim, Catete</i>	6

<i>Angola, Curiango, Frango, Jaburú</i>	5
<i>Jandaia, Perdigão, Tangará, Tucano</i>	4
<i>Acauã, Baguari, Bem-te-vi, Inhambú, Maitaca, Maritaca, Passarinho, Rola, Tico-Tico</i>	3
<i>Biguá, Biguatinga, Codorna, Corvo, Gaivota, Garrincha, Gaturama, Jacurutu, Japu, Mandu, Pirauí, Siriritinga, Urubutinga</i>	2
<i>Anu, Boiadeiro, Gralha, Grou, Inhapim, Jiriba, João-de-BarroJuriti, Maguari, Melro, Paraguá, Paraguai, Peru, Pintassilgo, Tiriba, Urutau, Xenxém, Caraúna.</i>	1

Fonte: Elaboração própria

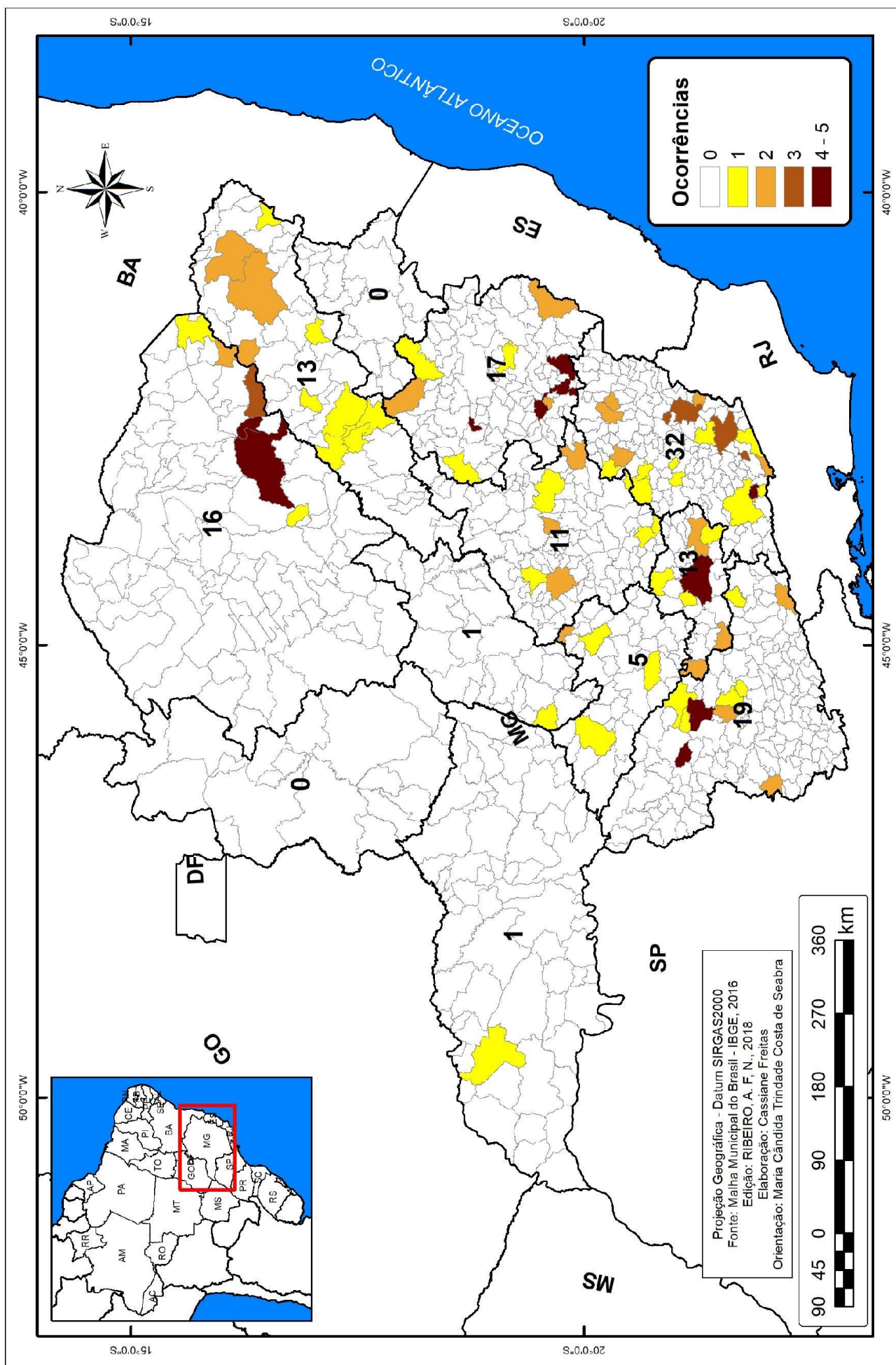
O zootopônimo *Macuco* é o topônimo relativo a aves com ocorrência mais numerosa no estado, com 128 ocorrências. Para compreender melhor a grande incidência desse topônimo, faz-se necessário compreendermos algumas características do animal que nomeou tais territórios.

Trata-se de uma ave de grande porte cujo habitat natural é a Mata Atlântica e com grande dificuldade em se adaptar a outros biomas. Assim com a onça, o macuco também figura na lista de animais ameaçados de extinção do estado e ao observarmos a carta toponímica relativa às ocorrências de Macuco, percebemos que os nomes coincidem com as regiões de Mata Atlântica e suas áreas de transição<sup>46</sup>, revelando, dessa forma, que o topônimo, de fato, conserva informações sobre a realidade do ambiente nomeado.

A Carta Toponímica a seguir demonstra como se dá a distribuição desse topônimo nos municípios mineiros e também as informações por mesorregião.

<sup>46</sup>Com exceção de 1 ocorrência no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, em que o topônimo nomeia córrego no Município de São Vicente de Minas.

Figura 9 – Carta Toponímica IV – Distribuição do zootopônimo macuco nos municípios mineiros

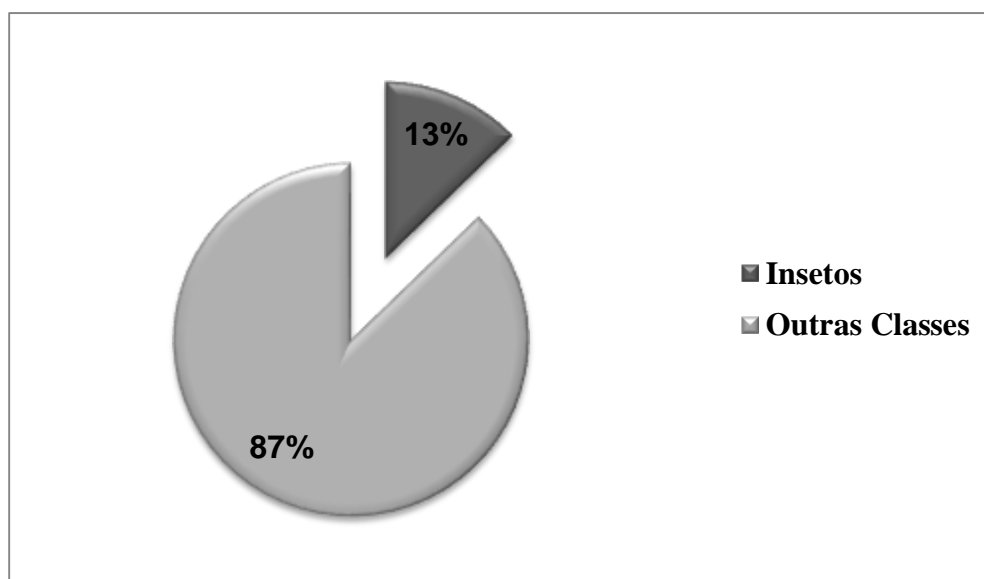


### 5.1.5.3 Insetos

Não se sabe exatamente o número de espécies de insetos que existe em Minas Gerais, mas há evidências de que seja muito alto, uma vez que essa é a classe animal mais diversificada. Por ter uma grande diversidade ambiental, o estado abriga um elevado número de espécies de insetos, contudo são muito pouco estudadas<sup>47</sup>.

Foram verificados, em nosso banco de dados, 671<sup>48</sup> topônimos referentes a 48 espécies de insetos diferentes. Essa classe animal representa 13% no nosso *corpus* contemporâneo.

Gráfico 15 – Classe dos insetos



Fonte: Dados da pesquisa

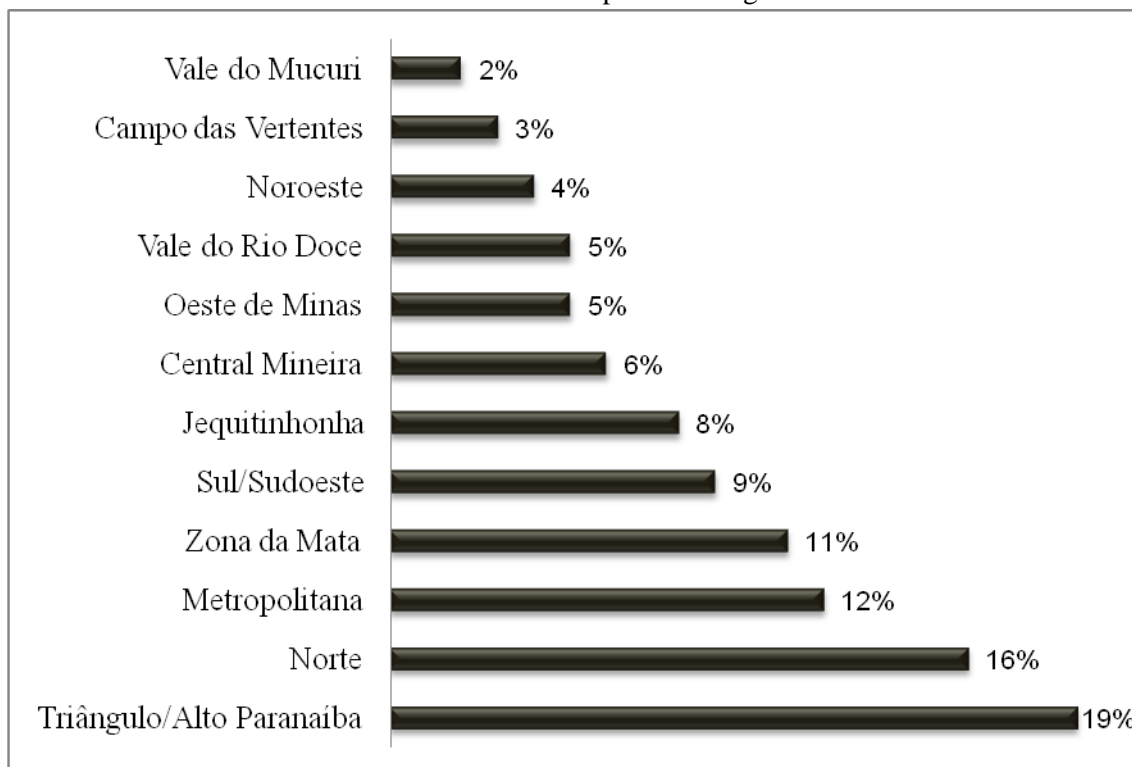
Quanto à distribuição dos insetos por mesorregião, verifica-se, mais uma vez, que o Triângulo/Alto Paranaíba detém o maior número de zootopônimos relativos a animais dessa classe, com 127 ocorrências, 19%. Em seguida observa-se a região Norte, com 105 ocorrências, 16%; a Metropolitana, com 83 ocorrências, ou 12%; a Zona da Mata, com 76 ocorrências, 11%; a região Sul/Sudoeste de Minas, com 58 ocorrências, 9%; o Jequitinhonha, com 53 ocorrências, 8%; a Central Mineira, com 39 ocorrências, 6%; a Região Oeste de

<sup>47</sup>DRUMMOND *et al.* (2005, p. 83)

<sup>48</sup> Contabilizados grupos de insetos.

Minas, com 35 ocorrências, 5%; o Vale do Rio Doce, com 34 ocorrências, 5%; o Campo das Vertentes, com 21 ocorrências, 4% e o Vale do Mucuri, com 14 ocorrências, 2%.

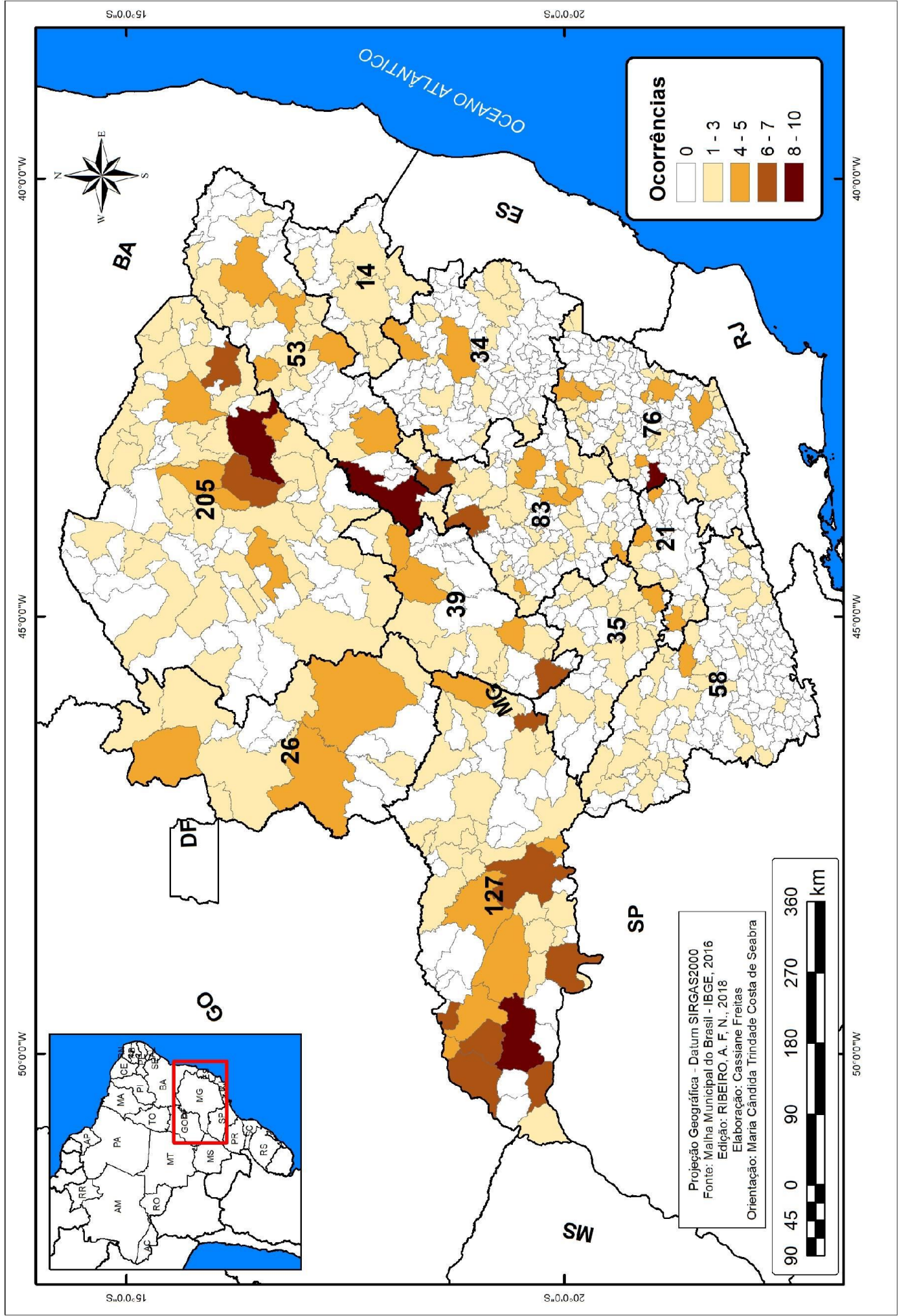
Gráfico 16 – Insetos por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

Para ilustrar as informações apresentadas, foi elaborada uma carta toponímica temática apresentando a distribuição dos zootopônimos relativos aos insetos no estado de Minas Gerais.

Figura 10 – Carta Toponímica V – Distribuição dos zootopônimos relativos aos insetos nos municípios mineiros





A classe dos insetos, como mostra a Carta Toponímica, também é bastante presente em Minas. É possível verificar a variedade dos topônimos relativos a essas espécies animais na tabela a seguir.

Tabela 8 – Zootopônimos relativos à classe dos insetos

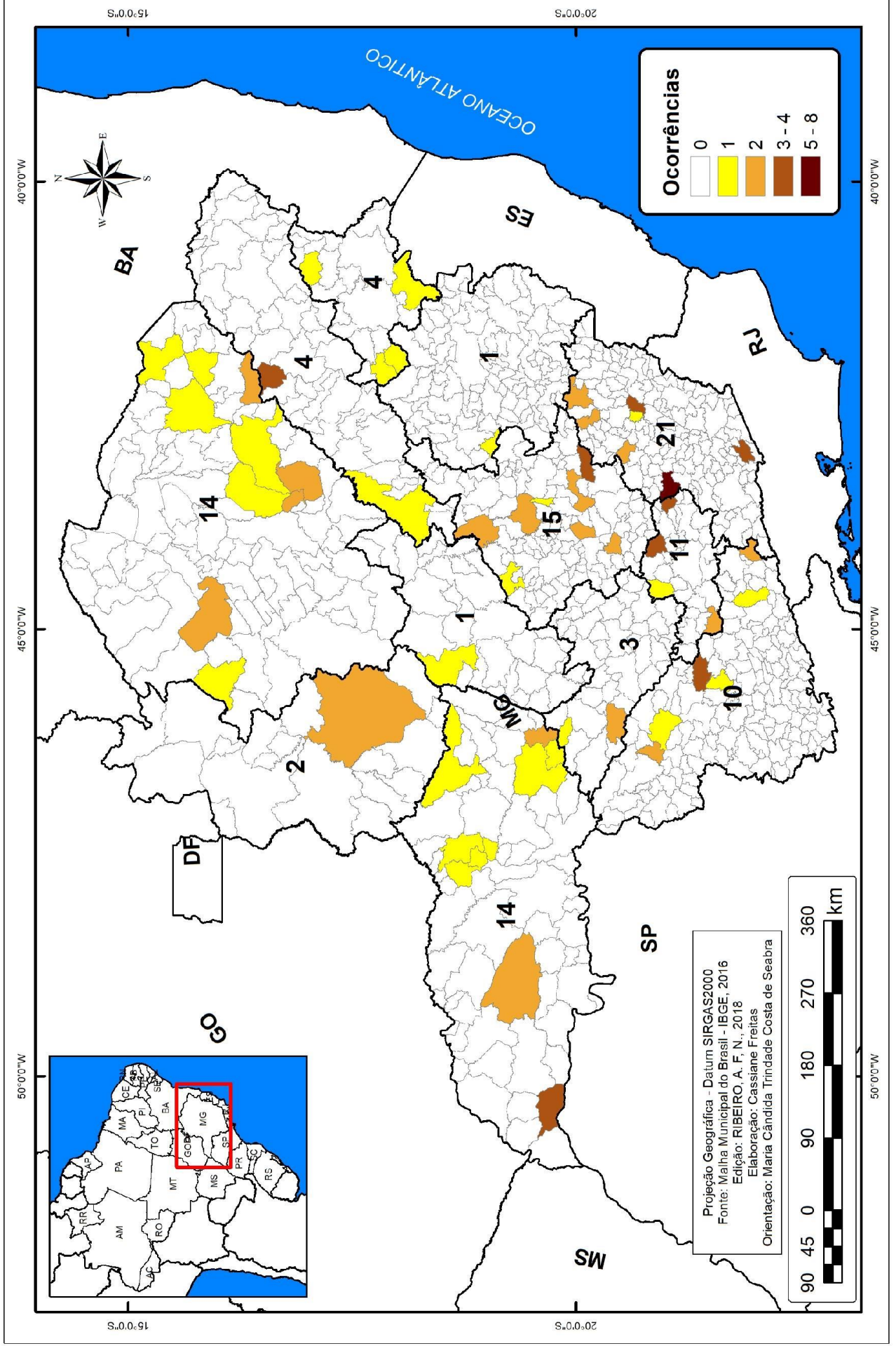
<b>Topônimo</b>	<b>Ocorr.</b>
<i>Mutuca</i>	100
<i>Mombuca</i>	80
<i>Marimbondo</i>	75
<i>Carrapato</i>	62
<i>Mandaçaia</i>	47
<i>Formiga</i>	46
<i>Mosquito</i>	39
<i>Borrachudo</i>	27
<i>Cupim</i>	16
<i>Abelha, Aranha, Borá</i>	15
<i>Barata, Jataí</i>	13
<i>Uruçú</i>	11
<i>Sanharó</i>	10
<i>Mandaguari</i>	8
<i>Arapuã, Piolho</i>	7
<i>Aramã, Guarapu</i>	6
<i>Guaxupé, Lava-pé</i>	5
<i>Grilo, Tibuna, Tiuúva</i>	4
<i>Gafanhoto, Lacraia, Muquirana</i>	3
<i>Axupé, Gongo, Munduri, Muriaé, Muriçoca, Poté, Quenquém, Rebibiu, Saracutinga, Tocandira</i>	2
<i>Caçarema, Fincudo, Guarabú, Içá, Panamá, Percevejo, Soca, Tataíra, Joanhina</i>	1

Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado na tabela anterior, o zootopônimo relativo a inseto com maior número de ocorrências registrado no estado foi *Mutuca*. Trata-se de um inseto semelhante às moscas, são hematófagas e conhecidas pela dor provocada por sua picada. São raras as pesquisas que tratam especificamente desse animal, por isso é difícil determinar com precisão seus hábitos.

O elevado número de topônimos que fazem referência a esse animal no estado de Minas Gerais, indica que sua presença é difundida e notada pelo homem. A Carta Toponímica elabora exclusivamente com acidentes batizados com o nome “mutuca” comprovam esse fato.

Figura 11 – Carta Toponímica VI – Distribuição do zootopônimo mutuca nos municípios mineiros

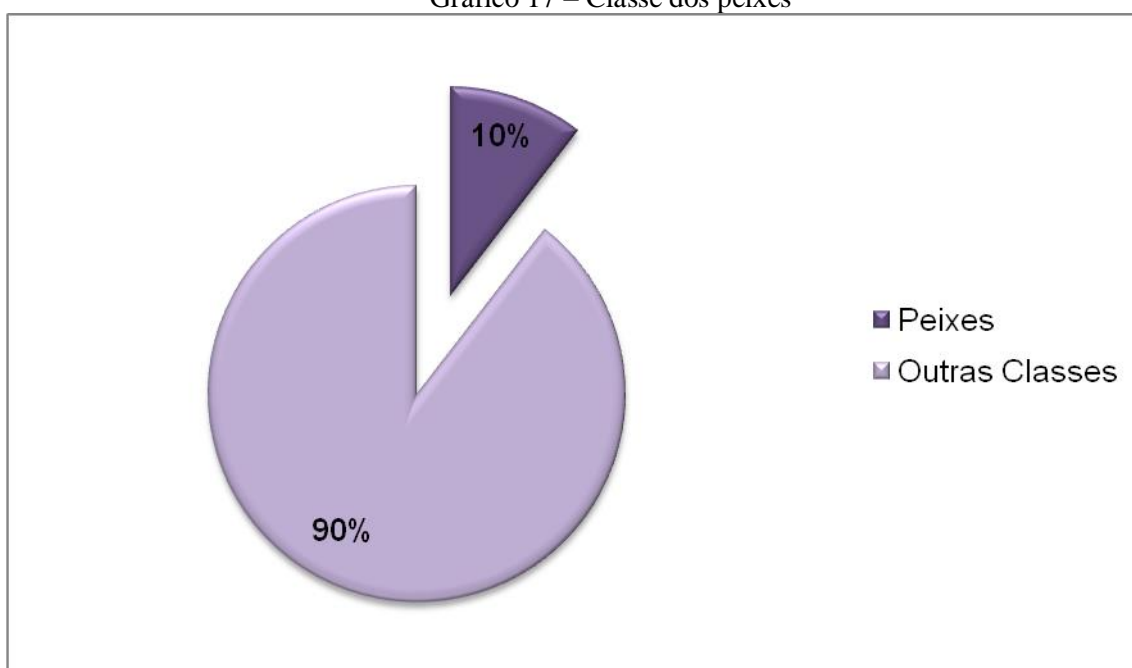


#### 5.1.5.4 Peixes

A diversidade e o tamanho das bacias hidrográficas do Brasil favorecem a variedade da fauna de peixes de água doce do país, que ocupa, segundo Drummond (2005, p. 73), a primeira posição em relação ao resto do mundo. Minas Gerais, pela sua posição geográfica, possui um sistema hidrográfico que abrange a maior parte das bacias brasileiras, exceto a Amazônica.

Há em nosso banco de dados 551 topônimos referentes a 57 espécies de peixes diferentes. Essa classe animal representa 10% no nosso *corpus* contemporâneo.

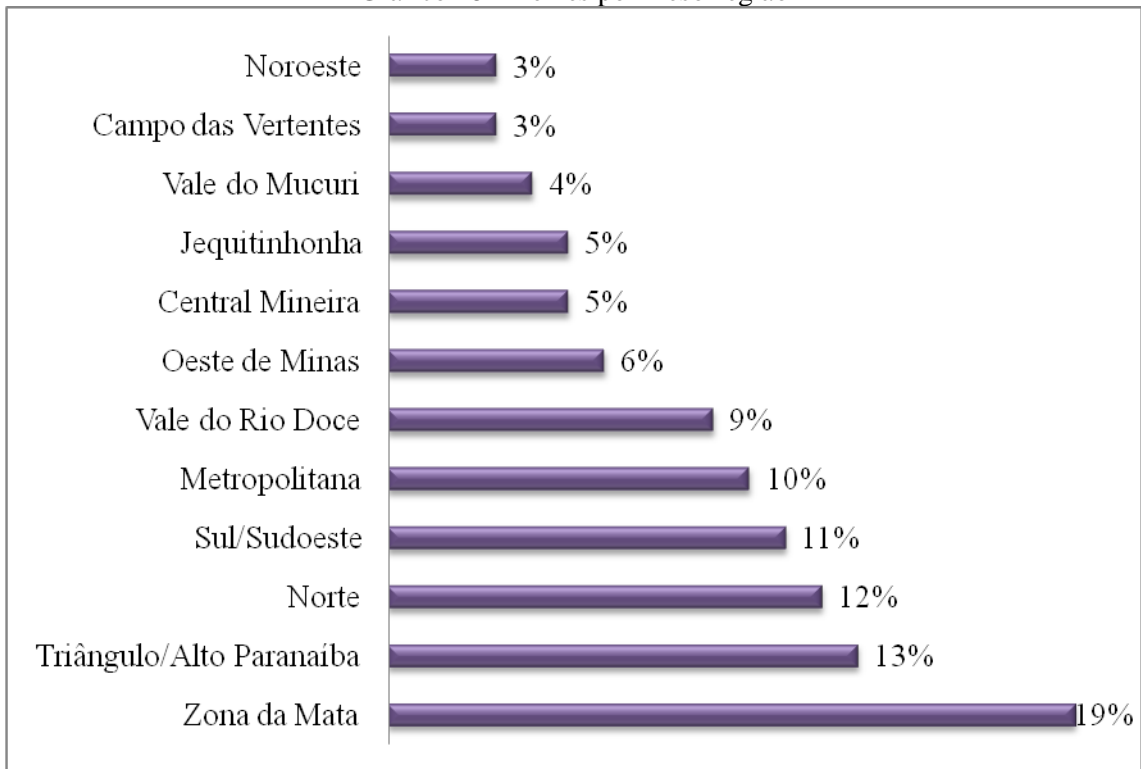
Gráfico 17 – Classe dos peixes



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à distribuição dos peixes por mesorregião, verifica-se que a Zona da Mata Mineira detém o maior número de zootopônimos relativos a animais desta classe, com 107 ocorrências, ou 19%. Em seguida observa-se a região do Triângulo/Alto Paranaíba, com 74 ocorrências, ou 13%; a região Norte, com 65 ocorrências, ou 12%; a região Sul/Sudoeste, com 59 ocorrências ou 11%; a Metropolitana, com 57 ocorrências, ou 10%; o Vale do Rio Doce, com 47 ocorrências, ou 9%; a Central Mineira, com 27 ocorrências, ou 5%; o Jequitinhonha, com 26 ocorrências, ou 5%; o Vale do Mucuri, com 21 ocorrências, ou 4%; o Campo das Vertentes, com 18 ocorrências, ou 3% e o Noroeste, com 17 ocorrências, ou 3%.

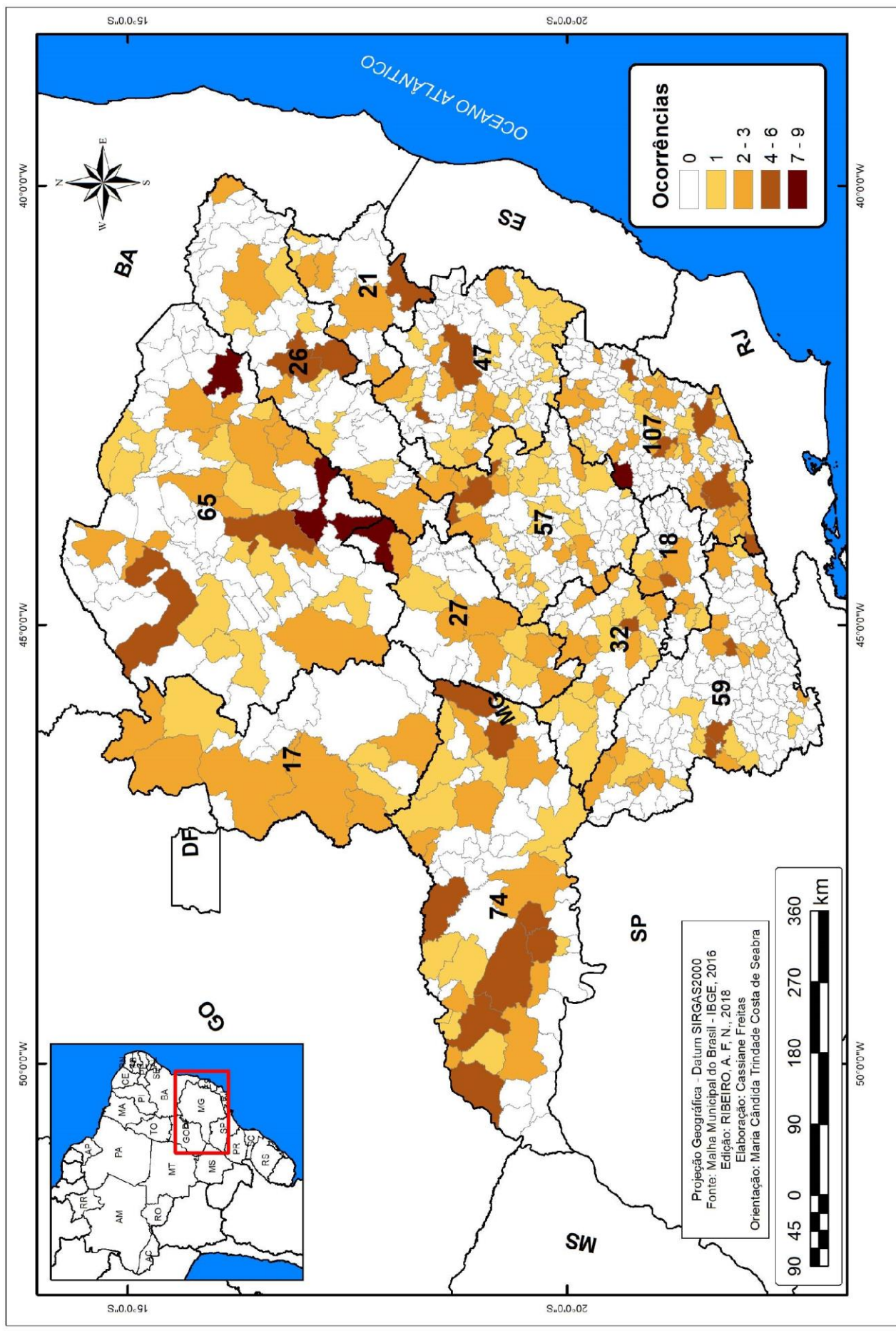
Gráfico 18 – Peixes por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

Para ilustrar as informações apresentadas, foi elaborada uma carta toponímica temática apresentando a distribuição dos zootopônimos relativos aos peixes no estado de Minas Gerais.

Figura 12 – Carta Toponímica V II – Distribuição dos zootopônimos relativos aos peixes nos municípios mineiros



A riqueza hidrográfica do território mineiro é evidenciada pela grande distribuição de topônimos relativos a espécies de peixes contabilizadas. A descrição detalhada dessas espécies pode ser observada a seguir.

Tabela 9 – Zootopônimos relativos à classe dos peixes

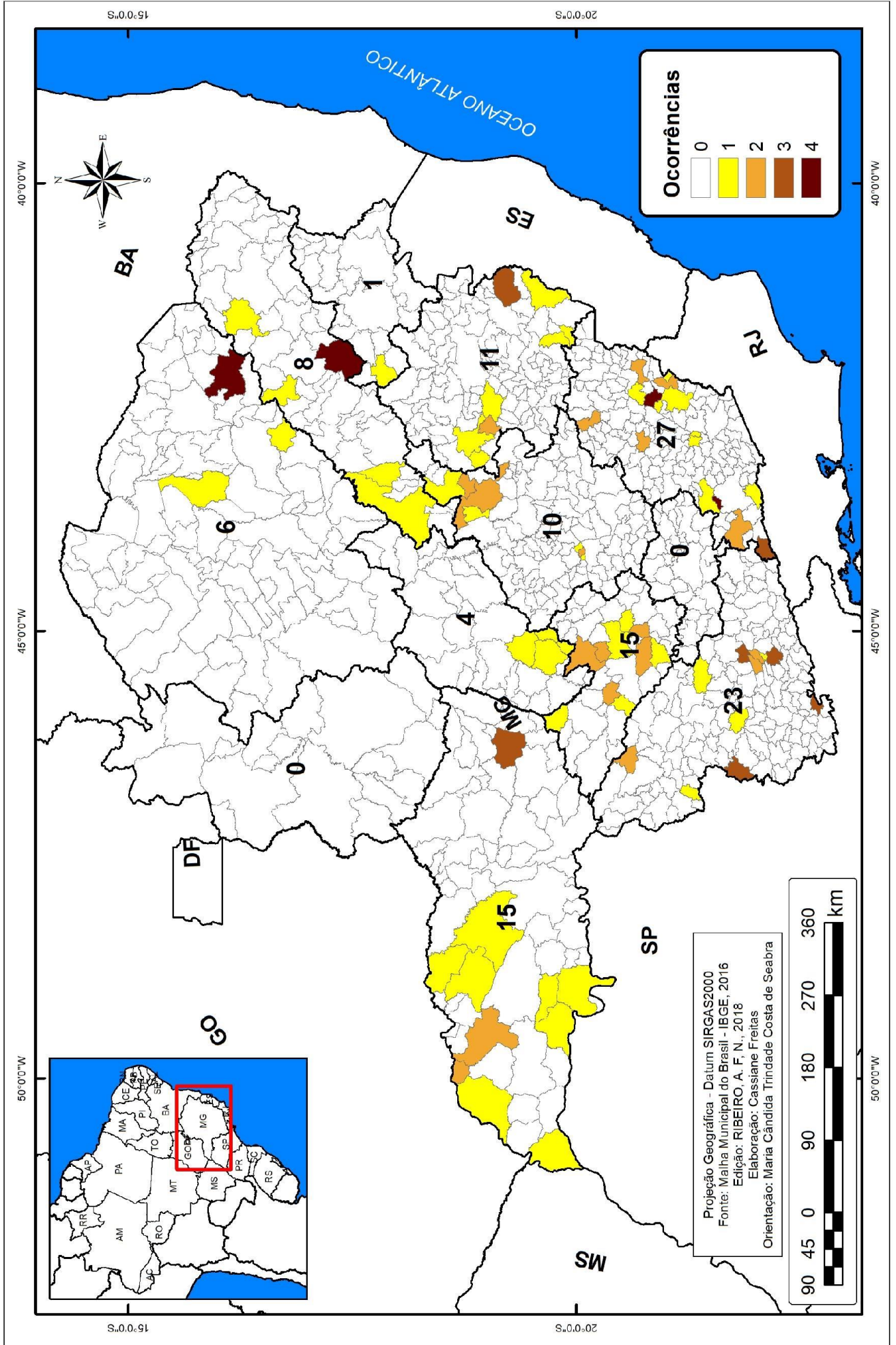
<b>Topônimo</b>	<b>Ocorr.</b>
<i>Lambari</i>	120
<i>Peixe</i>	111
<i>Pirapitinga</i>	84
<i>Traíra</i>	31
<i>Piabanha</i>	19
<i>Bagre</i>	18
<i>Piracanjuba, Bicudo*</i>	15
<i>Piranha</i>	14
<i>Cascudo</i>	13
<i>Piau</i>	12
<i>Piaba</i>	9
<i>Surubim</i>	7
<i>Bacalhau, Mandi, Timburé</i>	6
<i>Jundiá, Piratinga, Ubeba</i>	5
<i>Acari, Catuá, Gandu, Jaú, Miragaia, Pintado</i>	4
<i>Mariquita</i>	3
<i>Jerupoca, Mangangá, Pacu, Piraí, Saranha, Tuvira, Ubari</i>	2
<i>Aruanã, Avoadeira, Biribiri, Carpa, Coió, Corama, Corvina, Curimba, Dourado, Gonçalo, Ituí, Manjuba, Marimbá, Mondengo, Paracatu, Pirajuba, Pirapema, Roncador, Sabaru, Sabogá, Sangrador, Sardinha, Tilápia, Timbucu</i>	1

Fonte: Elaboração própria

\*Refere-se também a uma ave.

*Lambari* é o topônimo mais numeroso do estado, no que se refere à classe dos peixes. Por ser uma espécie que se adapta com facilidade a ambientes distintos, é possível observar sua ocorrência nas principais bacias hidrográficas do território mineiro, com exceção da bacia do rio São Francisco. A ausência desse topônimo nos territórios banhados por esse rio pode ser um indicativo da ausência desse peixe nesse canal hidrográfico tão relevante no nosso estado.

Figura 13– Carta Toponímica VIII– Distribuição do zootopônimo lambari nos municípios mineiros





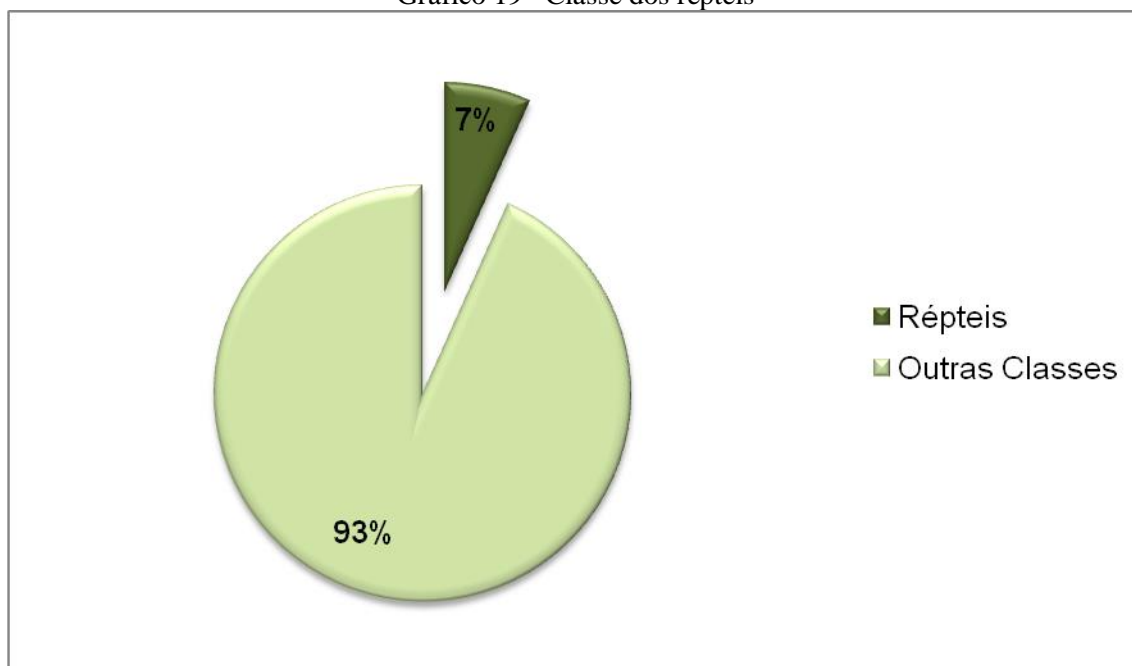
### 5.1.5.5 Répteis

A fauna de répteis brasileira é uma das mais ricas do mundo, com aproximadamente 650 espécies. Essa riqueza na variedade de répteis também está presente no território mineiro.

O estado de Minas Gerais pode ser considerado um dos mais privilegiados na composição de seus recursos naturais, pois tem áreas cobertas pelos biomas da Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Essa heterogeneidade se expressa em uma grande variedade de ambientes com diferentes formações vegetais, rochosas e sistemas hídricos. Tais características favorecem a ocorrência de uma alta diversidade de répteis, muitos dos quais extremamente especializados em relação aos ambientes onde ocorrem, resultando também em um grande número de espécies endêmicas. (DRUMMOND *et. al.* 2005, p. 66)

Contabilizamos em nosso banco de dados 356 topônimos referentes a vinte espécies de répteis distintas. Essa classe animal representa 7% no nosso *corpus* contemporâneo.

Gráfico 19– Classe dos répteis

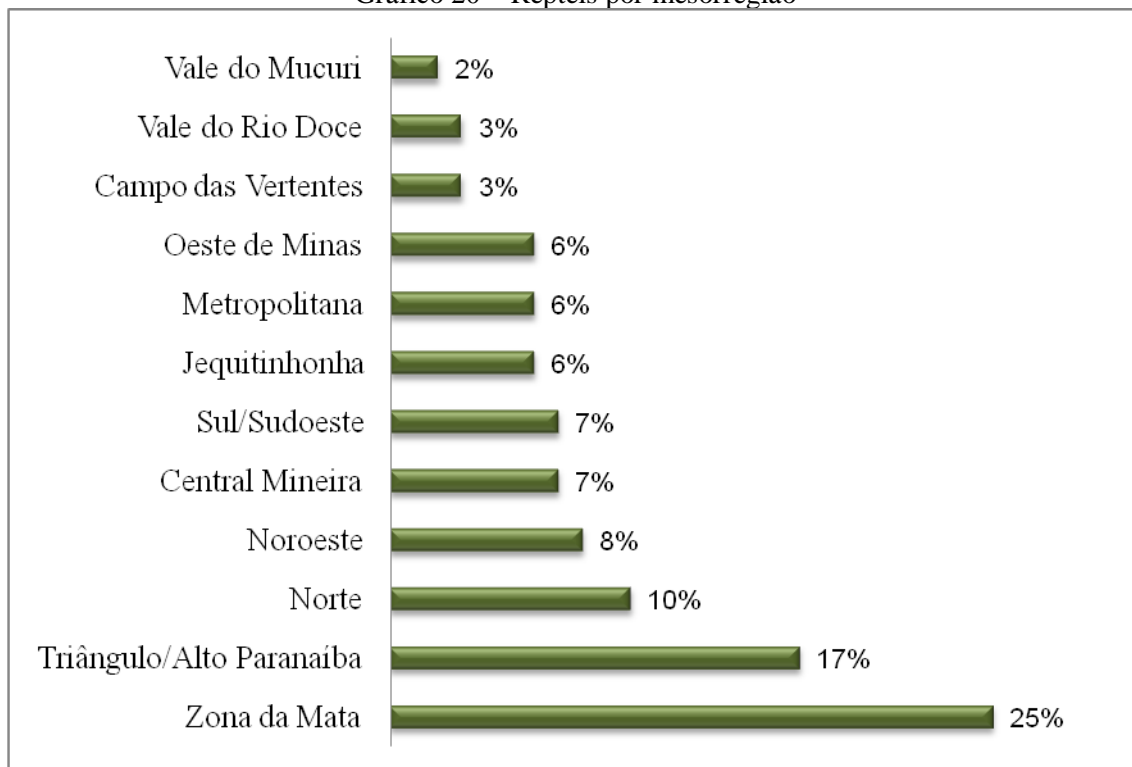


Fonte: Dados da pesquisa

A distribuição dos zootopônimos relativos à classe dos répteis ocorre da seguinte maneira no estado: no Triângulo/Alto Paranaíba foram registradas 73 ocorrências, o equivalente a 20% dos dados, no Norte, 44 ocorrências, 12%; na Zona da Mata, 43 ocorrências, 12%; no Noroeste, 32 ocorrências, 9%; na Central Mineira, 30 ocorrências, 8%; no Sul/Sudoeste, 28 ocorrências, 8%; no Jequitinhonha, 27 ocorrências, 8%; no Oeste de Minas,

24 ocorrências, 7%; na região Metropolitana, 23 ocorrências, 6%; no Vale do Rio Doce e no Campo das Vertentes, 13 ocorrências em cada mesorregião, 5% e no Vale do Mucuri, 8 ocorrências, 2%.

Gráfico 20 – Répteis por mesorregião



Fonte: Dados da pesquisa

Para ilustrar as informações apresentadas, foi elaborada uma carta toponímica temática, apresentando a distribuição dos zootopônimos relativos aos répteis no estado de Minas Gerais.

Figura 14 – Carta Toponímica IX – Distribuição dos zootopônimos relativos aos répteis nos municípios mineiros

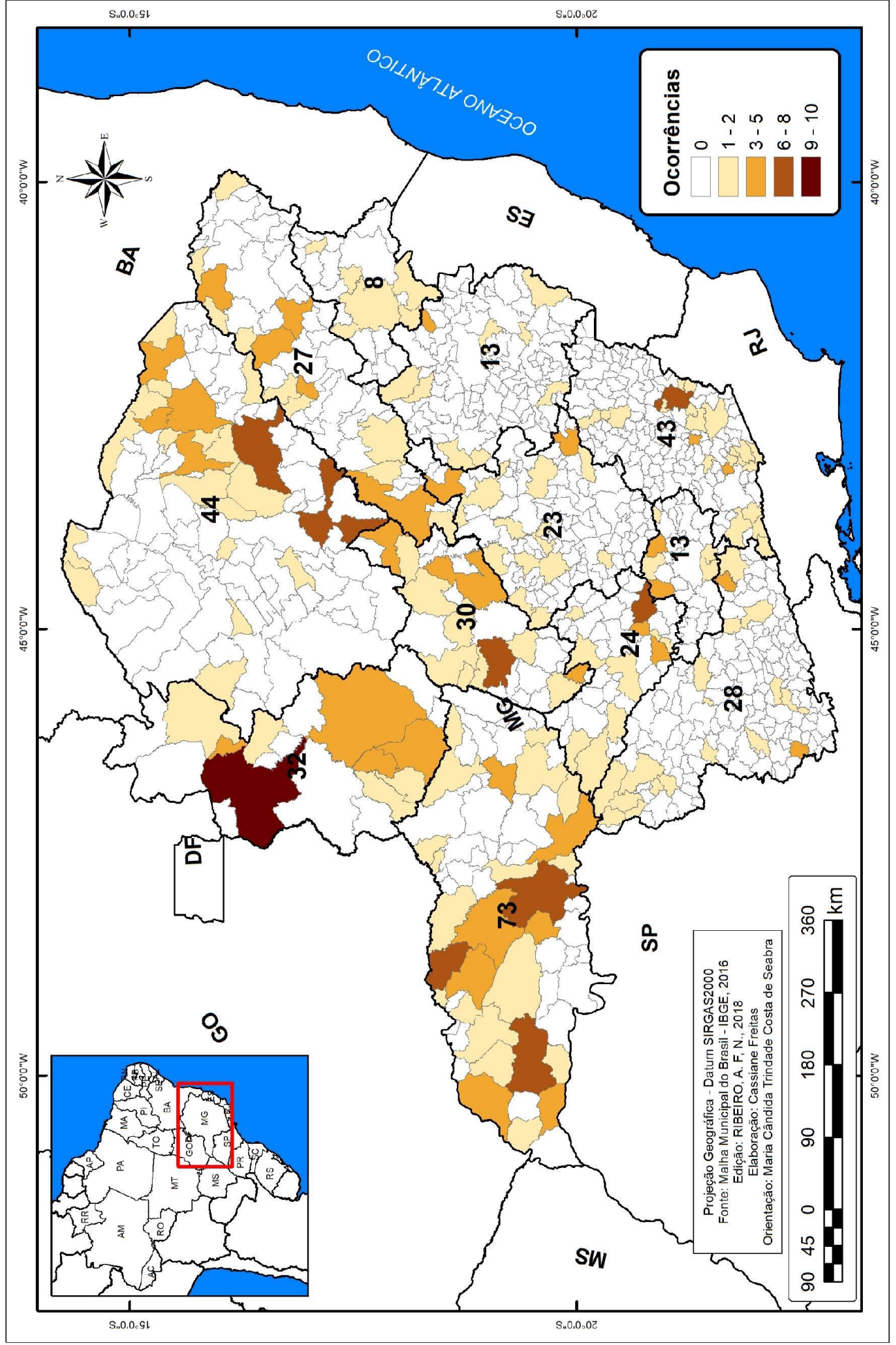


Tabela 10 – Zootopônimos relativos à classe dos répteis

<b>Topônimo</b>	<b>Ocorr.</b>
<i>Jacaré</i>	129
<i>Cascavel</i>	46
<i>Cobra</i>	36
<i>Sucuri</i>	34
<i>Sucuriú</i>	30
<i>Cágado</i>	20
<i>Jiboia</i>	15
<i>Jabutí</i>	8
<i>Jararaca, Lagarto, Teiú</i>	6
<i>Surucucu</i>	5
<i>Lagartixa</i>	4
<i>Tartaruga</i>	3
<i>Calango, Caninana</i>	2
<i>Carumbé, Jararacuçu, Sinimbu, Urutu</i>	1

Fonte: Elaboração própria

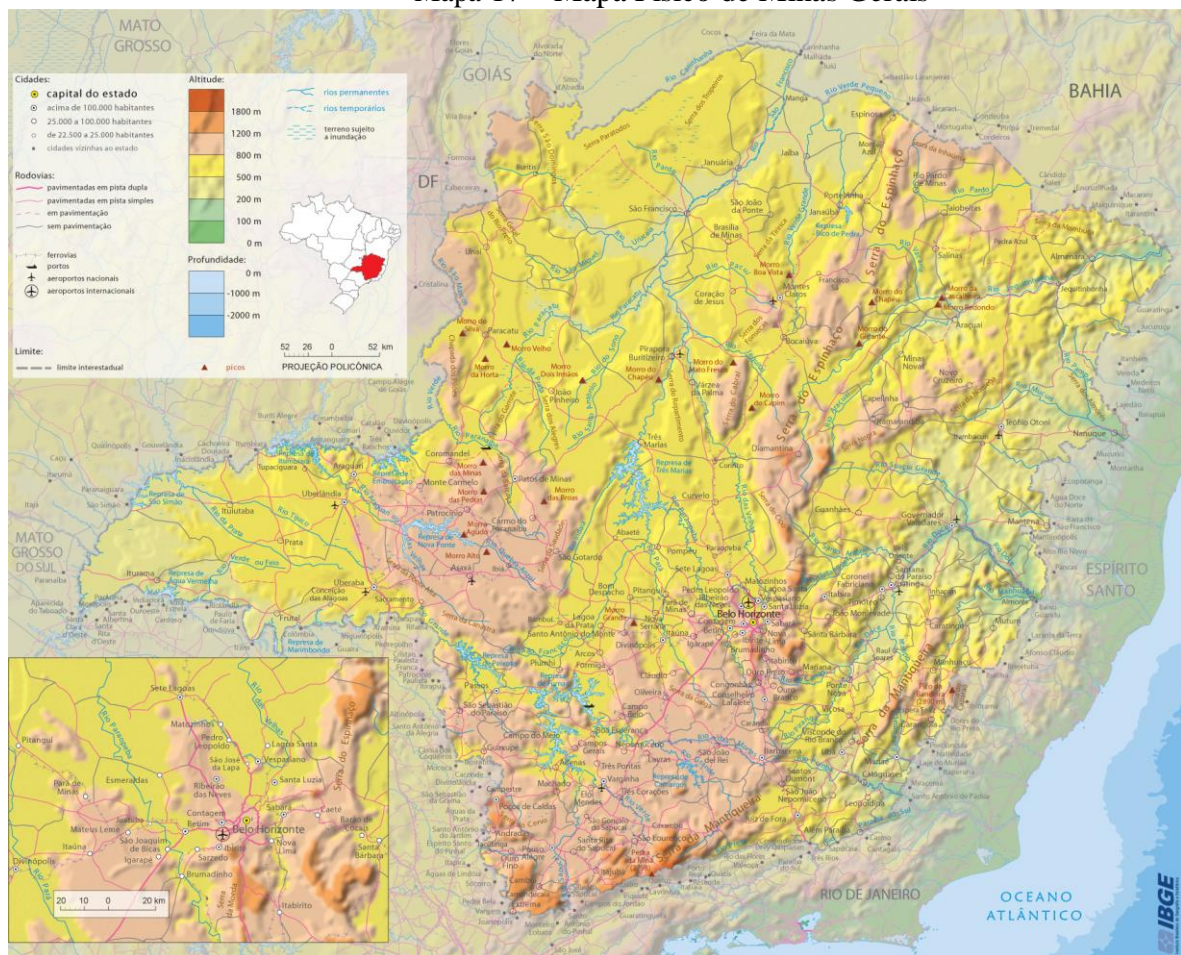
*Jacaré* é o zootopônimo relativo a um animal da classe dos répteis que mais ocorre em Minas Gerais. Trata-se de um réptil de grande porte, que tem a capacidade de se adequar a qualquer um dos 3 biomas encontrados no estado. O francês Jean de Léry, em sua obra, escrita originalmente no século XVI, intitulada *Viagem à Terra do Brasil*, já chamava a atenção para algumas características deste animal, descrevendo-o da seguinte maneira:

Além desses animais [tatus], que constituem a alimentação habitual dos americanos, comem eles crocodilos, chamados jacarés, os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos, pois como me foi dado ver muitas vezes, os selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor deles sem mal algum. Entretanto, ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vezes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flechadas contra uma espécie de jacarés monstruosos que, ao pressentir gente, deixam os caniçais aquáticos, onde fazem o seu covil.[...]observei os jacarés medianos e vi que têm a boca muito rasgada, as pernas altas, a cauda chata e aguda na extremidade. (LÉRY, 1961, p. 114)

Com 129 ocorrências, o topônimo pode ser verificado em todas as mesorregiões mineiras, no entanto há uma maior concentração em determinadas áreas em detrimento de outras. Se observado o mapa do relevo do estado é possível perceber que as regiões onde há a

maior concentração do zootopônimo *Jacaré* coincidem com as áreas com menor altitude e mais propensas à existência de brejos e lagoas, *habitat* típico desse tipo de animal. Ainda que essa espécie figure, atualmente, na lista dos animais ameaçados de extinção no estado, é possível afirmar que dificilmente o nome não esteja vinculo à existência real da espécie no processo denominativo.

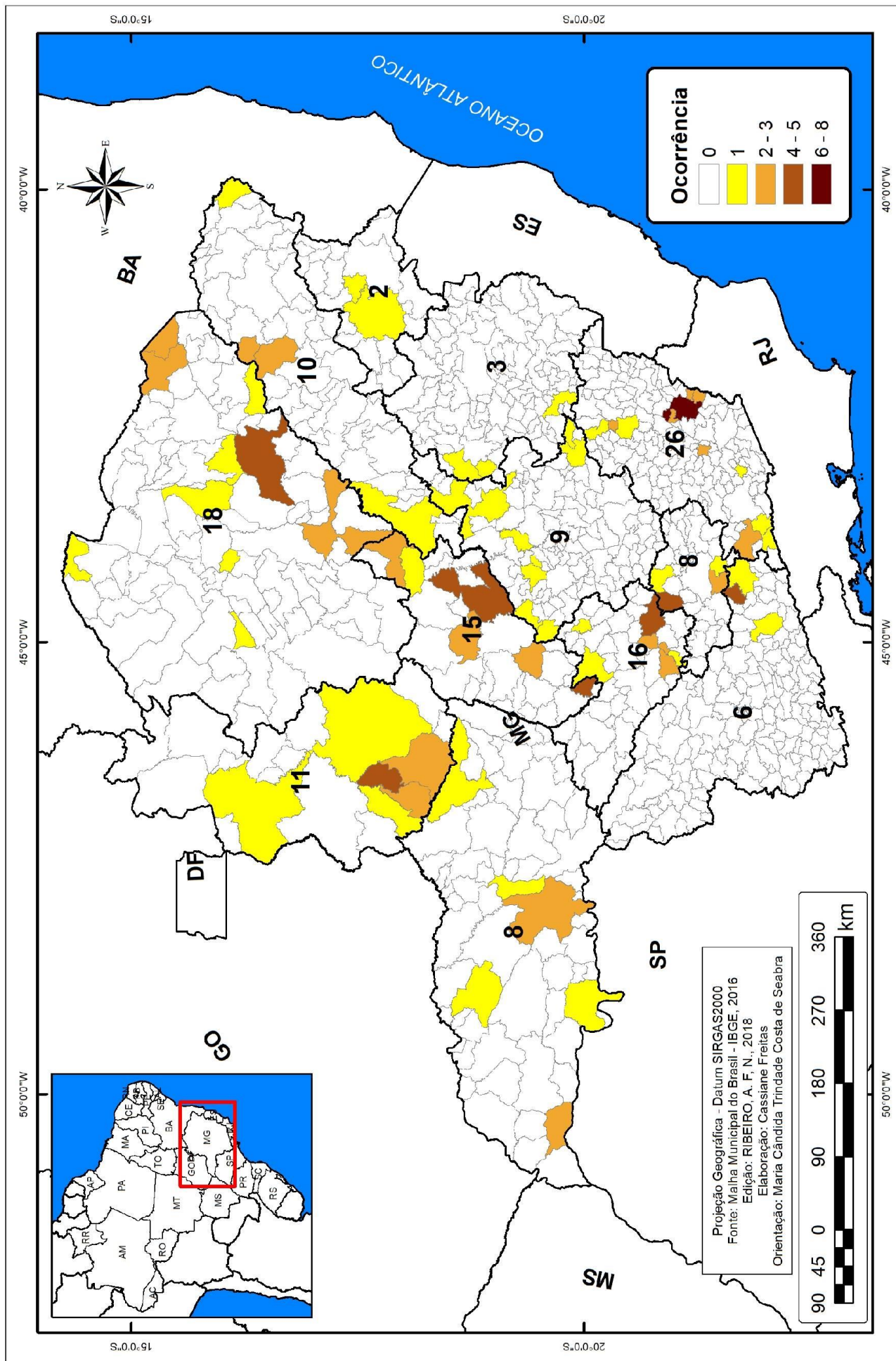
Mapa 17 – Mapa Físico de Minas Gerais



Fonte: IBGE

As características descritas podem ser observadas na Carta Toponímica temática as seguir.

Figura 15 – Carta Toponímica X– Distribuição do zootopônimo jacaré nos municípios mineiros

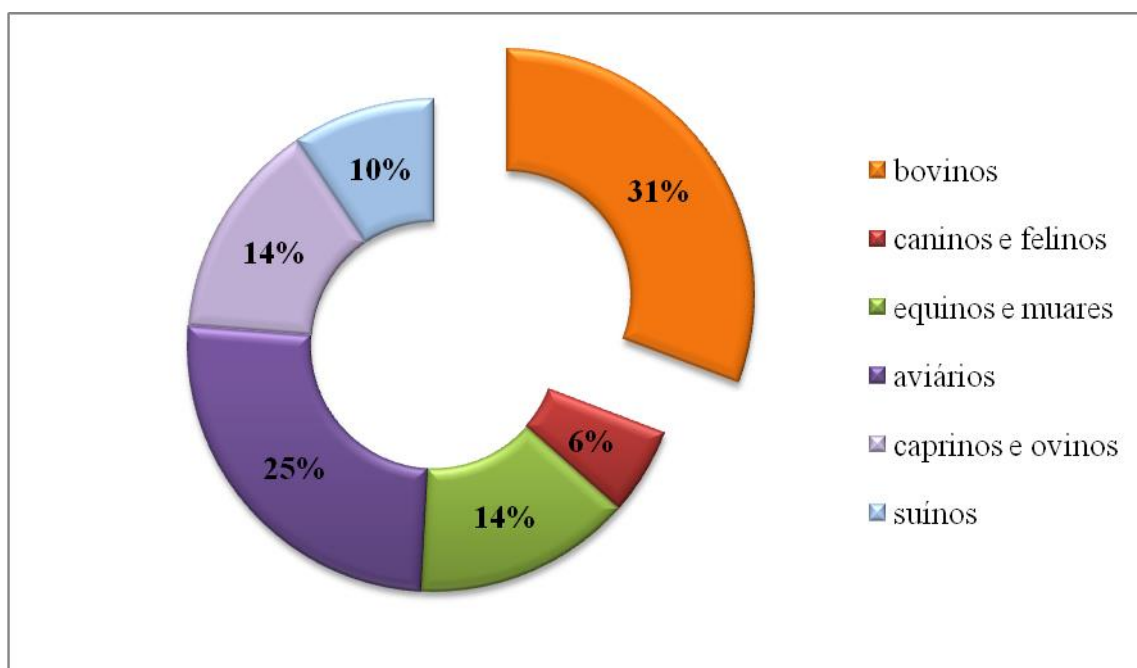


### 5.1.6 A cultura do gado

Mesmo não se configurando como a taxa toponímica com maior número de ocorrências, os topônimos relativos a animais Domésticos nos revelam importantes informações sobre o processo de formação econômico e sociocultural do estado, principalmente relacionadas à cultura do boi.

Das 686 ocorrências de zootopônimos referentes a animais *Domésticos*, 210, ou 31%, são pertencentes às categorias bovinas (boi, vaca, gado, etc.). É um número elevado se comparado à distribuição dos demais topônimos dessa mesma categoria onomástica, que se dividem da seguinte maneira: 173 ocorrências (25%) referem-se a animais domésticos aviários, 98 ocorrências (14%) a equinos e muares, 98 ocorrências (14%) a caprinos e ovinos, 66 ocorrências (10%) a suínos e 41 ocorrências (6%) a caninos e felinos domésticos.

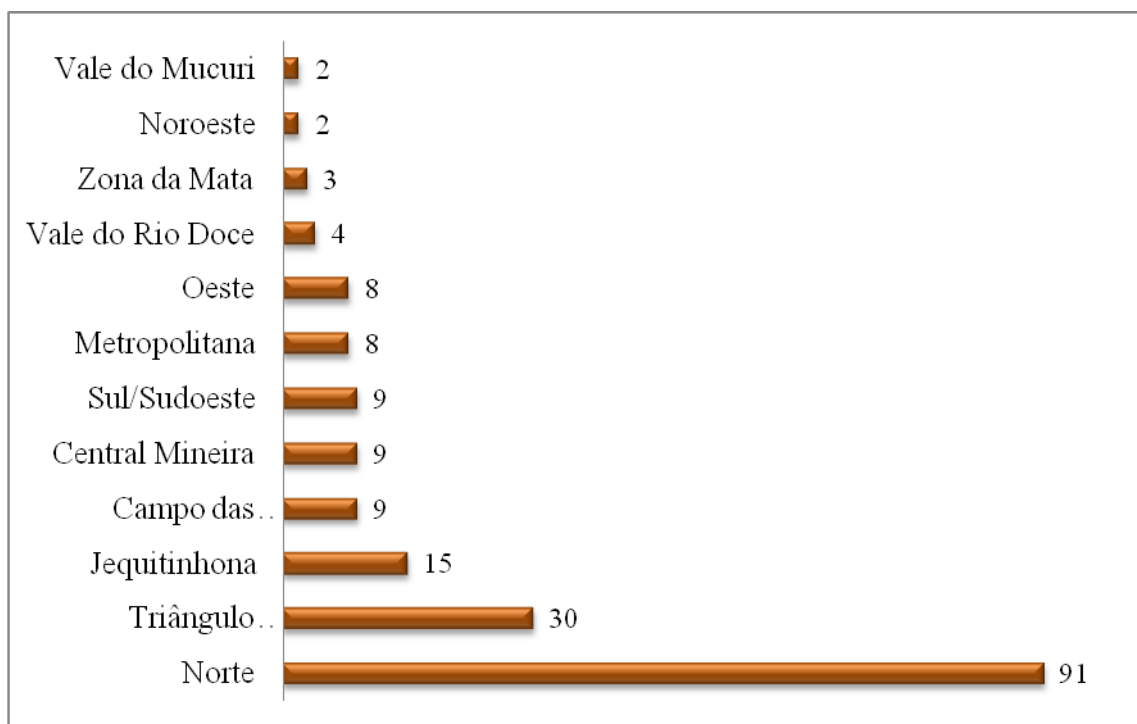
Gráfico 21 – Classificação animais Domésticos



Fonte: Dados da Pesquisa

Verificamos, ainda, que 64% desses nomes de lugar relacionados a animais bovinos estão localizados nas mesorregiões Norte – que registrou 91 ocorrências – e no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – 30 ocorrências. Essa distribuição pode ser observada no gráfico a seguir:

Gráfico 22 – Distribuição de bovinos por mesorregião



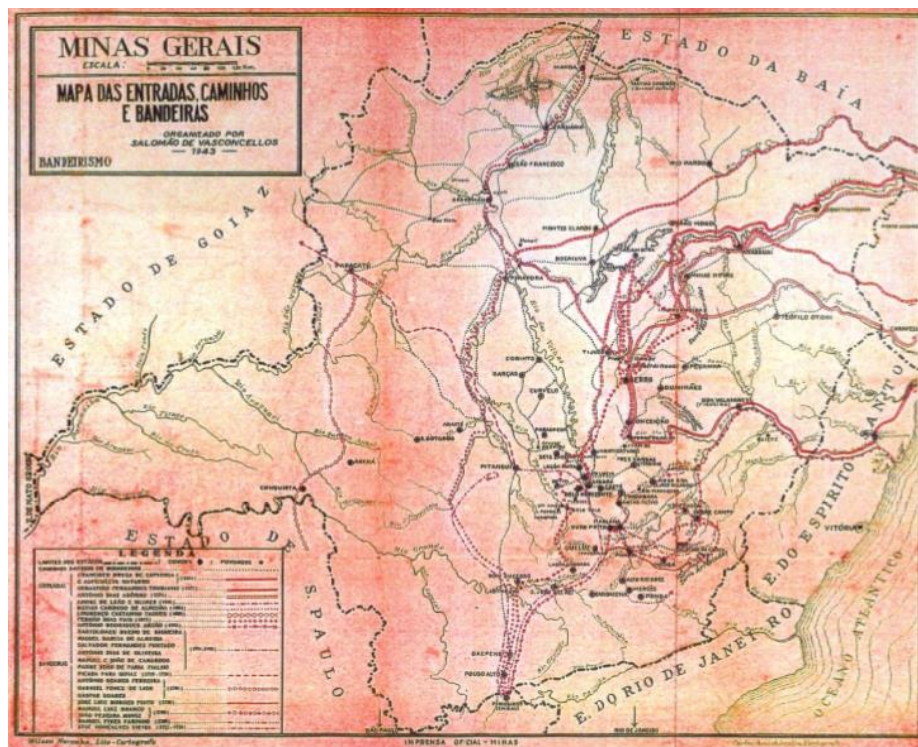
Fonte: Dados da Pesquisa

Essa predominância de nomes de lugar relacionados à cultura bovina nas regiões Norte e Triângulo/Alto Paranaíba, pode estar diretamente relacionada ao processo de ocupação desses territórios.

De acordo com Souza (2008, p. 57-58) são verificadas incursões europeias, na região Norte de Minas Gerais, bem anteriores às ocorridas na região centro-sul, contudo tais entradas não tiveram, inicialmente, caráter civilizatório. A região abrigou importantes rotas de boiadeiros que ligavam os centros de mineração do estado à Bahia, como mostra o mapa a seguir:



Mapa 18 – Mapa das entradas caminhos e bandeiras



Fonte: VASCONCELOS (1944, p. 345)

A fixação efetiva do homem nesse território, principalmente às margens do rio São Francisco, é quase tão antiga quanto a que ocorreu na Região do Carmo, por exemplo, contudo ocorreram de forma diferente. Enquanto as vilas e cidades foram se desenvolvendo no centro e no sul do estado em decorrência da exploração do ouro, na região Norte houve a predominância das fazendas ou “currais de gado”.

Além da mineração, outras atividades foram, portanto, decisivas para o povoamento das Minas Gerais. Ao lado do bandeirante e do mineiro, do roceiro e do comerciante, havia ainda o boiaqueiro que, desde o século XVI, abria trilhas e estabelecia currais nos vales dos rios São Francisco, Parto, Jequitinhonha e seus afluentes. No século seguinte, muitas zonas de criação de bovinos e muaras desenvolveram-se nos sertões setentrionais e meridionais da colônia.(FONSECA, 2011, p. 71)

Foram esses currais que ao longo do tempo deram origem às vilas e, posteriormente, aos municípios da região. A cultura do boi está profundamente relacionada à cultura do Norte de Minas, ainda que, na atualidade, a prática pecuária desenvolvida nessa região não seja, economicamente, a que mais se destaca estado, as marcas dessa atividade ficaram registradas nos nomes dos lugares.

Já a inserção no cenário nacional da região onde hoje está localizado o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba teve início no século XVII, com as primeiras expedições dos bandeirantes paulistas ao Brasil Central. Entretanto, até o final do século XVIII ainda havia nesse território uma grande área chamada de “região vazia”.

A escassez de minério nas regiões auríferas do estado no final do século XVIII e a concessão de terras consideradas devolutas, por meio do incentivo de povoamento determinado pela Lei Imperial nº514 de 1530, deu uma nova funcionalidade a esse território. A atividade da criação extensiva de gado se desenvolveu na região graças às pastagens naturais e a inúmeras fontes de água. Assim

o advento dessa atividade [...] modificou a configuração regional, possibilitando a criação e a ascensão de novos núcleos urbanos – Araxá, Patrocínio e Uberaba – diretamente relacionados com essa nova atividade produtiva. Desse modo, ocorreu uma primeira mudança entre os centros da região, cujos vínculos associavam-se à possibilidade de inserção na divisão territorial do trabalho, por meio de uma nova atividade, graças à emergência da agropecuária e a presença de criadores e de roceiros vinculados à mineração.<sup>49</sup>

A pecuária – principalmente a relacionada ao gado de corte - do Triângulo/Alto Paranaíba se destaca no cenário econômico atual do estado, influenciando diretamente na organização sociocultural desse território, o que também é refletido no processo de nomeação.

### **5.1.7 Espécies ameaçadas de extinção**

Como salientado na seção 2.2, o estado de Minas Gerais é um dos territórios com maior diversidade biológica do Brasil, pois abriga uma rica fauna e flora distribuída em três biomas: Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Entretanto, essa mesma diversidade está fortemente ameaçada. O processo de ocupação desenfreado e sem uma política racional de desenvolvimento tem provocado um crescente dano em sua diversidade biológica.

Ao longo de sua história, Minas Gerais sofreu um intenso desmatamento de seus ecossistemas naturais mais representativos, com a Mata Atlântica e o Cerrado. A introdução da cultura do café provocou o primeiro grande impacto sobre os ecossistemas nativos. Após o declínio do café, a presença do minério de ferro, associada à disponibilidade energética representada pelas florestas nativas, favoreceu a implantação da indústria siderúrgica. (DRUMMOND, *et. al.*, 2005, p. 23)

Os ecossistemas nativos foram mais fortemente explorados no estado a partir da década de 40 do século XX com a expansão da fronteira agropecuária e das indústrias

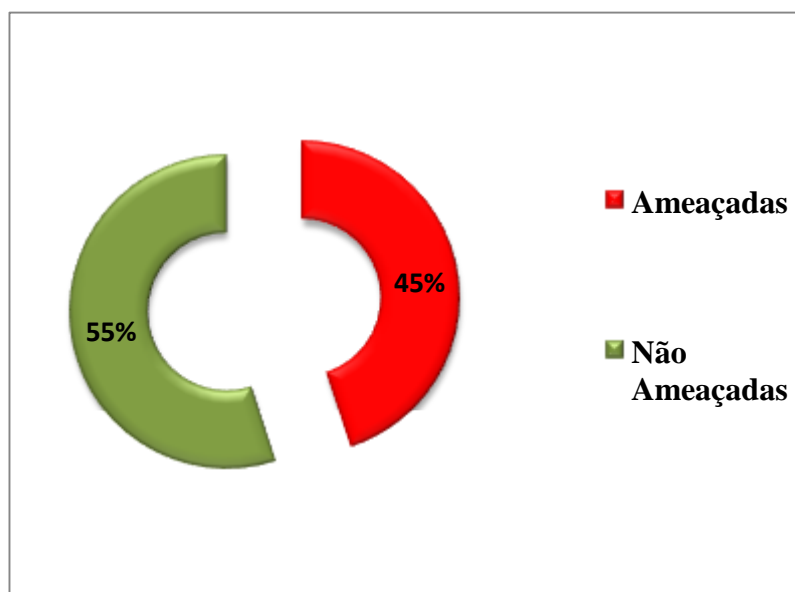
---

<sup>49</sup> BESSA, 2013, p. 519

siderúrgicas, que utilizam carvão vegetal para alimentar os altos-fornos<sup>50</sup>. Grandes áreas de Mata Atlântica do Vale do Rio Doce, onde as siderúrgicas e mineradoras se instalaram primeiramente no estado, foram completamente exterminadas. Essa degradação espalhou-se por todo território mineiro, avançando também por áreas de cerrado.

A rápida e intensa degradação ambiental de Minas Gerais pode ser também percebida por meio de análise dos nossos dados. Dos 5.304 zootopônimos analisados, 2.384 referem-se a espécies com algum nível de ameaça de extinção. Isso representa 45% dos dados contemporâneos registrados no estado.

Gráfico 23 – Zootopônimos relativos a espécies ameaçadas de extinção



Fonte: Dados da pesquisa

Animais como o veado, o jacaré, a onça e o mítico lobo, cujas populações são escassas no território mineiro, figuram na lista dos zootopônimos mais recorrentes no estado, o que reforça a máxima de que o topônimo nos remete a informações passadas, apontando para a existência pretérita de animais hoje inexistentes em determinadas regiões.

A tabela a seguir apresenta a relação dos zootopônimos mineiros referentes a animais com algum nível de ameaça de extinção. A tabela foi elaborada com base em consulta ao *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, organizado pelo Instituto Chico Mendes (ICMBio) – órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama) – e também consulta a dados do IEF (Instituto Estadual de Florestas).

<sup>50</sup> DRUMMOND *et. al.* 2005, p. 23.

Tabela 11 – Zootopônimos relativos a espécies ameaçadas de extinção

Nº	Topônimo	Espécie	Nome Vulgar	Nível de Ameaça
1	Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	Vulnerável
2	Aranha	<i>Charinus leonora</i>	Aranha-Chicote	Criticamente em perigo
		<i>Oligoxystrediamantinensis</i>	Aranha-Caranguejeira	Em perigo
3	Arara	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	Arara-azul-grande	Criticamente em perigo
4	Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha	Vulnerável
5	Bagre	<i>Bagropsis reinhardti</i> Lütken	Bagre	Vulnerável
6	Bicudo	<i>Oryzoborus maximiliani</i>	Bicudo	Criticamente em perigo
			Bicudo-verdadeiro	
7	Bugio	<i>Alouatta fusca fusca</i>	Bugio-marrom	Criticamente em perigo
8	Cágado	<i>Phrynosoma hogei</i>	Cágado-de-hogei	Criticamente em perigo
9	Caititu	<i>Pecari tajacu</i>	Caititu	Em perigo
10	Calango	<i>Hoplocercus spinosus calango</i>	Calango Lagarto	Vulnerável
		<i>Placosoma cipoense</i>	Calango	Em perigo

			Lagarto	
11	Canário	<i>Sicalisflaveola</i>	Canário-da-terra	Vulnerável
12	Caramujo	<i>Physamarmorata</i>	Caramujo	Vulnerável
13	Cascudo	<i>Delturusparahybae</i>	Cascudo	Criticamente em perigo
		<i>Hemipsilichthysgobio</i>	Cascudo-piririca	Em perigo
14	Cervo	<i>Blastocerusdichotomus</i>	Cervo-do-pantanal	Criticamente em perigo
15	Codorna	<i>Nothuraminor</i>	Codorna-mineira	Em perigo
16	Coruja	<i>Strixhuhulaalbomarginata</i>	Coruja-preta	Vulnerável
17	Ema	<i>Rhea americana</i>	Ema	Vulnerável
18	Falcão	<i>Falcodeiroleucusfalcão</i>	Falcão-de-peito-laranja	Criticamente em perigo
19	Gavião	<i>Harpia harpyja</i>	Gavião-real	Provavelmente extinta
		<i>Accipiterpoliogaster</i>	Gavião-pintado	Provavelmente-extinta
		<i>Leucopternislacernulata</i>	Gavião-pomba	Em perigo
		<i>Leucopternispolionota</i>	Gavião-pomba-grande	Em perigo
		<i>Spizaetus ornatos</i>	Gavião-de-penacho	Em perigo
		<i>Spizaetustyrannus</i>	Gavião-pegamacaco	Em perigo

		<i>Spizasturmelanoleucus</i>	Gavião-pato	Em perigo
20	Guará	<i>Chrysocyonbrachyurus</i>	Lobo-Guará	Vulnerável
21	Guariba	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	Guariba-ruivo	Vulnerável
		<i>Alouatta fusca clamitans</i>	Guariba	Vulnerável
23	Inhambú	<i>Crypturellusvariegatus</i>	Nhambú-chororão	Em perigo
		<i>Taoniscusnanus</i>	Inhambú-carapé Nhambú-carapé	Em perigo
24	Jaburú	<i>Jabiru mycteria</i>	Jaburú	Em perigo
25	Jacaré	<i>Caimanlatirostris</i>	Jacaré-de-papo-amarelo	Em perigo
		<i>Paleosuchuspalpebrosus</i>	Jacaré-coroa	Em perigo
26	Jacu	<i>Neomorphusgeoffroyidulcis</i>	Jacu-estalo	Em perigo
		<i>Penelopeochrogaster</i>	Jacu-de-barriga-castanha	Vulnerável
27	Jacutinga	<i>Pipile jacutinga</i>	Jacutinga	Vulnerável
28	Jaó	<i>Crypturellusnoctivagusnoctivagus</i>	Jaó-do-sul	Criticamente em perigo
29	Jararaca	<i>Bothropsitapetiningae</i>	Jararaca	Vulnerável
		<i>Corallusenidris</i>	Jararaca-do-oco	Vulnerável
30	Jaú	<i>Bothropsitapetiningae</i>	Jaú	Vulnerável
31	Juriti	<i>Geotrygonviolacea</i>	Juriti-vermelha	Em perigo
32	Lambari	<i>Creagrutusvarii</i>	Lambari	Vulnerável
33	Loba	<i>Chrysocyonbrachyurus</i>	Lobo-Guará	Vulnerável
34	Lobo	<i>Chrysocyonbrachyurus</i>	Lobo-Guará	Vulnerável
35	Lontra	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	Vulnerável

36	Macaca	<i>Cebusxanthosternos</i>	Macaco-pregodo-peito-amarelo	Criticamente em perigo
37	Macaco	<i>Cebusxanthosternos</i>	Macaco-pregodo-peito-amarelo	Criticamente em perigo
38	Macuco	<i>Tinamussolitarius</i>	Macuco	Criticamente em perigo
		<i>Scytalopusiraiensis</i>	Macuquinho-davárzea	Em perigo
		<i>Scytalopusnovacapitali</i>	Macuquinho-de-brasília	Vulnerável
39	Mandi	<i>Rhamdiajequitinhonha</i>	Mandi	Vulnerável
40	Mico	<i>Leontopithecuschrysomela</i>	Mico-leo-dacara-dourada	Criticamente em perigo
41	Mono	<i>Brachytelesarachnoides</i>	Mono-carvoeiro	Em perigo
42	Morcego	<i>Chirodermadoriae</i>	Morcego	Em perigo
		<i>Glyphonycterisbehnii</i>	Morcego	Vulnerável
43	Mutum	<i>Craxblumenbachii</i>	Mutum-de-bico-vermelho Mutum-do-sudeste	Criticamente em perigo
		<i>Craxfasciolata</i>	Mutum-de-penacho	Vulnerável
44	Onça	<i>Pantheraonca</i>	Onça-pintada	Criticamente em perigo
		<i>Puma concolor</i>	Onça-Parda	Vulnerável

45	Papagaio	<i>Amazona vinacea</i>	Papagaio-de-peito-roxo	Vulnerável
		<i>Amazona xanthops</i>	Papagaio-galego	Vulnerável
46	Perereca	<i>Hylaibitipoca</i>	Perereca	Vulnerável
		<i>Hylapinima</i>	Perereca	Vulnerável
		<i>Osteocephalus langsdorfii</i>	Perereca	Vulnerável
		<i>Phasmahyla jandaia</i>	Perereca	Vulnerável
		<i>Phyllomedusa ayeaye</i>	Perereca	Vulnerável
47	Pica-Pau	<i>Celestorquatus</i>	Pica-pau-de-coleira	Em perigo
		<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei	Em perigo
48	Pintada	<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	Criticamente em perigo
49	Piracanjuba	<i>Bryconorbignyanus</i>	Piracanjuba	Criticamente em perigo
50	Pirapitinga	<i>Brycon nattereri</i>	Pirapitinga	Vulnerável
51	Preguiça	<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira Preguiça-preta	Vulnerável
52	Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	Em perigo
53	Raposa	<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo	Vulnerável
		<i>Pseudalopex vetulus</i>	Raposinha-do-campo	Vulnerável
54	Raposo	<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo	Vulnerável
		<i>Pseudalopex vetulus</i>	Raposinha-do-	Vulnerável



			campo	
55	Sabiá	<i>Cichlopsisleucogenys</i>	Sabiá-castanho	Em perigo
		<i>Triclariamalachitacea</i>	Sabiá-cica	Vulnerável
56	Sagui	<i>Callithrixflaviceps</i>	Sagui-da-serra Sagui-da-serra-claro Sagui-taquara	Em perigo
		<i>Callithrixaurita</i>	Sagui-da-serra-escuro	Em perigo
		<i>Callithrixkuhli</i>	Sagui-de-wied	Vulnerável
57	Sapo	<i>Aparasphenodonbrunoi</i>	Sapo-de-capacete	Vulnerável
		<i>Ceratophrysaaurita</i>	Sapo-intanha	Em perigo
58	Socó	<i>Tigrisomafasciatum</i>	Socó-boi Socó-boi-escuro	Criticamente em perigo
59	Suçuarana	<i>Puma concolor</i>	Suçuarana Onça-parda	Criticamente em perigo
60	Surubim	<i>Steindachneridionamblyurum</i>	Surubim-do-jequitinhonha	Criticamente em perigo
		<i>Steindachneridiondoceanum</i>	Surubim-do-doce	Criticamente em perigo
		<i>Steindachneridionparahybae</i>	Surubim-do-paraíba	Em perigo
61	Surucucu	<i>Lachesismutarhombata</i>	Surucucu-pico-de-jaca	Criticamente em perigo

	Tamanduá	<i>Myrmecophagatridentata</i>	Tamanduá-bandeira Tamanduá-açu Papa-formigas	Vulnerável
		<i>Tamanduatetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	Em perigo
62	Tatu	<i>Tolypeutes tricinctus</i>	Tatu-bola	Em perigo
		<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha Tatuetê Tatu-folha Tatu-nove-bandas Tatu-veado Tatu-verdadeiro	Menos preocupante
		<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra Tatu-açu	Vulnerável
		<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole	Vulnerável
63	Tico-Tico	<i>Coryphaspizamelanotis</i>	Tico-tico-de-máscara-negra	Em perigo
64	Timburé	<i>Hypomasticus hayeri</i>	Timburé	Em perigo
65	Tiriba	<i>Pyrrhuracruentata</i>	Tiriba-grande	Vulnerável
		<i>Pyrrhuraleucotis</i>	Tiriba-de-orelha-grande	Vulnerável
66	Veada	<i>Ozotoceros bezoarticus bezoarticus</i>	Veado-campeiro	Vulnerável
67	Veado	<i>Ozotoceros bezoarticus bezoarticus</i>	Veado-campeiro	Vulnerável
68	Zabelê	<i>Crypturellus noctivagus zabele</i>	Zabelê	Vulnerável

Fonte: Elaboração própria

## 5.2 Dados Históricos

Relatos de viajantes que passaram pelo território mineiro nos séculos XVIII e XIX já registram topônimos de índole animal. Em alguns trechos do diário do médico e naturalista Georg Langsdorff, por exemplo, que descrevem sua passagem pelo estado entre os anos de 1824 e 1825, é possível verificar a presença de zootopônimos. Os fragmentos a seguir referem-se a duas páginas do diário de viagem do naturalista, que descrevem os dias 09 e 11 de novembro de 1824. Neles é possível observar a presença do zootopônimo *Onça*.

*09/11*

Acerto de contas com Constantin, que não nos acompanhará mais.

Ele recebeu, em Santa Luzia, para o mês de outubro, nove patacas; e deixa de receber os meses de novembro e dezembro - 39 patacas.

Entreguei-lhe cartas para João Baptista Ferra de Iza Conto 130 e para o Comendador Manoel Ribeiro Vianna.

A chuva e trovoada persistem.

Vários insetos puderam ser vistos ontem: Melolontha, Termes.

As formigas fêmeas voaram hoje (tanajuras). Boa comida.

Ontem tivemos sucesso com o sabão.

Por causa da chuva, não pudemos viajar hoje.

Os cavalos e mulas foram ferrados, as caixas embaladas; compramos todas as provisões e ajustamos um relógio solar para o padre.

Durante todo o dia de hoje, desde cedo, o pari recolheu muitos peixes.

Dizem que o rio da Onça é o mais abundante em peixes.

A ponte próxima à propriedade de João Marques foi construída há 14 anos.

*11/11*

Às 7h da manhã, o pessoal já tinha saído para buscar os animais, que haviam passado todo o dia de ontem no pasto e que, hoje, provavelmente estariam dispersados.

O tempo melhorou um pouco, apesar de o céu estar nublado e ameaçando chuva. Se Deus quiser, poderemos partir hoje.

Os animais chegaram por volta das 11h. Às 12h, almoçamos, como de costume, e à 13h30, partimos em direção a Onça.

O Padre foi muito gentil em nos ceder um dos seus guias; sem ele não teríamos encontrado o caminho, embora este não estivesse propriamente ruim.

Chegamos a Onça por volta das 14h30. Estamos a duas léguas de Barra de Jequitibá. É o início do sertão. Lá existem muitas casas e habitantes. O verdadeiro proprietário está morto, mas sua mulher ainda vive.

Fonte: SILVA (Org) (1997, p. 228-230)

Percebe-se que a prática de nomear lugares com nomes de animais não é recente em Minas Gerais. A análise desses topônimos em mapas históricos nos revela aspectos importantes sobre o ambiente físico e cultural da época analisada.

O *corpus* de dados históricos da nossa pesquisa, conforme explicitado na seção 3.1.2, é formado por mapas dos séculos XVIII e XIX que integram o trabalho *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*, organizado por Costa *et al* (2002) e também por dados contidos no Repositório *Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino - Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*, organizado por Santos *et al* (2017).

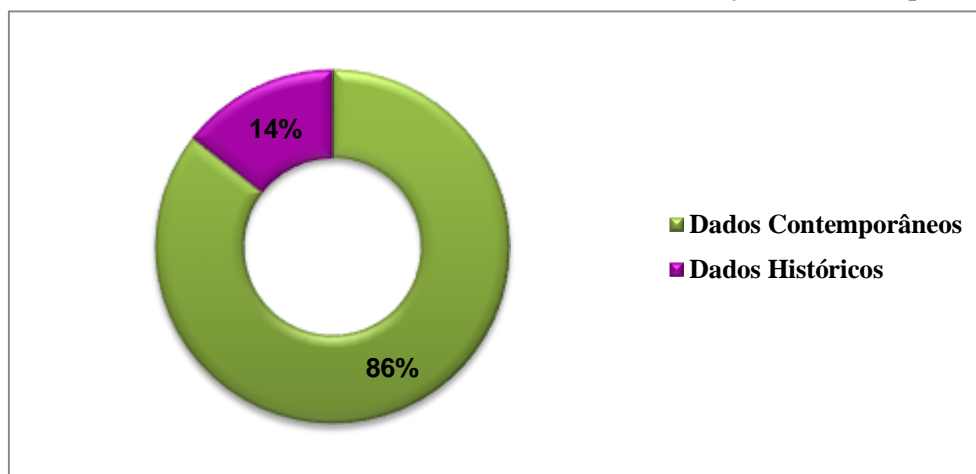
O primeiro trabalho é uma obra sobre a cartografia brasileira do período colonial e imperial composta por 31 pranchas cartográficas de Minas Gerais, sendo 25 do período colonial, das quais seis se referem a mapas regionais, sete referem-se especificamente à área da Demarcação Diamantina, nove tratam de Divisões Administrativas e quatro sobre as Capitanias, mas de modo amplo, as outras cartas referem-se à Província. Já o Repositório “reúne informações sobre os topônimos formados no processo de ocupação e de definição do território de Minas Gerais, registrados em mapas, elaborados da segunda metade do Setecentos ao Oitocentos Joanino”<sup>51</sup>. As informações, apresentadas no banco, resultam de análises geográficas e linguísticas realizadas, diatópica, e diacronicamente, e ressaltam variáveis, como, a situação político-administrativa, a natureza, a origem e a motivação dos nomes dos lugares estudados.

---

<sup>51</sup>SANTOS, 2017 (<http://repositoriotoponimia.com.br/> acessado em 8/10/2017)

Após consulta aos mapas, foram quantificados zootopônimos que formaram 68 bases léxicas, o equivalente a 14% das bases léxicas analisadas nos dados contemporâneos.

Gráfico 24 – Percentual de dados históricos em relação aos contemporâneos

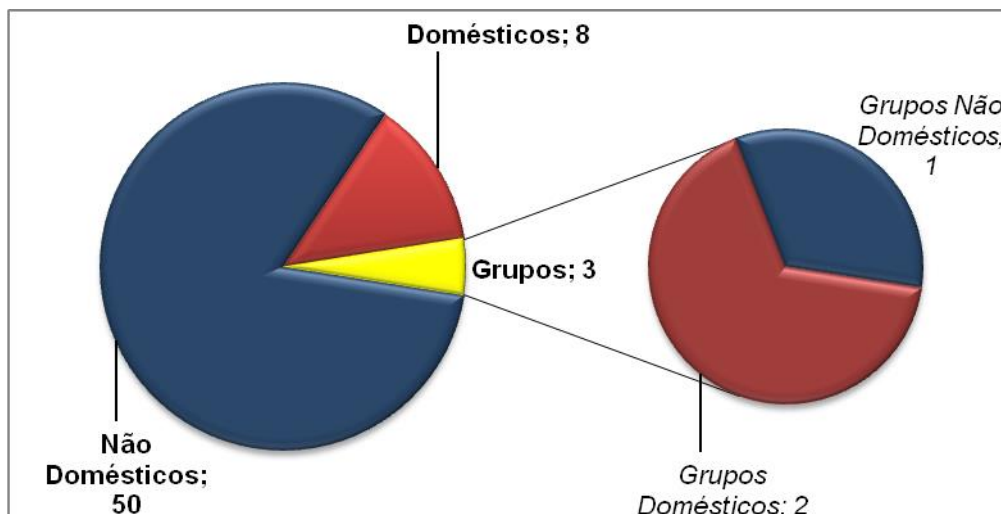


Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que os dados contemporâneos seguem a mesma tendência dos dados históricos, pois também é observada uma superioridade no número de zootopônimos históricos relativos a animais não domésticos.

Dos 61 topônimos analisados em nosso *corpus* histórico, cinquenta referem-se a animais não domésticos, o equivalente a 82% dos dados históricos, oito referem-se a animais domésticos, 13% dos dados históricos. Também foram verificados três zootopônimos referentes a grupos de animais da mesma espécie, em que dois se tratam de grupos domésticos e um de grupo não doméstico.

Gráfico 25 – Distribuição dos zootopônimos históricos por categoria onomástica



Fonte: Dados da pesquisa

As tabelas a seguir trazem informação sobre os zootopônimos por período histórico. Cabe salientar que todos os topônimos históricos levantados em nossa pesquisa também foram observados no banco de dados contemporâneos do Projeto ATEMIG.

Tabela 12 – Animais Domésticos por período histórico

<b>Ocorrências dos Topônimos</b> <b>Período</b>	<b>Animais Domésticos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade	<i>Cavalo</i>
Séc.XVIII – 2ª metade	<i>Bezerro, Carneiro, Égua, Parida, Porco,</i>
Séc.XIX – 1ª metade	<i>Boi, Burra, Égua, Porco,</i>
Séc.XIX – 2ª metade	<i>Égua</i>

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptada.

Tabela 13 – Animais Não Domésticos por período histórico

<b>Ocorrências dos Topônimos</b> <b>Período</b>	<b>Animais Não Domésticos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade	<i>Anta, Bacalhao, Jaguará, Macaco, Macuco, Onça, Peixe, Pirapitanga, Raposo</i>
Séc.XVIII – 2ª metade	<i>Anta, Araponga, Arara, Bacalhau, Borrachudo, Capivara, Carapina, Carrapato, Formiga, Galheiro, garça, Gralha, Jaguará, Lambari, Lobo, Macaco, Mandaçaia, Mandú, Mutuca, Onça, Papagaio, Paracatu, Pari, Peixe, Perdiz, Pirapitinga, Poba, Raposo, Sucuriú, Tamanduá, Traíra, Urubu, Zabelê</i>

Séc.XIX – 1ª metade	<i>Aranha, Arara, Bacalhau, Bagre, Bicudo, Borrachudo, Capivara, Carapina, Dourado, Falcão, Formiga, Galheiro, Gambá, Garça, Gavião, Jacaré, Jacu, Jaguará, Lambari, Macacos, Mosquito, Onça, Papagaio, Pari, Peixe, Perdiz, Paracatú, Pirapitinga, Pomba, Raposa, Raposo, Sucuri, Tamanduá, Tigre, Veado, Zabelê</i>
Séc.XIX – 2ª metade	<i>Aranha, Arara, Capivara, Dourado, Formiga, Lambari, Macaco, Mutuca, Onça, Papagaio, Peixe, Pomba, Suribim, Tamanduá, Veada, Veado</i>

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptada.

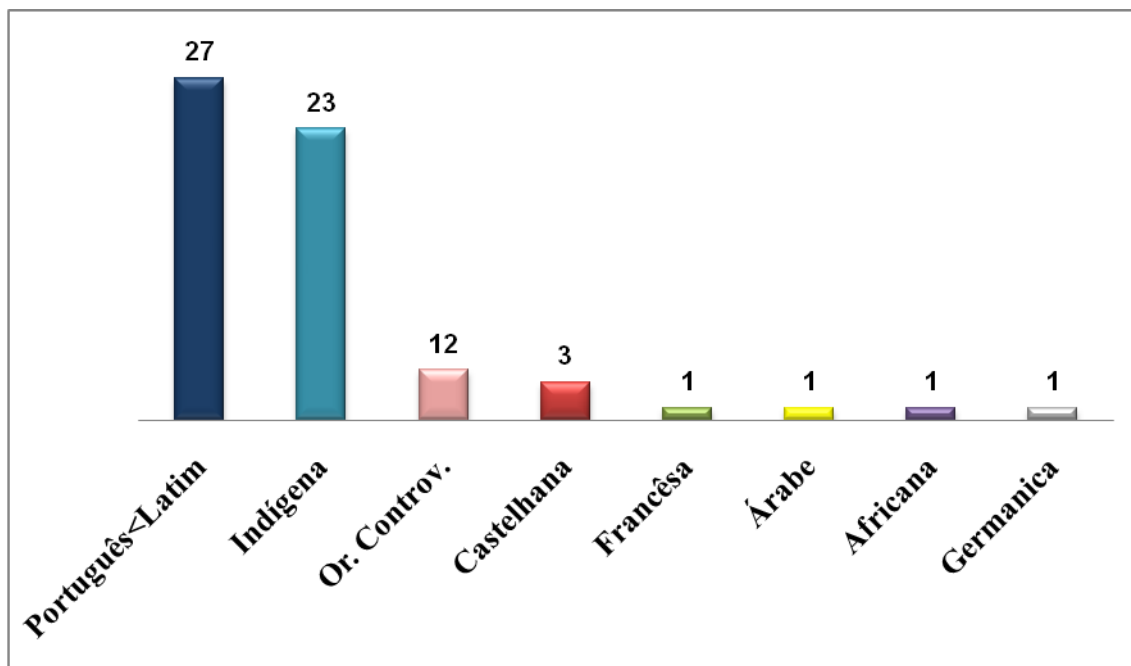
Tabela 14 – Grupos por período histórico

<b>Ocorrências dos Topônimos</b>	<b>Período</b>	<b>Grupos</b>
Séc.XVIII – 1ª metade		-
Séc.XVIII – 2ª metade		<i>Vacaria</i>
Séc.XIX – 1ª metade		<i>Gado, Piracema, Vacaria</i>
Séc.XIX – 2ª metade		-

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 142. Adaptada.

No que diz respeito à origem dos zootopônimos históricos, ao contrário do que ocorre com os dados contemporâneos, observa-se uma superioridade numérica, ainda que pequena, dos topônimos de origem portuguesa em relação aos de origem indígena. Das 61 bases léxicas históricas estudadas, 27 são de origem portuguesa e 23 são de origem indígena. Também foram observados nomes com origem castelhana (três zootopônimos), francesa (um zootopônimo), árabe (um ocorrências), africana (uma ocorrência) e germânica (um ocorrência). Os topônimos históricos cuja origem é controversa somam quatro ocorrências.

Gráfico 26 – Origem dos zootopônimos históricos



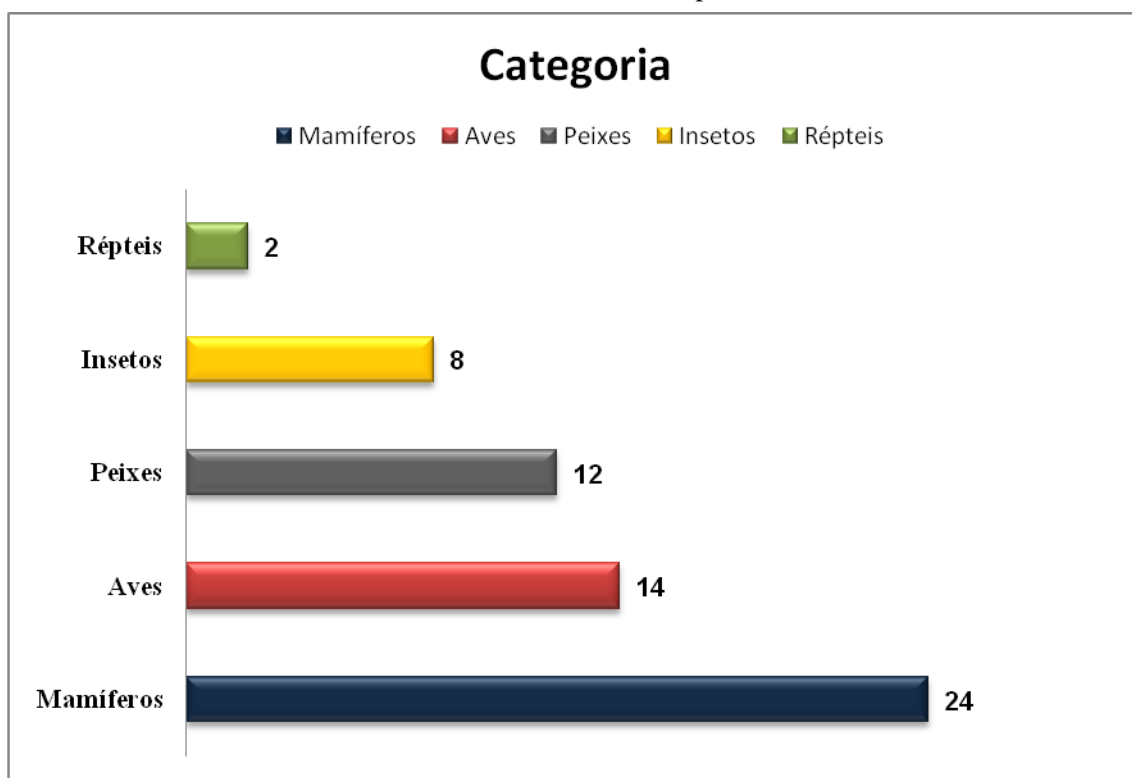
Fonte: Dados da pesquisa

O elevado número de zootopônios de origem indígena, também nos dados históricos, reforça a premissa de que, de fato, era o índio o grande conhecedor da fauna e coube a ele apresentá-la ao europeu que não tinha nenhuma familiaridade com muitos desses animais.

Em relação às classes de animais observadas nos dados históricos, os mamíferos têm destacada hegemonia, com 22 zootopônimos históricos referindo-se a essa classe animal, o correspondente a 40% dos dados analisados. Em seguida está a classe das aves, representada por quatorze topônimos, ou 23% dos dados históricos. Observa-se também os peixes, com onze topônimos, 20% dos dados, os insetos, com oito topônimos, 14% dos dados e os répteis, com duas ocorrências, 3% dos dados históricos analisados.



Gráfico 27 – Classes animais dos zootopônimos históricos



Fonte: Dados da pesquisa

Assim como é possível observar em nosso *corpus* contemporâneo, os mamíferos também é a classe animal que se destaca em meio aos dados históricos da nossa pesquisa. Destacam-se aqueles animais de grande porte, como a onça, a capivara, a anta e o tamanduá.

Com essas análises, encerramos nosso capítulo e também a a apresentação dos dados na nossa pesquisa. O capítulo 6, a seguir, ocupa-se das considerações finais acerca desse estudo.



*Nos nossos rios, Marília,  
Há muitas variedades  
De peixes de qualidades  
Que em Portugal nunca vi.*

*Temos a peripitinga,  
O pacu assalvajado,  
Piranha, bagre, doirado,  
Piampara e lambari!*

*Temos a curumatá,  
A traíra, o surubi,  
A piabanha, o mandi,  
A corovina, o piaú.*

*A escamosa matrinxã,  
Que no veio d'água alveja;  
E bem que mais rijo seja,  
O cascudo não é mau.<sup>52</sup>*

<sup>52</sup> LISBOA, 2002, p. 45

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tivemos como objetivo principal analisar e descrever os topônimos relativos a animais – zootopônimos – presentes no estado de Minas Gerais, baseando-nos na premissa de que tais topônimos revelariam informações relevantes quanto ao povoamento do território mineiro. O topônimo guarda marcas de um passado histórico, de modo a destacar muito de uma determinada população e/ou área geográfica,<sup>53</sup> já que as palavras não só nomeiam, mas também traduzem e registram o conhecimento de mundo dos indivíduos de uma dada comunidade.

Logo na **Introdução** delimitamos que este estudo é linguístico e sociocultural, uma vez que o topônimo revela os costumes de um povo. Determinou-se, ainda, que nosso *corpus* contemporâneo seria integralmente baseado no banco de dados do ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais.

No Capítulo 1 nos dedicamos à apresentação da **Fundamentação teórica**, na qual a pesquisa está alicerçada. Nessa seção foi abordada a tríade língua-cultura-sociedade, sendo a língua um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade que está diretamente ligada à cultura e às relações sociais. Também foram tratadas nesse capítulo as disciplinas tradicionais dos estudos lexicais, área a qual se submetem os estudos onomásticos, dentre eles, a Toponímia.

O Capítulo 2, intitulado **Regiões estudadas**, prestou-se a tratar sobre as características da geografia e da vida natural no território mineiro, apresentando e situando as mesorregiões do estado. Também foi mostrada a riqueza natural de Minas Gerais, por meio da exposição dos seus três principais biomas: a Mata Atlântica, o Cerrado e a Caatinga, informações relevantes, para que se pudesse compreender nossa fauna. Foram abordadas, também, as nomenclaturas específicas relativas aos graus de risco de extinção das espécies, já que nossos dados revelaram que grande parcela dos zootopônimos estudados se refere a animais com algum nível de ameaça.

No Capítulo 3, foram elencados os **Procedimentos teórico e metodológicos** adotados na pesquisa. Apoiamo-nos nas teorias de Dauzat (1926) e Dick (1990a; 1990b; 2004; 2006), que propõe modelo teórico-metodológico toponímico de origem indutivo-dedutiva, segundo os procedimentos onomasiológico-semasiológicos característicos da pesquisa lexical. Inicialmente foram levantados todos os zootopônimos do banco de dados

---

<sup>53</sup> FIGUEIREDO e LIMA, 2011, p. 5.

do projeto ATEMIG e também os presentes em mapas de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX.

Após o levantamento de dados, procedemos o estudo e a categorização dos dados em **Fichas lexicográficas**, essas análises que constituem o Capítulo 4. Os 5.304 topônimos levantados foram sistematizados em 362 fichas léxico-toponímicas elaboradas seguindo modelo proposto por Dick (1990) e Carvalho (2014) e adaptadas, em alguns aspectos, para os fins de nossa pesquisa. Essas fichas apresentam informações de cada zootopônimo levantado nos *corpora*, referentes à sua origem, ocorrências, variantes, estrutura gramatical e informação enciclopédica. Por isso às descrevemos como a primeira parte da apresentação e análise de dados.

O Capítulo 5, intitulado **Apresentação e análise de dados**, foi dada continuidade ao tratamento quantitativo e qualitativo das informações, apresentando os resultados das análises das fichas lexicográficas por meio de gráficos, tabelas, mapas e cartas toponímicas. Esses resultados nos possibilitaram inferir que:

a) Os dados quantitativos ilustram a grande incidência de topônimos de índole animal de base indígena, de modo a representar a maioria dos dados contemporâneos (46% dos dados) e 38% dos dados históricos, o que reflete a interação e o profundo conhecimento desses povos em relação à natureza que os cercavam.

b) As denominações zootoponímicas referem-se, majoritariamente, aos acidentes físicos. Esses acidentes representam 64% dos dados contemporâneos estudados, enquanto os acidentes humanos representam 36%, índice de significativa representatividade.

c) Os zootopônimos relativos a animais *não domésticos* também superam, numericamente, os relativos a animais *domésticos*. Enquanto esses representam 12% dos dados contemporâneos, aqueles representam 87%. A categoria onomástica relativa aos *grupos* representa uma pequena parcela dos dados, com 1%. A mesma tendência é observada nos dados históricos. Das 61 bases léxicas analisadas, coletadas em mapas dos séculos XVIII e XIX, 82% são relativos a animais não domésticos e 13% a animais domésticos.

d) os dados históricos comprovaram que há uma tradição em nomear lugares com nomes de animais, uma vez que 14% dos topônimos estudados estão registrados em mapas históricos dos séculos XVIII e XIX.

e) a toponímia testemunha a história de uma cultura e, muitas vezes, sobrevive a ela. Muitos dos zootopônimos verificados em nosso *corpus* contemporâneo são relativos a animais ameaçados de extinção. Dos 5.304 zootopônimos analisados, 2.384 referem-se a

espécies com algum nível de ameaça de extinção. Isso representa 45% dos dados registrados no estado, o que evidencia o fato do topônimo remeter a informações passadas, sendo preservado ainda que a espécie animal não se encontre mais em determinados territórios.

f) o topônimo é um elemento multifacetado, cujo estudo nos revela dados diversos, não somente sobre a língua, mas ainda do espaço físico. O estudo dos nomes de lugares é um empreendimento com grandes potencialidades intelectuais, que extrapolam o estudo linguístico. Os zootopônimos estudados na nossa pesquisa podem, por exemplo, servir com fonte de informação para elaboração de modelos de distribuição de espécies no estado para fins de recuperação ambiental, tendo em vista que Minas Gerais é um dos territórios com maior diversidade biológica do Brasil, pois abriga uma rica fauna e flora distribuída em três biomas: Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, diversidade que está fortemente ameaçada.

Acreditamos ter traçado um percurso de exposição teórica, de dados e de análises que cumpriu a função de fornecer respostas ao cumprimento dos objetivos apresentados neste estudo. Ainda há um grande espaço de reflexão e de problematização acerca dos zootopônimos do estado de Minas Gerais, que não foi tratado nesta pesquisa devido à vasta possibilidade de abordagens.





*Todas estas produções,  
Há, Marília, no Brasil,  
Mas além destas há mil,  
Que com mais vagar direi.*

*Só posso afirmar-te agora  
Que os fiéis patrícios meus  
Adoram no Céu a Deus,  
E adoram na terra ao Rei.*

*E que as águas, peixes, campos,  
Pedras, frutas, oiro, prata,  
E o mais que aqui se retrata,  
De indizíveis cabedais,*

*Nada tem tanto valor  
Como a fiel produção  
Dum sincero coração,  
Que te adora sempre mais.<sup>54</sup>*

<sup>54</sup> LISBOA, 2002, p. 53

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Leoncio. *La toponimia como percepcion del espacio: los topônimos canários*. La Laguna de Tenerife: Instituto de Estudios Canarios, 1988.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Taxionomia de Topônimos: problema sem solução?* Revista Signum: Estudos da Linguagem. Londrina, 1999.
- ALBINO, Lídia. *A relação da hidronímia com a história social no Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva*. 2004. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins*. ATITO. Goiania: PUC, 2010.
- BALDINGER, Kurt. *Semasiologia e Onomasiologia*. In. ALFA, 9 FFCL de Marília, 1996.
- BARBOSA, M. A. Contribuição Ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. Revista Brasileira de Linguística, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia:objeto, método, campos de atuação e cooperação.In: *Anais de XXXIX Seminário do GEL*. Franca, UNIFRAN, p. 182-189, 1991.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*.São Paulo: Ed. Nacional-USP, 1976.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dimensões da palavra*. In: MEGALE, H. (org.) *Filologia e Linguística Portuguesa*, n.2, São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. V.I.Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. Onomástica e Terminologia: da denominação à relação conceitual. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo:FFLCH-USP, 2008 (c). CD ROOM.
- CABRÉ, Maria Teresa; FREIXA, Judit; LORENTE, Mercè; TEBÉ, Carles. *La terminologia hoy: replanteamento o diversificación*. In: ORGANON, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Terminologia e Integração, v. 12, nº26, Porto Alegre, 1998.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo:FFLCH-USP, 2008 (c). CD ROOM.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. *Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio*. In: Cadernos do CNLF, v. XI, n.02, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/>>.

CARVALHO, Ana Paula Mendes de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. (Tese de Doutorado) UFMG, Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Francisco de Assis. *Entre a Palavra e o Chão: memória toponímica da Estrada Real*. (Tese de Doutorado). USP. São Paulo, 2012

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSTA, Antônio Gilberto; RENGER, Ewald Friedrich; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais – da Capitania à Província*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2002.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

COSTA, Renata Ferreira. *Topônimos de Origem Indígena na Capitania de São Paulo*. In: Congresso Internacional de Língua, Literatura e Cultura – CILLC. Porto Alegre: Anais do I Congresso Internacional de Língua, Literatura e Cultura, 2006.

CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. *A contribuição dos estudos sociogeolinguísticos para a escolha lexical na recepção e produção de textos orais e escritos*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. XII, p. 10-17, 2008.

DAUZAT, Albert. *Les noms de liex*. Paris: Delegrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.9, p.119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In.: SEABRA, M. C. T. C. (Org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.



DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de Conhecimento e Campo Lexical. hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; BATELLA, Wagner Barbosa. *O Estado de Minas Gerais e suas Regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização*. Revista Sociedade e Natureza, Uberlândia, 17(33), dez, 2005.

DINIZ, Bernardo Palhares Campolina; BOSCHI, Rodrigo Fortini. *O desenvolvimento econômico e humano diferenciado das regiões do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais*. Anais do X Seminário sobre Economia Mineira, Belo Horizonte, 2002.

DRUMMOND, Gláucia Moreira; MARTINS, Cássio Soraes; MACHADO, Angelo Barbosa Monteiro; SEBAIO, Fabiane Almeida; ANTONINI, Yasmine. *Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação*. 2.ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa* (Dicionário Eletrônico). Paraná: Editora Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; LIMA, Leticia Moraes. *Os zootopônimos de origem indígena na microrregião de Dourados MS*. ENIC v. 2. 2011

FIORIN, José Luiz. *Introdução a lingüística 2: princípios e análise*. São Paulo: Contexto, 2005.

FJP – Fundação João Pinheiro. *Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana*. (Relatório Síntese). Belo Horizonte: FJP, 1975.

FONCECA, Claudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D'el Rey: espaço e poder nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FONSECA, Heloisa da Cunha; CANO, Waldenice Moreira. *Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua geral*. Revista Horizontes Científicos, v. 5, nº2 (dez.). Uberlândia: UFU, 2011.

FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS. <[www.biodiversitas.org.br](http://www.biodiversitas.org.br)>. Acesso em: 27 jun. 2018.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). 2011. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período de 2008-2010. São Paulo.

GIULIETTI, A.M.; BOCAGE NETA, A.L.; CASTRO, A.A.J.F.; GAMARRA-ROJAS, C.F.L.; SAMPAIO, E.V.S.B.; VIRGÍNIO, J.F.; QUEIROZ, L.P.; FIGUEIREDO, M.A.; RODAL, M.J.N.; BARBOSA, M.R.V. & HARLEY, R.M.. *Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga*. In: Silva, J.M.C.; Tabarelli, M.; Fonseca, M.T. & Lins, L.V. (orgs.).

*Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação.* Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

GOODENOUGH, Ward. Cultural anthropology and linguistics. In: GARVIN, Paul (Org.). *Report of the Seventh Annual Round table Meeting on Linguistics and Language Study.* Washington. D.C: Georgetown University. Monography Series on Language and Linguistics. n.9, 1957.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil: lendas e tradições, usos e costumes, fauna e flora, língua, raízes, toponímia, vocabulário.* Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 27 jun. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas.* v.1, Rio de Janeiro, 1990.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico Regional e Léxico Toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* v. 5. Campo Grande:Ed. UFMS, 2012.

ISQUERDO, Aparecida Negri.; CASTIGLIONI, Ana Cláudia. Em busca de modelo de dicionário onomástico toponímico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.* Campo Grande (MS): Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 291-310.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática.* São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de (Org.). *O Léxico em Estudo.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p.157-171.

LABOV, William. *On the use of the present to explain the past.* In: HEILMANN L. *Proceedings of the XIth International Congresso f Linguistics.* Bologna, 1974.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia Univesity Press, Oxford, Blackwell, 1972.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Leite. *Opúsculos: onomatologia.* Vol.3. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

LEONCINI, Sandra. *Região e Geografia.* São Paulo: Edusp, 2003.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Trad. e Notas de Sergio Miliet. São Paulo: Martins Editora, 1972.

LISBOA, Joaquim de. *Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais / estudo crítico e atualização ortográfica* Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

MARTINS, Marcos Lobato. *Ocupação de desflorestamento numa área de fronteira: Vale do Mucuri/MG – 1890 A 1950*. Ponta Grossa: Revista de História Regional. 15(1):40-77, verão, 2010.

MATORÉ, George. *La méthode en Lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. *Toponímia Indígena: um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi*. In. VEREDAS FAVIP – Revista Eletrônica de Ciências. V.6, N. 1, 2013.

MENDES, Tatiana Martins. *Léxico Toponímico de Diamantina: lingual, cultura e memoria*. (Dissertação de Mestrado) UFMG, Belo Horizonte, 2010.

MITTERMEIER, R.A.; MYERS, Robles Gil P. & Mittermeier, C.G. *Hotspots*. Cidade do México: Agrupación Serra Madre, CEMEX, 1999.

MYERS, N., R.A. MITTERMEIER, C.G. MITTERMEIER; G.A.B. FONSECA & J. KENT. 2000. *Biodiversity hotspots for conservation priorities*. Nature 403:853-858.

NETTO, Marcos Megarejo; DINIZ, Alexandre Magno Alves. *A formação geohistórica da Zona da Mata de Minas Gerais*. Revista RA'E GA- O Espaço Geográfico em Análise. Curitiba, nº12, p. 21-34, 2006, Editora UFPR.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Araraquara, UNESP, 1999 (Tese de doutorado, inédita).

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Bianca Simoneli de; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Cidades Locais do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba/MG: algumas considerações*. In: Revista On-line Caminhos da Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFU, 3(5), fev. 2002.

PEREIRA, Anete Marília. *Cidade Média e Região: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. Uberlândia: UFU (Tese de Doutorado inédita), 2007.

PIMENTEL, Patrícia de Cássia Gomes. *A toponímia na região Central Mineira*. Belo Horizonte:UFMG (Dissertação de Mestrado inédita), 2015.

PRADO, Darién. As Caatingas da América do Sul. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M. (Eds.) *Ecologia e conservação da Caatinga*. Recife: Editora Universitária, 2003.

Relatório Analítico do Território Rural Noroeste de Minas. Edital MDA/SDT/CNPq – Gestão de Territórios Rurais nº05/2009.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisnomias do bioma Cerrado. In. SANOS, S. M.; ALMEIDA, S. P. (ed). *Cerrado: ambiente e flora*. Brasília: Embrapa Cerrados, 1998.

RIESCO CHUECA, Pascual. *Nombres en el paisaje: la toponímia, fuente de conocimiento ya aprecio del territorio*. In: Cuadernos Geograficos, n.46. Granada: Universidad Federal de Granada, 2010.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. *Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha*. (Dissertação de Mestrado) UFPA, Belém, 2010.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tomo 1º. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La Toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SALGADO-LABOURIAU, Maria Lea. *História ecológica da Terra*. São Paulo: E Bücher, 1994.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

SANTOS, Marcelo Figueiredo. *Mercado de trabalho formal e desenvolvimento regional: uma análise para a mesorregião do Jequitinhonha (MG)*. São Paulo: PUC-SP (Dissertação de Mestrado inédita), 2012.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de ; COSTA, Antônio Gilberto. *Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2016. 1 CD. Acompanha material complementar (1 folheto e 10 marcadores de páginas).

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de ; COSTA, Antônio Gilberto. *Toponímia e Cartografia Histórica de Minas Gerais – Contribuições e Perspectivas de Estudos*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia na região do Carmo*. (Tese de Doutorado) UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.) *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006, p.1953-1960.

SEVERO, Cristiane Gorski. A Comunidade de Fala na Sociolinguística Laboviana: Algumas Reflexões. *Revista Voz das Letras*, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, nº 9, I semestre de 2008.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino (Org.) *Os diários de Langsdorff*. v.1. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES TERRITORIAIS. Disponível em: <[www.sit.mda.gov.br](http://www.sit.mda.gov.br)>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SOLIS FONSECA, Gustavo. *La gente pasa, los nombres quedan: introducción en la Toponímia*. Lima: Lengua y Sociedad, 1997.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: um projeto em andamento*. ÍCONE – Revista de Letras, São Luis de Montes Belos. v.2, 2008.

SOUZA, Vande Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. (Dissertação de Mestrado) UFMG, Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sociolinguística*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Marilze. *Língua e Cultura: considerações sobre a motivação de nomes geográficos indígenas*. Raído. Dourados, MS, v.3, n.6, p. 95-109, jul./dez., 2009.

TAVARES, Marilze; ISQUERDO, Aparecida Negri. *A presença indígena na fitotoponímia da região sul do Mato Grosso do Sul*. Londrina: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, v.8, nº2, 2005.

TORT, JOAN. *Toponímia y marginalidad geográfica. Los nombres de lugar com reflejo de una interpretación del espacio*. In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales: Universidad de Barcelona, v.7, n 138, 2003.

TRAPERO, Maximiano. *Sobre la motivación semántica de la toponímia* (lugares “bien bautizados”). *Revista El Museo Canario: Sociedad El Museo Canario*, Las Palmas de Gran Canaria, 1995, ano L p. 351-370.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução a ciência do significado*. 4. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

UZUNIAN, Arminio; BIRNER, Ernesto. *Biologia*. São Paulo: Editora Harbra, 2004.

VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

WIKIPEDIA ENCICLOPEDIA COLABORATIVA. : <[www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org)>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ZAMARIANO, Márcia. *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853*. (Dissertação de mestrado). UEL, Londrina, 2006.

ZELINSKY, Wilbur. *Along the frontiers of name geography*. In: *Professional Geographer*. Washington: American Association of Geographers, v. 49, nº 4, 1997.

# **ANEXOS**

ANEXO I – Nova Divisão Regional do Estado de Minas Gerais

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
1. Alfredo Vasconcelos	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
2. Antônio Carlos	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
3. Barbacena	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
4. Barroso	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
5. Capela Nova	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
6. Caranaíba	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
7. Carandaí	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
8. Conceição da Barra de Minas	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
9. Coronel Xavier Chaves	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
10. Desterro do Melo	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
11. Dolores de Campos	Barbacena	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
12. Ibertioga	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
13. Lagoa Dourada	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
14. Madre de Deus de Minas	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
15. Nazareno	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
16. Piedade do Rio Grande	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
17. Prados	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
18. Resende Costa	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
19. Ressaquinha	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
20. Ritópolis	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
21. Santa Bárbara do Tugúrio	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
22. Santa Cruz de Minas	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
23. Santana do Garambéu	Barbacena	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
24. São João del Rei	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
25. São Tiago	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
26. Senhora dos Remédios	Barbacena	Barbacena	Barbacena	Campo das Vertentes
27. Tiradentes	São João del Rei	Barbacena	São João Del Rey	Campo das Vertentes
28. Carrancas	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
29. Ijaci	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
30. Ingaí	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
31. Itumirim	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
32. Itutinga	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
33. Lavras	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
34. Luminárias	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
35. Nepomuceno	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
36. Ribeirão Vermelho	Lavras	Varginha	Lavras	Campo das Vertentes
37. Augusto de Lima	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
38. Buenópolis	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
39. Corinto	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
40. Curvelo	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
41. Felixlândia	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
42. Inimutaba	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira



	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
43.	Monjolos	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
44.	Morro da Garça	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
45.	Presidente Juscelino	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
46.	Santo Hipólito	Curvelo	Belo Horizonte	Curvelo	Central Mineira
47.	Três Marias	Curvelo	Belo Horizonte	Três Marias	Central Mineira
48.	Abaeté	Abaeté	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
49.	Araújos	Divinópolis	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
50.	Biquinhas	Abaeté	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
51.	Bom Despacho	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
52.	Cedro do Abaeté	Abaeté	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
53.	Dores do Indaiá	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
54.	Estrela do Indaiá	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
55.	Japaraíba	Divinópolis	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
56.	Lagoa da Prata	Divinópolis	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
57.	Leandro Ferreira	Divinópolis	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
58.	Luz	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
59.	Martinho Campos	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
60.	Moema	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
61.	Morada Nova de Minas	Abaeté	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
62.	Paineiras	Abaeté	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
63.	Pompéu	Dores do Indaiá	Divinópolis	Três Marias	Central Mineira
64.	Quartel Geral	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
65.	Serra da Saudade	Dores do Indaiá	Divinópolis	Bom Despacho	Central Mineira
66.	Joaquim Felício	Montes Claros	Montes Claros	Curvelo	Central Mineira
67.	Almenara	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
68.	Angelândia	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
69.	Araçuaí	Araçuaí	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
70.	Aricanduva	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
71.	Bandeira	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
72.	Berilo	Araçuaí	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
73.	Cachoeira de Pajeú	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Pedra Azul	Jequitinhonha
74.	Capelinha	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
75.	Carai	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
76.	Carbonita	Diamantina	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
77.	Chapada do Norte	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
78.	Comercinho	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Pedra Azul	Jequitinhonha
79.	Coronel Murta	Araçuaí	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
80.	Couto de Magalhães de Minas	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
81.	Datas	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
82.	Diamantina	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
83.	Divisópolis	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
84.	Felício dos Santos	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
85.	Felisburgo	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
86.	Francisco Badaró	Araçuaí	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
87.	Gouveia	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
88.	Itamarandiba	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
89.	Itaobim	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Pedra Azul	Jequitinhonha
90.	Itinga	Araçuaí	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
91. Jacinto	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
92. Jenipapo de Minas	Araçuaí	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
93. Jequitinhonha	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
94. Joáima	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
95. Jordânia	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
96. José Gonçalves de Minas	Araçuaí	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
97. Leme do Prado	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
98. Mata Verde	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
99. Medina	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Pedra Azul	Jequitinhonha
100. Minas Novas	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
101. Monte Formoso	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
102. Novo Cruzeiro	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
103. Padre Paraíso	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
104. Palmópolis	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
105. Pedra Azul	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Pedra Azul	Jequitinhonha
106. Ponto dos Volantes	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
107. Presidente Kubitschek	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
108. Rio do Prado	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
109. Rubim	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
110. Salto da Divisa	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
111. Santa Maria do Salto	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
112. Santo Antônio do Jacinto	Almenara	Teófilo Otoni	Almenara	Jequitinhonha
113. São Gonçalo do Rio Preto	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
114. Senador Modestino Gonçalves	Diamantina	Teófilo Otoni	Diamantina	Jequitinhonha
115. Turmalina	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
116. Veredinha	Capelinha	Teófilo Otoni	Capelinha	Jequitinhonha
117. Virgem da Lapa	Araçuaí	Teófilo Otoni	Araçuaí	Jequitinhonha
118. Belo Vale	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Itaguara	Metropolitana
119. Casa Grande	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
120. Catas Altas da Noruega	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
121. Congonhas	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
122. Conselheiro Lafaiete	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
123. Cristiano Otoni	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
124. Desterro de Entre Rios	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
125. Entre Rios de Minas	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
126. Itaverava	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
127. Jeceaba	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Itaguara	Metropolitana
128. Ouro Branco	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
129. Queluzito	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
130. Santana dos Montes	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
131. São Brás do Suaçuí	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Conselheiro Lafaiete	Metropolitana
132. Araçuaí	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
133. Baldim	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
134. Barão de Cocais	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
135. Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
136. Betim	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
137. Bom Jesus do Amparo	Itabira	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
138. Brumadinho	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
139. Cachoeira da Prata	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
140. Caetanópolis	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
141. Caeté	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
142. Capim Branco	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
143. Catas Altas	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
144. Conceição do Mato Dentro	Sete Lagoas	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
145. Confins	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
146. Congonhas do Norte	Sete Lagoas	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
147. Contagem	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
148. Cordisburgo	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
149. Esmeraldas	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
150. Ferros	Itabira	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
151. Florestal	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Pará de Minas	Metropolitana
152. Fortuna de Minas	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
153. Funilândia	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
154. Ibité	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
155. Igarapé	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
156. Inhaúma	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
157. Itabira	Itabira	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
158. Itabirito	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Ouro Preto	Metropolitana
159. Itambé do Mato Dentro	Itabira	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
160. Jaboticatubas	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
161. Jequitibá	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
162. Juatuba	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
163. Lagoa Santa	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
164. Mariana	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Ouro Preto	Metropolitana
165. Mário Campos	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
166. Mateus Leme	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
167. Matozinhos	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
168. Moeda	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Itaguara	Metropolitana
169. Morro do Pilar	Sete Lagoas	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
170. Nova Lima	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
171. Nova União	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
172. Ouro Preto	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Ouro Preto	Metropolitana
173. Paraopeba	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
174. Passabém	Itabira	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
175. Pedro Leopoldo	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
176. Prudente de Morais	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
177. Raposos	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
178. Ribeirão das Neves	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
179. Rio Acima	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
180. Sabará	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
181. Santa Bárbara	Santa Bárbara - Ouro Preto	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
182. Santa Luzia	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
183. Santa Maria de Itabira	Itabira	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
184. Santana de Pirapama	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
185. Santana do Riacho	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
186. Santo Antônio do Rio Abaixo	Itabira	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
187. São Joaquim de Bicas	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
188. São José da Lapa	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
189. São Sebastião do Rio Preto	Itabira	Belo Horizonte	C. do Mato Dentro	Metropolitana
190. Sarzedo	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
191. Sete Lagoas	Sete Lagoas	Belo Horizonte	Sete Lagoas	Metropolitana
192. Taquaraçu de Minas	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Itabira	Metropolitana
193. Vespasiano	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Metropolitana
194. Bonfim	Oliveira	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
195. Crucilândia	Oliveira	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
196. Itaguara	Oliveira	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
197. Itatiaiuçu	Divinópolis	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
198. Maravilhas	Pará de Minas	Divinópolis	Sete Lagoas	Metropolitana
199. Onça de Pitangui	Pará de Minas	Divinópolis	Pará de Minas	Metropolitana
200. Papagaios	Pará de Minas	Divinópolis	Sete Lagoas	Metropolitana
201. Pará de Minas	Pará de Minas	Divinópolis	Pará de Minas	Metropolitana
202. Pequi	Pará de Minas	Divinópolis	Sete Lagoas	Metropolitana
203. Piedade dos Gerais	Oliveira	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
204. Pitangui	Divinópolis	Divinópolis	Pará de Minas	Metropolitana
205. Rio Manso	Oliveira	Divinópolis	Itaguara	Metropolitana
206. São José da Varginha	Pará de Minas	Divinópolis	Pará de Minas	Metropolitana
207. Dom Joaquim	Guanhães	Governador Valadares	C. do Mato Dentro	Metropolitana
208. Rio Vermelho	Guanhães	Governador Valadares	C. do Mato Dentro	Metropolitana
209. Bela Vista de Minas	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
210. Dionísio	Ipatinga	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
211. João Monlevade	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
212. Nova Era	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
213. Rio Piracicaba	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
214. São Domingos do Prata	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
215. São Gonçalo do Rio Abaixo	João Monlevade	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
216. São José do Goiabal	Ipatinga	Ipatinga	Itabira	Metropolitana
217. Alvinópolis	Ponte Nova	Juíz de Fora	Itabira	Metropolitana
218. Diogo de Vasconcelos	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ouro Preto	Metropolitana

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
219. Alvorada de Minas	Diamantina	Teófilo Otoni	C. do Mato Dentro	Metropolitana
220. Santo Antônio do Itambé	Diamantina	Teófilo Otoni	C. do Mato Dentro	Metropolitana
221. Serra Azul de Minas	Diamantina	Teófilo Otoni	C. do Mato Dentro	Metropolitana
222. Serro	Diamantina	Teófilo Otoni	C. do Mato Dentro	Metropolitana
223. Arinos	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
224. Bonfinópolis de Minas	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
225. Brasilândia de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
226. Buritis	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
227. Cabeceira Grande	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
228. Dom Bosco	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
229. Formoso	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
230. Guarda-Mor	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
231. João Pinheiro	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
232. Lagamar	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
233. Lagoa Grande	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
234. Natalândia	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
235. Paracatu	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
236. Presidente Olegário	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
237. São Gonçalo do Abaeté	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
238. Unai	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
239. Uruana de Minas	Unai	Patos de Minas	Unai	Noroeste
240. Varjão de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
241. Vazante	Patos de Minas	Patos de Minas	Paracatu	Noroeste
242. Berizal	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
243. Bocaiúva	Montes Claros	Montes Claros	Bocaiúva	Norte
244. Bonito de Minas	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
245. Botumirim	Montes Claros	Montes Claros	Grão Mogol	Norte
246. Brasília de Minas	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
247. Buritizeiro	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte
248. Campo Azul	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
249. Capitão Enéas	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
250. Catuti	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
251. Chapada Gaúcha	São Francisco	Montes Claros	Januária	Norte
252. Claro dos Poções	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
253. Cônego Marinho	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
254. Coração de Jesus	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
255. Cristália	Montes Claros	Montes Claros	Grão Mogol	Norte
256. Curral de Dentro	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
257. Engenheiro Navarro	Montes Claros	Montes Claros	Bocaiúva	Norte
258. Espinosa	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
259. Francisco Dumont	Montes Claros	Montes Claros	Bocaiúva	Norte
260. Francisco Sá	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
261. Fruta de Leite	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
262. Gameleiras	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
263. Glaucilândia	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
264. Grão Mogol	Montes Claros	Montes Claros	Grão Mogol	Norte

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
265. Guaraciama	Montes Claros	Montes Claros	Bocaiúva	Norte
266. Ibiaí	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte
267. Ibiracatu	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
268. Icarai de Minas	São Francisco	Montes Claros	Januária	Norte
269. Indaiabira	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
270. Itacambira	Montes Claros	Montes Claros	Grão Mogol	Norte
271. Itacarambi	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
272. Jaíba	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
273. Janaúba	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
274. Januária	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
275. Japonvar	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
276. Jequitai	Montes Claros	Montes Claros	Pirapora	Norte
277. Josenópolis	Montes Claros	Montes Claros	Grão Mogol	Norte
278. Juramento	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
279. Juvenília	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
280. Lagoa dos Patos	Montes Claros	Montes Claros	Pirapora	Norte
281. Lassance	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte
282. Lontra	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
283. Luislândia	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
284. Mamonas	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
285. Manga	Janaúba	Montes Claros	Januária	Norte
286. Matias Cardoso	Janaúba	Montes Claros	Januária	Norte
287. Mato Verde	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
288. Mirabela	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
289. Miravânia	Janaúba	Montes Claros	Januária	Norte
290. Montalvânia	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
291. Monte Azul	Espinosa	Montes Claros	Janaúba	Norte
292. Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
293. Montezuma	Espinosa	Montes Claros	Salinas	Norte
294. Ninheira	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
295. Nova Porteirinha	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
296. Novorizonte	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
297. Olhos-d'Água	Montes Claros	Montes Claros	Bocaiúva	Norte
298. Padre Carvalho	Salinas	Montes Claros	Grão Mogol	Norte
299. Pai Pedro	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
300. Patis	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
301. Pedras de Maria da Cruz	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
302. Pintópolis	São Francisco	Montes Claros	Januária	Norte
303. Pirapora	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte
304. Ponto Chique	Pirapora	Montes Claros	Montes Claros	Norte
305. Porteirinha	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
306. Riacho dos Machados	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
307. Rio Pardo de Minas	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
308. Rubelita	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
309. Salinas	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
310. Santa Cruz de Salinas	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
311. Santa Fé de Minas	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte

	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
312.	Santo Antônio do Retiro	Espinosa	Montes Claros	Salinas	Norte
313.	São Francisco	São Francisco	Montes Claros	Januária	Norte
314.	São João da Lagoa	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
315.	São João da Ponte	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
316.	São João das Missões	Januária	Montes Claros	Januária	Norte
317.	São João do Pacuí	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
318.	São João do Paraíso	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
319.	São Romão	São Francisco	Montes Claros	Pirapora	Norte
320.	Serranópolis de Minas	Janaúba	Montes Claros	Janaúba	Norte
321.	Taiobeiras	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
322.	Ubaí	São Francisco	Montes Claros	Montes Claros	Norte
323.	Vargem Grande do Rio Pardo	Salinas	Montes Claros	Salinas	Norte
324.	Várzea da Palma	Pirapora	Montes Claros	Pirapora	Norte
325.	Varzelândia	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Norte
326.	Verdelândia	Janaúba	Montes Claros	Montes Claros	Norte
327.	Riachinho	Unai	Patos de Minas	Pirapora	Norte
328.	Urucuaia	Unai	Patos de Minas	Januária	Norte
329.	Águas Vermelhas	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Salinas	Norte
330.	Divisa Alegre	Pedra Azul	Teófilo Otoni	Salinas	Norte
331.	Arcos	Formiga	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
332.	Bambuí	Formiga	Divinópolis	Piú	Oeste de Minas
333.	Camacho	Divinópolis	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
334.	Carmo da Mata	Divinópolis	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
335.	Carmo do Cajuru	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
336.	Carmópolis de Minas	Oliveira	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
337.	Cláudio	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
338.	Conceição do Pará	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
339.	Córrego Danta	Formiga	Divinópolis	Piú	Oeste de Minas
340.	Córrego Fundo	Formiga	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
341.	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
342.	Formiga	Formiga	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
343.	Igaratinga	Pará de Minas	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
344.	Iguatama	Formiga	Divinópolis	Piú	Oeste de Minas
345.	Itapecerica	Divinópolis	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
346.	Itaúna	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
347.	Medeiros	Formiga	Divinópolis	Piú	Oeste de Minas
348.	Nova Serrana	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
349.	Oliveira	Oliveira	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
350.	Pains	Formiga	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
351.	Passa Tempo	Oliveira	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
352.	Pedra do Indaiá	Divinópolis	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
353.	Perdigão	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
354.	Pimenta	Formiga	Divinópolis	Formiga	Oeste de Minas
355.	Piracema	Oliveira	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
356.	Santo Antônio do Monte	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
357. São Francisco de Paula	Oliveira	Divinópolis	Oliveira	Oeste de Minas
358. São Gonçalo do Pará	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
359. São Sebastião do Oeste	Divinópolis	Divinópolis	Divinópolis	Oeste de Minas
360. Tapiraí	Formiga	Divinópolis	Piúri	Oeste de Minas
361. Aguanil	Campo Belo	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
362. Bom Sucesso	Lavras	Varginha	Oliveira	Oeste de Minas
363. Campo Belo	Campo Belo	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
364. Cana Verde	Lavras	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
365. Candeias	Campo Belo	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
366. Cristais	Campo Belo	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
367. Dorésópolis	Piumhi	Varginha	Piúri	Oeste de Minas
368. Ibituruna	Lavras	Varginha	Oliveira	Oeste de Minas
369. Perdões	Lavras	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
370. Piumhi	Piumhi	Varginha	Piúri	Oeste de Minas
371. Santana do Jacaré	Campo Belo	Varginha	Campo Belo	Oeste de Minas
372. Santo Antônio do Amparo	Lavras	Varginha	Oliveira	Oeste de Minas
373. São Roque de Minas	Piumhi	Varginha	Piúri	Oeste de Minas
374. Vargem Bonita	Piumhi	Varginha	Piúri	Oeste de Minas
375. Carmésia	Itabira	Belo Horizonte	Guanhães	Rio Doce
376. Aimorés	Aimorés - Resplendor	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
377. Alpercata	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
378. Cantagalo	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
379. Capitão Andrade	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
380. Central de Minas	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
381. Coluna	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
382. Conselheiro Pena	Governador Valadares	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
383. Coroaci	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
384. Cuparaque	Aimorés - Resplendor	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
385. Divino das Laranjeiras	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
386. Divinolândia de Minas	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
387. Dolores de Guanhanes	Guanhanes	Governador Valadares	Guanhanes	Rio Doce
388. Engenheiro Caldas	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
389. Fernandes Tourinho	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
390. Frei Inocencio	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
391. Frei Lagonegro	Guanhanes	Governador Valadares	Guanhanes	Rio Doce
392. Galiléia	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
393. Goiabeira	Governador Valadares	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
394. Gonzaga	Governador Valadares	Governador Valadares	Guanhanes	Rio Doce
395. Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce



<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
396. Guanhães	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
397. Itabirinha	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
398. Itanhomi	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
399. Itueta	Aimorés - Resplendor	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
400. Jampruca	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
401. José Raydan	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
402. Mantena	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
403. Marilac	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
404. Materlândia	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
405. Mathias Lobato	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
406. Mendes Pimentel	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
407. Nacip Raydan	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
408. Nova Belém	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
409. Paulistas	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
410. Peçanha	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
411. Resplendor	Aimorés - Resplendor	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
412. Sabinópolis	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
413. Santa Efigênia de Minas	Governador Valadares	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
414. Santa Maria do Suaçuí	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
415. Santa Rita do Itueto	Aimorés - Resplendor	Governador Valadares	Aimorés	Rio Doce
416. São Félix de Minas	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
417. São Geraldo da Piedade	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
418. São Geraldo do Baixio	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
419. São João do Manteninha	Mantena	Governador Valadares	Mantena	Rio Doce
420. São João Evangelista	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
421. São José da Safira	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
422. São José do Jacuri	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
423. São Pedro do Suaçuí	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
424. São Sebastião do Maranhão	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
425. Sardoá	Governador Valadares	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
426. Senhora do Porto	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
427. Sobrália	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
428. Tarumirim	Governador Valadares	Governador Valadares	Caratinga	Rio Doce
429. Tumiritinga	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
430. Virginópolis	Guanhães	Governador Valadares	Guanhães	Rio Doce
431. Virgolândia	Governador Valadares	Governador Valadares	Governador Valadares	Rio Doce
432. Açucena	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
433. Alvarenga	Caratinga	Ipatinga	Aimorés	Rio Doce
434. Antônio Dias	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
435. Belo Oriente	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
436. Bom Jesus do Galho	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
437. Braúnas	Ipatinga	Ipatinga	Guanhães	Rio Doce
438. Bugre	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
439. Caratinga	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
440. Coronel Fabriciano	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
441. Córrego Novo	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
442. Dom Cavati	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
443. Entre Folhas	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
444. Iapu	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
445. Imbé de Minas	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
446. Inhapim	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
447. Ipaba	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
448. Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
449. Jaguarçu	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
450. Joanésia	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
451. Marliéria	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
452. Mesquita	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
453. Naque	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
454. Periquito	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
455. Piedade de Caratinga	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
456. Pingo-d'Água	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
457. Santa Bárbara do Leste	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
458. Santa Rita de Minas	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
459. Santana do Paraíso	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
460. São Domingos das Dores	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
461. São João do Oriente	Ipatinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
462. São Sebastião do Anta	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
463. Timóteo	Ipatinga	Ipatinga	Ipatinga	Rio Doce
464. Ubaporanga	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
465. Vargem Alegre	Caratinga	Ipatinga	Caratinga	Rio Doce
466. Conceição de Ipanema	Manhuaçu	Juíz de Fora	Aimorés	Rio Doce
467. Ipanema	Manhuaçu	Juíz de Fora	Aimorés	Rio Doce
468. Mutum	Manhuaçu	Juíz de Fora	Aimorés	Rio Doce
469. Pocrane	Manhuaçu	Juíz de Fora	Aimorés	Rio Doce
470. Taparuba	Manhuaçu	Juíz de Fora	Aimorés	Rio Doce
471. Água Boa	Capelinha	Teófilo Otoni	Peçanha	Rio Doce
472. Campanário	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Governador Valadares	Rio Doce
473. Itambacuri	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Governador Valadares	Rio Doce
474. Nova Módica	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Governador Valadares	Rio Doce

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
475. Pescador	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Governador Valadares	Rio Doce
476. São José do Divino	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Governador Valadares	Rio Doce
477. Santa Rita de Caldas	Poços de Caldas	Pouso Alegre		Sul/Sudoeste
478. São Vicente de Minas	São João del Rei	Barbacena	Andrelândia	Sul/Sudoeste
479. Andrelândia	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
480. Arantina	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
481. Bocaina de Minas	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
482. Bom Jardim de Minas	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
483. Liberdade	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
484. Passa-Vinte	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Andrelândia	Sul/Sudoeste
485. Aiuruoca	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
486. Alagoa	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
487. Albertina	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
488. Andradas	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
489. Baependi	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
490. Bandeira do Sul	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
491. Bom Repouso	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
492. Borda da Mata	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
493. Botelhos	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
494. Brazópolis	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
495. Bueno Brandão	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
496. Cachoeira de Minas	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
497. Caldas	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
498. Camanducaia	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
499. Cambuí	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
500. Campestre	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
501. Careaçu	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
502. Carmo de Minas	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
503. Carvalhos	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
504. Caxambu	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
505. Conceição das Pedras	Itajubá	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
506. Conceição do Rio Verde	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
507. Conceição dos Ouros	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
508. Congonhal	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
509. Consolação	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
510. Córrego do Bom Jesus	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
511. Cristina	São Lourenço	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
512. Cruzília	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
513. Delfim Moreira	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
514. Dom Viçoso	São Lourenço	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
515. Espírito Santo do Dourado	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
516. Estiva	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
517. Extrema	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
518. Gonçalves	Itajubá	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
519. Heliódora	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
520. Ibitiúra de Minas	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
521. Inconfidentes	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
522. Ipuíuna	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
523. Itajubá	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
524. Itamonte	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
525. Itanhandu	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
526. Itapeva	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
527. Jacutinga	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
528. Jesuânia	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
529. Lambari	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
530. Maria da Fé	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
531. Marmelópolis	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
532. Minduri	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
533. Monte Sião	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
534. Munhoz	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
535. Natércia	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
536. Olímpio Noronha	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
537. Ouro Fino	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
538. Paraisópolis	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
539. Passa Quatro	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
540. Pedralva	Itajubá	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
541. Piranguçu	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
542. Piranguinho	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
543. Poços de Caldas	Poços de Caldas	Pouso Alegre	Poços de Caldas	Sul/Sudoeste
544. Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
545. Pouso Alto	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
546. Santa Rita do Sapucaí	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
547. São João da Mata	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
548. São José do Alegre	Itajubá	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
549. São Lourenço	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
550. São Sebastião da Bela Vista	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
551. São Sebastião do Rio Verde	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
552. Sapucaí-Mirim	Itajubá	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
553. Senador Amaral	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
554. Senador José Bento	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
555. Seritinga	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
556. Serranos	Caxambu - Baependi	Pouso Alegre	Andrelândia	Sul/Sudoeste
557. Silvianópolis	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
558. Soledade de Minas	São Lourenço	Pouso Alegre	São Lourenço	Sul/Sudoeste
559. Tocos do Moji	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
560. Toledo	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Sul/Sudoeste
561. Turvolândia	Pouso Alegre	Pouso Alegre	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
562. Virgínia	São Lourenço	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
563. Wenceslau Braz	Itajubá	Pouso Alegre	Itajubá	Sul/Sudoeste
564. Alfenas	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
565. Alpinópolis	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
566. Alterosa	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
567. Arceburgo	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
568. Areado	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
569. Boa Esperança	Três Pontas - Boa Esperança	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
570. Bom Jesus da Penha	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
571. Cabo Verde	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
572. Cambuquira	Três Corações	Varginha	São Lourenço	Sul/Sudoeste
573. Campanha	Três Corações	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
574. Campo do Meio	Alfenas	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
575. Campos Gerais	Alfenas	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
576. Capetinga	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
577. Capitólio	Piumhi	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
578. Carmo da Cachoeira	Três Corações	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
579. Carmo do Rio Claro	Passos	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
580. Carvalhópolis	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
581. Cássia	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
582. Claraval	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
583. Conceição da Aparecida	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
584. Coqueiral	Três Pontas - Boa Esperança	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
585. Cordislândia	Varginha	Varginha	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
586. Delfinópolis	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
587. Divisa Nova	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
588. Elói Mendes	Varginha	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
589. Fama	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
590. Fortaleza de Minas	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
591. Guapé	Passos	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
592. Guaranésia	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
593. Guaxupé	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
594. Ibiraci	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
595. Ilicínea	Três Pontas - Boa Esperança	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
596. Itamogi	São Sebastião do Paraíso	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
597. Itaú de Minas	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
598. Jacuí	São Sebastião do Paraíso	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
599. Juruaia	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
600. Machado	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
601. Monsenhor Paulo	Varginha	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
602. Monte Belo	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
603. Monte Santo de Minas	São Sebastião do Paraíso	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
604. Muzambinho	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
605. Nova Resende	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
606. Paraguaçu	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
607. Passos	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
608. Poço Fundo	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
609. Pratápolis	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
610. Santana da Vargem	Três Pontas - Boa Esperança	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
611. São Bento Abade	Três Corações	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
612. São Gonçalo do Sapucaí	Varginha	Varginha	Santa Rita do Sapucaí	Sul/Sudoeste
613. São João Batista do Glória	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
614. São José da Barra	Passos	Varginha	Passos	Sul/Sudoeste
615. São Pedro da União	Guaxupé	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
616. São Sebastião do Paraíso	São Sebastião do Paraíso	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
617. São Thomé das Letras	Três Corações	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
618. São Tomás de Aquino	São Sebastião do Paraíso	Varginha	S.Sebastião do Paraíso	Sul/Sudoeste
619. Serrania	Alfenas	Varginha	Alfenas	Sul/Sudoeste
620. Três Corações	Três Corações	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
621. Três Pontas	Três Pontas - Boa Esperança	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
622. Varginha	Varginha	Varginha	Varginha	Sul/Sudoeste
623. Arapuá	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
624. Carmo do Paranaíba	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
625. Coromandel	Patrocínio	Patos de Minas	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
626. Cruzeiro da Fortaleza	Patrocínio	Patos de Minas	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
627. Guimarânia	Patrocínio	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
628. Lagoa Formosa	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
629. Matutina	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
630. Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
631. Patrocínio	Patrocínio	Patos de Minas	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
632. Rio Paranaíba	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
633. São Gotardo	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
634. Serra do Salitre	Patrocínio	Patos de Minas	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
635. Tiros	Patos de Minas	Patos de Minas	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
636. Água Comprida	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triângulo/A. Paranaíba
637. Araxá	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
638. Campo Florido	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triângulo/A. Paranaíba
639. Campos Altos	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
640. Carneirinho	Iturama	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
641. Comendador Gomes	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
642. Fronteira	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
643. Frutal	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
644. Ibiá	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
645. Itapagipe	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
646. Iturama	Iturama	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
647. Limeira do Oeste	Iturama	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
648. Nova Ponte	Uberaba	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
649. Pedrinópolis	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
650. Perdizes	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
651. Pirajuba	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
652. Planura	Frutal	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
653. Pratinha	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
654. Sacramento	Uberaba	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
655. Santa Juliana	Uberaba	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
656. Santa Rosa da Serra	Araxá	Uberaba	Patos de Minas	Triângulo/A. Paranaíba
657. São Francisco de Sales	Iturama	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
658. Tapira	Araxá	Uberaba	Araxá	Triângulo/A. Paranaíba
659. União de Minas	Iturama	Uberaba	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
660. Abadia dos Dourados	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
661. Araguari	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
662. Araporã	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
663. Cachoeira Dourada	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
664. Campina Verde	Uberlândia	Uberlândia	Frutal	Triângulo/A. Paranaíba
665. Canápolis	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
666. Capinópolis	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
667. Cascalho Rico	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
668. Centralina	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
669. Douradoquara	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
670. Estrela do Sul	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
671. Grupiara	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
672. Gurinhatã	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
673. Indianópolis	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
674. Ipiacu	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
675. Iraí de Minas	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
676. Ituiutaba	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
677. Monte Alegre de Minas	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
678. Monte Carmelo	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
679. Prata	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
680. Romaria	Monte Carmelo	Uberlândia	Patrocínio	Triângulo/A. Paranaíba
681. Santa Vitória	Ituiutaba	Uberlândia	Ituiutaba	Triângulo/A. Paranaíba
682. Tupaciguara	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
683. Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Uberlândia	Triângulo/A. Paranaíba
684. Conceição das Alagoas	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triângulo/A. Paranaíba
685. Conquista	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triângulo/A. Paranaíba



<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
686. Delta	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triangulo/A.Paranaíba
687. Uberaba	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triangulo/A.Paranaíba
688. Veríssimo	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Triangulo/A.Paranaíba
689. Águas Formosas	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
690. Ataléia	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
691. Bertópolis	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
692. Carlos Chagas	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
693. Catuji	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
694. Crisólita	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
695. Franciscópolis	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
696. Frei Gaspar	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
697. Fronteira dos Vales	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
698. Itaipé	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
699. Ladainha	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
700. Machacalis	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
701. Malacacheta	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
702. Nanuque	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
703. Novo Oriente de Minas	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
704. Ouro Verde de Minas	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
705. Pavão	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
706. Poté	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
707. Santa Helena de Minas	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
708. Serra dos Aimorés	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
709. Setubinha	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
710. Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	Vale do Mucuri
711. Umburatiba	Águas Formosas	Teófilo Otoni	Nanuque	Vale do Mucuri
712. Caputira	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
713. Chalé	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
714. Durandé	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
715. São João do Manhuaçu	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
716. Alto Rio Doce	Barbacena	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
717. Cipotânea	Barbacena	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
718. Lamim	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
719. Piranga	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
720. Rio Espera	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
721. Santa Rita de Ibitipoca	Barbacena	Barbacena	Juíz de Fora	Zona da Mata
722. Senhora de Oliveira	Conselheiro Lafaiete	Barbacena	Viçosa	Zona da Mata
723. Raul Soares	Caratinga	Ipatinga	Ponte Nova	Zona da Mata
724. Vermelho Novo	Caratinga	Ipatinga	Ponte Nova	Zona da Mata
725. Abre Campo	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
726. Acaiaca	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
727. Além Paraíba	Além Paraíba	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
728. Alto Caparaó	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
729. Alto Jequitibá	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
730. Amparo do Serra	Ponte Nova	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
731. Antônio Prado de Minas	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
732. Aracitaba	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
733. Araponga	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
734. Argirita	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
735. Astolfo Dutra	Cataguases	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
736. Barão de Monte Alto	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
737. Barra Longa	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
738. Belmiro Braga	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
739. Bias Fortes	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
740. Bicas	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
741. Brás Pires	Ubá	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
742. Caiana	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
743. Cajuri	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
744. Canaã	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
745. Caparaó	Manhuaçu	Juíz de Fora	Manhuaçu	Zona da Mata
746. Carangola	Carangola	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
747. Cataguases	Cataguases	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
748. Chácara	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
749. Chiador	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
750. Coimbra	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
751. Coronel Pacheco	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
752. Descoberto	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
753. Divinésia	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
754. Divino	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
755. Dom Silvério	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
756. Dona Eusébia	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
757. Dolores do Turvo	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
758. Ervália	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
759. Espera Feliz	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
760. Estrela Dalva	Além Paraíba	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
761. Eugenópolis	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
762. Ewbank da Câmara	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
763. Faria Lemos	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
764. Fervedouro	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
765. Goianá	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
766. Guaraciaba	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
767. Guarani	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
768. Guarará	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
769. Guidoal	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
770. Guiricema	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
771. Itamarati de Minas	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
772. Jequeri	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
773. Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
774. Lajinha	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
775. Laranjal	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
776. Leopoldina	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
777. Lima Duarte	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
778. Luisburgo	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
779. Manhuaçu	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
780. Manhumirim	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
781. Mar de Espanha	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
782. Maripá de Minas	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
783. Martins Soares	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
784. Matias Barbosa	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
785. Matipó	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
786. Mercês	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
787. Miradouro	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
788. Miráí	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
789. Muriaé	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
790. Olaria	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
791. Oliveira Fortes	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
792. Oratórios	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
793. Orizânia	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
794. Paiva	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
795. Palma	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
796. Patrocínio do Muriaé	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
797. Paula Cândido	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
798. Pedra Bonita	Carangola	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
799. Pedra do Anta	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
800. Pedra Dourada	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
801. Pedro Teixeira	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
802. Pequeri	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
803. Piau	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
804. Piedade de Ponte Nova	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
805. Pirapetinga	Além Paraíba	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
806. Piraúba	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
807. Ponte Nova	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
808. Porto Firme	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
809. Presidente Bernardes	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
810. Recreio	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
811. Reduto	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
812. Rio Casca	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
813. Rio Doce	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
814. Rio Novo	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
815. Rio Pomba	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
816. Rio Preto	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
817. Rochedo de Minas	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata
818. Rodeiro	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
819. Rosário da Limeira	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
820. Santa Bárbara do Monte Verde	Juiz de Fora	Juíz de Fora	Juiz de Fora	Zona da Mata

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REGIÃO IMEDIATA</b>	<b>REGIÃO INTERMEDIÁRIA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>	<b>MESORREGIÃO</b>
821. Santa Cruz do Escalvado	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
822. Santa Margarida	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
823. Santa Rita de Jacutinga	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
824. Santana de Cataguases	Cataguases	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
825. Santana do Deserto	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
826. Santana do Manhuaçu	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
827. Santo Antônio do Aventureiro	Além Paraíba	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata
828. Santo Antônio do Grama	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
829. Santos Dumont	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
830. São Francisco do Glória	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
831. São Geraldo	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
832. São João Nepomuceno	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
833. São José do Mantimento	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
834. São Miguel do Anta	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
835. São Pedro dos Ferros	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
836. São Sebastião da Vargem Alegre	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
837. Sem-Peixe	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
838. Senador Cortes	São João Nepomuceno - Bicas	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
839. Senador Firmino	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
840. Sericita	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
841. Silveirânia	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
842. Simão Pereira	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Juíz de Fora	Zona da Mata
843. Simonésia	Manhuaçu	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
844. Tabuleiro	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
845. Teixeiras	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
846. Tocantins	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
847. Tombos	Carangola	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
848. Ubá	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
849. Urucânia	Ponte Nova	Juíz de Fora	Ponte Nova	Zona da Mata
850. Viçosa	Viçosa	Juíz de Fora	Viçosa	Zona da Mata
851. Vieiras	Muriaé	Juíz de Fora	Muriaé	Zona da Mata
852. Visconde do Rio Branco	Ubá	Juíz de Fora	Ubá	Zona da Mata
853. Volta Grande	Além Paraíba	Juíz de Fora	Cataguases	Zona da Mata

Fonte: Elaboração Própria

ANEXO II – Artigo 2º da Portaria IBAMA nº 93, de 07 de Julho de 1998

O PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, no uso de suas atribuições previstas no Art. 24 do Decreto nº78, de 05 de abril de 1991, e no Art. 83, inciso XIV, do Regimento Interno aprovado pela Portaria GM/MINTER nº 445, de 16 de agosto de 1989, e tendo em vista o Art. 225, § 1º, VII da Constituição Federal, o disposto na Lei nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967, Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, Lei nº 7.173, de 14 de dezembro de 1983, Lei nº 9.111, de 10 de outubro de 1995, Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, Decreto nº 24.548, de 03 de julho de 1934 que aprovou o Regulamento do Serviço de Defesa Sanitária Animal; Portaria Ministerial do Ministério da Agricultura e do Abastecimento - MAA nº 49, de 11 de março de 1987; Portaria Ministerial nº 106, de 14 de novembro de 1991 e Portaria nº 74, de 07 de março de 1994, Decreto nº 76.623, de 17 de novembro de 1975 que promulgou a Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção - CITES; Decreto Legislativo nº 2 de 1994; Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA nº 237, de 19 de dezembro de 1997, Portaria Normativa 113/97 de 25 de setembro de 1997; Portaria Normativa 131/97 de 3 de novembro de 1997 e em face ao contido no processo nº 02001.002408/96-93, resolve:

(...)

Art. 2º - Para efeito desta Portaria, considera-se:

I - Fauna Silvestre Brasileira: são todos aqueles animais pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, que tenham seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do Território Brasileiro ou águas jurisdicionais brasileiras.

II - Fauna Silvestre Exótica: são todos aqueles animais pertencentes às espécies ou subespécies cuja distribuição geográfica não inclui o Território Brasileiro e as espécies ou subespécies introduzidas pelo homem, inclusive domésticas em estado asselvajado ou alçado. Também são consideradas exóticas as espécies ou subespécies que tenham sido introduzidas fora das fronteiras brasileiras e suas águas jurisdicionais e que tenham entrado em território brasileiro.

III - Fauna Doméstica: Todos aqueles animais que através de processos tradicionais e sistematizados de manejo e/ou melhoramento zootécnico tornaram-se domésticas, apresentando características biológicas e comportamentais em estreita dependência do homem, podendo apresentar fenótipo variável, diferente da espécie silvestre que os originou.

**LISTAGEM DE FAUNA CONSIDERADA DOMÉSTICA PARA FINS DE  
OPERACIONALIZAÇÃO DO IBAMA**

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	OBSERVAÇÃO
Abelhas	<i>Apis mellifera</i>	todas as raças/variedades, objeto da apicultura
Alpaca	<i>Lama pacos</i>	
Bicho-da-seda	<i>Bombyx sp</i>	todas as raças/variedades objeto da sericicultura
Búfalo	<i>Bubalus bubalis</i>	
Cabra	<i>Capra hircus</i>	
Cachorro	<i>Canis familiaris</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Calopsita	<i>Nymphicus hollandicus</i>	e sua mutações
Camelo	<i>Camelus bactrianus</i>	
Camundongo	<i>Mus musculus</i>	
Canário-do-reino ou canário-belga	<i>Serinus canarius</i>	e suas mutações
Cavalo	<i>Equus caballus</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Chinchila	<i>Chinchilla lanigera</i>	somente se reproduzidas em cativeiro
Cisne-negro	<i>Cygnus atratus</i>	
Cobaia ou porquinho-da-Índia	<i>Cavia porcellus</i>	
Codorna-chinesa	<i>Coturnix coturnix</i>	
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Diamante-de-gould	<i>Chloebia gouldiae</i>	e suas mutações
Diamante-mandarim	<i>Taeniopygia guttata</i>	e suas mutações
Dromedário	<i>Camelus dromedarius</i>	
Escargot	<i>Helix sp</i>	
Faisão-de-coleira	<i>Phasianus colchicus</i>	
Gado bovino	<i>Bos taurus</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Gado zebuino	<i>Bos indicus</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Galinha	<i>Galus domesticus</i>	e suas mutações
Galinha-d'angola	<i>Numida meleagris</i>	reproduzidas em cativeiro
Ganso	<i>Anser sp.</i>	exceto os do ANEXO II CITES
Ganso-canadense	<i>Branta canadensis</i>	exceto <i>B. canadensis leucopareira</i> ANEXO I CITES
Ganso-do-nilo	<i>Alopochen aegypticus</i>	
Gato	<i>Felis catus</i>	e suas diferentes raças selecionadas
Hamster	<i>Cricetus cricetus</i>	proibida a importação a partir da data da publicação desta Portaria.
Jumento	<i>Equus asinus</i>	
Lhama	<i>Lama glama</i>	
Manon	<i>Lonchura striata</i>	e suas mutações
Marreco	<i>Anas sp</i>	exceto os do ANEXO II CITES
Minhoca		todas as espécies/raças e variedades exóticas objeto da minhocultura
Ovelha	<i>Ovis aries</i>	e suas diferentes raças selecionadas

Pato-carolina <i>Aix sponsa</i>
Pato-mandarim <i>Aix galericulata</i>
Pavão <i>Pavo cristatus</i> e suas diferentes raças selecionadas
Perdiz-chucar <i>Alectoris chukar</i>
Periquito-australiano <i>Melopsittacus undulatus</i> e suas diferentes raças selecionadas
Peru <i>Meleagris gallopavo</i> e suas diferentes raças selecionadas
Phaeton <i>Neochmia phaeton</i>
Pomba-diamante <i>Geopelia cuneta</i>
Pombo-doméstico <i>Columba livia</i> e suas diferentes raças selecionadas
Porco <i>Sus scrofa</i> e suas diferentes raças - exceto o javali-europeu, <i>Sus scrofa scrofa</i> . Isento de licença do IBAMA para comercialização de produtos e subprodutos no mercado interno.
Ratazana <i>Rattus norvegicus</i>
Rato <i>Rattus rattus</i>
Tadorna <i>Tadorna sp.</i>

. \*\* Nota do Editor: A espécie Avestruz-africana (*Struthio-camellus*) foi introduzida neste Anexo por determinação da Portaria nº 36, de 15/03/02.

